

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

SER NO MUNDO E SER COM OUTRO: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
EM UM FESTIVAL DE GINÁSTICA

TAMIRIS LIMA PATRICIO

SÃO PAULO

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

SER NO MUNDO E SER COM OUTRO: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS EM UM
FESTIVAL DE GINÁSTICA

TAMIRIS LIMA PATRÍCIO

SÃO PAULO

2021

TAMIRIS LIMA PATRICIO

SER NO MUNDO E SER COM OUTRO: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
EM UM FESTIVAL DE GINÁSTICA

VERSÃO CORRIGIDA

(versão original disponível no Serviço de Biblioteca)

Tese de doutorado apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração:
Estudos socioculturais e comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª Michele Viviene Carbinatto

SÃO PAULO

2021

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Patrício, Tamiris Lima

Ser no mundo e ser com outro: experiências vividas em um festival de ginástica / Tamiris Lima Patrício. – São Paulo: [s.n.], 2021.

258p.

Tese (Doutorado) - -Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Michele Viviane Carbinatto

1. Fenomenologia 2. Ginástica para todos 3. Eventos I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: PATRICIO, Tamiris Lima

Título: Ser no mundo e Ser com outro: Experiências vividas em um festival de ginástica

Tese de doutorado apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: 16 de novembro de 2021

Banca Examinadora

Presidente: Profa. Dra. Michele Viviene Carbinatto

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Soraia Chung Saura

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família: meu companheiro Bruno, meu filho Rael, meus pais Gelson e Isabel Cristina e meu irmão Jonnas. Vocês endossam o real significado do amor e do cuidado. Vocês representam a beleza que transcende das relações entre os seres humanos, lembrando-me que o afeto pode mover o mundo.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma página (ou mais) de agradecimentos neste manuscrito é como fazer parte de um dos muitos rituais que a vida acadêmica nos coloca: processo seletivo, disciplinas, coletas, qualificação, dúvidas, certezas, encantamento, desespero, aprendizado, vínculos, defesa... Paradoxos de emoções que, em meu caso (e felizmente), pude experienciar com a leveza de uma orientação sensível e, ao mesmo tempo, muito profissional. Por isso, começo agradecendo, antes de tudo, por quem abriu portas, sorrisos, ideias e competências para que eu pudesse chegar aqui: minha orientadora Profa. Dra. Michele Viviane Carbinatto.

Ela, que me abraçou na sua paz e motivação — que pouco temos visto nas relações orientador-orientando —, horizontalizou nossas relações, mediou de maneira certa o fazer-junto, mas também o meu fazer individual nas madrugadas da vida e nas manhãs de domingo (observando os passarinhos com o Luca!). Apaixonou-se e encantou-se comigo pelos textos filosóficos, o que possibilitou uma escrita mais poética e viva, em uma troca sem igual. Além de amigas, nos tornamos companheira de trabalho, de eventos e de vida no compartilhar de nossas experiências familiares e, agora, de maternidade. Entre lágrimas que invadem esta escrita, não vou me estender: OBRIGADA MI!!

Ainda que tenha dedicado este texto à minha família, continuo agradecendo cada um deles por serem minha base em tudo. À minha mãe que participou ativamente (em muitos sentidos) deste processo. Ao meu pai, por ter me encorajado e investido tudo para que eu sempre tivesse a melhor educação, afinal: “esse é o bem que ninguém nunca pode me tirar”, né, pai? Ao meu companheiro Bruno, que desde o TCC vem me dando suporte emocional com sua calma e seu amor, passando por cada etapa em uma comunhão inexplicável! E, agora, ao meu filho Rael, que ainda não nasceu, mas já despertou um novo modo de ser no mundo. Amo vocês!

Agradeço aos professores que gentilmente aceitaram participar desta banca e que muito contribuíram com esse processo: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira, Profa. Dra. Soraia Chung Saura e Prof. Dr. Marco Antonio Bortoleto. Muito Obrigada!

Confesso que o medo de esquecer algum nome neste momento invade essa escrita! Foram tantas pessoas especiais com quem pude compartilhar nesses anos acadêmicos, que me sentiria envergonhada e muito triste caso isso viesse a acontecer. Por

outro lado, sinto-me sortuda e contemplada por ter convivido e compartilhado com tantos grupos!

Assim, devo eterna gratidão ao GYMNUSP todo — do grupo ginástico ao grupo de estudos —, que fez parte literalmente dessa pesquisa, abrilhantando meus dias como estudante e pesquisadora. Neste, em especial, devo citar minhas companheiras “orientandas da Mi” com quem pude conviver ainda mais de perto: Nayana, Mellina e Lorena. Também não posso deixar de mencionar um novo integrante que chegou compartilhando e se dedicando ao grupo de maneira muito pontual, contribuindo com leituras e reflexões sobre meu trabalho: Kaio Mota!

Sigo sempre agradecendo a todos que passaram pela trajetória FEF-UNICAMP, GGU, GPG, GRUPO GINÁSTICO ATENAS e EEFE-USP. Ao longo de 13 anos, foram muitas as oportunidades e pessoas fundamentais que agregaram na minha profissão e nas minhas escolhas de vida, por isso, meu muito obrigada a todos!

Também quero agradecer particularmente e imensamente à minha amiga Fernanda Menegaldo. Essa, que foi uma inspiração do começo ao fim por sua dedicação e brilhantismo no caminhar acadêmico e que esteve do meu lado, trocando, compartilhando, sorrindo, chorando, ginasticando, trabalhando, divagando e filosofando a todo momento. Miga, muito obrigada!! Amo você!

Chego nas linhas finais, agradecendo com o coração preenchido de amor a todos meus amigos e amigas que de alguma forma passaram por mim durante todo esse tempo! Vocês foram fundamentais, trouxeram-me a alegria de viver e conviver que dá sentido à vida.

Agradeço a agência de fomento CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que possibilitou a realização deste estudo com o apoio financeiro.

Por fim, gratidão a Deus e à minha vida, pelo privilégio de chegar até aqui estudando e contribuindo para um mundo mais sensível e humano.

RESUMO

PATRICIO, Tamiris Lima. Ser no mundo e Ser com outro: Experiências vividas em um festival de ginástica. 258f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2021.

Com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, compreendemos que a experiência vivida é a nossa forma mais pura de conhecimento e é por nossas relações corporais que vamos significando o mundo. Neste sentido, o objetivo desta tese foi identificar as experiências vividas por um grupo que participou da Ginastrada Mundial (GM) no ano de 2019 em Dórnbirn (Áustria) — festival de Ginástica para Todos (GPT) realizado pela Federação Internacional de Ginástica. Nosso intuito foi compreender como essas experiências se configuraram nos relatos dos participantes sobre as oportunidades que um evento pode proporcionar. Ponderamos o “resgatar” das descrições como “ações exploratórias” em consonância à redução fenomenológica. Escolhemos a observação participante, utilizando diários de campo e registros audiovisuais. Após o evento, convidamos cada um dos 16 participantes para uma entrevista em profundidade e estudamos suas mídias sociais como método visual. Para confiabilidade das ações, tivemos o apoio de uma “amiga crítica” e optamos pela “checagem de membros”, devolvendo uma narrativa a cada entrevistado para confirmação de nossas descrições. Como última etapa, enviamos um questionário sobre aspectos do grupo e da participação no festival. Para além da redução fenomenológica, aderimos à “análise fenomenológica”, descrevendo as percepções tal qual foram sendo compiladas, observando as similitudes e diferenças. Mesmo com temáticas híbridas, identificamos reflexões acerca desses corpos que perpassaram as individualidades e as relações interpessoais. Percebemos que a GM proporcionou a incorporação de identidades – modos de ser-no-mundo, como também potencializou o encontro corpo-outro. O coletivo experienciou situações de extrema alegria, tristeza e preocupação, cujas marcas se aprofundam em suas memórias. Pudemos refletir sobre a atmosfera promovida pelo evento, assim como as emoções compartilhadas que tocaram o modo de “ser-junto” dos nossos colaboradores. No que tange a GPT, o festival revelou sua pluralidade e possibilidade inclusiva que tocou os membros do grupo. Por fim, corroboramos com a literatura vigente no que diz respeito aos festivais ginásticos como oportunos espaços motivacionais de interação social e aprendizado.

Palavras-chave: Fenomenologia; Eventos; Ginástica para Todos; Experiências.

ABSTRACT

PATRICIO, Tamiris Lima. Being in the world and being with another: Lived experiences in a gymnastics festival. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2021.

Based on Merleau-Ponty's phenomenology, we understand that the lived experience is our purest form of knowledge, and it is through our bodily relationships that we signify the world. Thus, the aim of this thesis was to identify the experiences lived by a group who participated in the World Gymnastics (WG) in 2019, Dórnbirn (Áustria) — Gymnastics for All (GfA) festival idealized by the International Gymnastics Federation. Our aim was to understand how these experiences were configured in the participants' reports about the opportunities that an event can provide. We consider the “rescue” of descriptions as “exploratory actions” in line with the phenomenological reduction. We chose participant observation, using field notes and audiovisual aids. After the event, we invited each of the 16 participants for an in-depth interview and studied their social media as a visual method. For the reliability of the actions, we opted for the support of a “critical friend” and for the “member checking”, returning a narrative to each interviewee to confirm our descriptions. As a last step, we sent a questionnaire about aspects of the group and participation in the festival. In addition to the phenomenological reduction, we adhere to the “phenomenological analysis”, describing the perceptions as they were being compiled, observing the similarities and differences. Even with hybrid themes, we identified reflections about these bodies that permeated individualities and interpersonal relationships. We realized that WG provided the incorporation of identities - ways of being-in-the-world, as well as potentialized the body-other meeting. The collective experienced situations of extreme joy, sadness and concern, whose marks dig deep into your memories. We were able to reflect about the atmosphere promoted by the event, even as the shared emotions that touched the way of “being together” of our participants. Regarding GfA, the festival revealed its plurality and inclusive possibility that touched the group members. Finally, we corroborate the current literature regarding gymnastic festivals as an opportune motivational space of social interaction and learning

Keywords: Phenomenology; Events; Gymnastics for All; Experiences

RESUMEN

PATRICIO, Tamiris Lima. *Estar en el mundo y estar con otro: Experiencias vividas en un festival de gimnasia*. 258f. Tesis (Doctorado en Ciencias) - Facultad de Educación Física y Deporte, Universidad de São Paulo, São Paulo. 2021.

Con base en la fenomenología de Merleau-Ponty, entendemos que la experiencia vivida es nuestra forma más pura de conocimiento y es a través de nuestras relaciones corporales que significamos el mundo. En este sentido, el objetivo de esta tesis fue identificar las experiencias de un grupo que participó en el Festival Mundial de Gimnasia (GM) en 2019 en Dórnbirn (Austria) — Festival de Gimnasia para Todos (GPT) realizado por la Federación Internacional de Gimnasia. Nuestro objetivo fue comprender cómo se configuraron estas experiencias en los informes de los participantes sobre las oportunidades que puede brindar un evento. Consideramos el “rescate” de las descripciones como “acciones exploratorias” en línea con la reducción fenomenológica. Elegimos la observación participante, utilizando diarios de campo y grabaciones audiovisuales. Después del evento, invitamos a cada uno de los 16 participantes a una entrevista en profundidad y estudiamos sus redes sociales como método visual. Para la confiabilidad de las acciones, contamos con el apoyo de un “amigo crítico” y optamos por “chequear miembros”, devolviendo una narrativa a cada entrevistado para confirmar nuestras descripciones. Como último paso, enviamos un cuestionario sobre aspectos del grupo y participación en el festival. Además de la reducción fenomenológica, nos adherimos al “análisis fenomenológico”, describiendo las percepciones a medida que fueron compiladas, observando las similitudes y diferencias. Incluso con temas híbridos, identificamos reflexiones sobre estos cuerpos que impregnaron individualidades y relaciones interpersonales. Nos dimos cuenta de que la GM proporcionó la incorporación de identidades - formas de ser-en-el-mundo, así como potencializó el encuentro cuerpo-otro. El colectivo vivió situaciones de extrema alegría, tristeza y preocupación, cuyas huellas se profundizan en sus recuerdos. Pudimos reflexionar sobre el ambiente propiciado por el evento, así como las emociones compartidas que tocaron la forma de “ser-juntos” de nuestros colaboradores. En cuanto la GPT, el festival reveló su pluralidad y posibilidad inclusiva que conmovió a los integrantes del grupo. Finalmente, corroboramos la literatura actual sobre los festivales de gimnasia como espacios motivacionales oportunos para la interacción social y el aprendizaje.

Palabras-llave: Fenomenología; Eventos; Gimnasia para todos; Experiencias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Memórias de minha infância.....	16
Figura 2.	GGU.....	17
Figura 3.	Coletivo GGU.....	18
Figura 4.	Experiências como docente.....	19
Figura 5.	GYMNUSP.....	20
Figura 6.	Grupo Ginástico Atenas.....	22
Figura 7.	Capa do e-book sobre o festival online GYMNUSP.....	55
Figura 8.	Estádio para as cerimônias de abertura e encerramento.....	64
Figura 9.	Galpão para as performances de grupos.....	65
Figura 10.	Espaço para as performances na cidade.....	65
Figura 11.	Espaço para o <i>World Team</i>	66
Figura 12.	Ginásio para as noites nacionais (Noite Suíça)	67
Figura 13.	Ginásio para o FIG Gala	67
Figura 14.	Workshop Delegação Brasileira	69
Figura 15.	Speaker Corner	74
Figura 16.	Momento Científico	74
Figura 17.	Logo GYMNUSP	76
Figura 18.	Foto oficial GYMNUSP.....	77
Figura 19.	Perfil GYMNUSP.....	83
Figura 20.	Nossas ações exploratórias	92
Figura 21.	Exemplo de organização do método visual.....	94
Figura 22.	Forms “ <i>member checking</i> ”	98
Figura 23.	Feedbacks sobre as narrativas (<i>forms</i>)	99
Figura 24.	GGU rumo à Ginastrada Mundial	104
Figura 25.	Vevey.....	105
Figura 26.	Supersônicos	107
Figura 27.	Cerimônia de abertura (2011)	107
Figura 28.	Figurino do sol	108

Figura 29.	Figurino do mar	109
Figura 30.	Final da noite brasileira (2011)	109
Figura 31.	Coreografia balance.....	111
Figura 32.	Primeira reunião.....	114
Figura 33.	Estação de trem.....	115
Figura 34.	Memórias de uma grata surpresa	117
Figura 35.	Prisma da identidade de Kapferer.....	135
Figura 36.	Cerimônia de abertura (redes sociais)	137
Figura 37.	“FIG Gala”	152
Figura 38.	Por entre as trocas.....	167
Figura 39.	O ginastocar no tempo livre (redes sociais)	170
Figura 40.	O brincar de ginástica.....	171
Figura 41.	“Dia do bar” (redes sociais)	173
Figura 42.	Coletivo universitário PAGU (redes sociais).	180
Figura 43.	GINPA (redes sociais)	183
Figura 44.	GINPA e GYMNUSP (redes sociais)	184
Figura 45.	GYMNUSP a caminho do alojamento	189
Figura 46.	O piquenique do GYMNUSP	190
Figura 47.	Concentração	192
Figura 48.	Bastidores	192
Figura 49.	Recepção para a ginasta lesionada	214
Figura 50.	Cama feita para a ginasta lesionada	215

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Tipologia dos eventos.....	45
Quadro 2.	Festivais GYMBRASIL	53
Quadro 3.	Participações gerais na Ginastrada Mundial	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Proficiência na língua inglesa	84
Gráfico 2.	Tempo de planejamento	86
Gráfico 3.	Viagens internacionais	86

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATLAS	Associação de Pesquisa e Educação em Turismo e Lazer
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBD	Confederação Brasileira de Desporto
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONGPT	Congresso Nacional de Ginástica para Todos
EEFE	Escola de Educação Física e Esporte
EF	Educação Física
EMBOK	<i>Event Management Body of Knowledge</i>
ERIC	<i>Education Resources Information Center</i>
ESEFFEGO	Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estadual de Goiás
FCA	Faculdade de Ciências Aplicadas
FCG	Federação Cearense das Ginásticas
FE	Faculdade de Educação
FEF	Faculdade de Educação Física
FEGIN	Festival de Ginástica e Dança
FIG	Federação Internacional de Ginástica
FIGPT	Fórum Internacional de Ginástica para Todos
FPG	Federação Paulista de Ginástica
GACRO	Ginástica Acrobática
GAE	Ginástica Aeróbica Esportiva
GAF	Ginástica Artística Feminina
GAM	Ginástica Artística Masculina
GGFEF	Grupo de Ginástica da Faculdade de Educação Física
GGU	Grupo Ginástico Unicamp
GINPA	Ginastrada Paulista
GM	Ginastrada Mundial
GPG	Grupo de Pesquisa em Ginástica da UNICAMP
GPT	Ginástica para Todos

GR	Ginástica Rítmica
GT	Ginástica de Trampolim
GUG	Grupo Unido de Ginástica
GYMNUSP	Grupo de Ginástica da Universidade de São Paulo
MS	Mídias sociais
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SESC	Serviço Social do Comércio
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNIPINHAL	Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal
USP	Universidade de São Paulo
WG	<i>World Gymnaestrada</i>

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	7
RESUMO.....	9
ABSTRACT	10
RESUMEN	11
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE QUADROS	14
LISTA DE GRÁFICOS	15
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	16
SUMÁRIO.....	18
AS EXPERIÊNCIAS EM FESTIVAIS: DO ENCONTRO AO ENCANTO	15
1. CERIMÔNIA DE ABERTURA	25
1.1 A Fenomenologia.....	26
1.1.1 A corporeidade e os teóricos brasileiros da Educação Física e do Esporte	28
1.1.2 Da teoria fenomenológica às linhas reflexivas: compreendendo uma nova filosofia	31
1.1.3 O universo merleau-pontyano.....	35
1.2 Fenômeno Esporte: por um sentido mais humano.....	38
1.3 O desfile das referências: eventos em foco	41
1.3.1 Os festivais ginásticos.....	49
1.4 Nossos objetivos	57
1.5 Construindo nosso evento	57
2. AÇÕES EXPLORATÓRIAS	60
2.1 Entre filosofar e ginastigar: compreendendo a fenomenologia.....	60
2.2 Contexto: a Ginastrada Mundial	62

2.3	Entre ginastas e acompanhantes: GYMNUSP em foco.....	75
2.3.1	Explorando mundos-vividos, identificando um grupo.	81
2.4	Entre observar e participar, suspender para mergulhar.....	87
2.4.1	Atenção redobrada: entre a familiarização e o rigor acadêmico.....	89
2.5	“Vemos mais do que os olhos alcançam”: lados, aspectos e perfis do fenômeno.....	90
2.6	A contemplação por outros aspectos: o Método Visual.....	92
2.7	As minhas experiências.....	94
2.8	As experiências outras: entrevista fenomenológica.....	95
2.8.1	A construção das narrativas e a validação dos membros.....	97
2.9	Análise Fenomenológica.....	99
3.	ENCANTAMENTO, APRENDIZADO E CONVÍVIO: DESCREVENDO	
	MEU MUNDO VIVIDO.....	103
3.1	Ginastrada Mundial de 2011: o encantamento!	103
3.2	Ginastrada Mundial de 2015: a realidade institucional!	110
3.3	Ginastrada Mundial de 2019: a responsabilidade corpo-outro!	112
4.	O CORPO NO EVENTO ESPORTIVO: POR UM NOVO SENTIDO DE SER	
	NO MUNDO.....	119
4.1	Corpo sem fronteiras: desvendando um evento internacional.	120
4.2	O corpo que transcende: o reconhecer a si-próprio.	130
4.3	O corpo que se mostra e vê: experiência estética em foco.	139
5.	SER-NO-MUNDO E SER COM O OUTRO.....	158
5.1	Do corpo que se move e se expressa: o revelar do corpo-outro.....	159
5.2	Ser-GYMNUSP: a convivência que aproxima	178
6.	A DOR DE UM É A DOR DE TODOS.....	199
7.	CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO.....	220
	REFERÊNCIAS.....	229
	ANEXO 1.....	250
	ANEXO 2.....	253

AS EXPERIÊNCIAS EM FESTIVAIS: DO ENCONTRO AO ENCANTO

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (LAROSSA, 2018, p. 10).

Em um determinado momento de um longo e ainda contínuo processo acadêmico, precisei parar e refletir sobre como e por que os eventos marcam nossas vidas — o aniversário, a formatura, o primeiro emprego, os festivais, o show daquela banda favorita! Alguns deles, cerimônias de passagens, outros, pura diversão, e há ainda aqueles para nos despedir. Os eventos estão presentes no decorrer de nossa existência, tanto por tradições culturais ou por simples encontro (CUDNY, 2014).

O incrível encontro! Aquele instante em que nos deparamos e interagimos um com o outro. Em que colocamos em prova a “capacidade social” que dizem ser inerente ao ser humano. Conectamo-nos com outra vida, outro olhar, quiçá, outra espiritualidade. Encontros com diferentes propósitos que culminam em eventos e, também, eventos que convergem em maravilhosos encontros. Momentos nobres de experiências finitas que, em diferentes formas, vêm tocando a minha vida e, hoje, este trabalho. Quantas foram as experiências que me influenciaram chegar até aqui? Os sonhos, os aprendizados, as construções e as desconstruções? Experiências que vivi e que hoje são responsáveis pela pessoa e pela profissional a qual venho me tornando.

Foi preciso admitir e lembrar daquela criança “aparecida”, que não podia escutar uma música que já estava dançando e almejando um público. A timidez nunca foi um problema e, portanto, participava com muita euforia de todas as apresentações nos eventos escolares e extraescolares: festivais de dança, troca de faixa, torneio de natação, festivais de teatro e as temidas competições. Alguns foram exitosos e outros nem tanto. Poucas medalhas de um lado, muitos aplausos de outro. Mas, sem dúvida, experiências sociais, práticas e sensíveis à minha essência.

Figura 1. Memórias de minha infância



Fonte: Acervo pessoal

Não por menos, “mergulhei de cabeça” na Ginástica para Todos (GPT) quando a conheci na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pode soar exagerado, mas, após algumas decepções no universo competitivo, aliadas à enorme paixão por palcos e apresentações, abri-me para um novo mundo que começou a responder aos meus anseios — uma prática gímnica essencialmente participativa e possível para todos sem distinção de idade, gênero ou habilidade.

A verdade é que eu não imaginava que tal prática fosse me dar oportunidade para tantas possibilidades e descobertas para além do Grupo de Ginástica da FEF (GGFEF). Foi ali que tive o primeiro contato com a Professora Michele Viviene Carbinatto, que na época foi uma das monitoras no curso. A extensão me abriu as portas para o Grupo Ginástico Unicamp (GGU), outro grupo extensionista, referência nacional e internacional na GPT e a sua metodologia voltada para a formação humana (GRANER *et al.* 2017; PAOLIELLO e BORTOLETO, 2017; PAOLIELLO *et al.*, 2014).

Foram muitas as experiências com o GGU, desde apresentações no pátio em uma escola pública em um bairro periférico, até a uma plateia de 6000 pessoas em um importante festival na Finlândia; de apresentações no centro da cidade de Campinas, a apresentações nas praças em cidades na Dinamarca e na Estônia; de ministrar oficinas de formação para

estudantes de Educação Física do Brasil, às oficinas para professores de escolas municipais em Buenos Aires, na Argentina. Foram inúmeras as oportunidades de apresentações, *workshops*, oficinas, vivências, trocas. O valor de cada uma delas é imensurável.

Figura 2. GGU



Fonte: DveraS Fotografia.

Foi no íntimo deste grupo que pude vivenciar o significado de fazer parte de uma comunidade, de desprender parte do meu tempo para ensaios, apresentações, viagens, reuniões, entre outros encontros. Sem dúvida, essas percepções são claramente influenciadas e conectadas com próprio referencial teórico desenvolvido nos últimos anos por pesquisadores do referido grupo (MENEGALDO e BORTOLETO 2021a; MENEGALDO, 2018; ALMEIDA, 2016; BORTOLETO *et al.*, 2012; AYOUB, 1998; SOUZA, 1997; PÉREZ GALLARDO e SOUZA, 1995).

Figura 3. Coletivo GGU



Fonte: Acervo pessoal

Dentre as tantas conveniências que a Unicamp e, em especial o GGU, me apresentaram, relembro com saudades meu intercâmbio na Dinamarca em 2010¹. Minha primeira viagem internacional, primeiro contato com a neve e o mais importante – primeiro contato com uma cultura esportiva-social bem-sucedida. Foi um “abrir de olhos” ao chamado “Esporte para Todos”, uma paixão pelas práticas no viés da saúde e do bem-estar. Ao todo, foi uma imersão no universo da ginástica. A imersão foi tamanha que, ao vivenciar tantas disciplinas, projetos de extensão, intercâmbios, apresentações e estágios, a ginástica foi responsável, inclusive, por despertar o gosto pela vida acadêmica. Com apoio do Grupo de Pesquisa em Ginástica da Unicamp (GPG), concluo meu Trabalho de Conclusão de Curso sob o nome “Festivais Ginásticos: tradição, cultura e conagraçamento” (PATRICIO, 2012), voltando meus primeiros olhares para esses eventos.

Sem ter a certeza do quanto eu iria gostar dessa aventura acadêmica, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação da FEF-Unicamp, momento em que pude sair da minha tão estimada bolha “GGU” e descobrir que a GPT, assim como outras práticas, sobrevive em nosso país aos “trancos e barrancos” (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO,

¹ Programa de Intercâmbio que a UNICAMP mantém em parceria com a ISCA (International and Culture Association) e que possibilitou dezenas de brasileiros a estudarem em Escolas de Ginástica na Dinamarca.

2020). Defendo o trabalho intitulado “Panorama da Ginástica para Todos no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade” (PATRICIO, 2016) que, assim como o TCC, foi construído sob a orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto, a quem devo eterna gratidão pela paciência e por seus ensinamentos.

Ao conquistar o título de “Mestra”, tive a felicidade de trabalhar como docente em disciplinas de ginástica em cursos de Educação Física em duas universidades privadas no Estado de São Paulo: Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (Unipinhal) e na Universidade Nove de Julho (Uninove). Nessa ocasião, pude expressar como a ginástica pode trazer benefícios físicos-sociais para nossa vida. Foi a oportunidade de semear a mesma sementinha que floresceu em mim há alguns anos.

Figura 4. Experiências como docente



Fonte: Acervo pessoal

Em meio a algumas inquietações pessoais e um festival de ginástica em que eu participaria no México (2017), volto a me aproximar da Prof^ª. Dra. Michele Viviane Carbinatto, então docente da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP). Difícil esconder o sorriso ao constatar que foram eventos ginásticos que culminaram em nosso encontro. Além de ter sido minha monitora de GPT no projeto de extensão GGFEF (FEF-UNICAMP), nós tivemos a oportunidade de participar da Ginastrada

Mundial na Suíça em 2011 seguida de uma turnê de apresentações pela Dinamarca no mesmo ano. Também, em 2016, publicamos um artigo em colaboração, e não por coincidência, o tema foi relativo aos festivais de ginástica no Brasil e no mundo (PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016). Com tal reaproximação e interesses em comum, decidi tentar o processo seletivo do doutorado, sob sua orientação, para o ano de 2018.

O ingresso no Programa da EEFÉ-USP me oportunizou ainda mais experiências no âmbito “Ginástico-Acadêmico”. Entre elas, vale destacar fazer parte do Grupo de Ginástica da USP (GYMNUSP); colaborar como monitora no projeto de extensão “Escola de Ginástica para Crianças” e participar do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica. Ambos coordenados pela docente, baseado no tripé acadêmico indissociável (pesquisa-ensino-extensão).

Figura 5. GYMNUSP



Fonte: Acervo pessoal

O grupo de estudos colaborou na realização de dois exitosos eventos em 2018: uma semana acadêmica intitulada “Eventos Esportivos: festivais em foco” e o “VII Festival Ginástico GYMNUSP”. Ambos os eventos foram realizados na EEFÉ-USP. A Semana

Acadêmica foi composta por palestras e encontros sobre o tema “eventos esportivos” e, em especial, a presença do Prof. Dr. Udo Merkel, da Universidade de Brighton. O docente chamou a atenção por seus estudos em grandes eventos, tais como Jogos Olímpicos e o Festival Arirang, na Coreia do Norte (MERKEL, 2013). Este, em específico, tratando-o por um olhar sociológico, abordou os discursos sobre identidade e comunidade.

Algumas perguntas que vinham me acompanhando há algum tempo fizeram-se mais presentes neste momento: o que se passa com os participantes nos festivais? O que essas experiências têm de especial?

Quase que de forma simultânea à composição desses questionamentos e contato com novos referenciais teóricos, fui membro pela quinta vez da comissão organizadora de um tradicional evento acadêmico e festivo de GPT no Brasil, o IX Fórum Internacional de Ginástica para Todos. Já atenta às novas descobertas e às questões que rodeavam minhas inquietudes, escutava com mais atenção as conversas nos bastidores: “Nunca vi meu grupo tão motivado”; “Eles não falam a mesma língua, mas já se tornaram muito amigos”; “Um grupo prestigia o outro, é incrível!”; “É uma pena, porque passa tão rápido!”.

Em concomitância, contribuí como coordenadora em um Grupo de GPT que formei em 2016, com mulheres adultas que, antes, praticavam atividades rítmicas com objetivo no condicionamento físico. O Grupo Ginástico Atenas pôde apresentar suas coreografias em diferentes eventos (entre eles o VII Festival GYMNUSP), nos quais, ainda atenta, pude notar as conversas sobre participar de festivais, agora, no íntimo de um grupo. Entre esses diálogos, surgiram temas que se aproximaram da exaltação das experiências pessoais, a alegria em interagir com outros e emoção em se apresentar.

Figura 6. Grupo Ginástico Atenas



Fonte: Acervo pessoal

Em meio a meus indecisos olhares para a escolha dos referenciais, minha última confirmação e real conexão, se deu em uma disciplina com o Prof. Dr. Luiz Eduardo Dantas que, entre outros pontos, chamou-me atenção às minhas experiências — àquilo que eu vivi e o que foi tão único nesses festivais. Entre ideias, críticas e leituras sobre os novos modelos pedagógicos, nossas aulas eram tomadas, em grande parte, na discussão do meu projeto. A disciplina sucedeu no mesmo semestre de uma eleição presidencial polêmica e polarizada em 2018, a qual, por questões pessoais, me colocava na responsabilidade de elaborar um projeto propositivo social, ao mesmo tempo em que minhas experiências na Ginastrada Mundial² gritavam por uma atenção.

Essa foi a ocasião em que precisei me conectar com toda essa trajetória aqui descrita, em especial aos eventos. Admito que quando questionada pelo Prof. Dantas, sobre o que a experiência na Ginastrada me causou, da razão pela qual ela me tocou, me fugiram as palavras. Na ânsia de encontrar uma resposta para tal mudez, leio o livro *Tremores: escritos sobre experiência* (LARROSA, 2018), procurando um significado que pudesse me ajudar a entendê-la. Entre tantas belas palavras e identificação com o texto, uma frase me

² A Ginastrada Mundial (World Gymnaestrada) é um festival de Ginástica para Todos isento de competição institucionalizada, realizado a cada quatro anos e organizado desde 1953 pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). O referido evento será detalhado em profundidade nesta tese.

chama a atenção: “é uma significante suscetível de desencadear profundas emoções em quem lhe confere um lugar de privilégio em seu pensamento” (LARROSA, 2018, p. 9).

Larrosa pôde me revelar uma das razões pela qual carrego tais momentos: “a potência das emoções vividas”. Na busca por argumentos para explicar aquela sensação, encontro Merleau-Ponty (2017) e sua obra *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Começo a me aproximar da fenomenologia, encontrando um alicerce teórico para falar do mundo vivido — do *meu* mundo vivido.

Hoje considero que a primeira Ginastrada Mundial, que pude participar em 2011, foi um ápice de um “processo de encantamento” que começou anos atrás, nas participações em diferentes festivais (teatro, dança, ginástica), na paixão pela prática da Ginástica para Todos, nos diferentes envolvimento com os grupos ginásticos, nos estudos e publicações acerca destes. Dessa forma, tratar de “experiências outras” em eventos esportivos como os festivais ginásticos, me motivaram não somente pelas questões no trato pedagógico da Educação Física, mas, claramente, por questões pessoais que me constituem como pessoa e profissional.



*Cerimônia
de Abertura*

1. CERIMÔNIA DE ABERTURA

A Cerimônia de Abertura é sempre um momento esperado nos eventos da vida. A expectativa daquilo que será lançado, exposto e apreciado perpassa a imaginação fértil de quem se programa a participar. A primeira impressão pode despertar sentimentos que permanecerão ao longo do evento e, não diferente disto, propomos iniciar o presente estudo com uma metáfora da abertura de um grande evento esportivo.

Começaremos acomodando os leitores, apresentando as temáticas que aqui serão abordadas — esporte, eventos, festivais ginásticos e experiência —, em um imponente desfile bibliográfico, atualizando conceitos, categorias, reflexões e problemas. Exibiremos com orgulho o caminhar teórico escolhido, constituindo um direcionamento do que estará por vir nos próximos capítulos.

Como autora e como cerimonialista, anunciarei as temáticas, os participantes, as ações exploratórias e nossas reflexões, em discursos narrados ora na primeira pessoa do plural — considerando a equipe de trabalho que me apoiou nesta empreitada —, ora na primeira pessoa do singular — considerando minhas experiências e ações singulares no fazer deste manuscrito.

Como programa oficial, indicamos que nesta sessão inaugural, apresentaremos nosso entendimento construído sobre a experiência vivida, baseado fundamentalmente na fenomenologia do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, em específico, sobre sua clássica obra *“Fenomenologia da Percepção”*. Neste momento, para além dos conceitos refletidos pelo autor, apresentaremos estudiosos da Educação Física e do Esporte que possuem vasto conhecimento nos aspectos fenomenológicos e que nos auxiliaram na constituição do conhecimento acerca da corporeidade.

Também nesta parte, apresentaremos nossa base teórica no que diz respeito ao conceito “esporte”, defendendo-o sob a perspectiva de estudiosos da corporeidade. Seguiremos assim, para a temática “eventos” de uma maneira ampla e subsidiadas por pesquisas das últimas décadas. Apresentaremos suas mais diversas manifestações, abrangendo os eventos de cunho esportivo e, então, aos festivais ginásticos — lócus deste estudo.

Após este precioso desfile temático, construiremos o objetivo central desta tese, em consonância aos objetivos específicos, os quais nortearão as ações e reflexões dos capítulos adiante.

1.1 A Fenomenologia

Com um apreço envolto aos festivais ginásticos e um ideal de que as experiências vividas pelos participantes podem nos revelar um mundo de reflexões, aproximamo-nos da fenomenologia neste desfile teórico.

A fenomenologia é um movimento filosófico que se inicia no século XX e um de seus precursores foi Edmund Husserl (1859-1938). O filósofo demarca um “abrir caminhos” para desvendar a realidade das coisas por meio de suas essências. Tal proposta tem início em um contexto marcado pelo positivismo, no qual o método científico das ciências naturais, sobrepujam a identidade filosófica do século XIX (MARTINS, BOEMER e FERRAZ, 1990; NÓBREGA, 2016; SIANI, CORREA e CASAS 2016). Desta forma, o filósofo apostou na recuperação do propósito metodológico da filosofia, livrando-os de pressupostos opinativos e restabelecendo um novo método do conhecimento: a descrição de fenômenos, distanciando-os de juízos prévios, com foco no rigor acadêmico (MARTINS, BOEMER e FERRAZ 1990).

A experiência, vista desde a perspectiva da fenomenologia, emprega uma reflexão que abrange uma possibilidade de observar tais fenômenos (coisas) e como eles se manifestam (MARTINS, BOEMER e FERRAZ. 1990). A capacidade de obter percepções ou dados empíricos é considerada para Husserl (2002) a própria experiência. Existe, portanto, uma relação entre o objeto — como ele próprio se mostra —, e como ele é “captado” pela consciência. Husserl utiliza o termo “intencionalidade” para expressar que toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, é intencional. Isso significa que o sujeito e o objeto existem por serem ligados entre si, um só pode ter sentido quando em relação com o outro (SILVA, 2011).

A fenomenologia não trata de explicar ou analisar o fenômeno, trata de descrevê-lo ou retornar às coisas mesmas — isto quer dizer, tal como ele aparece no mundo. Tudo o que sabemos sobre as coisas, mesmo que descrito pela ciência, sabemos a partir de uma visão

pessoal, ou por meio de uma experiência neste mundo, primado básico que se aproxima das questões que aqui serão refletidas.

Em meio às leituras no campo fenomenológico, encontramos e, acima de tudo, identificamo-nos, com os pensamentos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Em um momento, a satisfação em ter encontrado um autor para refletir e dialogar acerca das experiências. Em outro, a prévia noção do árduo trabalho que abraçaríamos para desvendar seus textos e compreender a densa linguagem a qual não estávamos habituadas.

Como estratégia primária, optamos por textos embasados em Merleau-Ponty, contudo, escritos por autoria de pesquisadores brasileiros, em especial, na área da Educação Física (EF) (NÓBREGA e CAMINHA; 2019; GHIDETTI, ALMEIDA, BRACHT, 2014; ALMEIDA, BRACHT e GHIDETTI, 2013; NÓBREGA, 2010; 2016; DAÓLIO, RIGONI e ROBLE, 2012; MOREIRA e NÓBREGA, 2008; BETTI *et al.* 2007; SANTIN, 1987), a fim de desvendar o que se tem estudado nessa perspectiva, bem como compreender alguns conceitos antes da leitura do próprio autor. Em nossa área, encontramos muitos estudos referentes ao corpo e notamos a presença da “*Fenomenologia da Percepção*”, seu livro de maior destaque, em diversos debates envoltos às análises de “corporeidade” e do “movimento humano”, conceitos que desenvolvemos adiante.

Como estratégia secundária e orientação da banca de qualificação desta tese, recorreremos ao livro “*Introdução à Fenomenologia*” de Robert Sokolowski, em que nos dedicamos a entender alguns dos principais fundamentos desta área, suas terminologias e suas apropriações literárias, que nem sempre são passíveis de compreender “ao pé da letra”, ou seja, palavras empregadas exclusivamente para a construção de certas reflexões.

Depois de mais de um ano de estudos e mais bem preparadas, decidimos encarar o universo “*merleau-pontyano*”, e nos aprofundamos em “*Fenomenologia da Percepção*”. Livro ao qual sempre retomamos (ainda hoje), com reforço de disciplinas, vídeo-aulas, palestras e textos auxiliares, na tentativa de um endossamento de nossa base teórica reflexiva. Também não podemos deixar de dizer que Merleau-Ponty nos presenteou com outras obras as quais também consultamos para desenvolver certas temáticas deste estudo: “*O visível e o invisível*” e “*O olho e o espírito*”.

Apresentaremos, portanto, nossos estudos fenomenológicos, nessa mesma ordem com que fomos entendendo, apreciando e desenvolvendo nossas pesquisas durante o processo de doutoramento. Dessa forma, na próxima sessão “**A corporeidade e os teóricos brasileiros da Educação Física e dos Esporte**”, discorreremos de maneira mais íntima

sobre os estudos nacionais, apresentando algumas das teorias centrais para nosso estudo. Na sessão “**Da teoria fenomenológica às linhas reflexivas – compreendendo uma nova filosofia**”, apontaremos algumas terminologias fenomenológicas explicadas por Robert Sokolowski, subsidiando os leitores na compreensão de nossas reflexões futuras. Por fim, em “**O universo merleau-pontyano**”, faremos um trabalho de “costura”, reforçando as duas sessões anteriores, com maior atenção às reflexões próprias do filósofo.

1.1.1 A corporeidade e os teóricos brasileiros da Educação Física e do Esporte

O **corpo**³ toma a cena neste desfile, trazendo algumas questões que há anos vêm sendo discutidas em diferentes cenários acadêmicos. É preciso lembrar que no Brasil, após a Constituição de 1988, a década de 1990 foi marcada fundamentalmente por reformas educacionais que passaram a criticar e reformular ações do âmbito militar, na tentativa de romper com um tradicionalismo acadêmico que trata todos os educandos como “seres iguais”, coloca-os em caixas padronizadas, e exigem a mesma velocidade de compreensão e aprendizagem. Com tal movimento, docentes da EF iniciam um debate crítico ao positivismo cartesiano, trazendo fundamentalmente a crítica ao dualismo (corpo-mente) já debatidas por Husserl e Merleau-Ponty, e por outras correntes disciplinares das ciências humanas, como a antropologia e a sociologia (NÓBREGA e CAMINHA, 2019; CARBINATTO, 2012; BETTI *et al.* 2007; DAÓLIO, 2003; DARIDO, 2001; BRACHT, 1999; KUNZ 1994; COLETIVO DE AUTORES, 1992; MOREIRA, 1990; SANTIN, 1987).

Essas críticas, de acordo com Marques et al. (2012), vão direto ao olhar para o corpo como um objeto, como uma ferramenta ou um utensílio de interesses econômicos, políticos e ideológicos. Neste sentido, as colocações de Merleau-Ponty se fazem relevantes: somos corpo por inteiro, isto é, somos um entrelaçamento de corpo e consciência, o chamado “**corpo-próprio**”, o que nos distancia do ideal de “termos um corpo” e nos aproxima do entendimento de que “somos um corpo”. A ciência moderna sabe lidar com números, estatísticas e partes separadas do todo. No entanto, o significado de um corpo vivo, que se expressa e que se comunica, que se move e significa suas ações, não faz parte de seus objetivos utilitaristas (MARQUES *et al.*, 2013)

³ Destacamos alguns dos principais termos que vamos abordar ao longo deste manuscrito, para, se necessário, voltarmos com facilidade diretamente a essa introdução.

Quando entendemos o corpo pela lente fenomenológica, o percebemos como um acervo de conhecimentos. À medida que vivemos e experimentamos o mundo, conhecemos as coisas e os outros. Um arquivo que guarda nossas memórias de dor, alegria, derrota, conquistas, amor... “**Ser-no-mundo**” significa aderir todas as dimensões de nossa espécie, do sensível ao físico, das nossas relações, dos nossos valores e do ambiente social em que vivemos. Não diferente disso, é a partir da interação com o mundo que formamos nossa identidade, simbolizamos nossas experiências e expandimos nossos sentimentos em consonância com o meio. Ao percebermos esse “corpo-próprio”, identificamos nossos limites e as novas possibilidades, experiências essas, que nos constituem como únicos, que nos apresentam o mundo. É assim que percebemos o nosso “ser-no-mundo” (BAUMAN, 2005).

Moreira, Scaglia e Campos (2017) nos alertam sobre a dificuldade de iniciar uma reflexão sobre “**corporeidade**” sem nos atermos aos conceitos primeiros de Merleau-Ponty, nos quais o filósofo atrelou ao corpo a significância do aprender pela sensibilidade como um processo vital. Neste ponto, entendemos que não podemos separar a percepção de um movimento, mas devemos identificá-los como um sistema que se modifica por completo. Isso significa que para a compreensão da realidade, precisamos sentir e estar em relação com o mundo e com outros corpos (NÓBREGA, 2005). Refletir sobre tais pressupostos epistemológicos da corporeidade, ajuda-nos a compreender o ser humano em toda sua existência, e permite-nos novas possibilidades de conhecimento, convivência e ética social (MOREIRA e SIMÕES, 2016).

No que se refere à EF, Santin (1987) buscou uma associação com a área, dialogando com os conceitos do filósofo francês, e aborda fundamentalmente, o “**movimento**” e a “**expressividade**”, pressupostos que descrevem o ser humano como corporeidade, como fenômeno corporal. O autor observou nas aulas de EF o predomínio de conteúdos esportivos e objetivos que perpassam o “corpo-atleta”. Percebeu que tudo estava relacionado ao corpo em movimento, organizado e regado por meio de técnicas baseadas em leis da física e da mecânica. No entanto, tais premissas atribuem ao movimento uma intenção de “matéria-prima”, não desenvolvendo suas potencialidades e limites por completo. No lugar, desenvolvem movimentos mecânicos e automatizados em função da modalidade esportiva em questão.

Santin ainda reflete sobre as potencialidades do movimento humano como forma de conhecermos as coisas e os outros. Longe do que propõe os manuais técnicos, o

movimento é a relação dialógica entre homem e mundo, e por esse olhar, nós, profissionais da área e educadores, deveríamos contribuir para a construção do movimento significativo, com sentidos apropriados a cada execução ou finalidade. Igualmente, deveríamos entender que o **corpo em movimento** é o nosso ato primeiro de experiência humana, retomando o raciocínio de que somos seres que vivemos e sentimos antes de nos tornar seres que conhecemos.

Não por menos, estudiosos da EF vêm se baseando nas reflexões de Merleau-Ponty, que reintegram esse corpo que foi esquecido pela filosofia clássica, e o coloca como premissa sobre toda forma de conhecimento. Um corpo animado por suas relações mais íntimas com seu **mundo vivido**: suas experiências e percepções no mundo da vida. Um corpo que se movimenta intencionalmente, colocando-o em relação com a natureza e sua cultura. Capaz de “desvendar-se”. Capaz de construir. Capaz de significar (SURDI e KUNZ, 2009).

Surdi e Kunz (2009; 2010) também se apoiaram no entendimento fenomenológico, considerando que é na experiência com o nosso corpo que entendemos de modo organizado os fenômenos a nossa volta. O corpo passa a ser o lugar onde a existência se realiza, um elo entre o sensível e o significado. Portanto, consideramos que acolher a corporeidade nos cursos de Educação Física e Esporte é necessário para o acolhimento da sensibilidade à motricidade (PATRICIO e CARBINATTO, 2021). Ao adotarmos a noção do corpo-próprio, podemos minimizar concepções maquinarias, e ter como objetivo uma compreensão de que produzimos, modificamos e somos modificados pela história e pela cultura (NÓBREGA, 2016).

Cabe então, rever o componente expressivo do corpo. Ao compreendê-lo como um movimento de comunicação, observamo-lo enquanto relação com o meio. Assim, podemos avançar para uma noção de “convivência poética com o corpo” (NÓBREGA, 2008, p. 147). Tais expressões, muitas por meio do âmbito estético, cativa-nos a uma abertura ao mundo proposto pelas experiências de corpos outros, ou seja:

convida ao enlace com a cor, forma, sonoridade, texturas, sabores, aromas, olhares e imagens do mundo e dos outros corpos, por meio de um mergulho no sensível que nos permite perceber a profundidade do encontro e dos acontecimentos (NÓBREGA, 2008, p. 147).

À vista disto, Moreira (2019) nos alerta que, quando essas noções são valorizadas na formação profissional, projetamos um tipo de “ser” uníssono ao outro e que neste lugar de coexistência potencializamos nossas aprendizagens. Uma premissa do repensar o corpo

pela fenomenologia, utilizando pensares da atuação profissional como muitos brasileiros vêm estudando nas últimas décadas (ALMEIDA, BRACHT e GHIDETTI, 2013; NÓBREGA e CAMINHA, 2019).

1.1.2 Da teoria fenomenológica às linhas reflexivas: compreendendo uma nova filosofia

Após entender algumas concepções que os pesquisadores nacionais elucidaram a partir do pensamento “*merleau-pontyano*”, começamos a incorporar o olhar atencioso ao corpo-próprio, ao movimento e às relações com o mundo e com as coisas. No entanto, a filosofia se constitui como um campo reflexivo e indagador que necessita muita leitura, especialmente sobre obras clássicas que fundamentaram teóricos contemporâneos. Além disso, é comum a apropriação de palavras para refletir sobre o abstrato, sobre aquilo não visível ou passível de descrição pura. Por tal, é comum o uso de metáforas em muitas das reflexões filosóficas.

Neste novo caminhar alegórico, apresentaremos alguns conceitos da fenomenologia que nos ajudaram a elucidar de maneira mais clara, os textos de Merleau-Ponty. Nesta sessão, nos baseamos essencialmente no livro de Robert Sokolowski (2014), “*Introdução à fenomenologia*”, destacando o que nos foi fundamental para a tese.

Destarte, o fundamento básico da fenomenologia nos ensina que “cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos é intencional” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 17), pois, é essencialmente “consciência de” ou “experiência de” algo/outrem, dialogando aos preceitos primeiros já vistos no início de nossa reflexão filosófica. Neste sentido, nossa consciência está sempre direcionada aos objetos e, portanto, cada intenção tem seu objeto intencionado. O uso fenomenológico da palavra “**intenção**” é considerado um pouco “desajeitado”, como o próprio autor comenta: ela vai contra o uso comum do que é no sentido prático. Na fenomenologia, quase sempre, colocamos em discussão o “sentido” da intenção prática como uma implicação — intenções mentais ou cognitivas. Em outras palavras, estamos falando da relação de consciência que desenvolvemos com as coisas.

Uma pergunta se faz fundamental para entender a questão da “**intencionalidade**”: “porque temos que nos ater a ideia de que ter consciência é [ter consciência] de alguma coisa ou que a experiência é de algo/outrem”? Sokolowski (2014) retoma a crítica às tradições

cartesianas e relembra que nos foi ensinado que quando estamos conscientes, este ato é sobre “nós próprios” ou “sobre nossas próprias ideias”. Uma crítica à visão de “ilusão”. Neste caso, conseguimos as coisas somente “raciocinando”, a partir de nossas impressões mentais. Essa ideia da “consciência humana” é reforçada pelo que aprendemos do cérebro e do sistema nervoso, em que tudo que é cognitivo está “dentro da cabeça” — o chamado “predicamento egocêntrico”.

Contudo, sabemos que não estamos presos em nossa própria subjetividade, mas também não sabemos como justificar essa convicção. Não sabemos demonstrar que nosso contato com o mundo não é apenas uma ilusão,

nós arguimos com outrem sobre algo, mas filosoficamente encontramos dificuldades para ratificar nossa aceitação ingênua de um mundo comum e de nossa habilidade para descobrir e comunicar o que ele é (SOKOLOWSKI, 2014, p. 19).

Então, a fenomenologia vem para nos mostrar que a mente pode ser uma coisa pública, que age e manifesta a si mesma publicamente, não apenas “dentro dos limites”. A importância de discutir a intencionalidade aqui, é justamente nos ajudar a reivindicar esse sentido público do pensamento, do raciocínio e da percepção. Um “reassumir nossa condição humana como agente da verdade” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 21).

Para a fenomenologia a intencionalidade é diferenciada, pois ela é correlata com diferentes objetos (perceptuais, pictoriais) que deveriam ser descritos e publicados. Essas descrições nos ajudam a entender o conhecimento humano em todas as suas formas, amparam o entendimento dos modos que podemos nos relacionar com o mundo em que vivemos. E, dessa forma, compreendemos que há muito o que pensar sobre como as coisas se manifestam e, sobretudo, qual a nossa habilidade de sermos verdadeiros em deixar as coisas aparecerem tal como são. Por isso, a fenomenologia é uma prática contemplativa puramente teórica, um filosofar que valida as coisas de nossas vidas.

É importante pensar que vemos mais do que o olho pode alcançar. Não vemos apenas o lado visível de um objeto, nós também podemos intencionar os lados que estão escondidos, compreendendo que os lados ausentes fazem parte daquilo que estamos experienciando. A coisa que é vista é uma mistura do presente e do ausente e, sendo assim, “**perceber**” é uma mistura delas — de intenções cheias e vazias (SOKOLOWSKI, 2014). O que queremos dizer é que toda experiência envolve uma mistura de presença e ausência, nossa percepção nunca pode ser somente estática, ela está sempre em movimento. As

intenções vazias se tornam cheias e as cheias se tornam vazias, conforme vamos intencionando e experienciando.

Um bom exemplo do que estamos tratando pode ser justamente a participação em um evento. Nós intencionamos previamente como ele vai ser. Imaginamos o espaço, as pessoas, as emoções. Conforme chegamos neste evento, nossas intenções — que antes eram vazias —, vão sendo preenchidas com intenções reais do que está sendo vivido. O reconhecimento da identidade daquele evento vai pertencer diretamente à estrutura intencional da experiência. Além disso, esse evento pode ser visto por diferentes ocasiões pela mesma pessoa, ou por várias pessoas, mas sempre vai ser o mesmo evento que será dado tal como ele é. Ou seja, sua “**identidade**” será revelada, mas será intencionada de maneiras diferentes.

É sempre um desafio em nossos discursos, falarmos de um momento sem especificar no que ele está fundado e, por isso, sempre que pensamos em algo enunciamos como “partes e todos” (SOKOLOWSKI, 2014). Todavia, pouco conseguimos expressar a sensibilidade que envolveu a percepção. Isso se deve ao fato de que pela linguagem podemos falar sobre algo de diversas formas, um fato idêntico pode ser expressado em uma multiplicidade de modos. Entretanto, o sentido é dado somente pela identidade que está dentro de todas as nossas percepções. E, assim, a coisa pode ser representada em multiplicidade, mas sempre vai guardar mais manifestações em reserva.

Um outro exemplo sobre a “**identidade em multiplicidade**”, que, inclusive, Sokolowski (2014) propõe no livro, pode ser dada a uma guerra, ou a um fato histórico. Este foi experienciado por quem participou, foi experienciado de outro modo quando foi recordado e, ainda, de outro modo por quem leu relatos em jornais. Isso significa que a identidade do evento foi sustentada por todos esses modos experienciados.

A identidade das coisas é nos dada por meio de suas múltiplas manifestações. Isso significa dizer que a identidade transcende, ela vai além dela mesma. É algo que não conseguimos colocar em nossas mãos ou vê-la, uma vez que ela sempre revela e esconde a si mesma, além de poder ser dada inúmeras vezes. O papel da filosofia, então, é assegurar a realidade dessas identidades, demonstrar que elas são múltiplas e escorregadias quando tratamos de um componente do que estamos experienciando. A fenomenologia nos auxilia a preservar a realidade e distinção de cada uma dessas identidades, evitando reducionismos (SOKOLOWSKI, 2014).

Outro ponto interessante é a presença de mais um observador sobre a mesma coisa. Nesse caso, incluímos a dimensão da “**intersubjetividade**”. O que significa dizer que um objeto é dado para outras pessoas por meio de suas multiplicidades, que são diferentes das quais percebemos. No entanto, continuamos a ver o mesmo objeto, por meio de pontos de vista que não compartilhamos.

Notamos assim, que uma análise fenomenológica consiste em alcançar a tal identidade em multiplicidade das coisas. Além disso, ela demonstra a mistura do que é presente e do que é ausente e, assim, busca as intenções cheias e as vazias acima mencionadas. Neste íterim, um outro conceito elucidado é a “**intuição**”. Tal palavra entraria para o vocabulário fenomenológico, não como algo mágico ou místico, mas sobre aquilo que intencionamos na ausência.

Retomando o exemplo do evento, pensamos nele ao seu final: nós podemos recordar determinadas situações, mas em um tipo diferente de ausência; agora, ela é presenteada pela memória, e não pela antecipação, sem perder de vista o alcance da multiplicidade em questão. A filosofia tem, portanto, um apreço por aquilo que não é visto. Explicamos melhor: as presenças adotam um sentido mais profundo quando são vistas, filosoficamente, quando são feitas contra a ausência. Todavia, compreendemos nos parágrafos anteriores que a identidade não é dada apenas na presença, nós também a intencionamos e, assim, exercemos nossas intenções vazias. Por isso, consideramos “um prato cheio” para a análise fenomenológica — alcançar para além do que podemos observar.

Para conseguirmos tal análise, precisamos identificar, antes de tudo, nossa “**atitude natural**” de observação, atitude essa que ocorre quando estamos imersos em nossas rotinas, quando intencionamos as coisas, as situações ou os fatos. Ao nos percebermos como observadores cotidianos, podemos então entrar na “**atitude fenomenológica**”, uma atitude que nos permite refletir sobre a atitude natural e perceber todas as intencionalidades que nela ocorrem. Um modo reflexivo. Um descrever analiticamente as coisas e as crenças. Suspendemos aquilo já posto, tomamos distância dos nossos juízos, sem perdê-los de vista. Contemplamos as coisas sem exercer nada. Nos movimentamos como observadores imparciais de uma cena, como espectadores de um evento (SOKOLOWSKI, 2014).

Tal atitude nos permite uma contemplação do que é ser um participante no mundo e suas manifestações. Conseguimos discernir o que são as nossas intenções, as nossas convicções, para então, exercer uma vida filosófica. Essa atitude é também chamada de

“*redução fenomenológica*” e vamos aprofundá-la em capítulos adiante, como parte de nossas trajetórias metodológicas.

Dessa maneira, ainda com termos bastantes abstratos, conseguimos alinhar alguns conceitos e incorporamos alguns ideais que veremos no próximo desfile teórico: o universo de Merleau-Ponty.

1.1.3 O universo merleau-pontyano

Como visto, a fenomenologia é o estudo das essências, é uma filosofia que volta a inserir a essência na existência. Trata-se de uma tentativa de **descrição** das nossas **experiências**, sem relativa consideração às explicações científicas, mas, sim, ao como as percepções se constituem:

as essências de Husserl devem trazer consigo todas as relações vivas da experiência, assim como a rede traz do fundo do mar os peixes e as algas palpitantes (MERLEAU-PONTY, 2018, p.12).

Merleau-Ponty, inicia um processo de reflexão que perpassou questões como: O que nos “toca mais”? O que nos “toca primeiro”? O que “nos atenta mais” estando em um mundo ainda sem nenhuma ideia pré-concebida sobre ele? A percepção que temos das coisas chega até nós por via da sensibilidade ou pelo nosso pensamento já elaborado? (SILVA, 2011).

Para Merleau-Ponty (2018), a **percepção** é nosso primeiro contato com as coisas e é por meio de uma **relação sensível** que as reconhecemos antes de uma elaboração do pensamento teórico ou uma utilização prática. Por razões diversas, fugimos desse contato primário e sempre tentamos refazê-los do ponto de vista intelectual. Nossa cultura, em especial a ocidental, nos ensinou que a chamada “verdade” é algo do pensamento, mas nossa forma de estar no mundo, antes de uma elaboração intelectual, é pelo sentir (SILVA, 2017). O filósofo considera, de tal modo, que o mundo não é aquilo que pensamos, mas, sim, o que vivemos. Por isso, é necessário observarmos nossas incorporações habituais e duvidar das “verdades” que idealizamos: “a unidade de mundo, antes de ser posta pelo conhecimento e em um ato expreso de identificação, é vivida como já feita ou já dada” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.15).

Merleau-Ponty (2018) arquiteta o modo de existir do corpo como “ser-no-mundo”, o recinto de nossas experiências e, simultaneamente, como um campo de percepção. Uma

relação ambígua: o mesmo corpo que toca, também é tocado, não apenas sinestesticamente, mas por experiências afetivas. Esta relação “corpo-mundo” não se separa. O mundo percebido não é, desta forma, somente um resultado de pensamentos (atos), o mundo se doa a nós, é uma manifestação “em-si-para-nós”, uma coexistência do corpo com o mundo.

A noção apresentada de “corpo-próprio” mostra-o como veículo do ser neste mundo, o que nos une ao ambiente, o que nos incentiva em nossos projetos pessoais. Esse movimento é o que traz certa consciência de corpo, o que nos faz perceber os objetos à nossa volta:

esmagando minhas intenções perceptivas e minhas intenções práticas em objetos que finalmente me aparecem como anteriores e exteriores a elas e que, todavia, só existem para mim enquanto suscitam pensamentos e vontades em mim (MERLEAU-PONTY, 2018, p.122).

Em um exemplo mais prático, o filósofo progride trazendo considerações sobre um sujeito o qual teve um membro amputado. Quando este encontra um objeto de manejo, percebe seu corpo atual diferente do corpo habitual — que antes poderia manejá-lo:

Como posso perceber objetos enquanto manejáveis, embora não possa mais manejá-los? É preciso que o manejável tenha deixado de ser aquilo que manejo atualmente para tornar-se aquilo que se pode manejar, tenha deixado de ser um manejável para mim e tenha se tornado como que um manejável em si. Correlativamente, é preciso que meu corpo seja apreendido não apenas em uma experiência instantânea, singular, plena, mas ainda sob um aspecto de generalidade e como um ser impessoal. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 123).

Em um momento de transcendência e indagação infundável, o filósofo, em *O olho e o espírito*, complementa a noção do ser tocado e do tocante, inclui o ideal do vidente e do visível, e compreende que a potência motora do corpo e sua relação direta com o mundo podem ser realizadas também em obras expressivas, tais como as obras artísticas (uma pintura ou uma dança), um gesto corporal que abarca a visão — enfim, aquilo que os indicadores da visibilidade não estão no sujeito em si, mas, também são dadas pelo objeto observado (FALABRETTI, 2012).

O sujeito da percepção é, portanto, o corpo. Todo pensamento de algo é também um processo de consciência de si, é por meio da experiência e da reflexão que reconhecemos a nós mesmos. É pelo corpo que nos engajamos no mundo e é por onde se compreende a percepção. Para Merleau-Ponty (2018), o universo é edificado sobre “o **mundo vivido**” e,

ao tentarmos fazer ciência, precisamos despertar previamente essa experiência do mundo. É um movimento de descrição pura, de retorno às coisas mesmas, excluindo procedimentos de análises reflexivas. O mundo está ali antes de qualquer análise que possamos fazer dele.

Tal reflexão pode seguir em sentido contrário de uma constituição: “o mundo é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo. O real deve ser descrito, não construído ou constituído” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.5). Como aponta o próprio filósofo, a tarefa da filosofia é reaprender a ver o mundo e, para isso, um conto narrado pode significar o mundo.

Merleau-Ponty investe na experiência do sentir como modo de conhecimento ligado ao corpo, e se afasta de um pré-conceito ou um dado físico. Identificamos, então, que o fenômeno se mostra aos seres humanos e estes percebem a sua existência pela capacidade sensorial. É por meio do **sensível** em que “damos sentido” ao que conhecemos: é como as coisas “nos afetam”. Ao apreendermos uma “sensação” na perspectiva de fenômeno corporal, encontramos um conjunto de funções variáveis dotadas de um sentido e não apenas de um “corpo psíquico”.

Posteriormente, Merleau-Ponty se atenta à relação, não somente com o outro e com o presente vivido, mas com a história pessoal. Aqui o filósofo trata da compreensão do passado — que nunca será igual e de perfeito entendimento, de quando o vivemos. Isto se deve ao fato de que após sequências experimentais da vida e mais clarividência, compreendemos as coisas de maneiras outras e, dessa forma, construímos o passado. Nóbrega (2016, p. 43), complementa: “a compreensão de nossa própria vida é escorregadia e está em constante transformação entre passado e presente e o sentido que atribuímos aos acontecimentos”.

Em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo questiona a **racionalidade**. Para ele, a consciência de si são rastros de percepção. Essa relação entre sujeito e objeto permite a explicação dela própria, não podendo descrevê-la fora dessa relação. É um processo de reflexão de que a experiência nada mais é do que uma redução das coisas ao pensamento das coisas. A consciência “de si” se aproxima ao inconsciente, uma vez que a existência não é posse, e sim um ato: ser, ou o que tenha a intenção de ser. É na experiência corpórea-emocional que nos colocamos em contato com o mundo e com o outro, ou seja, uma experiência sensível, por meio de uma ligação entre o ato e o sentir. Em sua visão, vivemos em um mesmo mundo, sentimos de maneira pessoal/íntima e, então, nos relacionamos com o outro pelos atos (**intersubjetividade**).

Parece-nos, portanto, que, por suas características interrogativas, a filosofia exige uma paciência sobre o pensamento. Além do próprio Merleau-Ponty (2018) destacar a importância da “demora” na leitura, percebemos a necessidade de uma “digestão” dessas ideias para fazer sentido ao pensamento até conseguirmos entender como e de que forma isso avança com nosso estudo.

Nóbrega (2016) ameniza alguns de nossos anseios e diz que Merleau-Ponty autoriza um certo “fazer filosófico” não apenas por ideias absolutas, mas a partir de variadas perspectivas e transformações que acontecem em nós e na cultura. Ele nos apresenta um novo modo de dialogar com o mundo, por meio da arte, da psicanálise e das ciências humanas.

A incorporação fenomenológica se faz, então, na indagação. É na transcendência enquanto seres-no-mundo que nos abrimos para as relações. É pelo ato de contemplação dos fenômenos que iniciamos uma vida filosófica. No meio deste processo de doutoramento, por vezes, teimei em sistematizar e esquematizar os conceitos aqui tratados. Era minha vontade amarrá-los, mastigá-los e entregá-los como um manual: prontos para serem compreendidos! Mas, como parte dessa trajetória contemplativa-reflexiva, a famosa frase de Sócrates “só sei que nada sei!” fez todo sentido.

Neste ponto, rendo-me a mais uma tentativa de “costurar” todos esses fundamentos. Desta vez, não com o objetivo de determinar um esquema teórico representados por linhas retas com começo, meio e fim, mas, com questões abertas (nem todas respondidas) que guiaram nossos caminhos e olhares:

- “É possível uma **descrição** íntegra de nossas **experiências**?”
- “**O que nos toca** mais em um evento esportivo?”
- “Com o que se **relaciona** nossas **percepções** em um evento esportivo?”
- “Como que a **identidade** do evento é dada em sua **multiplicidade**?”
- “Como despertar e resgatar as experiências do “**mundo-vivido**” em um evento esportivo?”

1.2 Fenômeno Esporte: por um sentido mais humano.

Neste “abrir portões” de nosso evento chamado “tese de doutorado”, após apresentar nosso olhar filosófico, preferimos abordar e apresentar nossa opção frente ao

polêmico conceito “esporte”, o qual vem sendo pauta de críticas e discussões epistemológicas nas últimas décadas no Brasil (BORGES e PORTILHO, 2021; SOBREIRA, NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2020).

Consideramos o esporte um fenômeno complexo e, portanto, merecedor de pesquisas sob a perspectivas de variadas áreas do conhecimento. De antemão, é necessário entender que ele faz parte da cultura, apresentando-se em diferentes âmbitos de nossa vida. Por isso, não estranhamos que instituições políticas e econômicas estão atentas aos seus desdobramentos populares (BORGES e PORTILHO, 2021).

Seria possível elaborar uma outra tese se listarmos, refletirmos e discutirmos sobre os diferentes interesses que os cercam: pedagogia, biomecânica, sociologia, psicologia, lazer, filosofia, história, entre outros. Em nossa concepção, esses estudos fortalecidos por bases teóricas coerentes vêm possibilitando panoramas que nos permitem desvendá-lo conforme as demandas emergentes de nossa área de atuação — a Educação Física.

Neste sentido, não queremos propor que para dialogarmos sobre um determinado assunto, precisamos compreender e dominar todos os seus desenvolvimentos, mas também, não podemos minimizar um fenômeno a uma única linha epistemológica. Assumir uma postura reducionista é nos limitar diante de um mundo transitório, que sofreu modificações e que sempre está projetando novos horizontes.

Percebemos que as imposições quantitativas de produtividade no ambiente acadêmico têm sobressaído frente às necessidades epistêmicas dos cursos de graduação ou de pós-graduação (TANI, 2016) e, desta forma, afetado de modo incisivo na relação da ciência com a formação humana. Bento (2008) argumenta que precisamos fazer com que elas caminhem juntas, e que preparem profissionais criativos e mais humanos acerca dos obstáculos socioculturais. Diferente disto, o que presenciamos é um sucateamento da produção do conhecimento, influenciado por critérios de avaliação cujos objetivos estão justamente na quantidade e na competição, distanciando de premissas educacionais e efetiva contribuição da ciência para com a sociedade (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2020).

Dada a precária situação nacional em que as pesquisas científicas vêm se instituindo, aliada às críticas que reduzem um fenômeno a um único conceito, como “verdades absolutas”, presenciamos no decorrer deste processo de doutoramento situações que poderiam desvalorizar estudos reflexivos baseados em correntes filosóficas, com

argumentos utilitaristas de produção, ademais de tentativas de invalidação de novos pensares por pesquisadores que não aceitam conceitos diferentes dos quais eles defendem.

Por isso, sentimos a necessidade de apresentar um posicionamento e a nossa escolha sobre o conceito “esporte”, na esperança de que essa tese seja compreendida contemplando o seu “plano de fundo”, isto é, as teorias que nos embasaram.

De tal modo, ainda que alguns autores nacionais tenham dividido a concepção de esporte em diferentes objetivos, como Bracht (1997) e Tubino (2003), que o distinguem entre participação e alto rendimento, coadunamos com as dimensões propostas pela obra de Kunz (1994), que defende uma “não restrição conceitual” do esporte.

Kunz (1994) que, entre outras bases, transita pela fenomenologia, propõe que o entendimento do esporte deveria ser ampliado frente a incorporação do “se movimentar”, possibilitando que várias atividades com menos complexidade também pudessem ser vistas como esporte. Este olhar ampliado poderia, então, democratizar o esporte, tornando-o mais praticável e menos excludente. Esta proposta tem origem nas críticas à engrenagem do fenômeno esportivo, que deduzem o sujeito a sua capacidade enquanto corpo-humano (BORGES e PORTILHO, 2021).

Ao concordar com essa visão, afastamo-nos da visão cartesiana, que atribui ao corpo uma ideia de máquina, e de intervenções pedagógicas acríicas. O esporte deve possibilitar o movimentar no sentido do encontro, do prazer, do lúdico, da superação, sem que esta concepção esteja atrelada exclusivamente ao controle corporal ou submissão de códigos gestuais e poderes dominantes (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2020). Isto posto, justificamos nossa opção por perceber o esporte tal qual o Prof. Jorge Olímpio Bento vem tratando em suas obras (2006, p. 03):

[...] um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar. Assim o ‘desporto’ encerra um sentido abrangente e maior, e não redutor e menor, como aquele que está contido na expressão ‘educação física’ ou na do ‘movimento’ ou noutras quejandas e afins.

Bento (2013) enfatiza que o esporte tem sido interpretado pelas conveniências midiáticas e econômicas, perdendo uma identidade de prática educativa e que proporciona diferentes experiências e valores. Dessa forma, ao ser encarado e estudado também como um instrumento pedagógico, o esporte pode deixar de ser reduzido a entretenimento e

mercadoria: “Ele pode e deve animar sonhos, criar símbolos, propor ideais, estabelecer princípios, construir honestidade, propor risos, efetivar a vivência do jogo da vida” (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2020, p. 333). As experiências no esporte devem ir além das modalidades esportivas institucionalizadas e culturalmente comuns nos espaços sociais, elas precisam ser incorporadas em percepções que significam nosso modo de ser no mundo, com múltiplas, fortes e relevantes percepções que contribuem com nossas transcendências pessoais e interpessoais.

Neste contexto, compreenderemos que a Ginástica para Todos, como uma prática corporal desprovida de uma regulamentação gestual e essencialmente participativa, faz parte do fenômeno “esporte”, tal qual Bento (2006, p.155) compreende: “Entendo o desporto como um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”.

Resguardamo-nos ao fato de que, para não perder a sua essência e identidade, prima-se pelo movimentar-se ginástico. Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016) advertem que é considerada uma prática, pois ela é base e elucida os movimentos diversos presentes — sobretudo, mas não se limitando — nas ginásticas: a Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica de Trampolim e Ginástica Aeróbica.

Ainda que existam outras vertentes teóricas que defendam a prática fora do contexto esportivo institucional — baseadas em diferentes correntes epistemológicas (MENEGALDO e BORTOLETO, 2020; SILVA *et al.*, 2020) —, nós acreditamos que seu cerne está no fazer gímnico plural e agregador, em que o “se movimentar” baliza as escolhas de quem a adere.

Portanto, da mesma maneira, qualificaremos os festivais ginásticos, como “eventos esportivos”, considerando sua abrangência no que diz respeito ao encontro, ao prazer, ao lúdico, ao movimento e à superação — valores que contemplam o fenômeno esporte aqui estudado.

1.3 O desfile das referências: eventos em foco

Portões abertos e público acomodado, daremos sequência a um desfile em que os eventos ganham notoriedade por sua magnitude implantada em nosso cotidiano, bem como a notoriedade vista em pesquisas contemporâneas.

Que os eventos, de uma maneira geral, estão presentes em toda nossa vida não é nenhuma surpresa. Em diferentes propósitos, vão constituindo nosso fazer social: comemorar, torcer, apresentar, conquistar, dançar, provar, competir, dialogar, entristecer, vibrar... São ações interdependentes das relações humanas e culturais.

Como momentos celebrativos e, comumente, pautados em alguma temática, são inundados de significados e perspectivas (GETZ, 2012). Inclusive, são considerados “fenômenos”, pois um evento é “um estado ou um processo reconhecido pelo sentido, ou seja, que pode ser experimentado” (GETZ, 2012. p.7). Independente da perspectiva, os eventos não são passíveis de explicação literal. Em síntese, são fenômenos temporais (com início e fim), tematizados, programados, planejados e divulgados.

Deste modo, também é de se esperar que os eventos despertem interesse de diversos campos acadêmicos. A gestão de eventos, por exemplo, cresceu ligeiramente nas últimas duas décadas (MOSS; WHALLEY e ELSMORE, 2019) e apresenta um reconhecimento acadêmico no que diz respeito aos impactos econômicos e políticos (ARCODIA e WHITFORD, 2006). Alguns livros didáticos (BOWDIN *et al.*, 2005; SHARPLES, CROWTHER e MAY, 2014) e artigos (BALLANTYNE, BALLANTYNE e PACKER, 2013) têm evidenciado que as pesquisas sobre gerenciamento de eventos estão crescendo em diferentes setores, em especial, no turismo (ANDREWS e LEOPOLD, 2013; CHANG, 2011).

Ademais ao potencial econômico, os eventos parecem oferecer espaços para experiências compartilhadas que fogem do cotidiano (MORGAN, 2008), podendo gerar diferentes emoções nos participantes (PINE e GILMORE, 2011). Tais emoções chamam atenção, principalmente por conta de pesquisadores da gestão, que têm investido no entendimento dos aspectos motivacionais e das experiências vividas na participação em eventos (BIAETT e RICHARDS, 2020; ARMBRECHT e ANDERSSON, 2019; YAZICI, KOÇAK e ALTUNSÖZ, 2016).

Em variados níveis, as experiências em eventos vêm sendo definidas entre aspectos cognitivos, conativos e afetivos (ARMBRECHT e ANDERSSON, 2019). Com base na antecipação do prazer, os participantes podem contribuir e potencializar essa experiência de um modo geral (INSCH e HOKSBERGEN, 2016). E não apenas os participantes, mas também de todas as partes interessadas: organizadores, comerciantes, autoridades locais, entre outros (PINE e GILMORE, 2011). Este trabalho de antecipar o que promove o prazer faz com que a atmosfera (TRIGG, 2020) que envolve o evento seja construída para que os

participantes tenham únicas e excelentes experiências (RICHARDS e PALMER, 2010), motivadas por diferentes propósitos: compartilhamento de experiências, sentir-se parte de um grupo e conectividade emocional (HAWKINS e RYAN, 2013; RICHARDS e PALMER, 2010).

Biaett e Richards (2020) apresentam uma interessante análise acerca dos debates sobre os estudos que envolvem “experiências em eventos” discutidos nas últimas dez reuniões da Associação de Pesquisa e Educação em Turismo e Lazer⁴ (ATLAS), no período de 2011 a 2019. Desde a primeira reunião, a atenção foi dada para uma atualização e complementação dos estudos que, até então, eram em sua maioria voltados a análises quantitativas. Desta forma, acabavam suscitando lacunas no que diz respeito às experiências sociais e pessoais. Nas discussões subsequentes, perceberam a necessidade de integrar perspectivas do visitante e do produtor nos estudos. Assim, a pesquisa qualitativa começou a ganhar mais espaço e com metodologias variadas: etnografia, pesquisas fenomenológicas, entrevistas, grupos focais, observações (BIAETT, 2015, 2018; MOSS, WHALLEY e ELSMORE, 2019). Richard e Marques (2016), por exemplo, enfatizaram a importância da atenção qualitativa aos aspectos das experiências, no intuito de medir não apenas os impactos sociais, mas também os efeitos ao longo prazo dos eventos.

Por fim, na última reunião, em 2019, a preocupação se direcionou para o “como” essas experiências podem transformar a vida dos participantes e dos organizadores. Neste sentido, as análises se voltaram ao envolvimento afetivo e comportamental na participação em eventos (BIAETT e RICHARDS, 2020).

A evolução desses estudos dentro do ATLAS e das diversas publicações coletivas e individuais demonstra um empenho nos diferentes aspectos da medição e significado acerca das experiências em eventos (BIAETT e RICHARDS, 2020). Getz (2012) alerta que os eventos não possuem apenas conexões diretas com áreas de estudo relacionadas a eles próprios, mas, por sua amplitude conceitual, abrangem disciplinas acadêmicas mais amplas, como economia e sociologia, e sugere a existência de um interessante espaço para um desenvolvimento epistemológico e metodológico. Isso significa dizer que, ao adotar lentes

⁴ A Associação para Educação e Pesquisa em Turismo e Lazer foi criada em 1991 para desenvolver iniciativas transnacionais de educação e pesquisa em turismo e lazer. A ATLAS fornece um fórum para promover o intercâmbio de funcionários e alunos, pesquisa transnacional e para facilitar o currículo e o desenvolvimento profissional. A ATLAS atualmente tem membros em cerca de 60 países.

fundamentalmente críticas, pesquisadores permitem que realidades diferentes e emergentes possam ser exploradas (MOSS, WHALLEY e ELSMORE, 2019).

Neste sentido, o progresso nas pesquisas sobre eventos está no desenvolvimento de melhores bases exploratórias, ou seja, ações metodológicas sustentadas por filosofias de pesquisas que possam oferecer múltiplas perspectivas de análise e reflexão (MOSS, WHALLEY e ELSMORE, 2019). Mais do que obter uma ótima gestão, estudar e planejar eventos é de suma importância para expandi-los como um fenômeno social e cultural, os quais podem se integrar como um serviço público. Joe Goldblatt, *expert* referenciado no livro do professor Donald Getz (2012), discorre que a importância desses estudos não se sucede somente no plano econômico, mas, atua como um instrumento de coesão social e oportunidade de mudança:

One day, public bodies and private sponsors may even link their future support to the planned events to positively impact not only the economy but also health, social cohesion, education and, of course, environmental sustainability. Therefore, it is important for institutions of higher education and the faculty and students who populate these institutions, to recognize that event studies are an opportunity for significant social change.⁵ (GETZ, 2012, p.21)

Entendemos, desta forma, que os formatos em que se constituem os eventos, podem carregar importantes funções sociais para além de suas próprias características. Getz (2012) organizou e explicou um quadro sobre plausíveis tipos de eventos, divididos por seis categorias: Celebrações Culturais; Negócios e Comércio; Arte e Entretenimento; Estado e Política; Funções Privadas; e Esporte e Recreação.

⁵ Tradução nossa: Um dia, órgãos públicos e patrocinadores privados podem até vincular seu apoio futuro aos eventos planejados para impactar positivamente não só a economia, mas também a saúde, a coesão social, a educação e, claro, a sustentabilidade ambiental. Portanto, é importante que as instituições de ensino superior e os professores e alunos que habitam essas instituições reconheçam que os estudos de eventos são uma oportunidade para mudanças sociais significativas

Quadro 1. Tipologia dos eventos

Celebrações Culturais	Negócios e Comércio	Arte e Entretenimento	Estado e Política	Funções Privadas	Esporte e Recreação
Festivais; Comemorações de patrimônios	Meetings; Convenções	Concertos; Shows; Teatro	Cimeiras;	Ritos de passagem	Ligas; Campeonatos
Carnavais	Feiras; Exibições	Exibições de artes	Espetáculo Real	Festas	Amistosos
Ritos religiosos	Mercados	Instalações	Visitas VIP	Reuniões	Eventos recreativos
Peregrinações	Eventos corporativos	Arte temporária	Militares	Casamentos	Festivais esportivos
Paradas	Educacionais; Congressos científicos	Cerimônias de premiação	Congressos políticos		

Fonte: Adaptado de *Typology of planned events* (GETZ, 2012, p.41) (Tradução nossa).

É importante ressaltar que todos esses eventos são construções sociais, mas cada um possui seu significado e intenção. O próprio autor sugere que podemos pensar um evento como “camadas de uma cebola”. Por fora, superficialmente, pode ser planejado como uma celebração, porém, por dentro, desígnios financeiros, promoção do espaço, atração turística, uma lista infinita de intenções que podem afetar diretamente os gestores, os participantes e os estudiosos (GETZ, 2012).

Nesta gama de opções, debruçamo-nos na categoria “Esporte e Recreação”. Os eventos com o viés das práticas corporais e esportivas habitualmente são fontes midiáticas no que diz respeito aos resultados que levam ao pódio. No entanto, Getz (2012, p. 205) os defendem como algo que “é muito mais do que somente ganhar!”.

As razões pelas quais as pessoas competem ou participam desses eventos são muito pessoais — saúde, rendimento, aprendizado, para fazer parte de um grupo ou para socializar. Para o autor, o que distingue os eventos esportivos de outros é o cunho estrutural, uma vez que envolvem regras, times adversários e espaços apropriados, variando conforme a modalidade. São encontros os quais, necessariamente, ocorrem alguma atividade esportiva e podem ser alocados em: a) profissionais ou amadores; b) lugares fechados ou lugares abertos; c) regulares ou um único evento; d) locais, regionais, nacionais ou internacionais; e) destinados a participantes, a espectadores ou para os dois; f) festivais esportivos, celebrações; g) de uma única modalidade ou de várias (GETZ, 2012).

Os eventos incumbem ao princípio de cada modalidade esportiva ou prática corporal, o que denota também estarem intrincados por diferentes interesses: econômico

(MATTAR e MATTAR, 2013; PITTS, FIELDING e MILLER, 1994), político (PAULSSON e ALM, 2020; SILVESTRE, 2010), mercado e marketing (YAZICI, KOÇAK e ALTUNSÖZ, 2016), previsão de resultados (WUNDERLICH e MEMMERT, 2020), gestão e logística (GETZ, 2012), legados (ANNEAR, SHIMIZU e KIDOKORO, 2019), questões pedagógicas (GALATTI, 2017; BARREIROS, COTÉ e FONSECA, 2013; BÖHME, 2011), entre outros.

No leque das possibilidades desses tipos de evento, uma categoria ainda nos chama mais atenção: os “festivais esportivos”. Todavia, para dialogarmos sobre eles, debruçamo-nos previamente na literatura vigente sobre o que tem sido estudado sobre “festivais” de uma maneira geral.

Como parte desse sistema maior chamado “eventos”, são igualmente fenômenos sociais que podem consagrar diversas comunidades e aqueles que optam por experimentá-los mesmo não fazendo parte do meio gerido (MORGAN, 2008). Do mesmo modo, são estudados em várias perspectivas e proporcionam reflexões sobre ritos, nostalgia, costumes, tradições e expressões, marcas humanas de festejo e experiências que fogem do habitual (GETZ, 2012; CUDNY 2014).

Os festivais vão sendo caracterizados a partir de relações próprias com o gerenciamento — à localidade, à instituição proponente, aos costumes familiares (GETZ, 2012). Na literatura contemporânea, essa diferença tem apontado questionamentos sobre suas categorizações, sobretudo nas pesquisas que parecem necessitar “colocá-las em caixas” para o desenvolvimento do projeto (VLIET, 2019).

As categorias elaboradas para discernir os eventos são variadas, a exemplo de Getz (2012) no quadro 1. Neste mesmo sentido, a organização *Event Management Body of Knowledge*⁶ (EMBOK), ainda propõe um conjunto baseado nas finalidades de cada evento. Skoutsos e Tsartas (2010), desenvolvem suas classificações pelo tamanho: megaeventos, *hallmark*, locais, dentre outros.

Após refletir sobre algumas dessas diferenças, Vliet (2019), com atenção ao termo “festival”, propõe a seguinte definição:

A festival is a gathering of a relatively large group of people in a specific public place and during a defined period, where visitors are offered a unique experience

⁶ O EMBOK é uma descrição tridimensional dos conhecimentos e habilidades essenciais para criar, desenvolver e realizar um evento. Para saber mais acesse: <https://www.embok.org> [Acesso: 31 de agosto de 2021]

that is planned and organized based on a certain goal and where use is made of transformations and play so visitors have the possibility to behave and feel differently than during their everyday reality.⁷ (p. 9)

Por sua vez, Cudny (2014, p. 643) revela que “um festival é um fenômeno socioespacial organizado, ocorrendo em um tempo especialmente designado, fora da rotina cotidiana, moldando o capital social e celebrando elementos da cultura humana tangível e intangível”. Gibson e Stewart (2009), se referem ao festival como “um ponto de convergência”, locais que oportunizam encontros, contatos entre pessoas interessadas na mesma atividade.

Anuímos com Vliet (2019) que, mesmo propondo tal definição, reflete sobre o fato de que é complexo decretar uma única descrição ao termo “festival” e, por isso, podemos avaliar as características que os envolvem, notando que os limites são tênues e, em muitos casos, híbridos.

Em um estudo pautado em uma revisão de literatura pelas plataformas *Leisuretourism.com* e *Hospitality and Tourism Index*, ambos da área do turismo, Getz (2010) avaliou 432 artigos publicados sobre a temática “festivais”. Os maiores destaques desses estudos foram: “significados e impactos na sociedade”; “festivais e turismo”; e “gerenciamento de festivais”. Verificou-se que estudos sobre festivais são bem instituídos na antropologia e na sociologia. No setor do gerenciamento, os organizadores estão interessados sobre suas disposições, programações e várias interações humanas que afetam seus “clientes”. As publicações sobre motivação, sobretudo, de revisão sistemática, evidenciaram que o “escapismo” é um dos principais objetivos da participação nesses eventos. Por fim, notou-se que apenas um artigo era referente a “festivais esportivos”, especificamente sobre a resposta dos consumidores desses eventos com relação aos patrocinadores.

Inspiradas na identificação sobre o que é estudado sob a perspectiva do termo composto “festival esportivo” realizamos duas revisões sistemáticas: uma nacional e uma internacional.⁸

⁷ Tradução nossa: “Um festival é uma reunião de um grupo relativamente grande de pessoas em um local público específico e durante um período definido, onde os visitantes têm uma experiência única que é planejada e organizado a partir de um determinado objetivo e onde se aproveitam as transformações e o brincar para que o visitante tenha a possibilidade de se comportar e se sentir diferente do que na realidade cotidiana.”

⁸ A sistematização dos achados foi compilada e mediada por mim para a elaboração de manuscritos independentes para publicações submetidas em periódicos.

Na primeira pesquisa, buscamos estudos nos periódicos brasileiros cujo escopo fosse da Educação Física e Esporte, pelos termos “festival esportivo” e “festival”, no período de 2000 a 2020. Consideramos 17 artigos que nos mostraram que existe uma preocupação no que diz respeito ao trato pedagógico na organização dos festivais, a valorização dos participantes e devida atenção aos aspectos esportivo-formativos, além de surgirem como possibilidade de desenvolvimento das práticas corporais a eles vinculados. Não identificamos definições ou significados inerentes ao uso da terminologia composta pesquisada. E, no que se refere ao Brasil, os estudos parecem incipientes nestes 20 anos (PATRICIO, MOTA e CARBINATTO, 2021).

Na pesquisa internacional, buscamos pelo termo “*sport festival*” e suas variações no plural, em quatro bases de dados, pelo mesmo período (2000 a 2020). Reunimos 75 estudos publicados em inglês, que variaram seus escopos entre: Educação Física e Esporte; Negócios e áreas afins; Medicina; Turismo; Educação; Ecologia; Odontologia; Psicologia; e Sociologia.

Como esperado, os artigos referentes a nossa área — Educação Física e Esporte — tiveram maior destaque: 33 estudos. Em concordância com o que temos visto sob o crescimento de publicações sob os aspectos de gerenciamento de eventos (BALLANTYNE, BALLANTYNE e PACKER, 2013), uma das temáticas complementares que se destacou estava a “gestão”, assim como os trabalhos da Educação Física subsidiados por bases teóricas sociológicas, também sobressaíram.

De uma maneira geral, essas produções não conceituaram o termo “*sport festival*” e, como limitação de ambas as buscas, a observância de que o termo mais comum e com um número muito maior de produção científica poderia ocorrer como “*sport event*” ou “evento esportivo”. Acreditamos que esta constatação se deve ao fato de a terminologia “evento” ser mais abrangente, abarcando as diversas categorias existentes (copa, torneio, festival, comemoração...) e, conseqüentemente, os megaeventos esportivos tais quais: Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos, Jogos da Juventude, *Super Bowl*, entre outros. Esses eventos, em específico, são caracterizados pela magnitude esportiva, midiática, econômica e política, e por isso são objetos de muitas produções científicas em todo o mundo (ANNEAR, SHIMIZU e KIDOKORO, 2019; THOMSON *et al.*, 2018; MASCARENHAS, 2016; LENSKEYJ, 2014; JUDGE *et al.*, 2011).

Com base neste desfile bibliográfico, aliado à nossa experiência com um tipo específico de festival esportivo, sugerimos para este estudo um entendimento que nos

acompanhará: *“Os festivais esportivos são eventos que reúnem grupos em um local específico, com período e objetivos definidos, permeados pela ludicidade e apresentam envolvimento com uma prática corporal e/ou esportiva.”*

A partir deste entendimento, o próximo tema que será apresentado afunila para um tipo de festival ainda mais específico: **os festivais ginásticos.**

1.3.1 Os festivais ginásticos

Complementando nosso desfile, apresentaremos um tipo mais específico de festival esportivo. Todavia, precisamos nos ater a algumas características sobre determinadas práticas corporais, bem como ao olhar teórico que lançamos para elas. Tal cuidado se faz necessário pois, além de posicionar nossas escolhas acerca dos referenciais, consideramos de suma importância indicar que sabemos da existência de outras bases teóricas e que, compreendendo-as minimamente, aderimos a que melhor se ajustava às nossas reflexões.

Como vimos previamente, observamos uma vasta oferta no que diz respeito aos diferentes esportes e práticas corporais. Teóricos dedicam suas pesquisas na compreensão dos mesmos e, inclusive, buscam classificações que possam categorizá-los a depender das bases epistemológicas. Para nosso estudo, consideramos o conceito amplificado de esporte embasados por Kunz (1994) e Bento (2006) e concordamos com Best (1988) no que diz respeito aos esportes estéticos: aqueles em que “o objetivo não pode ser especificado isoladamente da estética” (p. 480), como por exemplo, o nado sincronizado, a patinação artística e a ginástica rítmica...

Nos “esportes estéticos”, os praticantes são observados por seu corpo em movimento, pela sua excelência e pela beleza de sua atuação. Mesmo que exista uma avaliação da quantidade de movimentos de dificuldade, a fluidez de execução e as sequências entre eles são aspectos importantes a serem analisados. Outro ponto considerado está no desperdício de energia e movimentos supérfluos, os quais devem ser evitados para que os praticantes possam realizar uma tarefa específica, mais precisa e concisa (BEST, 1988).

Em eventos de esportes estéticos, assim como outros, as performances são mostradas para um público e em alguns casos, para uma comissão julgadora. De atleta de alto nível a participantes com todos os níveis de habilidade, espera-se um diálogo entre movimento, aparato (ou mãos livres), música e/ou ritmo durante a performance. Mesmo

focando em apresentação ou competição, uma ideia prevalece nos eventos de ginástica: o ginasta ou o grupo deve realizar uma composição que pode ser julgada ou apenas apreciada.

Apresentamos, então, os “festivais ginásticos” que compõem este desfile inaugural como eventos com características essencialmente gímnicas, nos quais as diferentes expressões da área podem fazer parte — seja no âmbito da alta performance ou da participação. Esses eventos são considerados “*participant event*” entre algumas categorias propostas por Getz (2012), uma vez que são criados para que os participantes estejam inteiramente envolvidos — apresentando, competindo ou assistindo. Isso está em consonância com a definição de festival proposta por Cudny (2014): são momentos elaborados para que os participantes saiam da rotina e experimentem diferentes sentimentos e emoções. Em díspares contextos, encontramos festivais ginásticos escolares, clubistas, universitários, federativos, regionais, nacionais e internacionais e com objetivos que se diferenciam entre: apresentações de encerramento letivo; celebrações; treinamento; divulgação; entre outros.

Em especial para a Ginástica para Todos (GPT), prática gímnica essencialmente não-competitiva, o que temos visto é que os festivais ginásticos são oportunos espaços para a efetivação e a apresentação de trabalhos elaborados nos cernes de cada grupo, bem como um momento de interação social e aprendizado (SILVA, MENEGALDO e BORTOLETO, 2021; CONTESSOTO *et al.*, 2021; PATRICIO e CARBINATTO, 2021; CARBINATTO e EHRENBORG, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; PATRICIO *et al.*, 2019; PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016; PATRICIO e BORTOLETO, 2015).

Por sua vez, para as modalidades competitivas de ginástica, os festivais podem fazer parte da formação competitiva, nos quais os jovens atletas têm a oportunidade de vivenciar determinada prática sem o rigor de um regulamento fechado, além de promover outras aprendizagens (não melhores, nem piores) distintas da competição (REIS-FURTADO, 2020). Para atletas de alto nível, os festivais podem promover momentos de treino (testar uma série ou um novo movimento) ou até mesmo como um “relaxamento” (a atmosfera festiva pode trazer descontração para o participante). Por fim, no período de aposentadoria do alto rendimento, isto é, após a finalização da carreira competitiva, os festivais ginásticos podem contribuir para momentos de demonstração e/ou reconhecimento, bem como de motivação para continuarem na prática com outro objetivo que não o de máximo rendimento (BARREIROS, COTÉ e FONSECA, 2013; CONTESSOTO *et al.*, 2021).

A importância da prática gímnica no viés da demonstração remonta a origem da Federação Internacional de Ginástica (FIG), entidade responsável por grande parte do desenvolvimento dessa prática internacionalmente. Seu criador Nicolas Cupérus, obtinha um especial apreço por essas práticas e acreditava que a FIG deveria promover a ginástica não-competitiva. No entanto, suas ideias foram, ao longo da história, rapidamente relevadas em função do processo de esportivização gerado ao longo do século XX (SILVA *et al.*, 2021), abrindo espaço para a organização das seis modalidades voltadas ao alto rendimento: Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica de Trampolim (GT), Ginástica Aeróbica Esportiva (GAE), e a Ginástica Acrobática (GACRO) (SCHWIRTZ, 2006; PATRICIO, 2016; MENEGALDO, 2018; LOPES e CARBINATTO, 2018).

Schwartz (2006) assinala que a GPT vem sendo institucionalizada (SILVA *et al.*, 2020) pela Federação por meio da efetivação da Ginastrada Mundial (GM), um festival com caráter não-competitivo, realizado a cada quatro anos, com participação irrestrita⁹ (FIG, 2019). A primeira edição aconteceu em 1953, em Roterdã (Holanda), movida por um evento chamado “*Lingradas*” (LANGLADE e LANGLADE, 1986; MECHBACH e WANEBERG, 2011).

Sabemos de um apreciável número de eventos de grande porte, principalmente no âmbito da Ginástica (PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016). Contudo, com a pouca visibilidade midiática – principalmente nacional –, e até mesmo com a escassez de pesquisas acadêmicas nessa área (PATRICIO, MOTA e CARBINATTO, 2021), esses festivais têm passado como eventos desconhecidos pela população brasileira, incluindo especialistas da área dos esportes.

Alguns desses eventos possuem tradições que precedem à própria Ginastrada Mundial. Especialmente na Europa, despontaram em diferentes países, como o festival Deutsches Turnfest (Alemanha desde 1860), Landsstaevne (Dinamarca desde 1862) e Slets (República Tcheca desde 1882). Em cada país, as apresentações demonstram condições do contexto sociopolítico e permitem a compreensão das singularidades de cada um deles (ROBAUL, 2003; EICHBERG, 2004; GAJDOS, PROVAZNIKOVA e BANJAK, 2012; KAIMAKAMIS *et al.*, 2011; PFISTER, 2010; PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016). Alguns autores os chamam de festivais culturais, pois contemplam

⁹ O evento será detalhado no capítulo 2.2

danças folclóricas, desfiles, jogos e brincadeiras populares, música, e os campeonatos de ginástica, para além das demonstrações gímnicas (QUITZAU, 2015; GAJDOS, PROVAZNIKOVA e BANJAK, 2012).

Ao tratarmos do cenário nacional, também observamos um considerável número de festivais ginásticos, no entanto, com diferentes características desses anunciados. Essas diferenças resultam, principalmente, de um caminhar histórico desses eventos, que acompanhou o movimento gímnico no Brasil: a imigração dos Europeus no início do século XIX e XX, o período militar e a organização institucional e universitária da GPT no final do século XX até os dias de hoje (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO, 2020; PATRICIO, 2016; PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016; QUITZAU, 2015; 2013).

Os festivais ginásticos nacionais também ocorrem em distintos espaços sociais (escolas, clubes, federações e universidades), contemplando diferentes objetivos, mas que, fundamentalmente, não perdem de vista a comemoração e a divulgação da ginástica como um todo (SANTOS, 2009). Entre os mais antigos e de importância histórica, destacamos o FEGIN (Festival de Ginástica e Dança), realizado na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, gerido pelo professor Carlos Rezende, que, posteriormente, assumiu o primeiro Comitê de GPT na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO, 2020). Este festival se tornou o festival oficial e anual da CBG, compondo-se como um evento que também credenciava grupos para a participação da Ginastrada Mundial (PATRICIO, 2016).

Com a alteração do comitê de GPT na CBG, em 1992, foi aprovado a realização do primeiro GYMBRASIL — como o festival de GPT oficial e anual da instituição (SANTOS e SANTOS, 1999). Com as eleições e mudanças na composição das gestões subsequentes, o festival perdeu sua periodicidade, contudo, ainda hoje é organizado pela CBG (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO, 2020). Assim vemos que o evento, embora ainda pouco relevante para a entidade quando comparando com as competições nacionais, segue no calendário oficial e vem se desenvolvendo paulatinamente (CBG, 2021).

Quadro 2. Festivais GYMNUSP

ANO	LOCAL
1992	Nova Friburgo - RJ
1993	Guarulhos - SP
1994	Aracaju - SE
1996	Porto Alegre - RS
1997	Aracaju - SE
2009	Nova Friburgo - RJ
2012	São Bernardo do Campo - SP
2013	Piracicaba - SP
2017	Campo Grande - MS
2018	Campinas - SP
2019	Caldas Novas - GO
2021	Natal - RN

Fonte: PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO (2021) e CBG (2021).

Ainda sobre o Brasil, também encontramos aqueles festivais ginásticos organizados pelas federações estaduais, tais como o GINPA (Ginastrada Paulista) da Federação Paulista de Ginástica (FPG) e o CEARÁ GYM, da Federação Cearense das Ginásticas (FCG). O primeiro deles é um dos mais antigos do País, realizado desde a década de 90, com participações que oscilam entre 500 e 1000 ginastas (TOLEDO e GARCIA, 2020). O segundo, ainda recente, completou sua quarta edição em 2019, em um trabalho do Comitê de GPT da federação Cearense com grupos universitários e escolinhas de clubes que trabalham com GR e GA no Estado.

Também é preciso mencionar a Copa Niterói, com quase 40 anos de existência. Um evento que contempla um festival de GPT e Torneios de GA e GR. Em 2019, contou com a participação de 1850 ginastas somente no festival de GPT. A Copa não é caracterizada como um evento federativo, mas possui a chancela da Federação Carioca de Ginástica. Hoje, o evento é organizado pela Prof^a. Suzana Thomas (membro do Comitê de GPT da CBG) e pela Prof^a. Isabel Roboredo.¹⁰

Outros importantes festivais ginásticos nacionais estão vinculados a dois eventos acadêmicos: o Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT) e o Congresso Nacional de Ginástica para Todos (CONGPT). O FIGPT é o maior evento de GPT da América Latina, organizado desde 2001, em uma parceria da Unicamp com o Serviço Social

¹⁰ Dados fornecidos pela organizadora Suzana Thomas.

do Comércio (SESC).¹¹ O CONGPT teve início em 2010 como um evento regional (Centro-Oeste), e, com o sucesso das edições subseqüentes, passa a ser um evento nacional, liderado principalmente pelo Grupo Cignus, da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estadual de Goiás (ESEFFEGO)¹² e parcerias que se alteram a cada edição.

Ressaltamos que há muitos festivais organizados por diferentes federações/instituições nas últimas décadas (PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016), que vêm fomentando e desenvolvendo a ginástica em nosso país. E, neste sentido, não poderíamos deixar de observar o momento histórico em que estamos vivendo causado pela pandemia da Covid-19, que abalou significativamente a vida das pessoas, bem como o movimento festivo na área gímnica.

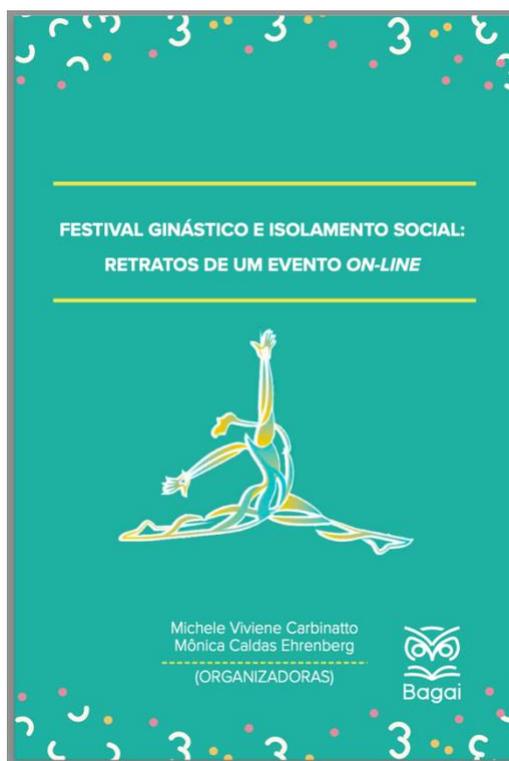
Por este motivo, destacamos a importância do IX Festival GYMNUSP, o primeiro festival online de Ginástica para Todos no Brasil, com participação de mais de 500 ginastas de 31 grupos provindos das cinco regiões do Brasil, que puderam vivenciar um novo formato de evento em um ambiente de festa e congregação virtual (CARBINATTO *et al.*, 2020). Tal feito foi tão relevante para toda a comunidade gímnica, que a comissão organizadora idealizou e publicou um *e-book* que conta toda a experiência deste cenário, bem como trouxe à tona a experiência vivida por muitos participantes, em capítulos sensíveis e repletos de informações pedagógicas (CARBINATTO e EHRENBURG, 2020).

O Festival online concebeu diversos desdobramentos e, depois dele, muitos outros festivais aconteceram no mesmo formato, como por exemplo: o Festival GEGINBA (Bahia); o Festival de Ginástica e Dança da UNIEDUK (São Paulo); Festival Virtual SESC de Ginástica (São Paulo); o Dendicasa: Festival Virtual de Ginástica para Todos (Minas Gerais); a Mostra LINEG de Ginástica para Todos (São Paulo); o GINPA (São Paulo); o VIII Festival de Ginástica e Artes Corporais da FCA “Ecos da Pandemia” (São Paulo); entre outros.

¹¹ Para saber mais acessar: <https://www.forumgpt.com/2020/#> (acesso 14 de jul. 2021)

¹² Para saber mais acesse: <https://www.congpt.com.br> (acesso 14 de jul. 2021)

Figura 7. Capa do e-book sobre o festival online GYMNUSP



Fonte: Capa do e-book (CARBINATTO e EHRENBURG, 2020)

Em um estudo específico sobre festivais ginásticos, os autores mostram que na visão dos organizadores e coordenadores, os festivais não se limitam às atividades ou à programação oficial e oferecem um leque de experiências, de vivências, de novos conhecimentos e interações (PATRICIO e BORTOLETO, 2015). Os autores consultaram 9 especialistas de diferentes países que relatam que os festivais podem ser uma oportunidade para fomentar

o gosto pela apresentação pública daquilo que foi produzido de modo íntimo e no seio de um grupo; O respeito pela diversidade/diferenças; A solidariedade e a integração; A criatividade; A ginástica como possibilidade de prática; O convívio social. (PATRICIO e BORTOLETO, 2015, p. 109).

Nesta diversidade experiencial que os festivais ginásticos podem ofertar a seus participantes, destacamos a possibilidade do “alojar-se”. Muitos deles, em especial os internacionais, são organizados com mais de um dia de evento e, por isso, é comum que os ginastas e acompanhantes se hospedem nas cidades sedes para contemplar tudo que esses eventos podem oferecer. Destacamos que, quando os participantes viajam e se alojam, as

experiências vividas podem ser intensificadas pelo fato de sair da rotina, conviver com outros participantes, presenciar rituais, conquistas, diferentes culturas, entre outras situações (PATRICIO *et al.*, 2019).

Diversos autores têm dedicado atenção a esse fenômeno de rompimento com a realidade e alguns deles os classificam como “liminóide” (TURNER, 1974). Tal terminologia se refere a um limiar, um estado que marca uma fronteira entre duas fases (LAMOND e MOSS, 2020). Entre os termos liminóide (TURNER, 1974; LIE, 2003), ritual (THOMASSEN, 2009) e experiência (SZAKOLCZAI, 2015), Lamond e Moss (2020) dissertam sobre como esse limiar faz parte dos grupos sociais e complementam diretamente os estudos sobre eventos, considerando as dimensões experienciais dos participantes. De acordo com os autores, a natureza comemorativa dos eventos pode proporcionar um “espaço-tempo liminóide”, onde as pessoas se sentem mais confortáveis e desinibidas para se abrirem para novas vivências e ideias, permitindo também, um senso de vínculo social e amistoso, que superam certas fronteiras sociais.

Voltando aos festivais ginásticos, a pesquisadora alemã Dra. Angela Wichmann (2020), por exemplo, investiga o processo de participação de um grupo adulto na Ginastrada Mundial de 2011, identificando a experiência liminóide neste coletivo. A autora investiga as modificações temporárias que vão sucedendo, principalmente no transporte de ida e volta, um rompimento com a vida comum, um “desprender-se” dos assuntos de família e trabalho. Os participantes vão se conectando com o festival à medida que vão chegando e vivendo o evento. Da mesma forma, vão “voltando a realidade” conforme se dão conta que o festival está terminando.

As peculiaridades de cada evento podem influenciar diretamente a experiência vivida dos participantes e, no caso deste estudo, a Ginastrada Mundial (GM) nos chama atenção por sua estrutura organizacional e a preservação da natureza massiva e não-competitiva. Deste modo, a GM abrilhantará nossa tese mais adiante, momento em que apresentaremos suas principais características e curiosidades, a fim de descrevê-la como o lócus de nosso trabalho.

1.4 Nossos objetivos

O meu íntimo envolvimento nos festivais ginásticos acoplado a questionamentos acerca da Educação Física e da prática da Ginástica para Todos despertou um profundo interesse em entender os festivais. E não somente como mais um espaço de prática, mas como fenômenos vividos por corpos outros.

Compreendemos ao longo desse desfile, que a experiência vivida é nossa forma mais pura de conhecimento. É por nossas relações corporais que vamos identificando o mundo em que vivemos, que reconhecemos os outros, que aprendemos e significamos as coisas. Neste entendimento, outras questões também nos seguiram até aqui: a) existe uma congruência entre as experiências nos eventos? E nos eventos esportivos? b) Por que as pessoas se organizam para poder participar de um festival?

Partindo dessas questões e da minha participação pessoal em três edições da Ginastrada Mundial (2011, 2015, 2019), construímos nossos objetivos. Para além do desenvolvimento de uma tese reflexiva sobre experiência buscamos:

1) identificar as experiências vividas por um grupo formado por adultos que participou da Ginastrada Mundial em 2019.

2) compreender como essas experiências se configuraram nos relatos dos participantes.

1.5 Construindo nosso evento

Após esta longa e importante cerimônia de abertura, encontraremos no capítulo a seguir nossas “**Ações exploratórias**”, momento dedicado aos processos escolhidos na identificação do fenômeno. Neste, apresentaremos uma sequência de procedimentos que nos permitiram reunir um denso e delicado material informativo e que nos suscitaram indagações e reflexões, resultando este corpo dissertativo.

Em seguida, apresentamos as “**Encantamento, aprendizado e convívio: descrevendo meu mundo vivido**”. Como autora deste estudo, pude olhar para minha historicidade e observá-la, tal qual a atitude fenomenológica propõe. Pude trazer à tona minhas experiências que, nas reflexões que iremos apresentar, complementam a “verdade da identidade” do nosso fenômeno estudado: a experiência vivida na Ginastrada Mundial.

No capítulo **“O corpo no evento esportivo: por um novo sentido de estar no mundo”**, ficamos atentas às experiências vividas em diálogo aos conceitos de corporeidade. O corpo tomou a cena como protagonista de nossas reflexões e nos apontou importantes descrições sobre esse mundo vivido em um evento de cunho esportivo.

Após este olhar atento ao corpo, chegaremos ao capítulo **“Ser-no-mundo e ser com o outro”**, em que acolhemos e entendemos que somos seres relacionais. Que nossa forma de estar no mundo é sempre em relação a alguém ou alguma coisa e, por isso, olhamos para as experiências vividas no evento em permeabilidade com as experiências outras.

Como último eixo temático, apresentaremos o capítulo **“A dor de um é a dor de todos”**, em que abordamos uma situação inusitada sobre o evento estudado, que suscitou diferentes percepções filosóficas sobre a experiência do “nós”, sobre a “empatia” e a “atmosfera”.

Por fim, chegaremos a nossa **“Cerimônia de Encerramento”**, em que caminharemos por entre os diálogos propostos durante todo o evento, identificando os aprendizados e nos direcionando para futuras reflexões.

Esperamos que tenham uma experiência encantadora!



Ações Exploratórias

2. AÇÕES EXPLORATÓRIAS

2.1 Entre filosofar e ginastificar: compreendendo a fenomenologia

A fenomenologia nos proporciona um olhar sensível para o fenômeno em questão. A escrita foi sendo desenvolvida em consonância ao fazer ginástico: uma performance que necessitou da técnica, do conhecimento, das mais puras emoções, das intensas relações e de uma especial atenção ao olhar do público. Equilibrar os sentimentos foi um desafio e tanto. Foi preciso suspendê-los para poder balancear o que nos era revelado. Encontramos o apoio na teoria que proporcionou a base para nossa tentativa de inversão de padrões. Rodopiamos entre livros, artigos, poesias, imagens, falas, olhares... manuseamos cada detalhe em trocas realizadas pelos mais altos lançamentos, mesmo sem saber ao certo como seriam as recuperações. Não esquecemos das colaborações: corpos outros que passaram por entre as dúvidas, dominaram as dificuldades, saltaram em sincronia a cada novo processo. Uma sequência não-linear de ações e sentidos, percepções e aprendizados, esforço e prazer que resultaram na tese aqui apresentada.

Merleau-Ponty (2018, p. 10) propõe que “somos do começo ao fim relação com o mundo”. No entanto, o filósofo nos ensina que para percebermos isso, é necessário suspender este movimento, colocando-o fora de cena. Como ginasta, participante da Ginastrada Mundial e pesquisadora, sentia-me mergulhada em um fosso¹³, sufocando-me entre blocos de juízos que dificultavam minha saída necessária para ver aquém do meu engajamento. Foi preciso admirar as coisas e o mundo me colocando como observadora da atitude natural e do senso comum. Foi preciso romper com a familiaridade e estranhar os treinos, os corpos-outros, as atitudes, o fazer ginástico, as viagens, os lanches... olhar para cada situação em coexistência aos blocos que poderiam dificultar o prestígio do espetáculo situacional que ocorria em minha volta.

¹³ O fosso de espuma é um equipamento que traz mais segurança e confiança para a realização de acrobacias nos treinos de ginástica. Trata-se de um espaço fundo com blocos de espuma para o amortecimento das aterrissagens ou quedas.

Entender cada situação em coexistência com meus juízos é compreender um dos maiores ensinamentos da redução fenomenológica proposta por Merleau-Ponty: a impossibilidade de uma redução completa. De acordo com o filósofo, “nós estamos no mundo e nossas reflexões têm lugar no fluxo temporal que elas procuram captar. Não existe pensamento que abarque todo o nosso pensamento” (2018, p. 11). Isso significa que parece ser impossível subordinar nossa percepção do mundo à redução, e isolá-la por completo, uma vez que é o interesse pelo mundo que nos define, reencontrando nossa presença constante nele.

Portanto, na busca por identificar o fenômeno, embasada na fenomenologia, não o encontramos límpido, mas sim, constituído como um fenômeno “que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 18). Subjetividade e intersubjetividade foram, então, uníssonas. Aceitamos, desse modo, as conexões das experiências “já que somos este laço de relações” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 18).

No processo de construção do estudo, aprendemos que as mais simples percepções tratam, portanto, de relações, uma vez que o que é “perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um campo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 27). Neste sentido, a fenomenologia nos possibilita, com seu rigor acadêmico, estudar e identificar experiências minhas e de corpos-outros, tendo em vista minha profunda relação profissional e pessoal. Experiências que muito nos dizem sobre o fenômeno, sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Para além das relações, Merleau-Ponty nos presenteia com reflexões acerca do “sentir”, apontando que “sensação” é obter qualidade sobre as coisas, sobre o que o objeto tem a nos mostrar. Isso significa que não delimitamos as sensações, mas “a tomamos na própria experiência que a revela” (2018, p. 25), sendo tão rica e obscura quanto ao fenômeno que observamos. Assim, o autor nos mostra que um corpo que pode sentir — e aqui no sentido de obtenção de qualidade —, não poderia ter outra forma de conhecer as coisas.

Neste sentido, saltamos para mais uma virtuosa reflexão: a do conhecimento. Este, por sua vez, aparece-nos com um sistema de substituições, em que nossa impressão revela outras impressões, que, por sua vez, revelam outras, e assim sucessivamente. É como uma sequência gímnica, em que uma impulsão leva a outro movimento. A ginasta nunca vai dominar o movimento por completo, mas vai ressignificá-lo a cada novo fazer. A intensidade do impulso a levará por diferentes alturas, diferentes sentidos, diferentes percepções de seu

próprio corpo em relação ao mundo. E, assim, vamos compreendendo que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.14).

Tomando como bases os conceitos acima, concebemos que o fenômeno que aqui buscamos é passível da multiplicidade de manifestações e estas são reveladas a depender dos movimentos os quais o exploramos (SOKOLOWSKI, 2014). Isso significa que, para além da atitude fenomenológica — que me proporcionou olhar por entre os blocos, elevando-me do fosso o qual estava submersa —, aderimos a uma sequência de ações intencionais que nos possibilitaram reconhecer, por diversos lados e aspectos, o mesmo fenômeno.

2.2 Contexto: a Ginastrada Mundial

Ao longo do texto, mencionamos algumas informações prévias sobre a Ginastrada Mundial (GM), mas sem nos aprofundarmos: anunciamos de modo sucinto o que é, quem a organiza e sua periodicidade. Nesta seção, dedicamo-nos a uma exposição detalhada sobre este festival internacional, descrevendo-o com maior riqueza de detalhes, com a intenção de uma aproximação, na medida do possível, do leitor com o que significa participar de uma Ginastrada.

A “*World Gymnaestrada*” — ou como chamamos em português “Ginastrada Mundial” (GM) —, é um festival oficial de Ginástica para Todos, proposto pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e organizado em parceria com um Comitê Local (da cidade sede), com a ideia principal de promover e celebrar a diversidade da ginástica em uma ambiente essencialmente não-competitivo (SCHWIRTZ, 2006; PAOLIELLO *et al.*, 2012; PAOLIELLO *et al.*, 2016; PATRICIO, 2016; PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016).

Apesar de alguns pesquisadores aprofundarem acerca da trajetória histórica deste festival (LANGLADE e LANGLADE, 1986; SCHWIRTZ, 2006; MECHBACH e WANEBERG, 2011; SANTOS, 2009; PATRICIO, 2016), não podemos deixar de reforçá-la aqui, uma vez que a intensão também é descrevê-lo.

Assim precisamos relembrar de uma figura importante dos movimentos ginásticos europeus: Per Herink Ling (1776-1839), criador da Escola Sueca e da Ginástica Ling, nomeada de Ginástica Sueca (LANGLADE e LANGLADE, 1986; SCHWIRTZ, 2006;

MECHBACH e WANEBERG, 2011; SANTOS, 2009). Em homenagem a Ling, foi realizado em Estocolmo a *Lingiada*. Este festival foi um dos primeiros eventos ginásticos a nível internacional, realizado em 1939, com participação de 7.399 ginastas provindos de 20 países (SANTOS, 2009), um evento com intuítos celebrativos e performáticos. Dez anos mais tarde (1949), o festival volta a ser promovido com o mesmo propósito: homenagear o pai da ginástica sueca e reunir ginastas de vários países em um ambiente festivo.

A segunda *Lingiada* contou com quase o dobro de participantes, 14.000 ginastas. Nesta edição, Johann Heinrich Sommer realizou uma reunião com outros membros da FIG interessados em promover um festival internacional de ginástica como este. Mas, agora, com a chancela da instituição (SANTOS e SANTOS, 1999).

A primeira Ginastrada Mundial aconteceu em 1953 na cidade de Roterdã (Holanda), com a participação de aproximadamente 5.000 ginastas de 14 países. A FIG tinha como propósito idealizar um evento para que os participantes fossem apresentar suas coreografias sem nenhuma limitação e, para isso, não haveria qualquer tipo de avaliação. De acordo com Souza (1997), “*Gymnaestrada*” significa a união de duas palavras: ginástica (*gymna*) e caminho (*strada*), assim, “caminho da ginástica”. Como um evento de promoção, massificação e incentivo às mais variadas formas de se praticar ginástica, o festival foi ganhando força a cada quatro anos:

Quadro 3. Participações na Ginastrada mundial

Ano	Localização	Federações	Participantes
1953	Roterdã (NED)	14	5.000
1957	Zagreb (IUG)	17	6.000
1961	Stuttgart (ALE)	16	10.000
1965	Viena (AUT)	26	15.600
1969	Bâle (SUI)	28	9.600
1975	Berlim (ALE)	19	10.500
1982	Zurique (SUI)	22	14.200
1987	Herning (DIN)	26	17.300
1991	Amsterdã (NED)	30	19.500
1995	Berlim (ALE)	34	19.300
1999	Gotenburgo (SUE)	37	23.500
2003	Lisboa (POR)	45	21.600
2007	Dornbirn (AUT)	53	22.000
2011	Lausanne (SUI)	55	19.087
2015	Helsinque (FIN)	53	20.473
2019	Dornbirn (AUT)	61	18.200

Fonte: Adaptado de PATRICIO (2016) e FIG (2021).

Como podemos perceber no Quadro 3, a Ginastrada nunca foi organizada fora do território Europeu, demonstrando certa monopolização de países com tradição no âmbito gímnico, bem como países com melhor estrutura e condições financeiras para sediar o evento (PATRICIO, 2016).

Adentrando em questões estruturais, o evento tem duração de sete dias, incluindo uma programação de mais de 300 horas de apresentações gímnicas de diversas naturezas. As performances são espalhadas ao longo da semana em diferentes setores:

a) **Cerimônia de Abertura:** Todas as delegações nacionais são convidadas a participar do desfile de abertura e, posteriormente, assistir um espetáculo organizado (normalmente) pelo Comitê Local. Essa cerimônia é realizada em um grande estádio (comumente olímpico), pois deve comportar o número total de participantes do festival — em média 20.000 pessoas (Figura 8).

Figura 8. Estádio para as cerimônias de abertura e encerramento



Fonte: Acervo pessoal.

b) **Performances de Grupos:** Realizados dentro de ginásios em Centros de Convenções, os grupos podem se apresentar 3 vezes durante a semana, em espaços de 14 metros quadrados (em geral), com públicos alocados em arquibancadas na frente e nas laterais do palco. Essas apresentações devem durar de 10 a 15 minutos e podem ser feitas por um único grupo ou por um coletivo de grupos (por exemplo: 3 grupos com duração de 5 minutos cada) (Figura 09).

Figura 9. Galpão para as performances de grupos



Fonte: <https://www.wg2019.at/wg2019/en> (Acesso em 05/2021)

c) **Performances na Cidade:** Também são apresentações de grupos, no entanto, em palcos espalhados pela cidade sede ou cidades vizinhas. Neste caso, os palcos são variados, com média de 10 metros quadrados e públicos acomodados em frente ao espaço de apresentação. As coreografias podem ser mais flexíveis quanto ao tempo e aos materiais (Figura 10).

Figura 10. Espaço para as performances na cidade



Fonte: acervo pessoal

d) **World Team:** Essa é uma forma bastante democrática de participação neste evento, pois, trata-se de uma coreografia de grande área, feita em campo aberto, elaborada pelos organizadores e ensaiada de maneira individual pelos participantes. Durante o evento, são realizados alguns ensaios coletivos com o intuito de localizar cada integrante no espaço. A participação é feita por um cadastro e é aberta para todos que queiram participar (Figura 11).

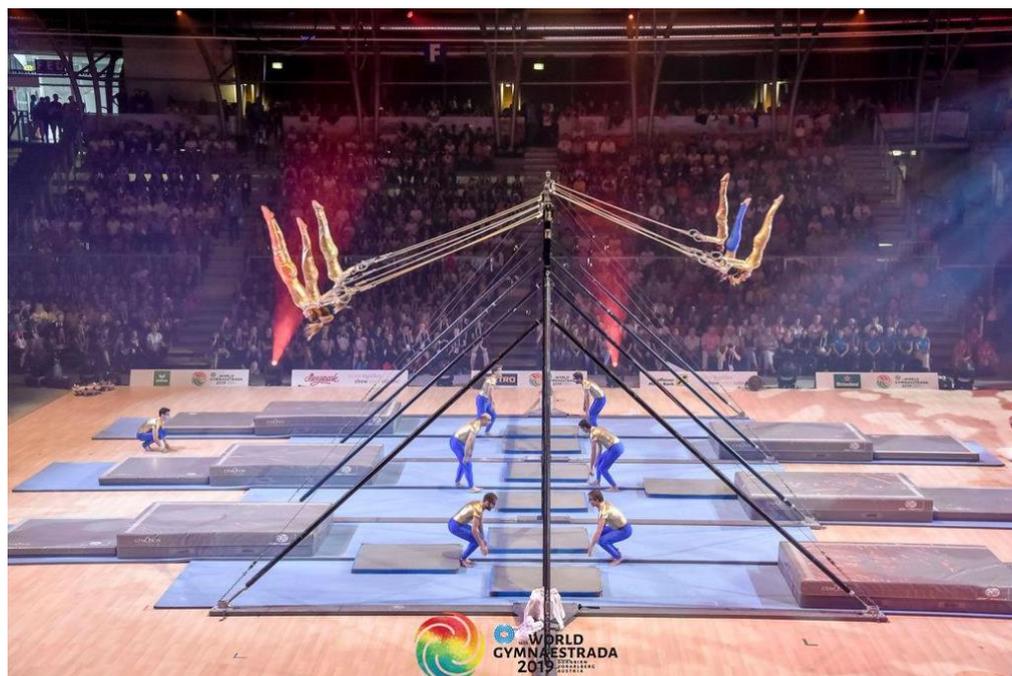
Figura 11. Espaço para o World Team



Fonte: <https://www.wg2019.at/wg2019/en> (Acesso em 05/2021)

e) **Noites Nacionais:** As noites nacionais são consideradas espetáculos gímnicos, em que uma federação ou um conjunto de federações nacionais solicitam um espaço (normalmente um grande ginásio), a fim de apresentar um show composto pelos grupos provenientes dessas federações, com efeito de luzes, cenários e figurinos, com duração de mais ou menos 1h30. Para participar de uma dessas noites, o grupo deve entrar em contato com sua federação a fim de identificar o processo e credenciamento (que é particular de cada país) (Figura 12).

Figura 12. Ginásio para as noites nacionais



Fonte: <https://www.wg2019.at/wg2019/en> (Acesso em 05/2021)

f) **FIG Gala:** A noite de gala é um dos shows mais esperados do evento. Com duração de 1h30, a FIG promove um espetáculo composto por grupos de diversos países. Cada federação pode indicar um grupo do seu país para os organizadores da FIG, os quais escolherão as coreografias que mais se enquadram no tema escolhido da edição vigente (Figura 13).

Figura 13. Ginásio para o FIG Gala.



Fonte: <https://www.wg2019.at/wg2019/en> (Acesso em 05/2021)

g) **Cerimônia de encerramento:** Assim como a cerimônia de abertura, neste evento de encerramento, todas as federações são convidadas a participar e assistir ao espetáculo final, comumente promovido pelo Comitê Local. Marcada como um momento de despedida, é comum a troca de uniformes e objetos entre os participantes, transformando o público em um arco-íris de cores, dificultando a identificação de cada nacionalidade. Um momento memorável e festivo. A cerimônia de encerramento é realizada no mesmo espaço que a cerimônia de abertura (CBG, 2021).

Como é possível perceber, o programa da Ginastrada Mundial consiste em coreografias que variam entre dez e centenas de ginastas, em diferentes espaços, com diferentes materiais, distintos figurinos e, por vivência própria em três edições, posso afirmar: com estilos musicais variados. As performances abarcam estilos diferentes do fazer ginástica, com movimentos oriundos da GA, da GR, da Ginástica Estética de Grupo, entre outras modalidades competitivas, bem como abrangem múltiplas possibilidades de acrobacias coletivas, uso de camas elásticas, elementos teatrais, elementos da dança e do circo.

Isso se deve ao fato de que o evento tem como base a Ginástica para Todos e, portanto, o festival segue os preceitos da filosofia dos quatro “Fs” propostos pela FIG: diversão, condicionamento físico, fundamentos da ginástica e amizade (*Fun, Fitness, Fundamentals and Friendship*) (PATRICIO, 2016; MECHBACH e WANEBERG, 2011; SCHWIRTZ, 2006). Por esse ideal, a instituição pretende com o evento fomentar um entendimento entre as nações, construindo pontes entre diferentes facetas da ginástica e, na mesma medida, entre os participantes.

Ainda pautados nas características da GPT, o festival promove a participação do maior número de pessoas, independente de idade, classe social, etnia, nível de habilidade e gênero. Assim, o evento foi concebido com conceitos discutidos e divulgados por muitos países Europeus no final do século XIX, em que as práticas esportivas deveriam ser valorizadas para além do âmbito único e exclusivo do alto rendimento, promovendo o lazer e a vida ativa da população de um modo geral (WITCHMAM, 2020).

Para além das apresentações, em algumas edições da Ginastrada são propostos momentos de *workshops*, os quais pressupõem vivências corporais de cunho prático e propostos a um público bem heterogêneo, independentemente da idade e das habilidades físicas. Normalmente o Comitê Local organiza um período durante a extensa programação

do evento — que não coincida com horários de apresentações —, oferecendo espaço e condições necessárias para cada curso.

Na última edição (2019), por exemplo, algumas delegações foram convidadas a propor *workshops* e, no caso do Brasil, o Comitê Nacional organizou e enviou todas as propostas provindas dos grupos brasileiros e o Comitê Local escolheu dois deles. Um momento importante para a divulgação da cultura nacional e dos trabalhos desenvolvidos pelos grupos.

Figura 14. Workshop Delegação Brasileira



Fonte: Acervo pessoal Michele Viviane Carbinatto.

Outro fato interessante é que a participação na Ginastrada Mundial não se limita aos ginastas. É possível se inscrever como “**acompanhante**”, ou seja, desde que o participante esteja inserido em um grupo inscrito no evento, ele, ou ela, pode participar acompanhando os ginastas, auxiliando o grupo como solicitado, bem como pode aproveitar o festival como um espectador visitante. É comum na Ginastrada Mundial, conhecer adultos que foram em uma primeira edição como acompanhante e que, posteriormente, voltaram nas edições seguintes como ginasta (como foi o caso de uma das colaboradoras deste estudo). Isso pode acontecer, pois, após conhecer a dinâmica do festival, percebe-se que é possível

se apresentar independentemente da idade e da habilidade física. Da mesma forma, é recorrente que treinadores(as) e professores(as) participem como “acompanhante” em grupos mais experientes para, na próxima edição, responsabilizar-se por um grupo.

Vamos perceber ao longo do texto que os acompanhantes podem desenvolver sentimentos de pertencimento, tal qual os inscritos como ginastas. Esse sentimento pode ocorrer porque o acompanhante é orientado a usar o uniforme de sua delegação, bem como a credencial — com seu nome e sua nacionalidade — durante todos os dias. Além disso, os acompanhantes podem desfilar com todos os integrantes de seu país, situação distinta de muitos eventos esportivos, em que este momento é exclusivo aos atletas.

Outro formato de participação na Ginastrada Mundial é por meio do “**voluntariado**”. É possível se candidatar para o cargo de voluntário e fazer parte da equipe de trabalho antes, durante e pós-evento. As candidaturas e as vagas variam conforme a demanda das cidades-sede, e não é um procedimento regular. Na última edição, em 2019, foram mais de 9.000 voluntários (WG, 2019) que trabalharam para que o evento fosse incrível. Em todos os pontos de hospedagem, havia grupos de voluntários (principalmente de moradores locais) responsáveis pela organização e dinâmica do local, bem como voluntários espalhados em todos os pontos do festival, sempre dispostos a ajudar e a nos receber.

Por se tratar de um evento internacional com duração de uma semana, os participantes precisam se hospedar na cidade-sede ou em cidades próximas. Dessa forma, o Comitê Local se responsabiliza pelo oferecimento de **alojamentos**, *hostels* ou hotéis. Comumente, o pacote da hospedagem inclui 8 noites e 8 cafés da manhã (pagos por cada participante na inscrição do evento).

Os alojamentos são as formas de hospedagem mais tradicionais: além de possuírem uma maior quantidade de vagas, apresentam os valores mais acessíveis. Em sua maioria, são escolas municipais, em que as salas de aulas são disponibilizadas como dormitórios e os banheiros e vestiários são compartilhados entre os grupos. Normalmente as delegações nacionais se hospedam nas mesmas escolas, mas, dependendo do tamanho e da quantidade de inscritos, é possível que mais de uma delegação esteja no mesmo alojamento.

Outra demanda é a utilização do **transporte público**. Todos os participantes inscritos no festival recebem transporte por meio de sua credencial, facilitando a locomoção dos grupos pelas localidades do evento (alojamento, centro de convenções, palcos na cidade, restaurantes, pontos turísticos, ginásios e estádios). Portanto, é fundamental que a cidade-

sede ofereça transporte seguro, de qualidade e com alta rotatividade, para comportar o deslocamento de 20.000 pessoas, durante os sete dias.

Neste ponto, incluímos a obrigatoriedade de alguns pagamentos para a participação na Ginastrada Mundial. Para a FIG e para o Comitê Local, é obrigatório para qualquer participante o pagamento da **credencial** do participante, que dá acesso às cerimônias de abertura e encerramento, ao centro de convenções (onde ocorrem as performances de grupo) e acesso gratuito ao transporte público durante todos os dias do evento.

Por sua vez, há federações nacionais que definem um pacote total para o participante (credencial + seguro saúde + alojamento + refeição) como obrigatórios. Outros, flexíveis e que incluem cada item conforme o pedido do participante. Este é o caso do Brasil que, exceto pela obrigatoriedade da credencial e do seguro-saúde oferecido pelo Comitê Local, realizou os pedidos/demandas conforme cada um dos 603 brasileiros solicitou (CBG, 2021).

Além dessas duas demandas financeiras, é obrigatório o uso do **uniforme** de sua delegação, principalmente para a participação no desfile na cerimônia de abertura. Todavia, essa é uma responsabilidade das delegações nacionais, e os valores variam de país para país.

É importante informar que o Comitê Local também oferece pacotes de **refeições** (kit almoço e, às vezes, kit jantar). Contudo, este é um gasto opcional: é de escolha de cada grupo aderir ou não o acesso aos restaurantes oficiais. Para além desse oferecimento, é possível encontrar diversos restaurantes, mercados e lanchonetes nos espaços oficiais e nos arredores do festival.

Outro serviço oferecido aos participantes, também como opcional, é o transporte do aeroporto até os alojamentos e vice-versa, chamados de **Transfer**. Esta opção é muito interessante para as pessoas que não costumam viajar internacionalmente, não sabem se comunicar na língua estrangeira, ou que pretendem uma chegada facilitada à hospedagem, sem ter que pesquisar caminhos, ônibus, trens e táxis.

Todos os valores de responsabilidade dos organizadores são enviados às federações nacionais em média dois anos antes. Essa organização prévia é de suma importância para que os países interessados avisem quantos participantes pretendem compor suas delegações. Cada país, por sua vez, tem seu planejamento particular e taxas particulares, como por exemplo as “taxas confederativas”.

O Brasil, por exemplo, exige, para além das taxas obrigatórias do evento, uma “Taxa CBG” e o valor do uniforme oficial do Brasil. Esses valores são todos divulgados em

Boletins (CBG, 2021), para todas as federações estaduais filiadas e essas, são responsáveis por repassar para os técnicos e participantes de seu Estado.

Para a participação na Ginastrada Mundial pela **delegação do Brasil**, seja como ginasta ou acompanhante, é preciso fazer parte de um grupo de GPT e este grupo ter participado de algum evento de credenciamento realizado pela CBG. O credenciamento tem intrínseca relação com a composição do grupo e sua intenção em apresentá-la na GM. Aqueles eventos variaram ao longo da história da participação nacional, contudo, foram nos festivais GYMBRASIL, onde aconteceram a maior parte dos credenciamentos.

Assim como a trajetória histórica desse festival já foi tema de algumas pesquisas, a história da participação do Brasil nas Ginastradas Mundiais também já ganhou espaço em artigos, dissertações e livros (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO, 2020; PATRICIO, 2016; PAOLIELLO *et al.*, 2012; SANTOS e SANTOS, 2009; SANTOS, 2009; SOUZA, 1997). De modo complementar, consideramos pertinente certo registro nesta tese, a fim de nos situar sobre tal temática.

Uma das precursoras e, diríamos, a grande responsável pela participação da delegação brasileira na Ginastrada Mundial, foi a Prof^a. Ilona Peuker. Natural da Hungria, a professora de Dança e Ginástica Rítmica e Artística participou como convidada da primeira edição deste importante festival em 1953 e, neste mesmo ano, mudou-se para o Brasil, na cidade do Rio de Janeiro (SANTOS; SANTOS, 2009). Na cidade carioca, Ilona ministrou vários cursos de Ginástica Moderna e fundou o Grupo Unido de Ginastas (GUG) — o primeiro grupo nacional a participar da Ginastrada Mundial (em Zagreb, no ano de 1957). Este mesmo grupo, participou nas edições seguintes (1965 e 1969), com coreografias que representavam a cultura brasileira e com o uso de materiais não-tradicionais (PAOLIELLO *et al.*, 2012).

Com o desenvolvimento da ginástica no Rio de Janeiro, bem como a Confederação Brasileira de Desporto (CBD) estar sediada na cidade, percebeu-se uma exclusividade dos grupos cariocas nas participações nas Ginastradas seguintes (SOUZA, 1997). A democratização do acesso à informação sobre a participação da delegação começa a ser estruturada com o surgimento do Comitê de GPT (antes chamada de Ginástica Geral) em 1986, com a já constituída Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), e os processos de credenciamentos nos festivais oficiais (como o caso do FEGIN e, posteriormente, o GYMBRASIL) (PATRICIO, BORTOLETO e TOLEDO, 2020; PATRICIO, 2016).

A maior participação brasileira até hoje, foi na Ginastrada sediada em Berlim (1995), na Alemanha, com uma delegação composta por 662 brasileiros (PATRICIO, 2016; SANTOS e SANTOS, 2009). Foi nesta edição que nosso País pôde oferecer uma “**Noite Brasileira**” pela primeira vez, como também, participar de um Fórum Educacional organizado pela FIG (PAOLIELLO *et al.*, 2012).

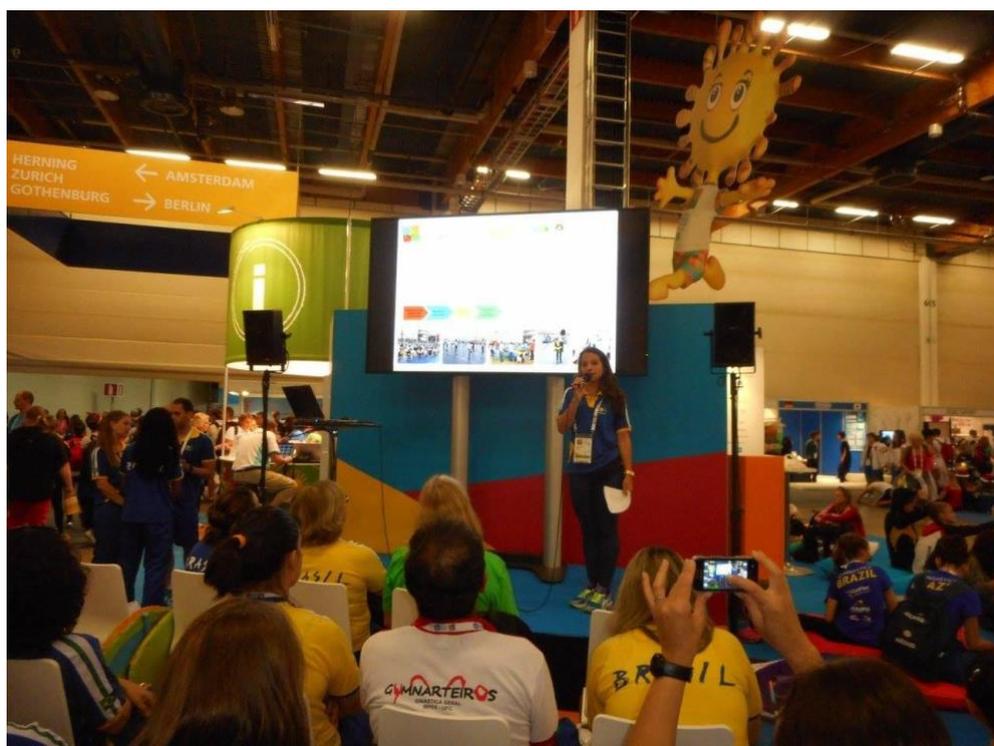
Cabe indicar que o Brasil esteve presente em todas as edições seguintes das Ginastras Mundiais e na última edição (em 2019, na Áustria), a delegação foi composta por 603 brasileiros, coordenada pela Prof^a. Michele Viviene Carbinatto, atual presidente do Comitê de GPT da CBG (CARBINATTO, THOMAS e STADNIK, 2019).

Em algumas edições deste festival, tal qual a de 1995, em Berlim, a organização propôs um Fórum Educacional em que alguns participantes puderam apresentar trabalhos acadêmicos sobre diversas temáticas que perpassassem a GPT. Um momento importante para o Brasil, uma vez que muitos dos grupos participantes são oriundos de universidades e, desta forma, conseguem angariar financiamentos por meio da apresentação de seus trabalhos.

Em 2015, os organizadores propuseram um espaço intitulado “*Speaker Corner*”, para que os participantes pudessem apresentar suas pesquisas. Nesta edição, o Comitê de GPT da CBG, em parceria com o Prof. Dr. Maurício Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo), organizou um momento de apresentações com trabalhos em formato de pôster, que possibilitou um diálogo com outros profissionais (CARBINATTO, THOMAS e STADNIK, 2019).

Na última edição, em 2019, pela primeira vez, o Brasil realizou um evento científico próprio durante a Ginastrada Mundial: o **momento científico**. Esse momento só foi possível pelo apoio do Comitê de GPT da FIG (neste, em especial, com a ajuda do Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto), do Comitê Local, e de um pedido organizado pelo Comitê de GPT da CBG, para que esse momento viesse a acontecer. Com a liberação de um horário e uma sala, 21 trabalhos científicos foram apresentados e discutidos na língua inglesa (CARBINATTO, THOMAS e STADNIK, 2019).

Figura 15. Speaker Corner



Fonte: acervo pessoal.

Figura 16. Momento Científico



Fonte: acervo pessoal.

A participação na Ginastrada também promove um incentivo ao **turismo** (WITCHMAM, 2020). Como visto, sempre organizada em cidades europeias, o próprio Comitê Local prepara informações turísticas da região e oferece bilhetes de entrada em alguma atração para os inscritos. Para os participantes brasileiros, percebemos que a Ginastrada Mundial se torna uma grande oportunidade para a concretização de uma viagem internacional. Muitos ginastas e acompanhantes se organizam durante os anos prévios e aproveitam o gasto com a passagem (um dos mais caros para nós), para conhecerem países europeus.

Entendemos que esse evento, apesar de contemplar a ideia de ser “para todos”, é um festival bastante caro, principalmente para quem vive em outro continente que não a Europa. Os gastos com passagem e conversão da moeda local (comumente, o Euro), tornam a participação mais restrita para muitas delegações. Em uma situação ideal, seria necessário um delicado planejamento financeiro prévio, incentivo público, privado e federativo (como por exemplo, patrocínios) e maior reconhecimento midiático sobre o festival para que houvesse uma aderência ainda sem maiores restrições (MENEGALDO, BORTOLETO, *no prelo*).

Como puderam perceber, ao longo deste desfile chamado “Ginastrada Mundial”, grifamos alguns dos aspectos que compõe a diversidade experiencial da participação neste festival ginástico. Entre “alojar-se”, “apresentar-se”, “turistar”, festejar e congregar, começamos a identificar as possibilidades de viver o evento por diferentes perspectivas.

2.3 Entre ginastas e acompanhantes: GYMNUSP em foco.

Considerando nossas reflexões no âmbito da fenomenologia, concebemos que, no processo de identificação do fenômeno (experiências vividas na Ginastrada Mundial), poderíamos explorá-lo por diferentes perspectivas, inclusive no emaranhado de minhas experiências com as experiências dos outros. Em vista disso, antes de descrever nossas ações, apresentaremos os colaboradores que fizeram parte deste estudo e que contribuíram significativamente em muitos aspectos neste caminhar acadêmico.

Assim, convidamos o Grupo de Ginástica para Todos da USP- GYMNUSP para fazer parte desta interação experiência-fenômeno.

Figura 17. Logo GYMNUSP



Fonte: Documentos recolhidos para a tese.

Como um projeto de extensão de Ginástica para Todos criado em 2015 sob a coordenação das Docentes da Universidade de São Paulo, Prof^a. Michele Viviene Carbinatto, da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) e Prof^a. Mônica Caldas Ehrenberg, da Faculdade de Educação (FE), o projeto se destaca pela prática gímnica de forma coletiva, com um forte alicerce na formação humana e tem como objetivo a demonstração de coreografias desenvolvidas pelos próprios integrantes (YAMAGUTI *et al.*, 2016). Em 2017, o grupo participou do processo de credenciamento para a Ginastrada Mundial (GM) de 2019 que aconteceu na Áustria, período que iniciou um minucioso planejamento para comporem a Delegação Brasileira neste evento.

O grupo de ginastas que enriqueceu este estudo foi formado por mulheres de diferentes idades, personalidades, profissões e históricos motores. Algumas delas estão no grupo desde sua formação (2015); outras, há cerca de um ano anterior ao evento; e há quem tenha aderido ao grupo somente como possibilidade de ir para o festival. No primeiro semestre de 2019, entre as onze que fizeram parte da coreografia apresentada na Áustria, sete treinaram regularmente todas as quartas-feiras — dia do encontro semanal —, e outras quatro, por questões geográficas, pessoais e/ou profissionais, treinavam nos ensaios extras, marcados aos fins de semana ou feriados.

Figura 18. Foto oficial GYMNUSP



Fonte: documentos recolhidos para a tese.

Por razões particulares, uma das coordenadoras do GYMNUSP não pôde estar presente durante o evento e a outra exerceu o papel de Chefe da Delegação do Brasil. Apesar de o grupo ser formado por adultos e conduzir de maneira horizontal suas decisões, foi necessário indicar o nome de um “líder de grupo”, perante a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), ou, como preferimos chamar, uma “representante institucional” para a participação no festival. A função desta seria responder pelo grupo em situações diversas durante o evento tais como repassar informações sobre alojamento, alimentação, ensaios, apresentações, transportes, horários e demais demandas. Como veremos adiante, eu fui a indicada pelas coordenadoras.

Antes da escolha do GYMNUSP, passamos por uma fase reflexiva sobre meu envolvimento com o grupo, uma vez que éramos habituadas aos estudos em que o pesquisador está sempre “fora” ou “distante” em relação aos colaboradores da pesquisa. No entanto, baseadas na teoria fenomenológica, fomos incorporando um novo “ser-investigativo”, que poderia estar completamente envolvido ao objeto de estudo. Este envolvimento, para além de adiantar certas fases de aproximação, proporcionou percepções mais profundas e reais na cristalização dos resultados (FLORES-PEREIRA, DAVEL e ALMEIDA, 2017).

Além das ginastas, fizeram parte do coletivo que viajou para a Áustria outras sete pessoas que nos acompanharam ao evento: três deles foram acompanhantes pessoais de ginastas do grupo; uma docente de outro instituto acompanhada de sua filha (que, por ser menor de idade, não foi incluída nesta pesquisa); uma integrante ginasta, mas que estava com uma patologia articular e, por isso, preferiu não compor a apresentação da coreografia principal do grupo; e, por fim, um ginasta que estava em intercâmbio na Dinamarca (e por isso também não participou da coreografia oficial), mas se encontrou com o grupo na Áustria.

Cabe ressaltar que esses dois ginastas, apesar de não terem participado da coreografia do GYMNUSP, puderam compor a coreografia apresentada na Noite Pan Americana, já que o ensaio foi feito durante o evento.

Assegurando os procedimentos éticos,¹⁴ todos os integrantes do GYMNUSP firmaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1), documento em que detalhamos os aspectos da participação na pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo parecer no 33299620.9.0000.5391 (Anexo 2) do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo.

Com o intuito de preservar a individualidade de cada participante, propomos utilizar pseudônimos para nos referirmos aos integrantes neste texto. Dessa forma, a partir da entrevista (como veremos adiante), nossos colaboradores indicaram uma palavra que representasse sua experiência pessoal na Ginastrada Mundial de 2019 e, partindo da delicadeza de cada contribuição, buscamos nomes e significados¹⁵ que atendessem a experiência de cada integrante.

Além disso, solicitamos a contribuição do ilustrador Akira Silveiro, o qual, além da elaboração das ilustrações deste estudo (capas e figuras representativas), idealizou um símbolo pessoal para cada integrante a partir dos pseudônimos e de seus significados. A ideia foi trazer vivacidade e cuidado com cada um dos colaboradores. Assim, sempre que utilizarmos citações diretas dos colaboradores ao longo do texto, o pseudônimo e o símbolo os representarão:

¹⁴ Os dados recolhidos serão preservados e selecionados pela autora, uma vez que, publicar todas as transcrições das entrevistas e observações na íntegra, poderiam revelar a identidade de nossos colaboradores.

¹⁵ Os nomes e os respectivos significados foram identificados no site:

<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/origem/>. Acesso: 19 de abr. de 2021



PALAVRA: EMPONDERAMENTO

“**Cecília**” designa uma pessoa cheia de sabedoria, capaz de enxergar além do óbvio, do que os olhos são capazes de ver.



PALAVRA: ENCONTRO

“**Akanni**” quer dizer ao pé da letra “encontro proveitoso”, “encontro que enriquece” e “partilha que acrescenta”



PALAVRA: ORGULHO

“**Cibele**” significa “espírito criador do calor e da vida”, “espírito gerador do calor e da vida” ou “a grande mãe dos deuses”.



PALAVRA: FELICIDADE

“**Caio**” já começa com positivos, que quer dizer "alegre", "contente" ou "feliz".



PALAVRA: GRATIDÃO

“**Shakira**”, significa "a que sabe agradecer", "aquela que reconhece o sacrifício e o esforço alheio".



PALAVRA: EXPECTATIVA

“**Yoki**” significa "pássaro azul", ou possivelmente "chuva". Simboliza a expectativa de receber boas notícias.



PALAVRA: SUPERACÃO FÍSICA

“**Vitória**” significa “vitoriosa”, “vencedora”. Tem origem no latim victoria, que quer dizer literalmente “vitória”.



PALAVRA: PERTENCIMENTO

“**Becky**” significa "aquela que une". Esse nome provém da língua inglesa a partir do nome Rebeca, que literalmente significa "união", "ligação", "aquela que une”.



PALAVRA: SONHO

“**Alekena**” de origem havaiana, significa “sonhadora”



PALAVRA: APRENDIZADO

“**Sofia**” significa "sabedoria" ou "a sábia". O nome surgiu a partir do grego sophia, que significa literalmente "sabedoria".



PALAVRA: TRANSIÇÃO

“**Jordan**” significa “o que corre” ou “aquele que desce”, numa referência ao curso de um rio.



PALAVRA: CORES

“**Íris**” significa “mensageira” ou "arco-íris". Na mitologia grega Íris era uma deusa mensageira dos outros deuses e se manifestava como um arco-íris colorido no céu.



PALAVRA: SUPERAÇÃO PESSOAL

“**Alana**” significa "harmoniosa". Alana é um nome que surgiu a partir do céltico Allan, seu significado seria "pedra", numa referência a um marco de conquista.



PALAVRA: AMBULÂNCIA

“**Aline**” significa "protetora nobre", “um reluzente, um resplandecente”. Aline relata uma simbologia da serpente - força, energia, proteção.



PALAVRA: INTENSIDADE, EMOÇÕES

“**Fiana**” significa “chama”, "ardente". É um nome de origem italiana e surge da palavra fiamma, que quer dizer “chama”. O nome reflete intensidade e energia.



PALAVRA: VIVER

“**Zoe**” significa "vida", "cheia de vida", "vivente". Ele reflete um simbolismo de uma pessoa com sentimento de vivacidade, de quem vive a vida com alegria e intensidade ou de quem tem visão, sagaz.

2.3.1 Explorando mundos-vividos, identificando um grupo.

Abordaremos neste item, o perfil do grupo que foi sendo formado ao longo de todo o processo. Mesmo que de forma não cronológica sobre nossas ações, apresentaremos as características dos membros do GYMNUSP (ginastas e acompanhantes), que reunimos por meio de um questionário online enviado um ano após o evento.

No processo criativo da escrita desta tese, identificamos que seria importante descrever alguns aspectos pessoais desses corpos que viveram a GM de 2019, e resgatar suas experiências prévias à viagem. Entendemos que questões sobre comunicação, planejamento e escolhas, partiram de cada mundo vivido, de cada experiência, que é única.

Depois de estruturado, o questionário foi apreciado por duas pesquisadoras — uma doutora e uma doutoranda —, ambas com vasto conhecimento no que diz respeito à Ginástica para Todos e, da mesma forma, possuem experiência com questionários como instrumentos de pesquisa. Após algumas sugestões, concluímos o documento que foi enviado para todos os integrantes por meio de um link de compartilhamento pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. O questionário foi elaborado pela plataforma *Forms* do *Google*, dividido em três partes:

PARTE 1 “Constituindo o perfil do grupo”: esta seção foi formada por 7 perguntas, em que solicitamos informações para constituirmos um perfil dos colaboradores, tais quais: nome completo; idade; nível de escolaridade em julho de 2019; gênero; profissão; proficiência na língua inglesa; proficiência em outras línguas.

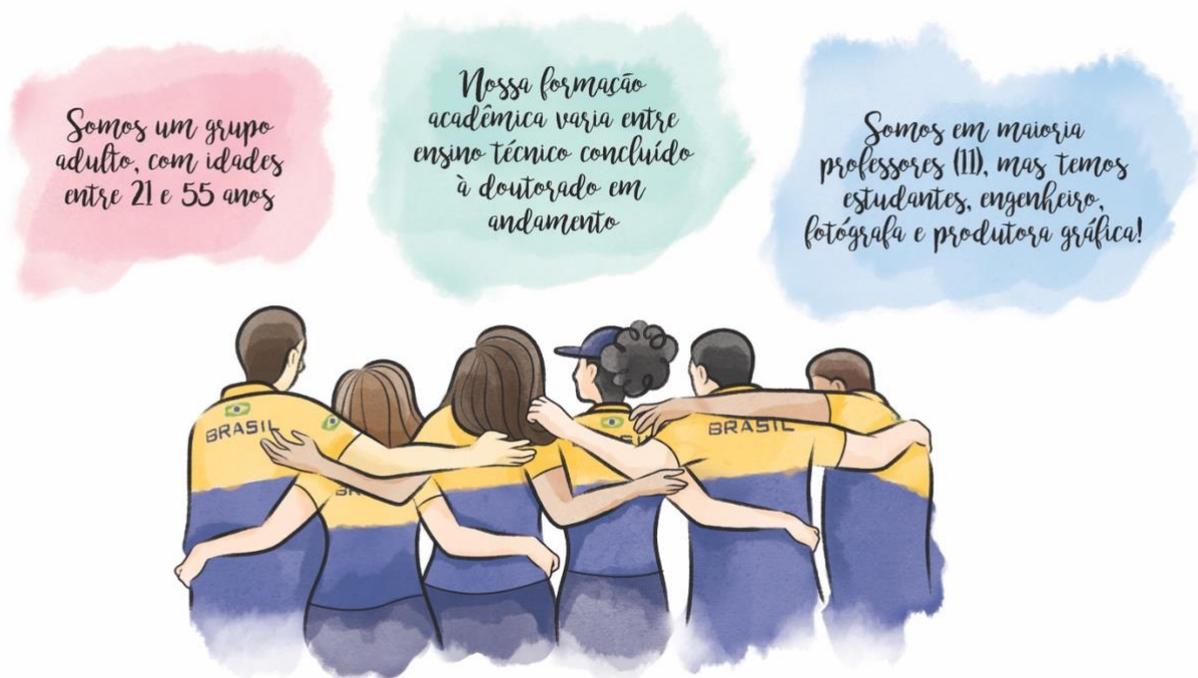
PARTE 2 “Sobre suas experiências prévias”: esta seção, um pouco mais longa, foi formada por 13 questões que envolviam as experiências anteriores a GM de 2019: participação em eventos esportivos internacionais (quais eventos e quais papéis assumidos); participação em eventos esportivos nacionais (quais eventos e quais papéis assumidos); hospedagem em alojamentos; conhecimento prévio sobre a GM; preparação pessoal para a participação na GM; participação em edições anteriores da GM; sobre ter viajado para outro país.

PARTE 3 “Sobre você e a Ginastrada Mundial”: esta seção foi formada por duas questões sobre a experiência na GM de 2019. 1) O que é a Ginastrada Mundial para você? E 2) Como você se descreveria (o) na Ginastrada Mundial de 2019?

Neste momento, abordaremos as questões que correspondem a Parte 1 e 2 do questionário, pois correspondem ao objetivo desta seção: estruturar um perfil deste coletivo. Deixaremos a Parte 3 para uma análise posterior, como veremos no item “análise fenomenológica”.

No que concerne à primeira parte, apresentamos aos leitores as principais características deste grupo:

Figura 19. Perfil GYMNUSP



Fonte: Idealizado pela autora e feito pelo ilustrador Akira Silveira.

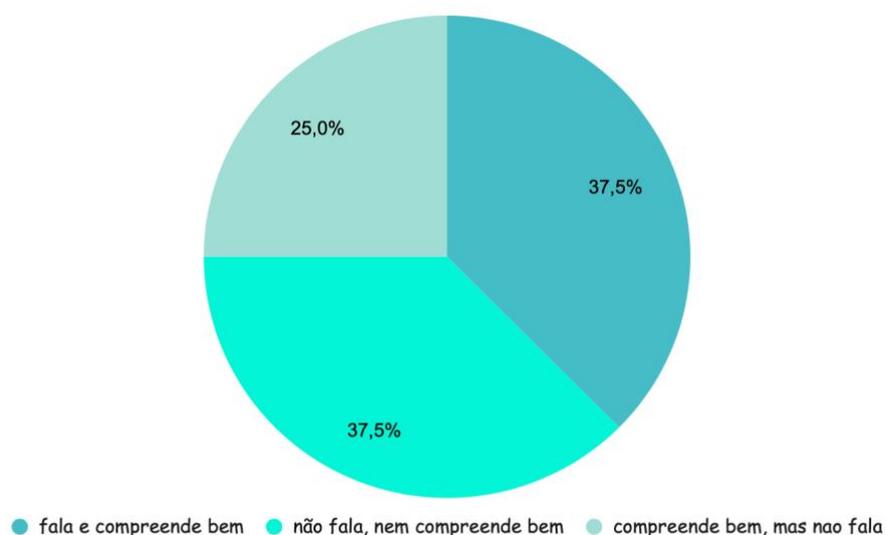
O GYMNUSP é um grupo formado por adultos, de faixa etária que abrange 21 a 55 anos e, em relação à formação acadêmica, é bem variado: ensino técnico completo (1), estudantes de graduação (3), graduados (7), especialista (1), mestrado em andamento (1), mestres (2) e doutorado em andamento (1).

Sobre as profissões, encontramos um grupo em que a maioria são professores, sendo 10 deles de Educação Física e um de Língua Portuguesa e História da Arte. Dois são estudantes de graduação em Educação Física e um em Dança. Além disso, um é engenheiro de software, outra é fotógrafa e uma produtora gráfica. Estes dados nos remetem ao fato de que o GYMNUSP é um grupo de extensão universitária alocado na Escola de Educação Física e Esporte da USP. Isto posto, é comum que alunos da Escola (graduação e pós-graduação) e profissionais desta área se interessem pelo grupo, justificando a maioria expressiva de professores de Educação Física.

Ainda na Parte 1, buscamos identificar a proficiência na língua inglesa, já que essa foi uma temática bastante abordada e observada pelas ações subsequentes. Percebemos, portanto, que o grupo é bem dividido nesta questão, a maioria (10) compreende bem. No entanto, apenas 6 deles têm uma boa comunicação oral e 4 apontaram não falar bem. Os

outros 6 relataram não dominar a língua inglesa, como podemos ver no Gráfico 1. Também questionamos sobre habilidades em outras línguas estrangeiras e 13 deles disseram não possuir, uma está estudando francês, uma tem proficiência no alemão e outro no espanhol.

Gráfico 1. Proficiência na língua inglesa



Fonte: Dados do questionário

Encerramos a Parte 1 identificando um GYMNUSP adulto, em sua maioria, ligado ao âmbito educacional, em específico à área da Educação Física, mas dividido quando se trata da comunicação no idioma inglês.

Chegando à segunda parte do questionário, nossa intenção foi explorar as experiências que antecederam à Ginestrada, uma vez que, pela própria fenomenologia, a historicidade de cada corpo colore o plano de fundo de cada nova experiência (SOKOLOWSKI, 2014). À vista disso, questionamos sobre: a) participação em eventos esportivos; b) reconhecimento e preparação para a GM; c) viagens internacionais.

No que toca ao ponto **a**, iniciamos com perguntas referentes aos eventos esportivos internacionais. Nestas, buscamos identificar quem já havia participado, qual foi o tipo de evento e qual papel foi assumido (atleta, acompanhante, espectador, gestor, técnico). Interessante notar que 10 dos 16, declararam não ter participado de nenhum evento internacional, no entanto, sabemos que 5 (das 10) haviam participado como ginastas do GYMNUSP do Fórum Internacional de Ginástica para Todos no ano de 2018, que aconteceu em Campinas, no Estado de São Paulo. Constatando um possível entendimento de que a

participação em eventos internacionais perpassou ao fato de ser em outro país e não ao tipo de evento em si.

Sobre os demais (6) que responderam ter participado, os eventos foram: edições anteriores da Ginastrada Mundial (1995 e 2011); Jogos Olímpicos (2016); Liga Mundial de Vôlei; Grand Prix; e o próprio Fórum Internacional de GPT. Ainda sobre esses retornos, questionamos acerca da função desempenhada nesses eventos, deixando-os livres para assinalar mais de uma opção (se fosse o caso). Dessa maneira, identificamos que 5 participaram como atleta, uma assinalou como voluntária, uma como acompanhante e um como espectador.

Todos os membros do GYMNUSP já haviam participado de algum evento esportivo nacional. Entre eventos de ginástica, artes marciais, futebol, corrida, ciclismo, basquete, dança e vôlei, notamos que os eventos esportivos estiveram presentes em algum momento de suas vidas, variando as experiências entre ser: atleta (14), voluntário (5), espectador (3), treinador (3) e gestor (1). Também pela característica essencial do GYMNUSP – ser um grupo de GPT -, não nos surpreendeu o fato de 9 das colaboradoras terem participado como atletas em eventos específicos de ginástica.

Visto as participações nos eventos de diferentes particularidades, questionamos o GYMNUSP acerca de suas experiências com alojamentos, uma vez que, participar na GM, na maioria dos casos, significa se hospedar em escolas. Notável se fez que 13, dos 16 integrantes, já haviam se hospedado em alojamentos, apresentando uma maioria que já reconhecia aspectos culturais do “alojar-se”.

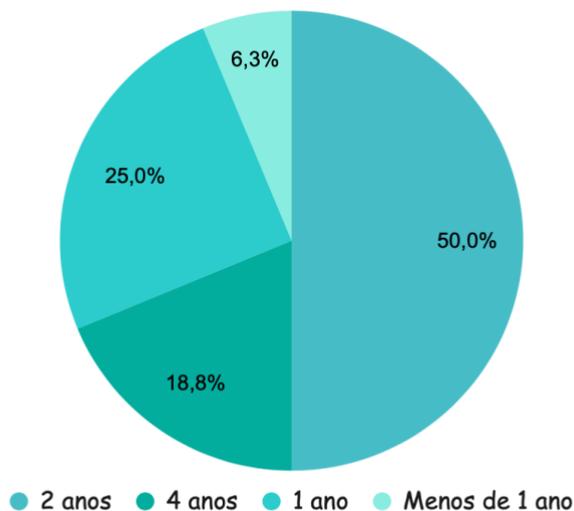
Chegando ao ponto **b**, específico sobre o reconhecimento e preparação da GM, esclarecemos que as perguntas foram elaboradas com a finalidade de identificar a noção prévia do grupo em relação ao festival, como também, informações pessoais sobre a organização para tal.

Desta forma, ao questionarmos como cada um teve conhecimento sobre o referido evento, as respostas foram variadas: 9 relataram ter obtido informações a partir dos grupos de ginástica que fizeram parte, 4 por amigos e familiares e 3 pela graduação no curso de Educação Física. Além disso, 3 das integrantes já haviam participado em edições anteriores, duas como ginasta (1995 e 2011) e uma como acompanhante (2015).

No quesito tempo de organização (familiar, financeira, trabalho, estudos...), metade (8) do GYMNUSP precisou de 2 anos de planejamento, enquanto os demais se dividiram

entre: 1 ano (4); 4 anos (3); e menos de um ano (1), como podemos observar no gráfico abaixo:

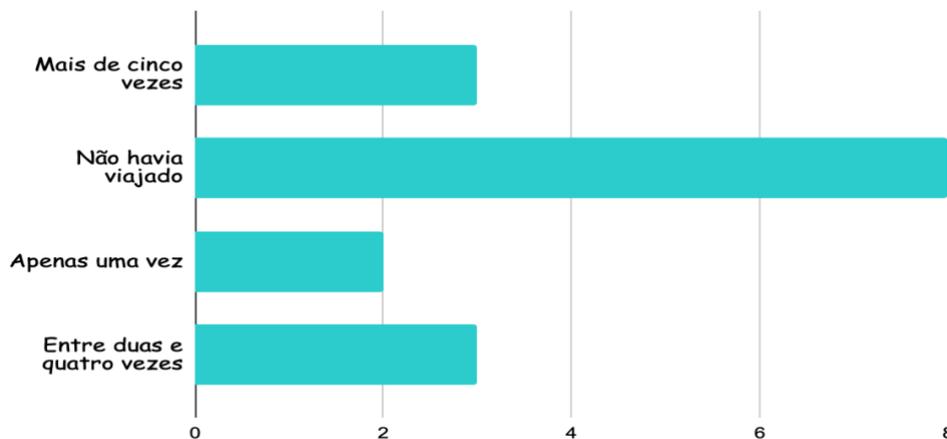
Gráfico 2. Tempo de planejamento



Fonte: Dados do questionário

Por fim, chegamos ao ponto **c**, em que consultamos nossos participantes sobre suas experiências com relação às viagens internacionais. O grupo se constituiu com metade (8) dos integrantes que já haviam tido essa oportunidade e a outra metade (8) que nunca havia saído do Brasil. Sobre a frequência de quem já havia viajado, 3 relataram ter viajado mais de cinco vezes, 3 entre duas e quatro vezes e 2 apenas uma vez.

Gráfico 3. Viagens internacionais



Fonte: Dados do questionário

Deste modo, finalizamos a Parte 2 deste questionário, identificando um GYMNUSP com algumas participações em eventos internacionais, mas mais experientes no que diz respeito aos eventos esportivos nacionais. Em relação ao “hospedar-se em alojamentos”, também se constituiu como um grupo experiente, em que a maioria já havia vivenciado essa situação. Sobre a GM, muitos tiveram conhecimento a partir de seus grupos de ginástica e precisaram de 1 a 2 anos de organização para a edição de 2019. Ainda sobre a GM, apenas 3, dos 16 integrantes, já haviam participado de edições anteriores. Por fim, identificamos que metade dos participantes possuíam experiências anteriores com viagens internacionais.

2.4 Entre observar e participar, suspender para mergulhar

Retomando a ideia metafórica de estar submersa no fosso, revivemos a trajetória do reconhecimento teórico e, como efeito, a mudança da atitude natural para a fenomenológica. Essa oscilação de uma atitude para a outra foi sendo compreendida ao longo do primeiro semestre de 2019, fase de essencial preparação do GYMNUSP para a participação na Ginastrada Mundial.

Nesta fase, como primeira ação exploratória, aderimos à “observação participante” que se estendeu até o último dia do evento. Essa técnica sucede por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. O observador, enquanto parte da realidade estudada, estabelece relações diretas com corpos-outros em um mesmo mundo compartilhado. Neste procedimento, ele pode tocar e ser tocado pelo contexto, possibilitando captações variadas de situações que não poderiam ser obtidas somente por relatos de entrevistas ou questionários (MINAYO, 2001).

Esta ação pode ser descrita como um processo multilateral e de prazo relativamente longo entre uma comunidade (na sua condição natural) e o investigador. Dessa maneira, quem observa pode vivenciar episódios específicos ao fenômeno, em decorrência da sua presença constante nas experiências cotidianas do grupo (MINAYO, 2001). Essa interação, portanto, é aportada aos aspectos de tempo, lugar e circunstâncias. Neste sentido, quanto mais familiarizados estamos com o cotidiano e com a linguagem do grupo, mais próximo à realidade poderão ser descritas as situações. Este envolvimento pessoal pode permitir uma capacidade de entendimento aos significados e movimentos, como também, acessar um

universo íntimo de expressões faciais e corporais, e proporcionar descrições não somente de palavras, mas de comunicações não-verbais.

Ao aderir à posição de observadora participante do GYMNUSP, procurei identificar realidades e significados que as ginastas e os acompanhantes atribuíam sentido à ida ao evento. Isso nos revelou em nível profundo episódios e sentimentos que um investigador “de fora” ou “não-participante” não poderia alcançar. Todavia, antecipando possíveis implicações que tal proximidade pudesse gerar, organizamos duas estratégias na tentativa de superar limitações durante o período observacional: **1. Amiga crítica** e **2. Diário de Campo**.

1. Amiga crítica

Nossa “*critical friend*” (STENHOUSE, 1975) foi uma Doutora com qualificação na área gímnica, que conhecia plenamente o trabalho e os integrantes do GYMNUSP, e se inteirou da teoria fenomenológica e sobre os objetivos deste estudo.

A cada encontro com o grupo (na preparação e durante o evento), eu enviava detalhes do meu mundo perceptivo em relação aos demais, descrições situacionais e falas que eram relacionadas com a participação de todos na Ginastrada Mundial. Seu papel foi ajudar na identificação de atitudes facciosas nas descrições observadas, ou seja, se haviam aspectos de via única ou inundados de juízos que não foram suspensos (STENHOUSE, 1975). Posto isto, ela tentava detectá-los nos áudios descritivos que eu enviava cotidianamente via *WhatsApp* e, pela mesma via de comunicação, ela questionava aspectos sobre os relatos e, em algumas situações, já identificava possíveis temáticas reflexivas.

Esses áudios foram guardados em uma pasta virtual e, conforme veremos a seguir, foram utilizados na composição do Diário de Campo.

2. Diário de Campo

Outra estratégia adotada foi a elaboração de um “Diário de Campo” (FALKEMBAC, s.d.). Este consistiu em um rico material de 53 páginas, em que registramos todas as observações, comentários, identificações da “amiga crítica” e reflexões prévias. Ação que facilitou “criar o hábito de observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos” (FALKEMBAC, s.d., p. 1).

Nesta atitude, descrevemos aspectos sobre o meio físico e relacional: visões de mundo, organização do grupo, relação com o mundo fora do contexto observado, estrutura do local, entre outros. Falkembac (s.d.) considera o uso de recursos tais como desenhos e fotografias que permitam informações relevantes sobre os objetivos da observação, por isso,

também adotamos os recursos audiovisuais, gravando e fotografando os encontros e momentos do festival.

Após todo o período observado (março a julho de 2019) e registrado, passamos por uma fase de refinamento do Diário. Este procedimento sucedeu por meio da elaboração de narrativas a partir deste material, reescrevendo as situações em um texto mais bem estruturado e aderindo a um tom poético na escrita, tal qual a sensibilidade que este tipo de estudo merecia.

2.4.1 Atenção redobrada: entre a familiarização e o rigor acadêmico

Como uma metodologia humanista, mas não menos científica que outras, encontramos distinções quanto às formas de envolvimento e participação: alto (completo, ativo, moderado), médio (passivo) e baixo (não-participação) (SPRADLEY, 1980). Neste caso, tratamos com o mais alto nível de familiarização, uma vez que, no período em que iniciamos as observações, eu já fazia parte do grupo há um ano e, neste processo, desempenhei a função de mediadora.

Não podemos negar a riqueza e a relevância dadas às relações entre pesquisador e o que é pesquisado. Como reflete Merleau-Ponty (2018) em consonância a metáfora gímnica que estamos aqui configurando, nossa vida é como fazer parte de uma acrobacia coletiva. Não seria possível concebê-la sem a relação corpo-outro-mundo. É preciso dos mais variados tipos de interação e nas mais diversas intensidades: algumas mais fortes, outras equilibradas e leves; outras claramente perceptíveis ao toque, ao olhar, à comunicação. O mundo por sua vez impõe a precisão dos movimentos: o chão, a luz, o clima, o som, o público...

Para identificar a experiência dessa participação, retomamos a suspensão aqui antes anunciada, o que chamamos anteriormente de “sair do fosso”. Desta forma, temos a opção de observar o movimento do fazer parte: de sentir o peso, de se esforçar, de se comunicar... Podemos sair da acrobacia e, com o olhar “de fora”, observá-la. Podemos também admirar os registros feitos enquanto estávamos lá. Perceber o nosso papel. O que ou quem seguramos? Qual a intensidade de nossa participação? Quem estava lá?

Flores-Pereira, Davel e Almeida (2017) nos mostram alguns desafios que as pesquisas sobre “Corporeidade” comumente apresentam em relação a essa aproximação do pesquisador com os sujeitos. Consideramos seus apontamentos pertinentes ao nosso estudo e, com o intuito de aqui aproximá-los, realizamos uma reinterpretação:

Entendimento da proximidade do pesquisador com o campo empírico: referiu-se à importância de refletir todo o tempo sobre essa aproximação e qual tipo de esforço era preciso fazer para compreender as percepções dos sujeitos, sem que passassem como algo cotidiano.

Aprendizado prático sobre realizar uma observação sensível: foi preciso uma compreensão de que a observação sensível deve se incumbir de abranger o campo como o “conjunto das interações” advindas dos colaboradores, da pesquisadora e da relação com os conceitos de percepção.

Aprendizado prático sobre realizar uma descrição imediata: compreendeu a descrição detalhada dos eventos de convivência que permitiram “perceber o percebido” da maneira que estavam sentindo e, assim, o que estavam vivenciando em cada momento.

Durante todo o caminho percorrido pelo doutorado, realizamos contínuas leituras dos mais diversos textos (artigos, livros, teses, dissertações, palestras) que se aproximavam das temáticas aqui postas: eventos, experiências e fenomenologia. Podemos dizer que, feito isto, contemplamos tais atitudes e nossas estratégias foram fortalecidas na triangulação dos dados como veremos adiante.

2.5 “Vemos mais do que os olhos alcançam”: lados, aspectos e perfis do fenômeno.

No entendimento perceptivo pela teoria fenomenológica, Sokolowski (2014) nos ajudou a reconhecer termos específicos da área filosófica em questão, nos auxiliou a entendê-la amplamente em seus princípios básicos, e ofereceu suporte para os estudos merleau-pontyanos. Dessa forma, o autor nos capacitou perante a atitude fenomenológica.

Sokolowski (2014) explicou que “vemos mais que o olho alcança” (p. 25). Isto é, não vemos apenas o que a nós é visível, mas também intencionamos os lados das coisas que estão escondidos, os quais fazem parte do que estamos experienciando. Aprendemos que a coisa que é vista nos revela presenças e ausências, uma mistura que parte de nossas intenções, intuindo que nossa percepção é sempre dinâmica e não estática. Neste seguimento, a experiência visual se distingue em três camadas: lado, aspecto e perfil. O **lado** do fenômeno é o que pode ser dado sob diferentes perspectivas, o **aspecto** é o modo como cada lado é

dado e o **perfil** são nossas visões momentâneas sobre o fenômeno, tal qual nossos órgãos sensoriais estão disponíveis (SOKOLOWSKI, 2014).

Importante pontuar que a coisa que experienciamos possui sua identidade única, ou seja, como de fato ela é dada. Quando percebemos o fenômeno, não possuímos apenas uma sequência de seus perfis, temos ele mesmo dado a nós, sendo público e disponível para todos. Portanto, o reconhecimento da identidade da coisa vai pertencer à estrutura de nossa intencionalidade experiencial (SOKOLOWSKI, 2014). O lado ou o aspecto podem ser vistos como o mesmo em diferentes contextos pela mesma pessoa, ou por diferentes pessoas, de maneira que não podem ser uma mera impressão afetando privativamente cada subjetividade.

Em outras palavras, com a fenomenologia entendemos que as coisas possuem identidades que nos são dadas e, também, intencionadas por nós e por outros. Portanto, é o mesmo fenômeno que aparece da mesma forma para outros e que, estes podem perceber de maneiras distintas. A identidade do fenômeno não é algo que possamos colocar em nossas mãos ou, simplesmente, diante dos nossos olhos. Ela sempre vai nos revelar e esconder a si mesma, em um movimento que pode ser repetido várias vezes (SOKOLOWSKI, 2014).

Na atitude fenomenológica, buscamos identificar e assegurar a realidade dessas identidades. Em nosso caso, buscamos a essência da experiência vivida na Ginastrada Mundial, por um grupo extensionista de ginástica. Logo, é nosso papel demonstrar que o fenômeno nos é dado em suas múltiplas manifestações e, neste respeito, que tais manifestações são um componente daquilo que experienciamos.

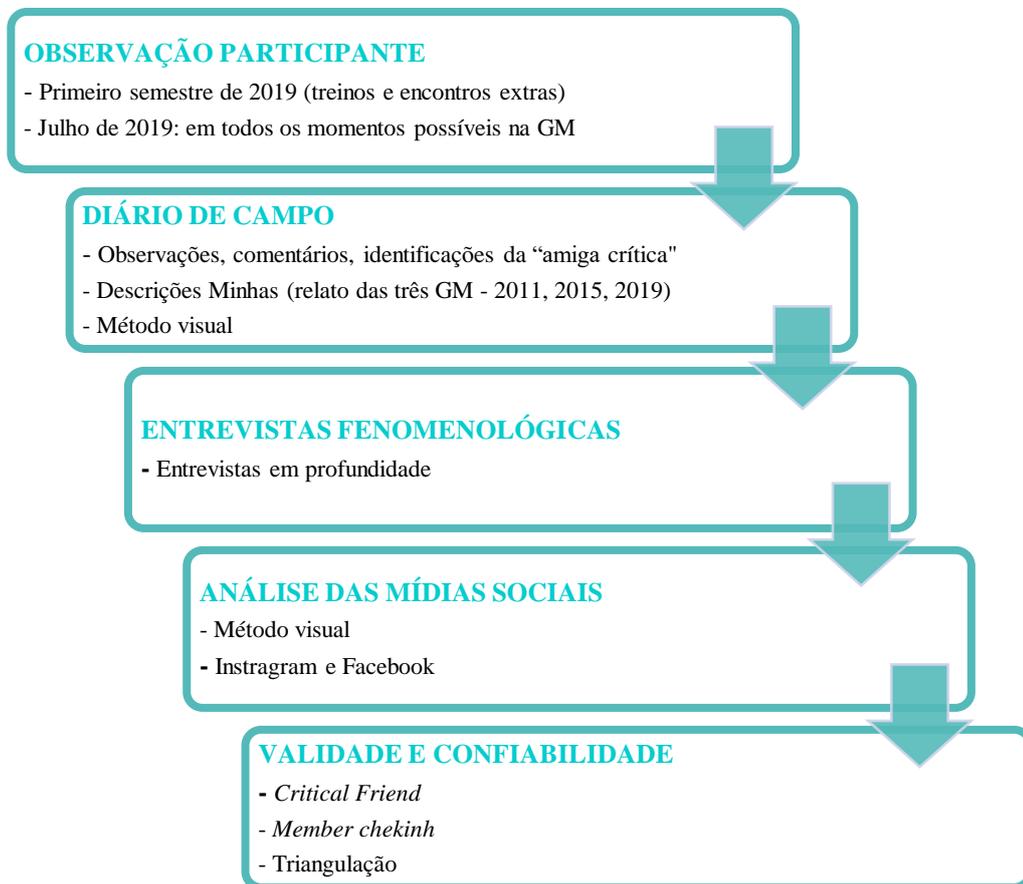
Dito isto, atemo-nos ao fato de que cada multiplicidade é diferente, cada uma tem sua identidade e ao inserirmos a presença de mais de um observador, adicionamos a dimensão da intersubjetividade, a qual nos proporciona uma riqueza estrutural de multiplicidade.

Um objeto é dado para outros observadores por meio de multiplicidades que são diferentes daquelas das quais nos encontramos, e vemos o objeto precisamente como sendo visto por outros, por meio de pontos de vista que não compartilhamos (SOKOLOWSKI, 2014, p. 40-41).

A partir desses apontamentos, compreendemos também que a identificação da essência dessas experiências deveria ser estruturada por diversas ações exploratórias. Portanto, para além das observações e estratégias baseadas na redução fenomenológica, optamos por descrever minhas experiências em três edições da GM (2011, 2015 e 2019),

pelo Método Visual e pelas Entrevistas Fenomenológicas, como detalharemos nos itens a seguir.

Figura 20. Nossas ações exploratórias



Fonte: Autoria própria

2.6A contemplação por outros aspectos: o Método Visual

O “Método Visual” foi uma de nossas ações exploratórias em que utilizamos como fonte de informação imagens de fotografias ou filmes/vídeos. Essa ação nos ofereceu interessantes materiais, pois, por meio dela, pudemos apreciar diferentes situações do mundo vivido (VAN HOUSE *et al.*, 2004; MENDONÇA, BARBOSA e DURÃO, 2007).

Durante todo o processo observacional, realizamos registros audiovisuais dos ensaios, dos encontros paralelos e dos momentos específicos do evento. Fotos dos mais diversos contextos: minivídeos dos ensaios, retratos de felicidade, retratos de preocupação,

vídeos dos momentos de lazer, vídeos de nossas apresentações. Enfim, um compilado memorístico, sensível e real dessa experiência que foi participar da Ginastrada Mundial em conjunto ao GYMNUSP.

Com o intuito de contemplar na medida do que é possível o olhar do outro, optamos também pelas imagens publicadas nas mídias sociais (MS) dos nossos colaboradores. As MS são redes sociais virtuais acessadas pela internet que permitem trocas de conteúdo gerados pelos usuários. Além de ser um artifício contemporâneo, essas mídias estão oportunizando espaços de expressão, ou seja, o que cada um quer tornar público sobre suas experiências cotidianas (MACKAY, WINKLE e HALPENNY, 2017), sempre levando em consideração as subjetividades dos indivíduos, bem como o que foi determinado incluir ou excluir da imagem antes de publicar.

A seletividade do conteúdo gerado pelo grupo pôde nos revelar aspectos sobre as expectativas e, sobretudo, se elas se aproximaram das reais percepções do dia a dia. Além disso, os formatos das postagens puderam demonstrar a atenção que cada um despreendeu do seu tempo ao assunto, como, por exemplo, a postagem de alguma reportagem sobre o evento; o compartilhamento de fotos entre os integrantes; contagens regressivas; músicas; fotos de treino; entre outros.

Escolhemos duas redes sociais que estão entre as mais utilizadas no Brasil: *Facebook* e *Instagram* (ACADEMIA DO MARKETING, 2018). Isso porque elas são as redes mais utilizadas pelos integrantes. Nessa fase exploratória, observamos as postagens do período em que iniciamos a observação participante (março, 2019) até a semana após a Ginastrada Mundial (julho, 2019).

Elaboramos documentos no *Google Drive* para cada colaborador deste estudo, com um quadro para cada rede social e para cada publicação. Nestes quadros, anotamos a data da postagem, o tipo de publicação, a descrição elaborada pelo integrante e as interações com o público em geral (curtidas e comentários). Além disso, deixamos um espaço para os comentários propostos por nossa **amiga crítica**. Abaixo de cada quadro anexamos a imagem de um *print screen* da postagem, para facilitar a exploração visual (Figura 21).

Desta maneira, reunimos postagens de 11 dos 16 integrantes — aqueles que optaram pelas redes sociais para expressar e expor suas experiências vividas. Entre os vários formatos publicados, construímos um outro e delicado material, cheio de cor, emoção, histórias, reflexões e doces memórias.

Figura 21. Exemplo de organização do método visual

FACEBOOK	
Data	19 de julho de 2019
Publicação	Reportagem do site oficial da CBG sobre a participação brasileira na WG 2019
Descrição	Sem descrição
Curtidas	17
Comentários	4
Critical Friend	Eu fiz parte! Não estou na reportagem, mas estou na reportagem!
Temática	



Fonte: documentos elaborados para a tese.

2.7 As minhas experiências

Antes de descrevermos como foi a fase exploratória em que buscamos a individualidade percebida por cada “ser-GYMNUSP”, é preciso relatar brevemente como foi o processo de identificação das minhas próprias percepções acerca da Ginastrada Mundial, como veremos no próximo capítulo. Fase que também me auxiliou na incorporação da redução fenomenológica, diferenciando o que eram minhas percepções das percepções dos colaboradores.

Essa escrita se constituiu pós-evento, em que fui revivendo o diário de campo que havia elaborado com as observações compiladas. Fui me conectando com cada memória registrada, admirando as fotos e os vídeos, relendo o histórico das conversas no grupo do *WhatsApp*. A partir desta conexão com o material, iniciei um processo de escrita muito particular.

Neste caminho, fui identificando que minhas experiências da Ginastrada Mundial de 2019 tinham relação com a minha participação nas duas edições anteriores, bem como com a minha profunda relação acadêmica com o evento. Isto posto, compreendi que essa

relação não poderia ser perdida, uma vez que é ela a motivação primeira da escolha temática por mim estudada. Dessa forma, foi a ocasião de narrar detalhadamente minhas percepções tal como o que eu senti; o que me afetou emocionalmente; como as outras edições me tocaram.

Por fim, consideramos esse relato de suma importância, não somente por ter conseguido me distanciar, observar e “suspender” os meus próprios juízos de maneira estando “aberta e livre” para uma escuta sensível das experiências outras, como também porque permite que o leitor diferencie as minhas percepções daquelas dos nossos colaboradores, mesmo que o fenômeno tenha sido identificado sob o emaranhado dessas relações.

2.8 As experiências outras: entrevista fenomenológica

A partir do século XX, novas perspectivas foram repensadas no âmbito das ciências. Husserl (2002) aportou a fenomenologia como um “novo olhar” às experiências vividas e, não somente como uma filosofia, mas como um método. Essa “atitude metodológica” nos permite identificar os significados das experiências que foram vividas pelos sujeitos – aqueles que se identificam por terem vivenciado o mesmo fenômeno. Um dos instrumentos que pode nos permitir essa descrição, por meio de uma narração, é denominado “entrevista fenomenológica” (RANIERI e BARRETO, 2010).

A entrevista busca valorizar a narrativa do sujeito, ou seja, ela aprecia todo o processo vivido, ressaltando também suas reflexões perceptivas. Esse tipo de conduta exploratória permite identificar o que aqui buscamos: como esses participantes viveram a Ginastrada Mundial. Focamos, então, no que é corporalmente vivido pelo participante, como o fenômeno — enquanto lembrado — testemunha a experiência vivida intensamente durante o festival.

Neste procedimento, ao convidar cada um dos colaboradores para a entrevista, pedimos para que eles selecionassem alguns documentos da GM de 2019 (imagens, passagens, bilhetes de entradas em espetáculos, turismo...) que fossem compatíveis com o nosso propósito. A ideia do material se deu pelo intuito de uma isenção de possíveis influências nos relatos, já que, como observadora participante, vivi muitas situações junto aos colaboradores.

Além disso, gostaríamos que essa seleção prévia fizesse com que os membros do GYMNUSP pudessem pensar sobre sua experiência no momento da escolha, que eles retomassem pontos fundamentais do que foi vivido na Áustria e, então, que nossa conversa pudesse acessar tais percepções.

Dessa maneira, deixamos as experiências surgirem em forma de narrativa. Meu papel foi encorajar os entrevistados a refletirem sobre elas e detalhá-las ao máximo possível (RANIERI e BARRETO, 2010). Pela interação “pesquisador-pesquisado”, conseguimos relatos detalhados, mas, acima de tudo, o mais “à vontade” possível.

Ranieri e Barreto (2010) explicam que demonstrar interesse e curiosidade pela situação vivida por meio de questões que surgem durante a entrevista poderia confortar o entrevistado e aproximar nossa relação. As perguntas que favoreceram essa dinâmica foram: **“Conte-me sobre os documentos que você escolheu”**; **“Por que você trouxe isso?”**; **“O que eles representam para você?”**. E, para o aprofundamento dessa relação “fenômeno-pergunta”, foi oferecido um processo de retomadas, confirmações e especificações do conteúdo relatado.

Além dessas três primeiras perguntas, sentimos a necessidade de elaborar mais algumas outras para o caso de a conversa não fluir por timidez ou por dificuldade de expressão oral:

- 1- Como você descreve a Ginastrada Mundial para um amigo em uma conversa rápida?
- 2- Teria uma palavra que pudesse representar suas experiências no festival? Qual e por quê?
- 3- Como foi sua relação com os outros (GYMNUSP e demais participantes)
- 4- Como foi a hospedagem no alojamento?
- 5- Pretende participar da próxima edição em 2023?

Tais perguntas foram sendo realizadas conforme a conversa fluía, nem sempre necessárias. Além dessas questões, antes de encerrar o encontro, ofereci um tempo livre, sem nenhuma pergunta pré-estabelecida, para que eles pudessem falar o que gostariam sobre o evento e que, por um acaso, não tinham sido abordadas, ou quaisquer outros fatos, memórias ou sensações que tenham se lembrado espontaneamente com a conversa.

Todos esses encontros foram filmados e, para a garantia do material, gravados em áudios em um aparelho celular. As filmagens foram necessárias para uma transcrição na

íntegra das entrevistas, porque facilita observar posteriormente as feições e atitudes que nos revelaram emoções sobre os relatos.

Considerando todos os aspectos éticos da pesquisa, respeitei cada um de nossos sujeitos-parceiros explicando nossas intenções com relação ao estudo e com seus depoimentos. Nos momentos de emoção, demonstrei empatia e os deixei à vontade para continuar ou não a conversa. Também me disponibilizei, a qualquer momento até a entrega da tese, em oferecer o esclarecimento que fosse necessário, demonstrando uma atitude aberta com eles.

2.8.1 A construção das narrativas e a validação dos membros

As entrevistas foram realizadas ao longo do segundo semestre de 2019 e transcritas ao longo do primeiro semestre de 2020. Após todo material transcrito, iniciamos uma etapa que chamaremos de **narrativas**. Essa fase, um pouco mais demorada, consistiu em um cuidadoso resumo sobre cada uma das 16 entrevistas, nas quais eu pude descrever o que foi relatado pelos participantes.

As **narrativas** foram feitas em retomadas da transcrição completa e, por vezes, das imagens gravadas. Entre minhas palavras e algumas citações diretas das falas deles, resumia cada entrevista com atenção ao que me pareceu fundamental em suas experiências. Ainda sobre nossa preocupação com o entrelaçamento de minhas experiências com as experiências deles, visando o rigor acadêmico que a pesquisa qualitativa merece, aderimos a outra estratégia: o *member checking*, ou **verificação dos membros**.

Estudiosos deste tipo de pesquisa (qualitativa) são, frequentemente, quem reúnem as essências do fenômeno por meio das ações exploratórias, isto é, de seus métodos. Tal atitude pode acarretar que o pesquisador termine impondo seus interesses pessoais durante esse processo, fazendo com que sua voz seja dominante à voz do colaborador (MASON, 2002). A verificação de membros é descrita como uma fase do estudo em que as pessoas que “ofereceram informações” podem recebê-las de volta, com o objetivo de verificar a precisão do conteúdo com a realidade (LINCOLN e GUBA, 1985).

Existem algumas maneiras de realizar esse procedimento (BIRT *et al.*, 2016). Mas decidimos pela verificação entre os colaboradores por meio da análise da **narrativa** (KOELSCH, 2013). Isto posto, elaboramos um documento no *Google Forms* para cada um dos entrevistados em que continha a explicação detalhada desta fase, uma foto pessoal de

um momento na Ginastrada, um link de acesso ao documento (narrativa) no formato PDF e três questões sobre o conteúdo:

Figura 22. Forms "member checking"

Você concorda com todo o conteúdo do resumo escrito por mim? *

Sim

Não

Em partes

⋮

Caso a resposta da pergunta anterior tenha sido "Não" ou "Em partes", poderia explicar qual/quais foi/foram os equívocos?

Texto de resposta longa

Agradeço uma vez mais pela leitura e por suas respostas!! Deixo aqui um espaço aberto caso queira escrever algo sobre o resumo de sua entrevista.

Texto de resposta longa

Fonte: documentos elaborados para a tese.

Pela proximidade adquirida durante todo o processo preparatório e, também, durante a viagem, tivemos a liberdade de contatá-los via *WhatsApp* para convidá-los para mais essa fase da pesquisa. Nesta mensagem, gravei uma explicação por meio da função “áudio” e encaminhei o link do *Forms*. Expliquei que a narrativa não estaria na íntegra na versão final da tese, preservando as identidades de cada participante — como proposto desde o início da pesquisa e assegurado pelo Comitê de Ética. Além disso, expliquei que, caso houvesse alterações, poderiam optar por gravar áudios no mesmo aplicativo ou enviar um documento de sua preferência detalhando a mudança.

Das 16 narrativas enviadas, apenas uma retornou com alterações referentes às suas próprias falas. Segundo a ginasta, ela estava com dificuldade de expressar suas emoções e experiências por meio das palavras e, por isso, gostaria de explicar melhor alguns relatos. Dessa forma, ela me enviou áudios pelo *WhatsApp*, em que teve a oportunidade de endossar e melhorar o seu discurso.

Além disso, ressaltamos retornos positivos sobre as narrativas. Entre áudios, mensagens e depoimentos no próprio *Forms*, nossa impressão foi a de que nossos colaboradores gostaram da dinâmica, sentiram-se contemplados e, alguns, realizados por poder guardar um material tão nostálgico referente a suas vivências.

Figura 23. Feedbacks sobre as narrativas (Forms)

Muito bom lembrar todos esses momentos. Sua pesquisa é linda, tuti!!! Só sucesso!!!

Gostei muito em ler o resumo da minha entrevista, me fez recordar da Ginastrada e o momento da entrevista. Foi descrito com riqueza de detalhes das emoções e gestos, feitos por mim nas respostas e relatos!! Parabéns!!

Que maravilha de curadoria com essa entrevista! Muito emocionante e potente! Meu peito parece explodir de emoção! Gratidão!

Obrigado, Tuti, pela sensibilidade com a qual você organizou minhas falas da entrevista. Ler tudo isso foi uma espécie documentário-presente daqueles dias.

Excelente resumo! Parabéns!!!

Fiz uma nova viagem, uma viagem as minhas sensações e emoções. Gratidão!

Sinceramente, não lembrava da maioria das coisas que disse aquele dia. Mas adorei como vc escreveu. Vc tem uma sensibilidade que transpassa a sua escrita. E uma delicadeza pra relatar as coisas que é muito acolhedora. Foi muito bom revisitar essa pelos seus olhos. Obrigada!

Eu amei o modo de como você escreveu, retratou e relatou muito bem tudo o que eu disse nessa entrevista, e lendo, lembrei que pensei e construí as palavras assim, exatamente nessa ordem, do meu jeitinho de falar e de me expressar, sem filtros também porque acabei até falando um palavrão, KKK. Ficou tudo muito congruente, dando novamente a sensação de reviver esse evento incrível e reviver as sensações do dia da entrevista. Quando estava escrito "risos", eu ri, quando você descreveu que eu chorei, chorei de novo agora.

Fonte: Opiniões registradas no processo de “validação” das narrativas.

2.9 Análise Fenomenológica

Quando escolhemos a fenomenologia como nosso principal aporte teórico, também nos surpreendemos com a sensibilidade proposta nas análises dos conteúdos gerados pelas experiências pessoais vividas no evento. Uma possibilidade rigorosa de olhar para todos os “dados” com cientificidade, mas sem perder de vista a corporeidade que os tomam. Sem abafar a sensibilidade que muito nos diz.

Nas entrevistas e nas observações, testemunhamos as mais diversas emoções. Lágrimas, sorrisos, preocupações, raiva, prazer, realização, entusiasmo, cansaço, indiferença, intensidade... Não por menos, foi preciso recorrer mais uma vez a **redução fenomenológica**. Se nas ações exploratórias ela serviu para conseguirmos identificar as multiplicidades que o fenômeno poderia ser dado, nas análises, a redução nos permitiu descrevê-lo em profundidade.

Foi necessário observar com distanciamento essas emoções, mas também identificar o que essas emoções nos causaram. Por vezes escutamos nos relatos “*não dá pra explicar, tem que viver*”, uma clara dificuldade em trazer por meio das palavras a expressão daquilo que foi percebido. Assim sendo, pela transcrição das entrevistas e a elaboração da narrativa, selecionamos trechos significativos que pudessem articular com o fenômeno, bem como com os tópicos trazidos pela minha própria experiência. Nossos participantes viveram a Ginastrada Mundial de 2019 e, pelas experiências desses corpos no encontro com esse mundo em comum, buscamos a descrição que ressaltou parte da essência do fenômeno (GRAÇAS, 2000), como veremos nos capítulos adiante.

De tal modo, partimos da subjetividade das falas, das expressões e do agir, atos reconhecidos e desejados na abordagem fenomenológica. Fomos ao encontro desses depoimentos na tentativa de isenção das interpretações prévias, sem direcionamentos pressupostos. Assumimos uma atitude que permitiu certa ruptura com o comum e com o familiar, objetivando uma identificação dos significados relatados sobre as percepções dos participantes e sobre o que vivenciaram, sem categorias pré-definidas (MACEDO, 1999; GRAÇA, 2000). Buscamos, encontrar as ideias fundamentais dos discursos, a fim de selecionar o que poderia ser essencial e o que constituiu as experiências do grupo.

Além dos relatos recebidos via entrevista, também pudemos cruzar as informações presentes na **Parte 3** do questionário. Nesta seção abordamos duas perguntas: 1) O que é a Ginastrada Mundial para você?; e 2) Como você descreveria a si própria(o) na Ginastrada Mundial de 2019? Uma vez que nossa pesquisa foi elaborada com ações exploratórias em um período longitudinal: isto é, ao longo dos anos 2019 e 2020, pressupomos confrontar nossas entrevistas com o que ainda estava latente na percepção dos colaboradores após um ano do festival.

Com tempo e sem a pressão do “ao vivo”, os colaboradores puderam escrever sobre essas questões, lembrar cada momento vivido e enaltecer aquilo de mais significativo por eles percebido. Desta forma, as 16 respostas de cada uma dessas perguntas foram

adicionadas à análise fenomenológica das entrevistas, das observações e do método visual, em que pudemos cruzar as informações, nos encantar com a profundidade e sensibilidades postas, nos surpreender com visões de mundo tão diferentes e estranhar a nós mesmas ao suspender (na medida do possível) essa intensa relação para ver brotar a essência do fenômeno aqui buscado.

A compreensão de um fenômeno em uma experiência vivida requer também um entendimento pleno de sua significação evidenciada na totalidade das conexões e das inter-relações. Por isso, retomamos a ideia do “emaranhado das experiências” — as minhas e as dos colaboradores — observando os “nós” e as “distensões” (MERLEAU-PONTY, 2018). Uma tentativa de identificar o que estava enlaçado e o que estava solto, onde as informações se cruzavam e onde se distanciavam. Buscamos aquelas experiências que se mostraram significativas para cada pessoa, aquilo que subsidiou sua participação no evento e que a fez trazer em forma de narrativa a partir de sua singularidade.

Também, por tal motivo, para além das entrevistas, optamos pelas variadas ações exploratórias (as observações, questionário, análises das mídias sociais), as quais nos proporcionaram diferentes aspectos do mesmo fenômeno. Dito isto, aderimos à “triangulação” (DECROP, 2004) dessas informações e, subsidiadas pela atitude fenomenológica, identificamos as “unidades de significados” (GRAÇA, 2000). Essas foram agrupadas conforme as semelhanças, reunindo em cada discurso aquilo que se convergia. No entanto, não desconsideramos os significados unitários — que não tratavam de algo relatado pelos demais — já que estes, também nos suscitaram importantes reflexões.

Durante essa “análise fenomenológica”, foi preciso compreender os significados das informações e tentar traduzi-las, conforme a minha percepção, mas de maneira fidedigna aos depoimentos como um todo (GRAÇA, 2000). Assumimos a responsabilidade com os colaboradores, atentando-nos para que não faltasse sentido em suas descrições. Optamos, portanto, em não utilizar quadros, mas as próprias falas durante o texto, garantindo uma fluidez na leitura, bem como as imagens resgatadas pelo Método Visual, facilitando o entendimento de alguns aspectos.

Apresentamos a seguir as unidades de significados que vamos aqui refletir.



*Encantamento,
Aprendizado e Convívio
Descrevendo meu mundo vivido*

3. ENCANTAMENTO, APRENDIZADO E CONVÍVIO: DESCREVENDO MEU MUNDO VIVIDO

Descrever experiências da Ginastrada Mundial (GM) não é uma empreitada trivial. É retomar um mundo vivido em sua ausência. Retomada fundamental na fenomenologia, que se mostra particularmente interessada por aquilo que não se faz presente (SOKOLOWSKI, 2014). Minha memória é invadida por recordações — não com sequências de imagens, mas com percepções que eu pude viver naquele tempo. Um vendaval de emoções vivas e vibrantes que oportunizam uma volta ao que foi vivido em tempos outros, no hoje, no agora.

Muito simples seria descrever sete dias que compuseram a GM de 2019. A descrição factual da magnitude que é participar de um evento com tamanho prestígio internacional. No entanto, o olhar para a historicidade na fenomenologia não me permite ignorar um entendimento de que a Ginastrada se iniciou enquanto ainda se constituía em preparação. E nesta, não me refiro somente ao ciclo prévio de quatro anos. Refiro-me também à relação com as outras edições do evento em que pude participar (2011 e 2015), bem como o caminho acadêmico que venho desbravando desde 2008.

A historicidade compõe um ponto fundamental nas pesquisas fenomenológicas, já que para tratar de experiências — sejam elas minhas ou de outros — é necessário identificar que esse corpo que vive e que percebe é único. Um corpo que tem seu próprio mundo e que se relaciona com ele. Que carrega seu tempo interno (ou subjetivo) revelando uma sequência de experiências nos eventos da vida (SOKOLOWSKI, 2014).

3.1 Ginastrada Mundial de 2011: o encantamento!

A minha relação com a Ginastrada se inicia em 2010 ao confirmar a participação no festival, que foi realizado no ano seguinte (2011). Não me é claro o momento em que percebo a grandiosidade de que se tratava o evento em questão, todavia recordo-me de minha

profunda atração sobre viajar para a Europa acompanhando o grupo de que eu fazia parte. Recordo-me das minhas vaidades mais íntimas em estar em um espaço social — aquele conquistado pelo simples fato de “viajar para fora do país”, oportunidade que meus pais ainda não haviam tido. A GM de 2011 era, então, “somente” um ponto de partida. Uma desculpa muito empolgante que justificava tamanho investimento.

As recordações que abraçam as questões financeiras se fazem sensíveis: um planejamento familiar, um apoio sem grandes questionamentos ou críticas. Um acreditar na minha carreira, que eu mesma não mensurava. Entre cartões de crédito, empréstimos e dívidas, pude ir ao evento que hoje é o lócus desta pesquisa.

É interessante sentir a empolgação que acelera os batimentos e que transborda em sorriso ao relembrar a festa que fizemos para tirar uma foto na frente da universidade antes do caminho ao aeroporto. A bagunça dentro do avião para comportar os ginastas que não queriam se separar. O entusiasmo em pisar no território suíço.

Figura 24. GGU rumo à Ginastrada Mundial

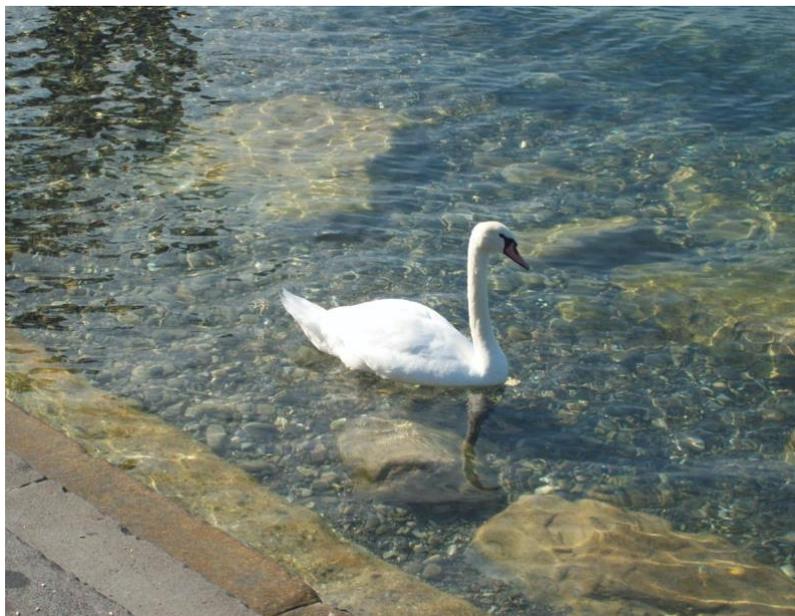


Fonte: acervo pessoal.

Charlie Chaplin em sua profunda sensibilidade escolheu Vevey, uma cidadezinha encantadora na Suíça, a 18km de Lausanne, para passar o resto dos seus dias. Um lago de águas cristalinas, um cisne esplendoroso que posa para uma foto perfeita completa o espaço

em que a “magia” se iniciou! Chegar neste canto do mundo, tão único, tão acolhedor e entender que ali seria o nosso lar por uma semana.

Figura 25. Vevey



Fonte: acervo pessoal.

Este misticismo, que rega as minhas descrições, alimenta o texto em forma de metáfora enquanto não encontro as melhores palavras para descrever o que o meu corpo-vivido quer expressar ao retomar tais memórias. De acordo com Sokolowski (2014), nossa percepção do mundo pode se espalhar em variações de nossa vida interna, em que nos deslocamos em situações recordadas, imaginadas e antecipadas. Neste intercurso, também nos deparamos com as variações em nosso modo de aprender, ou seja, como significamos coisas particulares e os estados de coisas, o que nos permite formar imagens do que não está presente no agora e, mesmo assim, simbolizar o que não é posto em palavras.

A abertura do evento, por exemplo, tem um componente significativo em minhas intenções descritivas: a maneira como ela se fez, como ela foi intencionada, como ela foi vivida por mim e, ousa a dizer, como foi vivida pelos os que ao meu redor se encontravam naquele momento. Foi um ápice. Um ápice de emoção, de entendimento, de conexão. Tocante! Sensível em minhas memórias. O que “mais” ficou gravado como “Ginastrada”.

Começamos com uma surpresa na escola, que seria nosso lar naquela semana: os alunos carinhosamente deixaram desenhos e desejos de boas-vindas pelas salas,

lousas e corredores. Logo, caminhamos em direção ao tal Estádio Olímpico. Não era tão simples chegar lá. Alguns bons minutos de caminhada, seguidos de outros tantos de trem e então, começamos a perceber que éramos muitos.

Depois de uma foto no portão do estádio, sem muita expectativa sobre o que viria, fomos guiados para um parque — o primeiro contato com outro “bando uniformizado” — Não demorou muito para nos misturarmos e, sem ao menos nos conhecer, já estávamos tirando fotos, trocando olhares de alegria e emoção.

Chegou o momento de ir à abertura. Descemos algumas ruas e a multidão foi se formando. Não estava entendendo. De onde apareceu tanta gente?

Chegando a um dos portões, levanta-se um coro que eu não esperava “*Eeu sou brasileirooo, com muito orgulhoooo, com muito amooooor*”. Gravo aquele momento na memória, ao mesmo tempo que me incorporava ao coro ia me arrepiando a cada passo, entrando em um espaço que nunca havia imaginado, nem em meus sonhos. Não era um campo de futebol, era um estádio gigantesco, uma pista de atletismo ao redor, onde caminhamos orgulhosamente, representando a nossa pátria — éramos mais de 600.

Tinham muitas câmeras, pessoas acenando, sorrindo, uma energia que foi invadindo lentamente. Subimos aos nossos lugares onde sentados, esperamos todos os países ali presentes desfilarem. Estava bem no alto daquela arquibancada, admirando e compreendendo o tamanho do evento — mais de 21.000 pessoas em um único lugar. Iniciaram-se as apresentações ginásticas. Havia bolas de todos os tamanhos, figurinos de todas as cores, materiais de todos os jeitos, ginastas de distintas idades, diferentes corpos e habilidades. Até a guarda do Papa estava lá, fazendo as cordialidades de boas-vindas à XIV Ginastrada Mundial.

Quando tudo parecia incrível e perfeito, quando nada mais poderia nos impressionar, fomos surpreendidos por três supersônicos pintados com a bandeira da Suíça. Passaram tão perto de nós, tão rápidos, tão intensos e tão elegantes, quanto ao som que veio logo em seguida provocando o transbordar daquela energia em lágrimas nos meus olhos. Arrepiava só de lembrar. Aqueles “aviõezinhos” passaram por nós, nos tocando, tocando nossas almas. Fez-me sentir viva, peito cheio de, não sei nem explicar o quê.

Quando senti aquele nó na garganta, àquela vontade de chorar, os olhos marejados sem jeito de esconder, olho para o lado e todos estavam como eu — extasiados! Nos olhávamos tentando entender o que estava se passando, o que estava nos passando. (Relato sobre minha experiência na Ginastrada Mundial)

Figura 26. Supersônicos



Fonte: acervo pessoal.

Figura 27. Cerimônia de abertura (2011)



Fonte: acervo pessoal.

Realmente a abertura toma um espaço considerável das minhas lembranças de 2011. Estranho é observar que os momentos de apresentação, em que eu estava no palco, são rasos. A memória do primeiro dia de apresentação me foge. E o frio na barriga? As mãos suaram? Minhas pernas estavam trêmulas? Não me lembro! Por fotos e vídeos, recordo-me do espaço: único hall, entre os muitos que parei para assistir outros grupos se apresentarem.

A noite brasileira ecoa com maior intensidade. As imagens dos brasileiros juntos, em um ginásio enorme, cheio de luzes e figurinos exuberantes, são mais claras e constantes. Um macacão azul que “figurou” o mar do Brasil. Uma noite em claro bordando lantejoulas em uma camiseta amarela para o momento em que nos vestiríamos de sol. Ensaios e mais ensaios.

Figura 28. Figurino do sol



Fonte: acervo pessoal.

Figura 29. Figurino do mar



Fonte: acervo pessoal.

Também não me recordo de como foi a nossa apresentação da coreografia “Caixas de Brinquedo”. Mas lembro-me perfeitamente da festa que fizemos quando a noite brasileira terminou. O grupo estava em êxtase. Queríamos pular, cantar, abraçar, estar com os outros grupos, mas sem nos separar.

Figura 30. Final da noite brasileira (2011)



Fonte: acervo pessoal.

Entre passeios e lanches, lembro-me das ruas suíças, dos castelos, parques e muitas flores. A catedral principal, um festival de blues, o Museu Olímpico e os chocolates mais deliciosos encontrados nas estantes dos mercados mais simples. Também não me esqueço do cansaço tomado pelo meu corpo. Qualquer canto era uma oportunidade de descansar os olhos: “*de cochilo em cochilo a Tamiris passeia*” dizia o coordenador do grupo.

Voltei para a universidade determinada: é com a ginástica que quero trabalhar!

No ano seguinte, eu concluí o curso de Bacharelado com a ideia do meu orientador em estudar os festivais ginásticos. O que era um encantamento tornou-se uma pesquisa. A Ginastrada passa, então, a fazer parte de minha trajetória acadêmica.

3.2 Ginastrada Mundial de 2015: a realidade institucional!

Em 2015, meu olhar e atenção para a Ginastrada tinha outro sentido: a Ginástica para Todos (GPT) fazia parte do meu objeto de estudo. A pesquisa de mestrado que realizei estava começando a tomar forma. Considero que essa seja a descrição mais difícil de lembrar. A Ginástica para Todos começa a ter outros sentidos, outros entendimentos, outra incorporação. Meu copo cheio de ginástica coletiva e cooperativa começa a transbordar e encher outros copos: da política, da gestão, do trabalho, de propósitos outros...

A GM de 2015 atingiu em cheio minha pequena noção de gestão federativa. Os papéis políticos começam a aparecer. A Ginastrada não era “somente” o festival ginástico e uma viagem incrível para a Europa.

O grupo do qual eu fazia parte (Grupo Ginástico UNICAMP- GGU) foi convidado para compor a noite de Gala da FIG. Uma grande responsabilidade foi lançada: representaríamos o Brasil, representaríamos o nome do nosso coordenador (membro do Comitê de GPT da FIG), representaríamos o nome da nossa universidade, representaríamos o nosso grupo.

A busca pela excelência foi aclamada por entrelinhas. Começamos a entender quais seriam os olhares, as cobranças e os compromissos. Durante o evento, pouco pudemos passear e prestigiar outros grupos. O foco era nas três apresentações que faríamos. Horas a fio dentro do ginásio aguardando nossa vez de fazer a passagem no palco. Não por menos os estresses foram constantes. Fome, cansaço, visibilidade, política e muita responsabilidade.

Não havia pódio, colocação, avaliação institucionalizada. Mas havia a demanda da representatividade. O peso de tudo que iríamos representar era árduo. Desta vez, recordo-me plenamente das minhas pernas trêmulas de nervoso, do frio na barriga e das lágrimas da coordenadora.

Em um corredor apertado nos colocamos em ordem segurando o material. O brinquedo infantil “João Bobo” tinha tomado forma. Amarelo como nossa bandeira. Grande para os efeitos planejados. Pesados. Desajeitados. Cada qual com o seu. As portas se abriram e nós invadimos o espaço correndo. Não poderíamos vacilar. O tempo era cronometrado. Em meio à corrida, um sussurro vindo da plateia: *G- G- U!!* O grito que me arrepiava ainda agora. Era o nome do nosso grupo. Eu estava ali. Eu era o GGU. 6000 pessoas iriam nos prestigiar.

Nossa música começa alegre como nossas expressões. O sorriso era contagiante. Palmas acompanhavam os movimentos gímnicos. Nossos olhares pareciam estar em perfeita sintonia. A cada surpresa da coreografia, uma reação do público.

Não pude ver os rostos de quem nos assistia. Estava escuro. Luzes em nossos olhos impediam o contato visual. Mas não importou. Eu podia senti-los. A vibração foi algo surreal. Percebia cada reação. Notei o contentamento. Estávamos fazendo um bom trabalho!

Os minutos passaram voando. Quando dei por mim, já estávamos correndo de volta àquele corredor apertado. Deu tudo certo! O grupo em transe se abraça, comenta e sorri!

Figura 31. Coreografia Balancê



Fonte: Mikael Rantalainen

Realizamos as três apresentações com sucesso. Expectativas foram superadas. Atingimos mais do que o esperado, principalmente por nós mesmos. O contentamento foi geral. Entre os momentos estressantes e o glamour da visibilidade, a intensidade do evento foi revelada. A edição de 2015 toma um espaço diferente em minhas recordações do que é viver a Ginastrada Mundial.

3.3 Ginastrada Mundial de 2019: a responsabilidade corpo-outro!

Engano meu pensar um dia que a noite de Gala da FIG seria a maior responsabilidade que eu poderia viver em um evento como a Ginastrada. Engano meu acreditar que os holofotes gerados por uma apresentação para 6000 pessoas seriam o ápice de um compromisso durante o evento. Engano porque, em 2019, eu pude entender o significado da responsabilidade com o corpo-outro! Diferente do que eu esperava viver — ir como ginasta, doutoranda e observadora do grupo e do evento — fui presenteada com outra perspectiva de responsabilidade: ir como “líder de grupo”.

O GYMNUSP é coordenado por duas docentes da USP. Uma delas foi chefe da delegação brasileira e representava o comitê de GPT da CBG durante a Ginastrada. A outra, por questões pessoais, não pôde ir ao evento. Dessa forma, foi preciso encontrar uma pessoa que pudesse estar presente com o GYMNUSP na Áustria, responsabilizando-se pelos recados, organização dos compromissos e que pudesse representar o grupo em situações burocráticas. Para tal, as coordenadoras me elegeram a partir dos seguintes critérios: o fato de eu estar no doutorado, ou seja, com um vínculo acadêmico com a instituição (USP); falar e compreender inglês suficiente para responder pelo grupo; e ter tido a experiência de duas Ginastradas anteriores. Entre olhares acolhedores, o grupo concordou com a escolha, situação que me deixou confortável para encarar a nova aventura.

Explico antecipadamente que a descrição que se segue apresentará uma riqueza de detalhes sobre a experiência nesta edição — riqueza que não foi possível estabelecer na descrição das Ginastradas anteriores. Isso se deve ao fato de esta ter sido o lócus desta tese e, portanto, foi intencionalmente observada e registrada para que as experiências vividas por mim e pelo grupo constituíssem um rico material de contemplação e reflexão.

Não vou negar que a primeira de todas as inseguranças sobre meu papel de líder foi em relação ao presente estudo. Como pesquisar um grupo que eu vou “liderar”? A

imparcialidade científica nitidamente me apavorava. Vestígios de um tradicionalismo positivista nas pesquisas acadêmicas me cercavam. Em meus pensamentos, minhas atitudes poderiam afetar as percepções dos envolvidos na pesquisa.

Minha escolha, então? Debruçar-me na teoria! Precisava explicar teoricamente que, talvez, fosse preciso trocar o grupo ou então a própria metodologia.

E mais um engano foi registrado neste processo! Felizmente, ao optar pela filosofia fenomenológica, pude entender que as pesquisas nas ciências humanas analisam e interpretam fenômenos, “que por essência, não são possíveis de serem medidos” (MUCCHIELLI, 1991, p.3). Ao escolher um tema de estudo, é necessário olhá-lo como um ponto entre muitos outros que podem vir a compor um “todo”. Neste olhar, o pesquisador procura identificar seu fenômeno dentro de um cotidiano, pois este “todo” faz parte de seu mundo vivido (CRESWELL, 1998). Assim, as escolhas metodológicas também foram pensadas minuciosamente. Cada etapa foi elaborada com o intuito de minimizar possíveis problemas decorrentes do envolvimento pessoal com o grupo.

Para além do suporte teórico, compreendi ao longo de todo o processo que meu papel não era exatamente de uma líder. A própria GPT, de acordo como a conheci e do como o GYMNUSP a incorpora, demandou um papel de “mediação” e não de “liderança”. Construimos uma relação horizontal. Os recados e ações eram compartilhados da mesma forma que a resolução de cada detalhe era feita por todos. O método centrado no aluno foi enaltecido (YAMAGUTI *et al.*, 2016).

As coordenadoras haviam preparado o grupo para a autonomia. Um grupo “autogerível” foi sendo formado, e constituiu o GYMNUSP que foi para a Ginastrada Mundial de 2019. Por tal, o processo prévio foi fundamental para analisarmos o fenômeno. O semestre que antecipou a viagem para a Áustria fez parte do todo de experimentar o referido festival, como veremos ao longo deste trabalho.

Na primeira noite juntos no alojamento, pedi uma reunião para conversarmos sobre a intensa semana que seguiria. Nesta, reforcei as responsabilidades de cada integrante e reafirmei a horizontalidade de nossas relações. Sorteamos um amigo secreto que chamamos de “anjo”, uma linda dinâmica que aprendi com o GGU. O amigo sorteado seria a pessoa pela qual você “cuidaria” todos os dias do evento. A graça estava sobre o anonimato. O cuidado deveria ser oferecido sem plateia. Cada integrante cuidaria do seu protegido sem contar-lhe. E assim passamos a semana: um cuidando do outro.

Figura 32. Primeira reunião



Fonte: acervo pessoal.

Nos dias seguintes, o “encantar-se” foi rotineiro. O café da manhã foi carinhosamente organizado pelos voluntários. Surpreendentes e aconchegantes espaços da escola que nos serviram para os ensaios. Trabalhos sobre o Brasil expostos nas paredes da escola: o acolhimento nos pequenos detalhes. As montanhas ao redor da escola compunham um cenário de tirar o fôlego.

Nos caminhos pelos quais passamos: fotos, sorrisos, conversas. O Grupo foi ajustando laços dia-após-dia. Cores de todos os agasalhos compunham um arco-íris formado pela aglomeração de ginastas dos quatro cantos do mundo, e o nosso amarelo sempre chegava para compô-lo.

Figura 33. Estação de trem



Fonte: acervo pessoal.

Entre os compromissos e agenda de cada dia, duas situações fugiram do nosso controle: o cancelamento da abertura e o acidente de uma de nossas ginastas.

O cancelamento da abertura aconteceu por precaução devido a uma forte tempestade que estava por vir. Foi decepcionante. Um “balde de água fria”, no ditado popular. O que faríamos com toda energia e empolgação do primeiro dia? Corremos, então, para o centro da cidade e nos acomodamos em um bar onde fizemos nossa própria abertura. Música, palco, bebida e comida: nossa festa estava garantida. O grupo estava em êxtase. Dancinhas combinadas, filmagens, fotos, interação com corpos-outros. Um evento significativo! Saímos de lá com a sensação de um grupo que se entrelaçou. Uma certeza de que seria uma semana intensa, mas muito feliz.

A segunda situação, o acidente de uma ginasta, marcou profundamente a GM 2019 para todos do GYMNUSP. Não por menos, apresentaremos um capítulo somente sobre essa situação. Um acontecimento que trouxe à tona muitas questões: responsabilidades, preocupação, união, pertencimento, acolhimento, amizade. A intensidade nos afetou. Nenhum supersônico chegou perto do ruído que essa cena causou em mim.

Ambas as situações endossaram um “ser-grupo” que afetou significativamente os membros do GYMNUSP. De um dia para o outro, literalmente, fomos da máxima alegria para a máxima preocupação. Em um dia estava me policiando enquanto representante de grupo, um cuidado em querer demonstrar responsabilidade, ao mesmo tempo que me transbordava de felicidade ao dançar e observar cada sorriso. No outro dia, o tenso olhar e as lágrimas foram reveladas em instantes ao ver uma de nós no chão sem conseguir mover um dedo.

O dia amanheceu trazendo as melhores recordações. Da tempestade, da música, do coletivo amoroso e festivo instalado no grupo. Tudo fortalecido com o café caprichado, sorrisos acolhedores e olhares de admiração mútuos: ginastas e voluntários.

Então, um ensaio prévio. Uma quadra de estrutura impecável. Ginastas ansiosas com a estreia no festival. O inesperado chegou. Um grito. Olho para trás e uma de nós estava caída no chão. Corremos para ver o que havia acontecido: olhos arregalados, estáticos e vermelhos. Pensei o pior até ter certeza de sua respiração.

“Tuti, olha pra mim! Não mente! Toca no meu pé! Ele está mexendo?” ela suplicava. Como pedir calma se meu corpo também parecia não obedecer? O tremor, as mãos geladas, a voz engasgada. Em instantes de lucidez, eu dizia a ela: *“Mexeu um pouco! Mas fique calma! Vamos resolver!”*. Intuí o pior em silêncio ao observar que havia mentido — nada se mexeu! Ao mesmo tempo que desejava ser o corpo reagindo: *“tente se acalmar, você está em choque, é a adrenalina, não vamos te deixar sozinha”*.

E o tempo? Ah! O tempo! Não consigo mensurar a longevidade desta situação até os paramédicos chegarem.

E o grupo? Impecável! Entre os que rezaram, cuidaram, organizaram a cena, uma certeza: não foi uma ginasta que se acidentou, foi o grupo todo.

Um dos acompanhantes — em sua pura sensibilidade — me abraçou dizendo: *“Calma, você está sendo ótima! Vai dar tudo certo!”*, as lágrimas que estavam contidas, escorreram.

Entre hospitais, esperas, apresentações, abraços e cuidado nos reestruturamos. Erguemo-nos como um grupo. Um coletivo que superou o medo, a frustração e o desespero. Apertamos um pouco mais o laço. Começo a perceber que o impacto do acidente foi decisivo. Caso houvesse alguma desavença, alguma má vontade ou algo que pudesse atrapalhar a relação entre pares, depois do ocorrido, certamente não haveria espaço.

Esses corpos caíram junto com a ginasta. Não sentiram a dor que ela sentiu, não viveram a experiência que ela passou, mas viveram empaticamente toda a consequência.

Seguimos a semana nos adaptando. Aproveitando cada instante. Deslumbrando-nos entre apresentações, trocas, lugares, festas. Cansando a cada noite pouco dormida por ter ficado até tarde conversando com o colega do colchão ao lado.

Cumprimos todos nossos compromissos sem nos desgrudar. A vontade era de não perder um momento sequer. Compartilhar o novo entre nós era a diversão! Os acompanhantes firmaram um “fazer parte” que foi surpreendente para eles e para nós.

Na última noite antes do último dia juntos, recebi uma agradável surpresa. Uma homenagem em agradecimento pela mediação do GYMNUSP. Com um nó na garganta ao escrever este parágrafo, relembro o calor deste singelo carinho. E longe de parecer prepotente ao descrever tal situação nesta tese, explico que esse foi um afeto que me tocou profundamente. Uma experiência com o “corpo-outro” que foi marcante. Foi um findar de processo que, mesmo com todos os problemas, fez-me apreciar as possibilidades pedagógicas que o caminho acadêmico tem me mostrado.

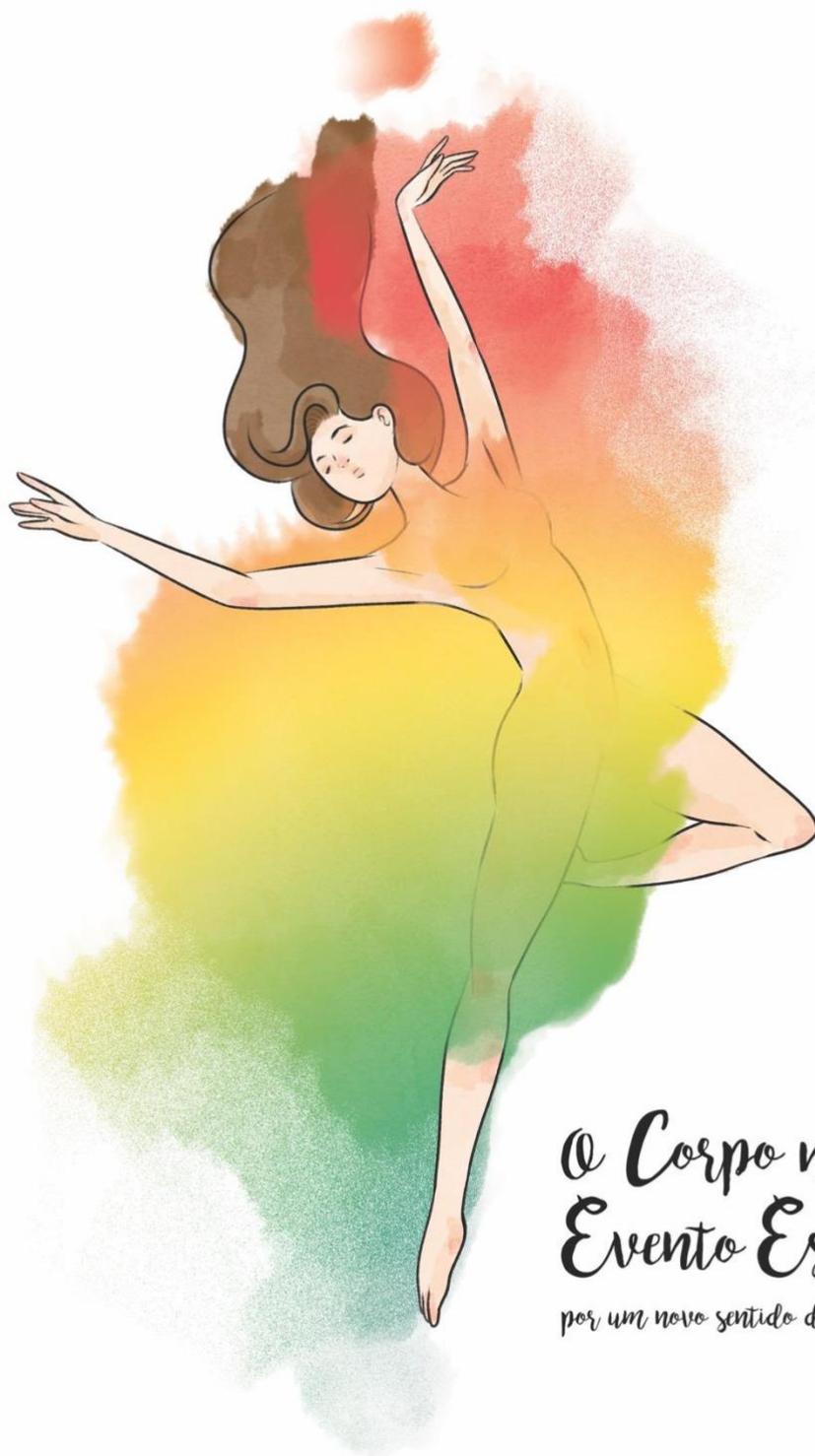
Enquanto terminava o pedido de nossa pizza, o GYMNUSP ia se sentando na grande mesa do alojamento. Os olhos de cansaço eram disfarçados pelo brilho da alegria. Alguém pede a fala. Uma caixa branca é posta à minha frente. Um frio na barriga e uma vergonha enorme toma conta do meu corpo. O que é isso?

Ao abrir, surpreendo-me com pedacinhos de afeto. Bilhetinhos de cada um deles. Lembranças de uma semana intensa. Detalhes de nossos laços sendo amarrados. Emoções. Memórias. Amor. Um pedido para que eu lesse em voz alta. Cada palavra que saia de mim, ressonava em brincadeiras, sorrisos, lágrimas... Como retribuir tamanha consideração? Uma certeza: o “ser-grupo” me tocou! Aquele instante de felicidade que quero imortalizar nas mais doces recordações.

Figura 34. Memórias de uma grata surpresa



Fonte: acervo pessoal.



*O Corpo no
Evento Esportivo:
por um novo sentido de estar no mundo*

4. O CORPO NO EVENTO ESPORTIVO: POR UM NOVO SENTIDO DE SER NO MUNDO

Como já anunciado, traremos um destaque para o corpo neste capítulo. Dessa forma, os holofotes deste evento estarão voltados para aqueles que viveram um festival ginástico internacional, corpos que se reconheceram como participantes da Ginastrada Mundial (GM) de 2019. Corpos que se encantaram, apresentaram, confraternizaram, pertenceram, conviveram, prestigiaram, e que, por alguns dias, puderam sair de suas habitualidades, que se abriram para experiências outras e permitiram que suas percepções se tornassem públicas para este filosofar.

A publicidade dessas descrições nos permitiu identificar parte da identidade deste festival. Os fenômenos nos são dados por múltiplas manifestações (SOKOLOWSKI, 2014) e as narrativas dos nossos colaboradores puderam nos revelar algumas delas. Em constante atitude reflexiva, buscamos as similitudes e as diferenças, indagamos o que era comum a nós, e permitimo-nos um certo encantar por esses mundos vividos.

Revivendo nosso contexto fenomenológico, Merleau-Ponty (2018) refletiu que toda experiência vivida é corporal e, assim, colocamo-la como fundamento primeiro de todo conhecimento. Ou seja, é o corpo que nos oferece a oportunidade de viver, criar e desvendar o mundo. E, por isso, observamos fundamentalmente a relação corpo-evento neste estudo, identificando por meio das expressões (falas e movimentos), as intenções dos atos afetivos de cada participante. Estes corpos se movimentaram em direção a suas intencionalidades — movimentos vivos, livres, significativos e únicos (SURDI e KUNZ, 2010).

Estudiosos vêm colocando as experiências no centro das pesquisas sobre eventos, considerando os aspectos motivacionais e possibilidades de retorno — clássicos interesses econômicos (RICHARDS, 2019; MORGAN, 2008). Todavia, discutir o que é essa experiência, ou como os participantes vivenciam os eventos, é mais complexo. As experiências são diversas considerando que cada evento oferece oportunidades experienciais distintas, bem como cada participante experimenta o mundo de maneira personalizada.

Desta forma, para além do destaque ao corpo, também observamos os contextos proporcionados pela GM de 2019. Essa relação foi fundamental para notar as múltiplas identidades do festival, sem perder de vista a intencionalidade particular de cada

colaborador. Portanto, dividimos esse capítulo em três partes: “**Corpo sem fronteiras: desvendando um evento internacional**”; “**O corpo que transcende: o reconhecer a si-próprio**”; “**Corpo que se mostra e vê: experiência estética em foco**”.

4.1 Corpo sem fronteiras: desvendando um evento internacional.

Diferentes fatores podem determinar a felicidade e a satisfação quando tratamos das experiências de um modo geral. Fatores circunstanciais como etnia, sexo, idade, estado civil, saúde, religião, entre outros, respondem por parte dessa felicidade pessoal (ARMBRECHT e ANDERSSON, 2019). Entretanto, os chamados “fatores de atividade intencional” podem explicar uma outra parte da variação de satisfação e estão relacionados com as nossas atividades comportamentais, atividades que escolhemos realizar, como por exemplo: relaxar, exercitar-se, ouvir uma música. Da mesma maneira, estão pautados em atividades volitivas, como se esforçar para atingir uma meta (LYUBOMIRSKY, SHELDON e SCHKADE, 2005). Neste sentido, entendemos que existem variáveis intimistas que determinam o prazer e a satisfação no que diz respeito às experiências em eventos (SIRGY e SAMLI, 1995).

Iniciamos essa parte da tese levantando tais questões, pois evidenciamos o contentamento afetivo das experiências vividas na GM pelo grupo estudado. Estes sentimentos foram inundados por fatores que perpassam o festival em si. Entre eles, observamos a satisfação eudaimônica — baseada no desenvolvimento de seus potenciais e autorrealização, ou seja, aquela relacionada com necessidades de “crescimento pessoal” em resposta à participação no evento (ARMBRECHT e ANDERSSON, 2019).

Também fomos compreendendo, por meio da fenomenologia que o princípio da intencionalidade está conectado ao nosso modo de existir enquanto ser-no-mundo. A consciência do mundo está radicada em uma consciência pré-reflexiva e esta consciência é corporal (MARQUES *et al.*, 2013). Portanto, cada integrante deste coletivo intencionalizou a GM pautado sobre sua relação com o mundo e suas experiências anteriores.

Como ponto de partida dessas intenções baseadas no desejo de autorrealização ou de crescimento pessoal, observamos que a viagem para o continente europeu promoveu — em muitos dos nossos entrevistados — uma boa parte da satisfação em participar no festival realizado na Áustria.



Akanni: “É... Eu escolhi o passaporte, porque eu acho que, para nós, latino-americanos, ir para a Europa é muito difícil. Assim, é muito custoso e... Quando eu fiz o passaporte, quando ele ficou pronto e eu fui buscar [...] Eu peguei ele na mão e foi uma sensação muito de... não de conquista, mas de fazer um percurso grande assim, que eu não sabia se eu ia chegar. E, me parece que, quando a Cecília trouxe a ideia da Ginastrada, a minha esposa, foi no sentido de ‘olha, vamos concretizar aqui, por esta porta’. Então, foi uma viagem grandiosa, cuja porta de entrada foi a Ginastrada”.



Shakira afirma que, antes de tudo, a própria viagem internacional foi algo grandioso em sua vida, já que tinha sido a primeira vez que havia saído do Brasil. Explica que o evento acabou sendo a porta da realização desse sonho de viajar, pois “se não fosse a Ginastrada eu não teria viajado de avião ainda, com certeza foi um estopim”.



Sofia pega um souvenir: a Torre Eiffel. Conta que desde os 13 anos tinha vontade de conhecer Paris e quando viu que a Ginastrada seria na Áustria, ela já começou a fazer as rotas para poder visitar a França. Comenta que não precisaria do evento para poder viajar, mas que hoje, depois que teve a oportunidade de participar, ela vê que é uma oportunidade de juntar duas coisas muito interessantes, fazendo com que as viagens tenham mais um propósito: “Eu estou indo fazer turismo e conhecer os lugares que eu tenho vontade? Estou! Mas não é esse o motor principal, o motor principal é a ginástica!” (abre um sorriso largo).

A ida para a Ginastrada se tornou algo a mais do que “somente” participar de um festival ginástico. Nossos colaboradores demonstraram corporalmente um entusiasmo muito parecido com o que eu pude viver na edição de 2011. Muitos, ainda sem conhecer a dimensão do evento, aceitaram a empreitada e o gasto financeiro, motivados pela viagem para o velho continente. Como percebemos em alguns discursos, em especial do colaborador Akanni, o evento se caracterizou como uma “porta de acesso” para a realização deste sonho.

Para além da narração nas entrevistas, percebemos no semestre anterior ao festival uma certa ansiedade e curiosidade por parte do grupo. Antes do início dos treinos ou nos momentos de café, o assunto quase sempre se voltava aos aspectos da viagem. Era muito comum que as colaboradoras já experientes, que já haviam vivenciado situações de longas viagens, trocassem informações de seus mundos vividos com quem ainda estava à espera e se preparando para essa oportunidade.



Nota (31/03/2019): Acabada a parte prática, sentamo-nos para fazer o tradicional piquenique pós-treino, momento de descontração, momento em que aproveitamos para falar de assuntos variados. Hoje, o assunto principal foi a viagem. Eu, Victória e Cibele, que já participamos de Ginastras anteriores, trocamos dicas e compartilhamos algumas situações com as outras integrantes que nunca viajaram. A Shakira estava bem apreensiva sobre o que levar, como lavar e secar as roupas usadas. Alekena estava bem preocupada com o tamanho da bagagem, já que muitos voos internos não permitem malas grandes.

Nota (18/04/2019): Um dos assuntos discutidos no início do treino foi sobre a notícia que talvez teríamos dois dias livres no evento. Um momento de muita euforia, principalmente em relação ao turismo, de saber que iriam poder “estarem livres” em algum momento. Cada uma das ginastas começou a falar sobre o que gostaria de fazer neste “tempo de turismo”, entre as vontades mais comuns estavam: poder beber cerveja; assistir outras coreografias; e conhecer um país vizinho.

Critical Friend

(31/03/2019): Acho que isso entra em uma categoria do evento no desenvolvimento de outras competências, a organização de um evento dessa magnitude, dessa grandeza, permitir que essas pessoas, elas aprendem outras coisas que não só a ginástica, outras coisas que não têm só a ver com a Educação física, que não tem relação com o corpo delas ou composição coreográfica — são “novos aprendizados” ou “**aprendizagens de contexto**”.

Assuntos que perpassaram tamanho de bagagem, aonde ir, o que fazer, onde economizar, o que comprar para levar, tomavam boa parte dessas conversas nos treinos. Em concordância com nossa amiga crítica, o corpo-ginasta que foi desvendar o festival esportivo descobriu um outro âmbito de aprendizagens que uma viagem internacional pode proporcionar. As chamadas “aprendizagens de contexto” significou o conhecer por meio da resolução de problemas que até antes não eram demandas da vida cotidiana, de quem não tem a oportunidade de viajar.

Os viajantes dessa aventura ginástica desvendaram não somente os roteiros cuidadosamente planejados, mas conheceram a si próprios enquanto seres-desbravadores. Isso se deve ao fato de que os novos espaços adquiriram um sentido emocional, um processo um tanto quanto poético e significativo. Começamos a perceber que a viagem não se fundou unicamente em uma ação de deslocamento: ela foi inundada de personalidade, de historicidade, de desejos e interpretações. Para Merleau-Ponty (2018, p. 378) “toda percepção supõe um certo passado do sujeito que percebe, e a função abstrata de percepção, enquanto encontro de objetos, implica um ato mais secreto pelo qual elaboramos nosso ambiente”.

No ato de planejar, cada corpo iniciou um processo de ativação de movimento, de intencionalidade. O ato de observar os mapas gerou um convite à curiosidade acerca das paisagens, das construções populares, das diferentes culturas, do “vir a ser turista”. Como aproveitar todas as oportunidades? As intenções vazias abriram portas à imaginação. Abriram espaços para a expectativa. O vazio foi se abrindo lentamente para um preenchimento único.

Nosso corpo tem poder sobre o mundo quando nossa percepção nos oferece “um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 337), ou seja, quando nossas “intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam” (p. 337). Assim, as programações, os planos estudados e as trocas de informações auxiliaram o processo vivido durante o “turistar”. No entanto, é importante mencionar que todas essas ações não evitaram as imprevisibilidades circunstanciais. Na demanda do imprevisto, a surpresa da experiência nunca vivida se fez. O vazio do viajante gerou a necessidade do aprendizado. As dicas trocadas nos treinos se tornaram inspirações para serem reescritas por uma percepção outra, agora, muito particular. Dessa forma, o novo espaço desbravado não se tornou somente um ambiente em que as coisas se dispuseram, mas o meio pelo qual a posição das coisas se tornou possível (MERLEAU-PONTY, 2018).

Este corpo que começou a romper fronteiras ainda no processo de organização, mistura suas percepções e suas significações com a oportunidade privilegiada da viagem internacional:



Fiana: “Não sei, essa primeira experiência da Ginastrada se mistura muito com uma primeira experiência de viajar para fora também. Então, pra mim, foi bem emocionante. Acho que muitas das coisas que eu faria de diferente, tem mais a ver com o fato de que eu acho que eu faria em qualquer outra viagem, sabe?”



Alekena: “É uma oportunidade. Por exemplo, eu nunca tinha saído do Brasil, então foi minha primeira viagem internacional! Então, isso para mim fez muita diferença, valeu demais assim... Então, assim, expectativa de sair, né? De toda a preparação de poder viajar, ir para fora, de uma viagem longa de avião, de ir para outro país, de conhecer outra cultura, da dificuldade da língua. Mas eu acho que a gente consegue ver um sentido de o porquê esse evento estar lá na Europa, de ele ser bem organizado, da tradição da ginástica. A gente entende o contexto e é uma oportunidade. Acho que se fosse no Brasil eu não iria viajar para fora também. Então, essa oportunidade de viajar, de conhecer novos lugares, também

pra mim foi super importante, de estar com o grupo, de a gente se conhecer, uma viagem...”

O que percebemos, muito se relaciona com a reflexão promovida por Merleau-Ponty (2018) na segunda parte de sua obra, em “*O mundo percebido*”, ainda mais específico sobre o ponto II: “*O espaço*”. Nos exemplos mencionados pelo autor, compreendemos que o que importa para a orientação do que é contemplado não é o corpo como ele é, como mais uma coisa em algum lugar, mas sim, enquanto um sistema de ações possíveis, ou seja, “meu corpo está ali onde ele tem algo a fazer” (p. 336), ele vai se definindo por suas tarefas e pelas situações.

O filósofo lembra que, durante a atitude natural, nós não colocamos um objeto ao lado de outro para perceber suas relações objetivas, o que temos são fluxos de experiências que se implicam e, assim, explicam-se uns aos outros. A participação na GM promoveu um movimento para a concretização de outros atos experienciais. Para ir ao evento, foi preciso viajar. Para percebê-lo e descrevê-lo, a intensidade da experiência do turismo foi, da mesma forma, trazida à tona.

Assim, conseguimos superar o vislumbre turístico que nossos colaboradores nos apresentaram. Em um momento de transição — da atitude natural para a atitude fenomenológica —, saímos da inquietude que nos assombrava: “*será que a experiência na GM se faz magnífica porque as pessoas viajam para a Europa?*”, para mergulhar na identificação de que o fluxo das experiências é sequencial: o esporte, ou as práticas corporais, levam-nos aos eventos e estes apresentam um universo à parte a ser desvendado, a ser vivido. Não é possível separar cada experiência de um festival esportivo, como separamos a semente de uma laranja. A compreensão da relação corpo-evento perpassa o todo. Cada percepção é única e é voltada ao sentido que queremos com cada ato. É desejável o “apresentar-se” ou o “competir”. Mas, também é desejável (e muito) sair da rotina, viajar, conviver, conhecer novos lugares. Se a opção fosse somente o corpo em cena, arriscaríamos dizer que a escolha talvez não seria a GM.

Podemos perceber que a intencionalidade em ir para a Áustria também não perpassou exclusivamente a grandeza institucional que o festival representa. Muitas de nossas ginastas e seus acompanhantes não tinham uma dimensão real de seu tamanho. Ainda que houvesse a compreensão de que era um evento realizado pela Federação Internacional

de Ginástica (FIG) e que havia muitos países participantes, esse reconhecimento se deu no participar.



Akanni: “Primeiro, uma impressão muito superficial do que seria. Mesmo o nome, acho que o nome Ginastrada, assim, ele não produz tantos sentidos para quem é de fora, né? Então, a gente acaba que... ainda com a Cecília, ela usa alguns termos técnicos, mas, mesmo assim, eu colocava em um campo meio geral: ‘ah, um evento de Ginástica’. Eu nem sabia do tamanho! 21.000 pessoas! Nem, nem tinha ideia desse tamanho.



Caio: “Então, o evento é gigante! Eu achava que era bem menor, muito provavelmente porque eu nunca tinha ido, {...}, mas, assim, do evento especificamente, muito grande!”



Iris: “Eu vou contar da grandiosidade que foi. Tipo é muito... Não era o que eu esperava, foi muito mais que eu esperava, na verdade. Todos os níveis das pessoas, eram altíssimos, assim... Ah! Foi tudo muito lindo, muito colorido, muito alegre, todo mundo na mesma *vibe*... Isso!”

Com base nesses depoimentos e retomando a reflexão proposta no início desta sessão, passamos para um segundo ponto que se formou pelo reconhecimento do evento nas descrições do coletivo aqui estudado. Para além do vislumbre turístico e pela surpresa sobre a dimensão do festival, uma das temáticas recorrentes se deu acerca da prática corporal que fundamenta as características da Ginastrada: A Ginástica para Todos (GPT).

Como uma prática gímnica plural, que pode incorporar diferentes manifestações do fazer ginástico com outras propostas do “movimentar-se” humano (BENTO-SOARES e SCHIAVON, 2020), a GPT se constituiu em diferentes espaços sem perder de vista suas características fundamentais: uma prática realizada em grupo, possibilidades do uso de diferentes implementos e distintos perfis de praticantes. Na ausência de códigos gestuais, amplia-se sua diversidade enquanto prática, como também reforça sua essência participativa (MENEGALDO e BORTOLETO, 2020a).



Shakira: “[...] que o mais bacana do evento é você ver que tem pessoas de todo quanto é, tipo assim, participando, né? Temos nós assim, adultos, tem criança... Muito idoso! Isso, eu fiquei assim, besta de ver, de como tem pessoas mais velhas fazendo isso e fazendo muito bem, melhor que a gente (risos). E pessoas com deficiência. E que lá todo mundo é igual, apesar dessas diferenças, todo mundo está unido por uma coisa só! Então, eu acho que isso é bacana do evento. E é isso! São apresentações! Ah! E eu também deixo bem claro que a gente não compete,

porque muita gente ficou dando parabéns (rindo). E aí eu falei: ‘não! Não é competição!’ Não é. Lá todo mundo só vai representar, vai se apresentar e a intenção é essa. Assim, não tem nada de querer ser melhor que o outro não!”



Cecilia: “É um evento que cada um vai com aquilo que tem... nada seu, que é nada, que as pessoas falam assim ‘isso é nada!’, lá é potência! Que cada mínimo detalhe teu, assim, do que você sabe. E não precisa ser só de ginástica, é usado. E que não cabe em nenhum momento qualquer tipo de sentimento ruim. Como, por exemplo, inimizade, briga, não dá! Não tem espaço! A Ginastrada não dá espaço.”



Alana: “[...] a minha impressão foi de que hoje tem uma configuração diferente, talvez mais voltada pra qualidade de vida... Me espantou muito ver pessoas, mulheres... muitas mulheres praticando e mulheres mais velhas... com mais de cinquenta anos nos grupos... E homens também! E acho que isso foi muito legal, assim!”

Como podemos perceber, a característica da participação foi evidenciada nos relatos. Mesmo que essas ginastas tenham tido conhecimento prévio sobre o evento e, portanto, sobre a ausência de um processo formal de avaliação (comparação), observar a pluralidade marcada pelo lugar da não-competição surpreendeu nosso grupo.

O rompimento com modelos tradicionais de “corpos-ginastas” – novos, fortes e belos –, que atendiam às demandas da cultura e da história das modalidades gímnicas (SOARES, 2013), foi então exaltado. Passaram a reconhecer que um corpo em movimento pode produzir sentido e responder ao que nos falta, provocar a curiosidade do saber, independentemente de suas formas. Notamos um espanto acerca da participação massiva de corpos experientes – não àqueles condicionados há anos por uma ginástica, mas, àqueles que a idade permitiu experienciar a vida por mais tempo.

A GPT tem em uma de suas premissas uma prática coletiva e inclusiva. Como exemplo, tem se destacado pela abrangência do público idoso (CONTESSOTO *et al.*, 2021; LOPES e SANTOS, 2021; SILVA, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; MORENO e TSUKAMOTO, 2018; SIMÕES e CARBINATTO, 2016). A prática gímica em grupo pode, para além da inclusão, potencializar as individualidades, contribuindo significativamente, na formação de espaços sociais que corroboram com o processo de envelhecimento (CONTESSOTO *et al.*, 2021).

A cultura ginástica europeia pareceu cunhada nos movimentos coreográficos de muitos idosos na GM. O “exercitar-se” por toda vida começa a parecer possível para quem participa dos festivais ginásticos que há séculos são realizados neste continente (PATRICIO,

BORTOLETO e CARBINATTO, 2016). Dos passos simples sincronizados a acrobacias mais arriscadas, todos podiam demonstrar o que melhor poderiam fazer.



Nota (13/07/2019): Eram homens, barrigudinhos e de cabelos brancos. Em trios, organizavam-se entre base, apoio e volante. Enquanto um ajudava o outro a subir, uma pose acrobática era exposta. Em seguida, uma saída com um mortal. Meu coração gelou. Frio na barriga!! Que medo de eles machucarem! Imagina meus avós fazendo isso? Logo após, uma sensação de paz e de encantamento: deu certo! Eles estão bem e sorrindo! A coreografia foi incrível!

Com a globalização e o mundo acessado pelas telas de nossos aparelhos eletrônicos, podemos assistir vídeos surpreendentes de senhores e senhoras atletas que mantiveram suas vidas ativas com relação a prática de atividades físicas.¹⁶ No entanto, conviver com centenas deles, é perceber que aqueles vídeos performáticos não são somente para pessoas “espetaculares”. Como bem nos colocou Cecília, é identificar a potência nas ações, nas escolhas, nas políticas públicas e na cultura de movimento. Nossos colaboradores voltaram da GM compreendendo que, nesta perspectiva, a ginástica pode ser efetivo “para todos”.

Como pudemos conhecer um pouco do perfil do GYMNUSP no capítulo anterior, o grupo foi formado por muitos professores, em especial da área da Educação Física. Desvendar o evento também permeou a intencionalidade profissional de muitos deles. Entre as múltiplas oportunidades, os olhos atentos de docentes e futuros docentes buscavam novas ideias, conceitos e movimentos.



Nota (09/07/2019): “Parte do grupo optou por explorar o evento, buscando coreografias diversificadas para assistir. Encontramos um estádio e subimos pela arquibancada o mais alto possível para poder contemplar as ginásticas de grande área. Alekena havia acabado de passar no concurso de docente substituta para aulas de ginástica em uma universidade pública, Alana é professora de Ginástica Rítmica, não sei muito sobre seus planos, mas me pareceu bem interessada. Becky, professora escolar, estava radiante em estar ali. Victória optou por assistir mais do que passear, agora, como ginasta, estava concentrada em descobrir novos objetos e ideias para aplicar. Também conversei muito com Jordan sobre seu intercâmbio e, pareceu-me que o evento estava sendo uma experiência bastante interessante”.

¹⁶ Por exemplo: <https://www.youtube.com/watch?v=yRkDAceaEEg> [acesso 13 agosto de 2021]; e https://www.youtube.com/watch?v=dNH0uz8w_fm [acesso 13 agosto de 2021];



Alekena: “Eu tinha passado no concurso uns dias antes da viagem, eu já fui querendo com um olhar, tipo, de ginasta, querendo aprender coisas ver criatividade, para eu poder, talvez trazer ideias para o próprio grupo para poder criar. ‘Olha, o material de tal grupo foi legal, a gente pode usar’. Possibilidade de figurino, de roupa, de movimentos, de acrobacias, de passo, de dança, de tudo que a gente vê que é muito rico. Então, foi uma oportunidade incrível de ver de perto. Porque assistir um vídeo no Youtube é uma coisa, mas vocês estarão lá participando, sendo um ginasta também, igual os outros, é... Acho que isso foi muito significativo pra mim”.



Cibele: “que a Ginastrada foi... É... Meio que o divisor de águas pra mim, foi o ponto que... Antes eu estava um pouco mais crua na ginástica, ainda estava entrando nesse mundo, conhecendo e não sei o quê... E eu acho que ter chegado na Ginastrada e ter vivido tudo aquilo e ter visto como é que é... Foi eu chegar pra mim e falar: ‘agora eu sou da ginástica, agora eu sou GPT, agora eu vivo isso’. Eu vivi e agora eu tenho experiências pra contar! Porque eu não tinha! (rindo). Enfim, eu participei de vários eventos, mas a Ginastrada eu acho que, que, não sei se pra quem é da GPT é o topo, mas pra mim foi o máximo! Foi o topo e eu sou da GPT!! (muito entusiasmada)”



Alana: “Uma carreira da ginástica é uma carreira muito excludente, né? E acho que eu fiquei em várias crises nos últimos anos sobre o que seguir de profissão também. E com o que eu queria... Eu trabalho com GR, mas fico na dúvida se eu realmente quero continuar com isso ou não! Então, eu acho que foi também um respiro neste sentido! De pensar novos ares dentro da ginástica, de pensar novas possibilidades de... Não só de atuação, mas da minha atuação, principalmente, mas do meu trabalho, de voltar pro Brasil e pensar novas práticas assim [...]”

Alekena afirma que os vídeos — que muito nos ajudam nessa era tecnológica —, não superam a participação que nos coloca “no mesmo nível” daquilo que antes era apenas visto. Claro que essas ferramentas virtuais nos alimentam enquanto seres que se habituaram ao plano remoto. Mas estamos tratando de corporeidades e, como seres encarnados, somos seres relacionais, corpos que se relacionam com as coisas e com os outros, que se movimentam e se expressam, que necessitam tocar e serem tocados, ver e serem vistos, escutar e serem escutados (MERLEAU-PONTY, 2018; 1984).

Quando defendemos a corporeidade, a unidade corpo e mente, estamos defendendo o corpo-próprio enquanto lugar de ser no mundo, enquanto lugar do saber, do sentir, do perceber, e, então, do conhecer. Por isso, perguntamo-nos com frequência: “*porque muitos sistemas avaliativos não consideram a participação em eventos esportivos tal qual considera um evento acadêmico?*”

Não estamos aqui para julgar qual se aprende mais. Não nos interessa a competição incabível sobre a eficácia de aprendizado teórico versus prático. Interessa-nos o devido valor aos eventos (de uma maneira geral) como lugar de experiências corporais variadas.

A experiência na GM proporcionou um desvendar do “si próprio” desses corpos cheios de certezas, mas também cheios de dúvidas. Sair da rotina e observar o novo pode ser libertador. É poder sair de amarras institucionais e criar alternativas de vida, de trabalho, de relação. É ter tempo para explorar nossos desejos mais íntimos e descobrir outras vontades. É se perceber como um corpo sem fronteiras que pode se abrir para o festival e viver o máximo de oportunidades que ele pode nos proporcionar.

Fenomenologicamente falando, as coisas no mundo se mostram a si mesmas: identidades dentro da multiplicidade de manifestações. Da mesma maneira acontece com o nosso ego: revela-se como uma identidade em uma multiplicidade de manifestações (SOKOLOWSKI, 2014). Nós nos apresentamos ao mundo como agentes intencionais de nossas vidas, isto é, temos o mundo e as coisas, e, assim, introduzindo-nos no modo humano de ser. A fenomenologia explora esse ego em todas nossas formas intencionais, sempre com seus correlatos (as coisas experienciadas). Podemos dizer que, por essa filosofia, exploramos nós mesmos em nossa humanidade.

Por entre narrativas deles e notas minhas, pudemos identificar a satisfação acerca do festival proposto pela FIG. Entre os desejos de autorrealização (como a viagem internacional) e idealizações de crescimento pessoal (como melhorias no âmbito profissional), começamos nossas reflexões sobre as diversas intencionalidades que permearam o coletivo na efetivação dessa participação.

Identificações que nos ajudaram a sair — na medida do possível —, do romantismo que cercam nossos olhares sobre a Ginastrada Mundial, bem como para a própria Ginástica para Todos. Foi preciso sair do fosso que nos afunda em meio à atitude natural e perceber que o evento aqui estudado é, sim, muito interessante e a ginástica obteve um papel fundamental que movimentou as ações participativas.

Contudo, o desejo de participação dos nossos colaboradores não se finda neste fazer ginástico tal qual acreditamos e vivenciamos em nossos grupos de extensão (PATRICIO e CARBINATTO, 2021). Para alguns deles, o excesso de atividades e apresentações foi, inclusive, mencionado como cansativo e monótono. A GM foi uma experiência legal, porém, a rotina e o cronograma do grupo poderiam ser repensados.



Caio: “[...] começou a ficar chato! É a mesma coisa! Sempre a mesma coisa, (faz voltas com o dedo), ok, né? Claro, tinha uma variação, e tal, da coreografia, mas assim... parecia que era sempre a mesma coisa”.



Fiana: “Eu saí de lá saturada, eu não saí de lá... Tipo, as pessoas saíram com muita vontade de voltar, querendo mais evento... Mas eu saí de lá muito saturada. Assim, muito satisfeita, não em um sentido exatamente ruim, do tipo ‘nossa, não quero nunca mais!’ Mas foi tanto, tanto, tanto, que acho que eu tô... Sabe quando você já comeu demais? E você fala: ‘ah! Tá bom! Agora eu vou dormir, fazer a digestão, boiar aqui um pouco e depois eu penso nisso’. Foi um pouco sobre isso! É muita coisa acontecendo... Mas... Não sei, da próxima eu acho que eu faria algumas coisas um pouco diferente... Não sei, assim...”

A pluralidade participativa da GM comporta diferentes intencionalidades. Depois da entrevista, pareceu-nos evidente que para o acompanhante Caio, o festival foi mais um dos compromissos de algo maior, no caso, sua viagem para o continente europeu. Mesmo com muitas perspectivas positivas, como os momentos de lazer e diversão, a ginástica não foi algo que o encantou, que o tocou, como foi para outros participantes.

Em uma reflexão sobre festas e sobre jogos, Saura e Zimmerman (2018) argumentam que, mesmo associados à noção de prazer e divertimento, a participação nesses eventos não exclui outras possibilidades de associação, tais quais: exaustão, decepção e conflito, por exemplo. Inclusive, para os organizadores essas questões se mostram como uma preocupação em relação à experiência vivida dos visitantes. Para as autoras, as situações de festa e de jogo estão mais ligadas ao engajamento e participação, do que exclusivamente ao prazer e à diversão. Nos parece uma considerável semelhança com os festivais gínicos.

Portanto, esse corpo sem fronteiras nos permitiu apreciar as experiências de uma maneira mais ampla, suspendendo nossos juízos prévios para identificar as intencionalidades dos nossos colaboradores.

4.2O corpo que transcende: o reconhecer a si-próprio.

Como visto, cada corpo-sujeito iniciou um processo de identificação pessoal na participação na Ginastrada Mundial. O novo espaço desbravado gerou comparações com os espaços habituais. A imersão no universo gímnico proporcionou um repensar teórico-prático sobre a ginástica, como também despertou intenções que pareciam adormecidas.

Ademais, percebemos que o vislumbrar sobre diferentes culturas proporcionou um olhar crítico para si, um olhar para suas raízes, um "encantar-se" pelo o que é seu. E, parecemos que esse processo foi instigado por um objeto muito tradicional deste festival: a credencial.



Akanni: “Eu acho que credenciais são sempre, é... Ah! Não sei elas são simbólicas também, né? Porque parece que está ali registrado que você participou de algo, que você teve ali, um nome ali. Para mim, também, da área da linguagem, essa coisa do nome me parece que começa a criar narrativa, né? Então, quando eu pego a credencial de algum congresso, de um evento, de qualquer coisa, e está o meu nome, parece que a narrativa começa meio ali. Que a história começa meio ali!”

Nas entrevistas, muitos de nossos colaboradores (9) trouxeram a credencial como um objeto representativo para falar de sua experiência pessoal na GM. Na atitude natural ou no mundo da vida cotidiana, incluímos diversos significados culturais que transformam objetos físicos em objetos de experiência ingênua. Segundo Schutz (1962), os símbolos podem ser meios de mostrar como o mundo que percebemos é disponível ao indivíduo a qualquer momento, e mostram-nos horizontes do espaço e do tempo que transcendem o “aqui e o agora”. A particularidade mais importante do símbolo é que ele retrata ideias e suas inter-relações vivenciadas em outras realidades dentro de nossa vida cotidiana.

Para alguns desses entrevistados, a participação na GM começou a ser perceptível a partir do momento que receberam suas credenciais. O engajamento com o novo espaço começa a “parecer real” por meio de um símbolo que confirma seu nome: uma identidade presente no evento.

A percepção pode nos colocar em contato com as coisas no mundo e ela pode tomar lugar no modo como interpretamos os objetos que o mundo nos oferece. Por este caminho, identificamos uma mudança de intencionalidade que pode tomar lugar quando as palavras se fazem notar (SOKOLOSWKI, 2014), por exemplo: a leitura do nome registrado na credencial. Percebemos algo que já estava lá diante de nós e a percepção foi um processo que envolveu a mudança de foco de um objeto (credencial) para a palavra (seu nome ou sua função).



Nota (06/07/2019): Recebemos nossas credenciais. Na hora tirei uma foto e postei nas “histórias do Instagram”. Naquele momento meu companheiro comentou na foto: “Uhm! Líder de grupo! Que legal!”. Não havia dado conta de que era isso que estava escrito na minha credencial. Nas outras duas últimas, estava escrito “ginasta”. Um misto de orgulho, conquista e medo: como vou me sair essa semana? Quais serão minhas responsabilidades? Como serei vista?

Quando as palavras vão se distinguindo, nós não mais intencionamos apenas o que está diante de nós. Uma nova intenção começa a entrar em cena, um tipo que transforma as marcas percebidas em palavras e, assim, em aquilo que não está presente — uma intenção vazia¹⁷ (SOKOLOSWKI, 2014). A nossa habilidade para intencionar o que está ausente é o elemento fundamental no estabelecimento da nossa condição humana. Isto acontece, pois as intenções, que já são significativas, nos abrem portas para o mundo da razão, enquanto as intenções vazias perfazem a percepção, ou seja, permanecem na esfera da sensibilidade.

Ao perceber minha função registrada na credencial (líder de grupo), as intenções vazias começaram a aparecer. A antecipação do meu papel social com o grupo começa a se fazer presente por meio das palavras preenchidas neste símbolo representado pelo objeto. Nós vivemos de maneira verbal, estamos sempre em um modo linguístico: buscando palavras para discursar sobre as coisas. Todavia, para Merleau-Ponty precisamos que

a palavra e a fala deixem de ser uma maneira de designar o objeto ou o pensamento para se tornarem a presença desse pensamento no mundo sensível e, não sua vestimenta, mas seu emblema ou seu corpo (2018, p. 247).

A incorporação foi aclamada. A sensibilidade tomou conta do meu “ser-no-mundo” naquele momento. E, de maneiras outras, algumas de nossas ginastas também pareceram sensibilizadas pela credencial:



Shakira: “Ah! Porque eu acho muito importante também! [...] Se você ver nos detalhes, né? (olhando para a credencial procurando algo) Aqui, ó: **Ginasta** (com voz alta). Então, assim, eu não estou lá assistindo, eu estou de ginasta! Então, eu sou o que move aquele evento (rindo). Tipo assim, sem eu aquilo não acontece! Sem eu e os outros! Então, assim... Mas eu acho que o importante é isso, assim, mostrar que a gente estava lá de protagonista, a gente não tava lá, assim, só assistindo, ou só ajudando...”

¹⁷ Conceito já discutido na introdução.



Victória: “Ah!! (olhando para a credencial) Uma emoção, né? Eu estou fazendo parte de novo da Ginastrada e o nominho aqui “**ginasta**” mais ainda. Porque o outro era ‘acompanhante’. Então, esse teve mais significado do que o outro. [...] Esse eu podia entrar, participar... ‘estou apresentando, sou ginasta!’. Então na minha idade, com 53 anos, ser ginasta, uma pessoa que nunca nem praticou nenhum tipo de ginastica é bem... É bem motivador!”

Zoe: “Tá! O primeiro que eu peguei que é muito importante para mim, que foi uma coisa, que pode parecer bobo para os outros. Mas eu cheguei, quando eu cheguei no Brasil, eu mostrei superanimada para o papai e para a mamãe, meu crachá! Nossa credencial, porque eu achei muito chique a gente ter um desse! (rindo) Eu achei muito legal!”



Zoe conta que teve a questão de estarmos o tempo todo com ela, mas principalmente, por mostrar que ela era uma ginasta e que estava participando do evento:

“E isso foi muito grande para mim, porque eu nunca participei como **ginasta**. No Brasil já, mas eu não tive uma credencial! Então, para mim foi muito grande assim!”

Comenta também que a sensação de colocar a credencial em seu pescoço foi a de: “tô aqui! Vou participar”.



Alekena explica que a credencial significou muito, principalmente quando ela a recebeu:

“Aí você chegar e ver que está escrito seu nome, tem seu país ali representado, está escrito “**ginasta**”. Então, já dá o sentimento de assim, nossa! Eu sou... Eu sou uma atleta, estou aqui participando de um evento, eu sou parte desse evento!”.

Era comum durante os treinos anteriores ao evento (primeiro semestre de 2019) ouvir as participantes antecipar situações que poderiam acontecer nos momentos da apresentação na GM: sobre o frio na barriga que as acompanhavam “só de imaginar”; sobre as frases que pretendiam soltar nos bastidores: “*estou aqui!!*”; “*eu consegui*”. Mesmo que boa parte das conversas fossem sobre a viagem e as burocracias necessárias para sair do país, a engrenagem dos nossos encontros no Brasil era justamente a ginástica. A coreografia “*Quem se importa?*”¹⁸ era incorporada encontro a encontro. Ajustes no figurino, adequações

¹⁸ Para conhecer a coreografia “Quem se importa?” apresentada pelo GYMNUSP: https://www.youtube.com/watch?v=2GdH1XnMXY4&list=PL119EN-XvzFrK3_tBhBn1vZPhCIC3gZ2w&index=5 [acesso 21 de Agosto, 2021]

na contagem dos passos em harmonia com música, flexibilidade em determinadas partes para que todas pudessem fazê-la em sincronia. E neste ginastigar, a participação na GM foi possível para essas mulheres.

Entre o “participar” e o “ser-ginasta”, o “pertencer” foi revelado nas falas acima. Como Shakira pontuou, para que o festival exista e aconteça, a participação se faz fundamental. A marca registrada “**ginasta**” foi destacada entre nossas colaboradoras por meio da sensibilidade. As expressões “*foi importante para mim*”; “*teve um significado*”; “*foi muito grande*” aliadas aos olhares lacrimejados, aos sorrisos genuínos e à empolgação declarada em suas vozes, demonstraram-nos como essa identidade presente na credencial as tocou de maneira única.

O “ser-atleta” foi marcante e ter um símbolo que representasse tal experiência se mostrou essencial. Os símbolos como objetos ou fatos são meios de comunicar nossas experiências de outras realidades transcendentais, porque estão presentes e acessíveis a todos em nosso mundo cotidiano (DREHER, 2003).

Da mesma maneira, não podemos deixar de registrar que a credencial foi importante para o acompanhante Yoki, que evidenciou o “fazer parte” por meio de sua credencial. Para ele, que nunca havia participado de um evento como este, receber um “amuleto” – como ele nomeou –, o fez sentir pertencente ao festival, mas, essencialmente, pertencente ao GYMNUSP:



Yoki: “E assim, meio que, pelo menos indica quem era o Yoki para qualquer outra pessoa lá na Ginastrada, meio que pra isso [...] Eu acho bacana (com um sorriso enorme). Deixa eu tentar nomear, assim, é... Eu nunca estive em um evento de ginástica, eu não conhecia! E nunca estive fora do país. E, assim, quando a gente chegou e foi recepcionado e a gente ganhou a credencial, eu me senti parte daquilo! Da equipe! E meio que quando você veste isso, você meio que, automaticamente, você se sente parte daquilo que está acontecendo e da equipe! É meio como se você vestisse uma... Como eu posso dizer? Você vestiu meio que um amuleto, né? Um amuleto. E esse amuleto, todo mundo te vê como parte ali da equipe e, automaticamente, lógico, você começa a fazer parte do pessoal! Acho que é isso! Isso e eu gostei bastante. Então, é uma coisa que eu guardo, até hoje eu nem tirei da bolsa, representou muito”.

Percebemos que os papéis sociais (ginasta, líder de grupo e acompanhante) registrados em cada uma das credenciais sancionou um tipo de “ser-evento” para mim e para nossos entrevistados. Ademais, notamos que um novo grupo foi sendo formado, um coletivo que se reconheceu como pertencentes desse lugar comum, isto é, pertencentes à GM.

Vimos anteriormente que estudiosos sobre festivais buscam dados e reflexões acerca do que é motivador para os participantes (BORTOLETO *et al*, 2019), principalmente, sobre o que os organizadores devem se ater para que eles promovam uma aderência e uma participação continuada nas edições subsequentes (MORGAN, 2008). Alguns desses pesquisadores propõem que os sentimentos gerados em relação à comunidade possam trazer sentimentos de orgulho e, assim, fomentar uma participação afetuosa e positiva, em que os visitantes busquem associar suas memórias, interesses e preocupações com o evento em si (VAN ZYL e BOTHA, 2003; VOASE, 2002).

Observemos a figura abaixo:

Figura 35. Prisma da identidade de Kapferer



Fonte: adaptado de Morgan (2008) sobre o prisma da identidade de Kapferer (1998)

Segundo Morgan (2008), o prisma da identidade de Kapferer (1998) é uma tentativa de criar um modelo holístico sobre a interação entre os organizadores do evento e os participantes, composto pelos atributos físicos e pelos atributos personalizados. Por este olhar, o significado de um evento pode ser transmitido por meio da cultura criada pelo próprio festival, como também é criada por meio dos relacionamentos que sucedem da participação.¹⁹

Depois de participar em três edições da GM, conversar com colegas que estiveram em outras edições, bem como assistir vídeos encontrados no Youtube, percebemos que a característica de confraternização entre as nações se mantém muito viva em cada edição. O

¹⁹ Abordaremos a temática sobre relacionamentos no capítulo a seguir (5.0).

enaltecer das identidades nacionais nos parece uma característica importante e presente em muitas composições coreográficas apresentadas durante os sete dias. Para além desse movimento gímnico nacional-cultural, o acolher de outras nacionalidades também nos pareceu característico do formato festivo.

Para além do tradicionalismo cultural proposto, temos que ter em mente que festas e eventos esportivos costumam ser periodicamente repetidos — anualmente, por exemplo —, mas não são regidos pela temporalidade cronológica. Isso significa que “é a sua presença e a constância no tempo e no espaço que, entre outros elementos, os caracterizam como tradicionais” (SAURA e ZIMMERMANN, 2018, p. 176). Comumente, essa ideia acaba sendo associada a algo antigo, repetido ou invariável. Na verdade, esse movimento não se trata de um ato de preservação, mas sim, de “vivê-la novamente” (p. 176).

Essa tradição não significa uma simples repetição mecânica de algo feito todas as edições, mas se mostra como um reconhecimento de algo familiar, algo a ser cultivado pela participação. Para Bahia (2008) cada tradição será sempre uma multiplicidade de passados potenciais que nos desafia a querer usufruir de “velhas” peças em um “novo jogar”. Esse clima tradicional de festa antecipa e provoca um clima de conagração entre os países participantes:



Jordan: “[...] pra mim o evento é uma experiência única de confraternização de diversos países, não tem um fim competitivo mas com o intuito ginástico, então, você vai ter essa grande festa da ginástica, festa da alegria de fazer a ginástica no sentido de ginástica para todos, não é uma ginástica necessariamente de performance de alto rendimento e que você tem a oportunidade de compartilhar a vida com outros integrantes do seu País e com os integrantes dos outros países, conhecendo melhor a cultura que será a sede, que no caso foi a Áustria... é isso! [...] Na Ginastrada, eu, particularmente, eu vejo que quanto mais pessoas, melhor! Porque é mais experiências, mais diferença! [...] Depois, eu percebi que o espírito da coisa é comunidade. Então, eu acho que para a Ginastrada um a menos sempre vai faltar!

Quando mencionamos que a GM culturalmente proporciona tal conagração, também queremos dizer que é preocupação da FIG, em conjunto ao Comitê Local, que essa característica se mantenha. A exemplo disto, a cidade sede é preparada para a recepção dos participantes: os comerciantes locais estão cientes do evento e preparados com o movimento da cidade; a comunidade ao redor dos alojamentos sempre se mostra hospitaleira; os moradores são convidados a participarem e assistirem as cerimônias do festival e ao mesmo tempo, convidam-nos para refeições típicas; nas escolas, os professores aproveitam o evento para trabalharem temáticas sobre os países participantes.



Nota (07/07/2019): A escola estava em festa. Os voluntários haviam preparado uma recepçãozinha. Nos receberam muito bem! Calorosos! Felizes! Me senti “em casa”. Havia trabalhos escolares sobre o Brasil pendurados nos murais. Um orgulho sem fim transborda dentro de mim. Um orgulho não só de ser brasileira, mas de estar em uma escola que os professores aproveitaram nossa ida para nos estudar, falar da nossa cultura, nossas músicas e nossa comida com aqueles alunos. Que ideia fantástica! Relembrei a WG de 2011- a primeira! Os alunos também escreveram recados lindos de boas-vindas para nós! Acho que meu lado professora também despertou! Fiquei imaginando fazer isso... como os alunos fizeram? Como eles encontraram todas as informações?

Esse corpo que transcende no festival desperta mais um tipo de “ser-no-mundo”, um tipo que, por vezes, é engolido pela rotina e pelos problemas sociais que cercam nosso espaço habitual. Ao nos depararmos com o clima festivo e de adoração acerca daquilo que nos pertence, uma identidade própria foi aclamada. Para nós do GYMNUSP, ser brasileiro foi motivo de orgulho.

Figura 36. Cerimônia de abertura (redes sociais)

FACEBOOK	
Data	11 de julho de 2019
Publicação	3 fotos da cerimônia de abertura
Descrição	Cerimônia de abertura da World Gymnaestrada 2019! (bandeira do Brasil e coração verde)
Curtidas	42
Comentários	1
Critical Friend Temática	Identificação: Brasil, Grupo. Ser coletivo e nação.

Fonte: Coleta feita pelo método visual: análise das Redes Sociais.

Retomando o prisma da identidade, os fatores internos propostos por Kapferer (1998) — personalidade, cultura e significados simbólicos —, mostraram-se presentes na GM. De edição em edição, os organizadores repetem ações que angariam e fidelizam os participantes. Publicações como essas da Figura 36 foram frequentes no dia da Cerimônia de Abertura, por exemplo, momento em que cada participante teve a oportunidade de desfilar e representar sua nacionalidade. Nossos integrantes carregavam apetrechos em verde e amarelo, pintaram seus rostos e acenavam para todos com um orgulho estampado no olhar “*Eu sou do Brasil*”. As entrevistas nos mostraram o quanto essa cultura festiva do evento contribuiu para o despertar desse “ser-brasileiro” e o quanto esses fatores enaltecem a experiência vivida de alguns membros do GYMNUSP:



Yoki: “Meio que me deu a noção de que a gente muitas vezes tem aquela síndrome de vira-lata. E é engraçado como a gente... Quando acaba ali o evento, todo mundo quer trocar! E o Brasil é muito requisitado para ser trocado. ‘Não, me dá essa camiseta, porque o Brasil...’”



Caio: “Então, quando você faz parte de uma delegação, o que nunca tinha acontecido comigo, Brasil, [...] Mas aí, lá, uma função te conduz a um senso de pertencimento. Os brasileiros, como um todo. É muito legal, na escola... A gente interage com uma galera que provavelmente eu nunca mais vou ver, não porque eu não queira, mas a vida... A gente segue caminhos... Então, é legal por isso, assim [...] A minha percepção é de que eu estou representando o meu país de alguma forma, tem uma função. É legal, interessante. Eu gostei, porque, assim, eu me sinto muito mais parte desse todo. Então, é isso.”

Foi interessante notar que não apenas a identidade nacional atravessou a percepção de nossos colaboradores, mas também, identidades institucionais. Victória, por exemplo, enalteceu a universidade a qual ela foi representando:



Sigo pedindo para a ginasta falar sobre os objetos escolhidos por ela para nossa entrevista. Neste momento, ela pega o uniforme do GYMNUSP e retoma a explicação sobre o nome “USP”

Victória. “Porque, assim... Participar de um grupo da USP, para mim, é um orgulho muito grande! Porque eu admiro muito as faculdades públicas [...] Então, eu acho que, para mim, carregar esse símbolo, para mim, é muito legal. É muito grande! É muito orgulho! Orgulho! Quando eu falo para as pessoas: ‘Nossa! Você está na USP? Que legal!’. Então, para mim é muito grande.”

Merleau-Ponty (2018), em “*A síntese do corpo próprio*”, reflete que o propósito do corpo próprio é a percepção do objeto pela percepção do espaço, isto é, quando a experiência

nos ensina a enraizar o espaço na existência. Para o filósofo, a experiência pode revelar o espaço objetivo em que nosso corpo toma lugar. Contudo, ser corpo é estar atado a um mundo e se faz fundamental entender que nosso mundo não está no espaço, mas ele é no espaço. Por essa visão, vamos compreendendo que nossa identidade, enquanto ser no mundo, também se dá por ser-no-espaço: “a espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 206).

Tal reflexão nos direciona a observar que nossos colaboradores sentiram orgulho de seu espaço habitual do mundo cotidiano e de suas raízes. Reconheceram que o Brasil, por exemplo, não é apenas um lugar de estar, mas também, um lugar de ser. A identidade atravessou o oceano e inundou a percepção objeto-espaço de nossos colaboradores na GM, e revelou um afeto, uma sensibilidade significativa acerca de suas origens.

Merleau-Ponty (2018) compara o corpo a uma obra de arte: um poema, embora feito de palavras, comporta uma significação, ele leva no espírito do leitor uma existência que o define como poema. Da mesma maneira, comenta sobre a comunicação por meio da fala:

a fala significa não apenas pelas palavras, mas ainda pelo sotaque, pelo tom, pelos gestos e pela fisionomia, e assim como esse suplemento de sentido revela não mais os pensamentos daquele que fala, mas a fonte de seus pensamentos e sua maneira de ser fundamental, da mesma maneira a poesia, se por acidente é narrativa e significante, essencialmente é uma modulação da existência (p. 209).

O filósofo nos provoca arguindo que nosso corpo é comparável à obra de arte, uma vez que ele é “um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos covariantes” (p. 210). Somos brasileiros, somos GYMNUSP e somos mais um monte de outras significantes experiências vividas entrelaçadas. O formato em como o festival é planejado conseguiu despertar nossas formas mais íntimas de ser — conseguiu resgatar uma percepção de lugar no mundo e nos fez orgulhar de onde viemos.

4.3 O corpo que se mostra e vê: experiência estética em foco.

Atentas às questões do corpo no evento, para além desse corpo sem fronteiras que desvendou um novo espaço e que se transcendeu identificando/resgatando outros modos de

ser-no-mundo, desprendemos especial atenção a esse corpo que é expressivo e, ao mesmo tempo, espectador.

Como detalhado em nossa introdução, a Ginastrada Mundial é um festival ginástico em que o cerne está na Ginástica para Todos (GPT), com especial atenção ao componente coreográfico (CARBINATTO e REIS-FURTADO, 2019). As diversas coreografias gímnicas movem a dinâmica do evento e compõem essencialmente o cronograma de atividades durante a semana festiva. Assim, ginastas de toda parte do mundo também combinam seu engajamento no festival sendo parte do público.

No que diz respeito aos esportes estéticos (como classificamos a GPT), consideramos os apontamentos de Best (1988) em que os seus objetivos estão atrelados à estética: os atletas são notados por seu corpo em movimento, pela sua excelência e pela beleza de sua performance.

É preciso considerar que, pela perspectiva fenomenológica, a experiência estética é compreendida pela percepção do autor do objeto estético, mas também de quem o aprecia (REIS, 2011). Estamos tratando de um convite ao apreciador e ao criador “aprender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 63). Como potencial de expressão e criação, o corpo que sente, percebe e vive, compreende os fenômenos de maneira espontânea e, quando elucidamos o fazer gímnico, também destacamos seu componente expressivo.

Na fenomenologia merleau-pontyana, consideramos que a potência criativa do nosso corpo está relacionada diretamente ao nosso contato com o mundo, já que a forma como nos comunicamos têm origem em nossas experiências. Quando tratamos de comunicação, nos aproximamos da forma como nos movimentamos e do como nos relacionamos com o meio. Na primeira parte de sua obra *Fenomenologia da Percepção*, especificamente no capítulo VI “*Corpo como expressão e a fala*”, o filósofo (2018) conceitua a linguagem e aponta críticas ao uso exclusivo da palavra, uma vez que é pela ação corporal, antes da pronúncia, que conseguimos nos comunicar.

A performance na GPT atravessa o palco ou o espaço físico demarcado pelos organizadores de um evento, como o corpo atravessa a palavra anunciada. O que queremos dizer é que um elemento gímnico pode ser significado como um elemento expressivo, ele pode trazer mais informações do que apenas ser um movimento mecânico. Neste sentido, a performance traz à tona uma reversibilidade entre o ser humano e o mundo, ou entre a ginasta e a coreografia, entre quem faz e quem assiste

[...] não se sabe quem toca ou quem é tocado, visto que nessa relação de “um” “com” ou “para” o “outro” estabelece-se um entrelaçado mudo que é acolhido na sensibilidade corpórea (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 109).



Victória: “Porque você imagina, assim, um palco, um palco grande cheio de gente e as pessoas longe de você. E parece que você é pequenininho, mas, não, lá você estava no mesmo nível que as pessoas. E as pessoas te olhavam com cara assim... de alegre, de alegria... Tipo assim: ‘Ah que legal que você está aqui! Eu vim aqui para te ver’. Eu achei legal isso”



Zoe: Enquanto eu danço, eu também presto atenção no público. Então, é uma atenção plena em mim, no espaço e nos outros, que... Que a gente vê. Então, eu vi muitas pessoas assim, sabe? Chocadas, olhando assim, muito concentradas para a gente. E acho que... Acho que foi um dia que tudo favoreceu, porque o horário foi bom, as pessoas estavam realmente interessadas. Eu senti que a gente chocou elas. Então, e elas aplaudiram muito também! Então, eu senti uma energia ali, sabe? Foi um dia que tudo favoreceu mesmo! E... Dancei bem (rindo). Então, muda tudo, assim! Aí, eu achei que... Eu fiquei feliz pelo público.

Por essas narrativas podemos refletir sobre esse espectador entra em cena. Um olhar atento que se comunica e se expressa. Ele toca nossas ginastas de maneira a influenciar o fazer performático, mas, acima de tudo, faz parte da significação do mesmo. Na experiência estética, o criador, a obra e o mundo estão conectados em uma unidade de “ser”. Uma imersão da experiência do movimento de reversibilidade entre homem e mundo, em que não sabemos preferir onde acaba a natureza e começa o homem ou a expressão (PUKE e MARCELINO, 2014).

Podemos acrescentar que essa união é possível porque ela é construída baseada no passado de nossas experiências que engloba uma aprendizagem. Conforme vivenciamos variadas formas de consciência-corpórea, alguns laços vão sendo feitos: uma composição de energias e de sentidos que se constituem e que vão se abrindo ao mundo expressivo (MARQUES *et al.*, 2013).

De acordo com Marques e colaboradores (2013), a espontaneidade expressiva dos movimentos artísticos pode ser correlacionada com nossa maneira de “ser-no-mundo”. Existe uma fusão corpo-consciência, em que não há necessidade de racionalização dos movimentos, pelo contrário, há uma fluidez que está além das ordens mecânicas (ZIMMERMANN e MORGAN, 2011). Isto é, podemos incorporar um fazer ginástico íntegro, onde os movimentos passam a “deslizar” com naturalidade e as ginastas passam a se apresentar de maneira mais espontânea.

A expressão nos esportes estéticos comumente está atrelada à presença de um fluxo que conduz o movimento. Não vemos sempre somente uma única estrela, ou uma dupla pirueta na coreografia de GPT, mas percebemos o conjunto — o espaço, a música, o figurino, as expressões faciais, entre outros componentes que fazem parte de toda a cena.

Do mesmo modo, qualquer festa se quer bonita, e isso decorre de uma certa harmonia entre todos os elementos que compõem a sua complexidade. Há um esforço comunitário pela beleza. Os materiais podem ser simples, o belo não está associado ao luxuoso, mas ao elementar e ao acessível. Elementos singelos que unidos formam um todo complexo e equilibrado. Replicam o que observamos no meio ambiente, nos espaços de natureza, tentando superá-la em capricho e primor. Buscam harmonia, equilíbrio, ritmo, fruição. A inseparabilidade do belo com o que é bom e justo é matéria humana desde o início dos tempos (SAURA e ZIMMERMANN, 2018, p.177)

Zimmermann e Morgan (2011) nos trazem um exemplo do jogo: o fluxo vivido em uma brincadeira indica que estamos engajados em apenas um projeto, a saber, o próprio brincar. Existe uma totalidade que pode ser experimentada por meio do jogo em que podemos executar nossos movimentos com a nossa melhor forma em responder às ações do outro. Durante o jogo, é comum que não pensemos antes de agir e que não tenhamos um plano, mas temos um saber que é corporal e que é baseado em nossa experiência vivida que nos permite o agir dentro deste fluxo.

A fluidez na coreografia de GPT pode ser alcançada quando o grupo incorpora a sequência de ações como um saber habitual, momento que a música guia os movimentos e, “sem pensar”, esses corpos vão se movendo de maneira conectada com a situação prevista. Esse hábito é visto por Merleau-Ponty (2018) como algo ligado ao nosso potencial expressivo, uma vez que “hábito” não tem relação com repetição, mas com algo que foi adquirido e, agora, pode ir além (ZIMMERMANN e MORGAN, 2011). No caso de nossas ginastas: interagir com o público; perceber a temperatura; perceber a qualidade do som; observar as distâncias (largura, altura e comprimento); entre outras situações.

Quando tratamos de coreografias pré-estabelecidas, em que o movimento de uma ginasta depende da sequência programada da outra ginasta, o grupo, como um ser-coletivo, deve estar na mesma harmonia — caso contrário, o fluxo pode ser alterado. Na GM de 2019 sucederam alguns episódios que levaram o grupo a uma quebra deste fluxo, entre eles e o mais significante: o acidente com uma das ginastas.²⁰

²⁰ O capítulo 6, tratará especificamente sobre o acidente.

No primeiro dia de apresentação, poucas horas antes de entrar em cena, passamos por tal imprevisto durante um ensaio. A coreografia que foi incorporada durante todo o processo prévio precisou ser rapidamente repensada. Foi necessário ajustar o espaço vazio provocado pela falta de uma integrante. A tensão, a preocupação, a tristeza e outros muitos sentimentos alteraram, significativamente, o estado de humor e de atenção do grupo. No entanto, mesmo com toda essa situação, o grupo criou uma solução e a coreografia foi apresentada.

No segundo dia de apresentação, nossa ginasta lesionada já estava fora de um grave perigo de saúde e, mesmo que debilitada, pôde estar presente com o grupo, inclusive, entrando para participar da pose final. O clima já não era de tristeza e tensão, e a coreografia fluiu da melhor maneira possível. Foi nossa melhor performance!

Por fim, na última apresentação, o grupo se mostrou disperso e cansado pela intensa semana festiva. O clima de despedida já era declarado. A concentração não era a mesma e os objetivos de cada integrante também haviam se alterado. Entre trocas de uniformes, “aproveitar até o último momento”, comer, passear e descansar, realizamos a nossa “pior” apresentação.



Victória: “Eu tenho muito medo de dar branco. E às vezes eu estou apresentando e às vezes me dá uns brancos pequenos, mas a música leva e eu vou. Isso é em todas as apresentações. Mas essa da Ginastrada, que foi a última, eu entrei superconfiante. Eu consegui olhar para o público e dar risada e, tipo, curtir, né? Porque eu estava tranquila e eu errei!”

Victória relata que no momento do erro, ela pensou que outra pessoa havia errado e não ela:

“E depois eu fiquei olhando o vídeo, olhando o vídeo, até eu descobrir que eu realmente tinha errado (rindo). Mas eu achava que eu não tinha errado! Eu achava que eu estava tão confiante... E eu errei porque eu estava confiante!”



Nota (12/07/2019): Não estava com um sentimento bom. Estavam todos muito dispersos. Diferente dos outros dias. Confesso que fiquei um pouco chateada de ninguém aderir à ideia de assistir os outros grupos brasileiros comigo e nos arrumar juntos como de costume.

Nota (12/07/2019): Lembro de algumas das ginastas comentarem que essa tinha sido a “pior”, tivemos muitos errinhos. Realmente a segunda apresentação seria a nossa “oficial”. Um sentimento de “eu tinha razão” me invadiu! Estavam todas relaxadas, sem a tensão mínima necessária para uma apresentação. Não é

competição, mas também não era para fazer de qualquer jeito. Acho que não comentei isso com ninguém.

Critical Friend

Nota (12/07/2019): “Coloco no outro uma expectativa que é minha.” Dispersão: por que aconteceu no último dia? Seria pela confiança de si mesmo para apresentar? Seria pelo entendimento do espaço e agora poder ter autonomia? Seria porque há tanto o que fazer que me faz querer ver o outro que não o Brasil (que posso ver no meu país?)

O lugar da não-competição que o festival ginástico proporciona leva os participantes a uma certa tranquilidade no que diz respeito à performance ou resultados provindos do ato de se apresentar — diferentemente de esportes competitivos, em que o erro, a depender da situação, é visto como uma derrota. Todavia, mesmo com esse caráter desinteressado em relação aos pódios, o diálogo com o público acende um compromisso com a estética da coreografia. Existe um respeito pelo espectador como parte daquela ação. Percebemos um convite de quem faz para quem assiste, continuar assistindo, tornando-se parte de uma mesma experiência.

Como outro exemplo desta relação “atleta-público”, Zimmermann e Morgan (2011) nos trazem uma partida de futebol: os espectadores se movem de suas cadeiras caso percebam a possibilidade de um gol. Claro que não são os mesmos movimentos do jogador, mas pertencem ao mesmo espaço e um é afetado pelo outro. No caso da dança (que muito se aproxima da GPT), os sujeitos vão dançando e vão se expressando, ao mesmo tempo, o indizível do dançar toma o público que aprecia, o que causa uma multiplicidade de interpretações, em diferentes formas de “sentir” (MARQUES *et al.*, 2013).



Zoe: “Você quer fazer bonito, né? Eu queria dar o meu melhor! Apesar de em todos os ensaios eu ter dado o meu melhor, ter me esforçado... Mas o nervosismo vem disso. Será que as pessoas vão achar bonito? Mesmo não sendo competitivo, sabe? Será que elas vão achar, vão me notar? Vão achar que eu danço bem, que eu estou fazendo certinho, mesmo não conhecendo a coreografia? A gente espera que todo mundo goste e que entre no clima, da música e, enfim, que marque eles, né? Que depois cheguem pro... Que as pessoas cheguem no país delas e falam: ‘olha, teve uma apresentação do Brasil...’ Não precisa saber que era do GYMNUSP, mas ‘teve uma apresentação do Brasil que usaram sofá e foi muito legal, foi uma crítica...’ Sabe? Notar isso! Então, eu queria muito que elas também reconhecessem que era uma crítica, que a gente realmente estava com um foco, com um objetivo de passar essa coreografia. Não era uma coreografia sem sentido, tem uma história por trás disso. Então, eu queria muito que elas também notassem que era uma crítica, não só pela música do Michael Jackson, mas pelos nossos movimentos, pela nossa expressão, era uma dança muito expressiva, e... Às vezes, medo de também não me expressar muito bem... Mas depois eu vi que

eu me expressei bem, que eu dei o meu melhor. Às vezes, imprevistos acontecem durante a coreografia. Mas é isso”

A percepção espaço-tempo também pode se configurar como uma percepção sensível: expandida pelos corpos envolvidos como possibilidades perceptíveis do campo da ação (SURDI e KUNZ, 2010). As coreografias apresentam sujeitos que não somente se movem, mas elaboram um espaço e um tempo com seus movimentos (GIL, 2004).

Entendemos que as ginastas não pretenderam explicar ou analisar suas experiências de performance nas entrevistas, mesmo porque acreditamos que esse movimento dificilmente seria passível de descrições literais, mas nos indicaram suas descrições acerca do componente expressivo, ou seja, sobre a comunicação efetiva ou não com o público.

Mesmo considerando nossa capacidade de antecipar alguns acontecimentos, não sabemos exatamente como a apresentação irá acontecer. Não sabemos se realmente o público vai corresponder com nossas expectativas, se alguém vai esquecer um passo ou se o som vai funcionar perfeitamente até o final da coreografia. Enfrentamos uma aventura no momento do “apresentar-se”. A cada apresentação, um novo saber pode vir a acontecer pela experiência única de estar no palco. Um saber que só se efetiva se vivido. E, assim, vamos aprendendo que o corpo está sempre disponível a um horizonte de possibilidades. Compreender algo é incorporar e aprender é ação e engajamento (ZIMERMANN e MORGAN, 2011).



Alana: “Então, assim... As apresentações foram muito distintas e eu acho que isso é bacana nesse evento. Essa possibilidade de... De não ter aquela rigidez do erro. O erro não é um grande problema. A gente errou, beleza. Continua. Vai ter outra apresentação mesmo ali. Acho que o público também entende isso. É claro que existe a competição dentro. Não é assim, em um evento de apresentações, a gente percebe nuances assim de competições de... Por exemplo: países que têm muito mais investimento, vai ter a sua noite específica igual a noite Suíça. Isso é nítido. Mas, ainda assim... Acho que dá chance para muito mais pessoas poderem participar daquilo, do que evento só competitivos e de alto rendimento... Acho que viajei, né?”

Ainda sobre as características da GM e como bem colocado por Alana, o festival proporcionou oportunidades diversas de experiência estética. A possibilidade de apresentar três vezes trouxe tranquilidade e esperança para esses seres-perfomáticos. Nosso coletivo pôde desafiar a si mesmo entre essas ocasiões, pôde encarar situações diferenciadas e desse

modo, engajar-se na tentativa de melhorar suas ações motoras, respondendo de maneira “mais experiente” a cada novo “apresentar-se”.

Ao contrário de uma ideia exclusiva de diversão sem nenhuma consequência, também presenciamos na GM uma abertura ao novo em que está embutido certa dramaticidade: os grupos de pertencimento, os jogos sociais, as conquistas, as comparações, as competições e as decisões (SAURA e ZIMMERMANN, 2018). A reflexão de Alana nos faz entender que os festivais, mesmo isentos de uma competição institucionalizada e regulamentada, apresentam nuances competitivas. A comparação faz parte desse ser que se relaciona com o mundo e, para além dessa relação com outros grupos, retomamos a responsabilidade com quem assiste: o compromisso com o componente expressivo.

Para além das três apresentações da coreografia “*Quem se importa?*”, o grupo também fez parte de uma outra coreografia a qual foi apresentada na Noite Pan-Americana (PAGU). O Brasil foi representado por três coreografias neste espetáculo, e o Comitê de GPT da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) sugeriu que uma dessas três coreografias fosse composta por um coletivo universitário. Quatro dos oito grupos universitários aceitaram a proposta: Laboratório de Pesquisa e Experiência em Ginástica (LAPEGI) do Campus Limeira da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Grupo Ginástico da USP (GYMNUSP), do Campus Butantã; Grupo CIGNUS da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFEGO-UEG), Campus Goiânia; GYMNARTEIROS da Universidade Federal do Ceará (UFC), do Campus Fortaleza (CBG, 2020).

Essa coreografia foi elaborada em um processo colaborativo (GRANER, et al., 2017), sob a mediação de uma docente que é coordenadora de um desses grupos e membro do comitê de GPT de uma Federação Estadual. Como posto, esses grupos eram oriundos de diferentes Estados do Brasil: São Paulo (2), Ceará e de Goiás — uma considerável distância que ocasionou apenas dois encontros nacionais e sem a totalidade dos integrantes. Também, por confirmações burocráticas tardias e contratempos com o transporte, alguns participantes não conseguiram chegar a tempo do ensaio proposto um dia antes da abertura oficial da GM, e, por isso, foi necessário mais dois ensaios durante o evento.

O “como” a coreografia se constituiu até a apresentação na PAGU afetou de modo significativa parte do GYMNUSP. O que era para ser mais um momento festivo, uma experiência performática de interação e aprendizagem, também se tornou um momento intenso e cansativo. A somática das diferentes percepções acarretou memórias fortes e

vibrantes em nossos colaboradores: das dificuldades dos encontros prévios, a consequência de árduos ensaios. Por outro lado, as luzes e ingressos esgotados,²¹ a emoção e a satisfação de se sentir admirável.



Becky: “Em um momento, eu estava assistindo, eu era espectadora, e, no outro, eu era a atleta que estava lá com um monte de gente. E eu lembro que eu passei em frente de onde vende os ingressos, a bilheteria, e estava lá “sold out”. E eu falei: ‘minha Nossa Senhora! Já era, a gente vai tá lá!’ (muitos risos). E a gente penou, né? Com o ensaio... Foi bem duro. E agora era a nossa vez de estar ali.”

Realizar um movimento não é apenas exigir do corpo uma mecânica eficiente, mas é ser capaz de fornecer respostas corporais a cada situação e significá-las (NÓBREGA, 2016). O “corpo-GYMNUSP” exigiu muito além dos movimentos gímnicos em sintonia. Não admitiu uma repetição sem significância, buscou com ousadia os gestos que o aproximou do ser-performance daquela noite. Merleau-Ponty (2018) aponta que o entendimento de nossos gestos é tomado pela reciprocidade entre as intencionalidades dos agentes, como em um fluxo: intenção-corpo-outro. O gesto é o anfitrião dos pontos sensíveis do mundo, por ele desvendamos as coisas e por ele estabelecemos a compreensão da expressão intencionada (nossa e do outro).

A identidade de nossa experiência perceptiva é um dos aspectos da identidade do corpo próprio em decorrência a esses movimentos de exploração — um engajamento do corpo no caminho do conhecimento. Neste engajar, o cansaço compôs um marco comum e de importância na percepção vivida no festival. Um cansaço que significou para muitos toda a energia e dedicação que puderam doar para que a performance alcançasse a expectativa esperada.

Nas entrevistas, a noite da PAGU foi lembrada pela maioria de forma espontânea. As memórias foram carregadas de falas sobre a dedicação corporal e sobre o esforço que, em alguns momentos, ultrapassaram o limite particular de algumas ginastas:



Becky: “[...] foi stress também, foi o joelho que machucou, foi no ensaio... A gente excedeu tudo que tinha direito.”

²¹ Para assistir uma das Noites Nacionais na GM, os participantes e o público de um modo geral precisam comprar ingressos (antecipadamente ou, se não esgotado, durante o evento).



Cibele: “Chegou uma hora que eu não ia aguentar. Já tinha me cortado, me cortei no material, no sofá, e tava com o dedo doendo. Já estava fraca, não conseguia mais subir, e eu não conseguia mais fazer as posições corretas. Era uma coreografia tão animada que eu já estava fazendo tipo (com sinal negativo na cabeça)... Desânimo total, cansada e não sei o quê...”



Vitória: “Nós ficamos o dia inteiro ensaiando e montando a coreografia. E foi um dia bem intenso! Eu até machuquei minha perna de tanto que a gente ensaiou. A gente ensaiou muito.”

Foi preciso o engajamento no processo de criação e, também, na lapidação do que foi proposto e construído coletivamente. Foi conciso o “encontrar-se”, identificar os espaços, incorporar os movimentos, perceber as novas possibilidades do novo “ser-grupo” que estava sendo formado naquele coletivo universitário. Contudo, tais etapas não são constituídas de uma hora para outra. Cada fase demanda tempo, esforço e dedicação. Cada corpo tem seu tempo próprio.

Merleau-Ponty, na primeira parte de sua obra, conecta o corpo ao aprender pela sensibilidade ponderando que a “experiência sensível é um processo vital, assim como a procriação, a respiração ou o crescimento” (2018, p. 31) e, dessa forma, o movimento e a percepção se constituem como um sistema interligado. No que diz respeito à apreensão do movimento significativo, entendemos que essa aquisição passa ao corpo pelo hábito. Esse saber, que é corporal, não deve ser tratado nem como conhecimento ou automatismo e, ainda menos, como um reflexo condicionado: “trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 199).

O pouco tempo revelou a dificuldade da fluidez. O misto de tensão, comprometimento e responsabilidade que o grupo havia se proposto, exigiu algo mais: um estar presente que deveria se fundir ao ser presente.



Notas (11/07/2019): “Me pareceu que as pessoas estavam um pouco perdidas em relação ao espaço-tempo. A coreografia não fluiu. A primeira passagem no palco oficial causou um frisson e a não incorporação do criado se desvelou”



Zoe: “Tinham partes da coreografia que eu já tinha visto em vídeo, mas não estava saindo em mim. É diferente você ver e você colocar no seu corpo. Por mais que, pra mim, hoje, sejam passos básicos, mas pra mim não tava indo. Acho justamente porque entrou na minha cabeça que não estava dando certo e que não ia dar certo [...] E aí, depois a gente foi fazendo os ensaios, foi clareando um pouco mais.”

Dedicação, repetição, paciência e resiliência foram aclamadas. Era preciso fazer do pouco tempo um ensaio proveitoso. Na medida do possível, desviar-se do mau humor e superar o cansaço sentido. Mesmo assim, o estado emocional experienciado pelo grupo começou a ser afetado pela existência da dor. Por intermédio da comunicação verbal e não verbal — expressões faciais, dificuldade na efetivação dos movimentos, falta de atenção (BUDÓ *et al.*, 2007) —, o grupo foi revelando seu limiar e sua experiência da dor vivida (DEUS, 2009; BUSSONE, GRAZZI e PANERAI, 2012).



Notas (11/07/2019): “Repetimos, corremos e saltamos. Dançamos muito! Carregamos e fomos carregados... As dores começaram a aparecer. Reclamações variadas: dor no joelho, dor na perna, dor nas costas. O sorriso já não era frequente”



Cibele: “E aí a gente teve que ensaiar a tarde toda e estávamos muito cansados. A gente tava dormindo tarde e acordando cedo. Então, foi assim. Eu acho que eu cheguei... Eu acho que (fazendo sinal de topo na cabeça / limite)... Eu estava esgotada. Aí, eu me senti uma atleta de alto rendimento: ‘vamos mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez’ (batendo uma mão na outra). E eu tava... (faz um suspiro) Não sei!”

Os movimentos competitivos têm grande influência nas práticas corporais, principalmente no reconhecimento cultural. Treinos elaborados com a intenção de preparar corpos fortes para a quebra de recordes e superação de limites humanos são ideias corriqueiras no esporte (SURDI e KUNZ, 2010). Por esse olhar, há uma normativa de que o esporte de rendimento exige de seus atletas uma resistência à dor: que continuem sua performance mesmo lesionados (WIESE-BJORNSTAL, 2010). Ao contrário do que propõe o regulamento da GM, muitas manifestações esportivas são ordenadas conforme padrões de resultados e normas passíveis de quantificação, justificando tal exigência.

No que tange à GPT, percebemos por experiências pessoais em diversos eventos (PATRICIO e CARBINATTO, 2021) que essas premissas do esporte de rendimento pouco fazem parte da realidade da prática — considerada uma vertente gímnica voltada à

participação e ao lazer (DOMINGUES e TSUKAMOTO, 2021). No entanto, como uma prática que pode permear o âmbito artístico-estético, ao optar pela realização de apresentações, o grupo assume um compromisso com o público e, neste ponto, o ensaio pode ser posto em destaque, não com o intuito de *pódio*, mas com o compromisso performático que será apresentado.



Caio: “Aí entra um pouco da competição do negócio. Não é ganhar do outro, mas é, tipo... Mas é uma competição no sentido de... Uma competição consigo mesmo. ‘Preciso fazer isso daqui muito bem. Não vou ganhar medalha nem dinheiro, mas é feio’.

O esforço foi necessário para internalizar a sequência dos movimentos. Quando o movimento flui sem resistência, percebemos o ponto de equilíbrio do aprendizado (MARQUES *et al.*, 2013). O agir individual necessitou compor o movimento da coreografia de forma conectada com o corpo-outro, a fim de se tornar o corpo-coreográfico. Para esta conjuntura, o fazer junto se fez essencial no processo: os treinos congregavam o espaço prático, mais ainda, as relações. Constituíram-se em um espaço-tempo de reconhecimento do outro, de conexão, de ajuda mútua e muito companheirismo.



Vitória: “E o grupo estava muito animado. O grupo estava muito entrosado. Apesar de que... Acho que essa convivência que a gente teve que ter o dia inteiro junto, esse sofrimento... Porque quando você sofre com uma pessoa, parece que aumenta essa amizade com essa pessoa! Então, nós fomos para a apresentação com aquele gás, nossa! Talvez se a gente tivesse ensaiado o dia inteiro e tivesse apresentado no outro dia, talvez a gente não tivesse apresentado com energia boa como foi a apresentação à noite. Então, a gente foi pra apresentação... Nós entramos pulando de alegria. Eu lembro que eu não errei nada. Eu achei que eu fui super bem. Foi muito bom a apresentação da PAGU. Essa coisa de interagir com outro grupo, montar a coreografia e ensaiar é muito legal! Muito bom!”

A pedagogia escolhida para o desenvolvimento desta coreografia significou o “fazer exaustivo”. A construção coletiva é um método que se realiza de modo mais lento, no diálogo e na reflexão, abraça as individualidades e promove potencialidades (PATRICIO e CARBINATTO, 2021). Se, por um lado, a ação pedagógica acarretou ensaios longos, por outro, foi singular na experiência corpórea. O GYMNUSP cansou, mas viveu intensamente cada momento. Apresentou-se plenamente feliz. Incorporou sua responsabilidade, firmando-se como um grupo que saiu do Brasil com a finalidade de fazer ginástica.



Becky: “Por que foi intensa, né? Porque, como grupo, quando a gente saiu daqui, a gente já estava muito conectado. Então, a PAGU, eu acho que ela foi intensa mesmo. [...] Era a nossa responsabilidade por aquele momento. Por isso que eu falo da PAGU como um momento que esse grupo junto se constituiu e tinha uma responsabilidade, junto”

Neste processo, na solução dos problemas, na empatia com as dores e no colo oferecido ao cansaço, cada integrante pôde colocar em evidência seu mundo vivido. Em horas de exaustão, também houve formação humana. No coabitar gímnic, entre sofás infláveis²² e poses acrobáticas, valores humanos foram resgatados.

Compreendendo a experiência estética como um fenômeno que faz parte de uma percepção sensível, indicamos que ela pode se configurar na criação de um objeto estético, mas, também, na sua contemplação (REIS, 2011).



Sofia: “Então, isso mexeu um pouquinho, assim, essa ideia da técnica, da beleza. Porque, na verdade, se você for pensar, o que está por trás daquilo tudo lá é um espetáculo. O que a gente gosta é ver o espetáculo. É o atleta voando cada vez mais alto, é a criança virando não sei quantos *flicks*. Aquilo ali dá um prazer, a plateia se levanta, aplaude [...] E o Esporte, de uma maneira geral, ele traz essa excitação. Então, eu consegui compreender de fato ali, sabe? A teoria acontecendo ali na minha frente. Os ruídos de alegria (gargalhando) [...] Eu não tinha noção daquilo e eu fiquei totalmente anestesiada com aquelas apresentações. Foram muito marcantes. E, na verdade, assim, ali tem muita técnica. É muito longe da nossa Ginástica para Todos do Brasil, mas é uma técnica e uma possibilidade transformada para o universo da Ginástica para Todos. Por isso que eu estou te falando que tem mulheres, homens, adolescentes, adultos... É claro que eles têm um rigor e um treinamento e tudo mais, mas é dentro do mundo da Ginástica para Todos. A Noite Japonesa também foi muito chocante, por causa de todos os elementos orientais que eu já tinha pesquisado: os tambores, os bastões, as roupas, nossa! Parecia que eu sentia até um cheiro de cerejeira no ar, assim, de tão maravilhosa que foi. E a Noite de Gala (FIG), sem comentários! John Lennon com plano de fundo e a Ginástica... O lema era “A ginástica ao longo da vida”. Então, desde que nasce até quando morre, quando envelhece, está grávida, seja lá como for... Então, é muito significativo né?”

²² Material utilizado na coreografia do Coletivo Universitário

Alekena compartilha uma foto do FIG Gala e comenta que essa oportunidade foi ótima, pois ela pode assistir diversos grupos experientes e elogios. Conta que prestou atenção nas diferentes técnicas e habilidades gímnicas, nas diversas ideias criativas e nos distintos costumes. Que a diversidade apresentada nesta noite a fez refletir sobre o poder do “para todos”.



“Então, é legal a gente ver também... Tem para todos os gostos, todos os níveis, todo mundo pode participar, estava lá igual eles. Me senti igual, não me senti menos que eles por ter apresentado em outras noites, em outros momentos. Me senti tão participante quanto eles, apesar de ter toda aquela expectativa. É um evento assim, a noite e tal, os grupos são selecionados, mas isso não interfere. A gente valoriza igual, pelo menos eu, igualmente. E aí eu peguei essa foto, dessa noite, que é que está todo mundo junto, que é no final... Que pra mim todo evento de GPT deveria ter, que é a apoteose final. Então, vai todos os grupos, juntam, se unem ali no meio, aí tem uma coreografia, tem uma música. Aí eu também me emociono, aí tem vários países diferentes, tipo, unidos por uma prática, em um evento”

Figura 37. FIG Gala



Fonte: Documentos pessoais da integrante Alekena.

Os festivais orientam olhares, emoções e expectativas. O olhar do público faz parte dessa experiência. Cada encontro pode provocar excitação, alegria, raiva, frustração, atitudes tomadas frente àquilo que nos toca, sem eliminar nossa forma de ser-no-mundo. Sofia, por exemplo, nos trouxe a “excitação” do esporte: o frio na barriga, a alegria, a tensão gerada acerca dos riscos. Tani e colaboradores (2018) corroboram nesta perspectiva e argumentam

que o esporte é um fenômeno carregado de valores humanos, sociais e culturais, e, não por menos, tem o poder de despertar intensas paixões, aflorar emoções e, ademais, contribuir com as relações sociais — inclusive aproximando nações.

A separação entre ginasta e público na GM é minimizada pelas arquibancadas posicionadas não mais do que um metro do final da demarcação de apresentação. Não raro, materiais de pequeno porte escapam e tocam o espectador. Cruzam-se olhares e se mesclam “ver” e “ser visto” de uma maneira intensa e memorável.

Nóbrega (2021) atenta às indagações merleau-pontyanas acerca da linguagem e da estética, e reflete que o corpo próprio não reage de maneira espontânea a um estímulo, ao contrário, ele o acolhe e refaz suas solicitações. Da visão e do movimento (também da sexualidade), desabrochamos uma intencionalidade original e operante. Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, despertamos a experiência do mundo conforme ela nos aparece, e, por essas vivências, reencontramos a nós mesmos como sujeitos da percepção. Merleau-Ponty (2018), pelo exemplo da mão que toca e que também é tocada, demonstra com clareza essa relação carnal com o mundo, e reflete que o corpo não é nem tangível e nem visível: ele se surpreende pelo mundo exterior e exerce um modo de aprendizagem.

Tal relação “vidente-visível” é retomada por Merleau-Ponty (1984) quando, em sua transcendência reflexiva em relação à *Fenomenologia da Percepção*, compreende a possibilidade da experiência visual para aquém do toque em *O olho e o espírito* (FALABRETTI, 2012). Nesta superação teórica, entendemos que a participação em eventos, em específico, sobre o “apresentar-se” e “assistir”, enaltece a aprendizagem relativa ao entrelaçamento movimento-visão.

A concepção da experiência estética está claramente posta em nossa vida pela apreensão de sentido. As coisas surgem como um mosaico de qualidades e o corpo realiza uma síntese perceptiva (NÓBREGA, 2021). Neste processo, exercemos uma apreensão de nós mesmos: cada integrante do GYMNUSP que foi surpreendido com os espetáculos das Noites Nacionais cunhou uma percepção acerca daquilo que provinha de seu corpo próprio, de sua historicidade.

A exemplo disto, temos outras percepções bem distintas daquelas relatadas por Sofia e por Alekena:

Caio conta que ouviu muitos comentários anteriores sobre as noites nacionais, mas, para ele, a famosa apresentação das argolas da Delegação Suíça não o convenceu:



“Porque eu já imagino que eu vou ver. Eu acho que não muda muito, alguns comentários de pessoas que já tinham ido em outras, falaram das noites específicas lá e tal. ‘Ah, tem o cara lá da argola que (fazendo como se estivesse balançando na argola) faz aquilo duas horas (colocando a mão no rosto, como se estivesse cansado). Mano!! Não estou torcendo pra ninguém cair, não é isso, mas eu já sei o que vai acontecer: vai dar certo (faz com o dedo como se estivesse balançando, soltando e fazendo um mortal)... Na, na, na, e pá! (como se estivesse aterrissando) Eeeee! (batendo palma). Beleza! Uma, duas... Aí, eu falei já tá bom, né? (rindo) Já entendi qual é a ideia da argola (rindo). Então é isso! Tem essa parte... não é... Mas talvez seja porque eu não sou da área.”

Como pudemos nos ater em outro momento deste texto, Caio, como um dos acompanhantes de uma de nossas ginastas, não tinha a ginástica como um ponto chave para sua participação no festival. Por outras experiências vividas e assim, por outras intencionalidades, suas percepções se distanciaram daquelas descritas pela maioria de nossos colaboradores.

Outro exemplo foi da ginasta Victória. Sua vivência prévia no festival, principalmente com relação às apresentações e aos espaços, fez diferença em sua apreciação estética. A ginasta conta que se emocionou com o desfile de abertura e com as Noites Nacionais na edição de Helsinque, em 2015. No entanto, na Áustria (2019), ela ficou desconfortável com os espaços e isso fez com que se sentisse desapontada em relação à expectativa criada a partir de sua experiência anterior. Para Vitória, a experiência de assistir as Noites Nacionais em pé²³ causou-lhe estranheza, causou-lhe decepção.

Merleau-Ponty comenta que “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (2018, p. 273). A exemplo de seu próprio apartamento, mostra-nos que caminhar por ele, observando seus diferentes aspectos, traz uma outra perspectiva do que o observar por uma planta — em que é “visto de cima”. Neste sentido, um mesmo corpo pode ver alternadamente, de diferentes posições, o mesmo objeto. Assim como, os outros podem trazer percepções distintas da mesma experiência estética.

Vejamos por outro lado:

²³ Na compra dos ingressos, o grupo aderiu ao ingresso mais barato e, nesta edição, não havia cadeiras neste setor.

Yoki comenta que achou a Noite Suíça mais interessante do que a Noite de Gala da FIG:



“Eu senti que a Noite Suíça foi melhor que o FIG Gala, porque eu achei que estava mais cheio. Não sei se as pessoas estavam mais distribuídas ali e tal. E parecia que estava mais cheio, e eu percebi que eles são as estrelas do lugar, sabe? E acho que ali da Europa eles são ‘os caras’, entendeu? E você vê porque a criatividade ali... Porque eu percebi que na ginástica tem um tema, ali a apresentação... O show, ele tem um tema, e, por ser uma hora de apresentação, tem começo, meio e fim. Ele começa de uma forma, às vezes mais agitado, como a Noite Suíça foi... Eles adoram fazer acrobacia... O tempo todo eles fazem acrobacia. A FIG Gala já é uma coisa mais clássica! O pessoal começa com uma coisa mais tranquila... E vai aumentando o ritmo, até acabar a apresentação. Mas na Noite Suíça eles são mais de estrela, de mostrar, de pular. E a criatividade ali no meio... Eu falei pra Shakira enquanto eu via... Eu falava: ‘Caramba, né? De onde tira? De onde tira?’ Porque, assim, é muito bem-feito!”

Yoki, como acompanhante, apreciou os espetáculos como um espectador novato neste tipo de evento, mostrando-se aberto e interessado acerca das particularidades que ia percebendo. Retomando às comparações entre grupos — que existem mesmo não havendo uma competição formalizada —, ele aponta sua percepção sobre as características atribuídas à delegação Suíça e, conseqüentemente, à sua Noite Nacional.

Como uma das mais tradicionais na GM, esta delegação comumente surpreende seu público com novidades em relação aos temas e materiais nas coreografias de GPT. Todavia, não deixa de levar para a GM sua marca registrada: as apresentações nas argolas.²⁴

Muitos integrantes do GYMNUSP comentaram sobre a qualidade técnica apreciada nessas apresentações. A técnica é necessária para muitos âmbitos, inclusive quando tratamos de criações artísticas, entretanto, não estamos nos restringindo exclusivamente ao aspecto mecânico, mas sim, ao que serve à contemplação.

É a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e a uma voz que vêm de dentro, mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, difícil é a técnica; com ela o resto vem fácil. A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas para a eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se

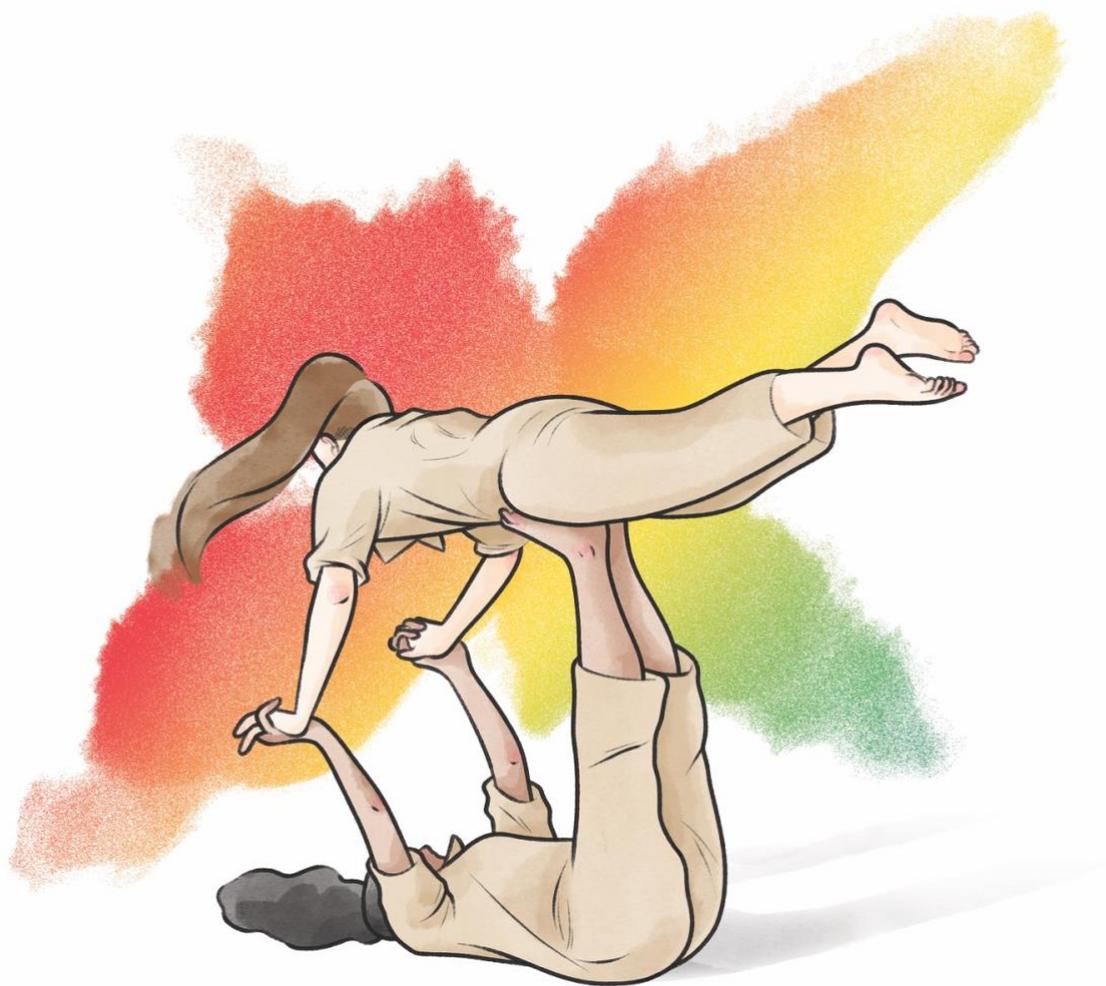
²⁴As argolas são adaptações das argolas oficiais da Ginástica Artística Masculina, em grandes estruturas de ferro. Diferente da modalidade competitiva, elas são usadas em movimento e não se restringe ao público masculino. Para mais detalhes: <https://www.youtube.com/watch?v=wrPtjCwYdY> [Acesso 30 de Agosto de 2021]

executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister (BENTO, 2006, p. 157)

Neste andamento, a experiência perceptiva acerca da experiência estética torna-se campo de possibilidades para o conhecimento e reconhece as plasticidades de formas, do belo, das cores, dos sons, e dos gestos. Tal experiência passa a ser habitada por um sentido estético, retoma nossos sentidos e significados, amplia a operação expressiva do corpo próprio, e nos reconhece como seres sensíveis e afetivos (NÓBREGA, 2010). As reflexões de Merleau-Ponty que permeiam a apreciação estética convidam-nos a uma convivência ética com o corpo: “convida a uma abertura ao mundo e às configurações desenhadas pelo movimento” (NÓBREGA, 2010, p. 94).

Acreditamos que a relação “ver” e “ser visto” instaurada pela GM pôde nos trazer reflexões no que diz respeito a variáveis da vida humana: nossas relações mais íntimas com o mundo. Essas reflexões geradas nos encantaram, exigiram, criticaram, amedrontaram, construíram, redirecionaram e emocionaram em todo seu conjunto. Uma maneira muito especial de unir elementos reais do cotidiano a nossa forma de ser-no-mundo.

Percebemos que questões sobre formação humana e atenção à sensibilidade foram evidenciadas nesta experiência. Zimmermann e Saura (2018) comentam que as festas e os jogos nos fascinam, provavelmente, porque atuam precisamente com este material humano que não é passível de ser sistematizado. Em ambos, e aqui nós englobamos eventos como a GM, não se trata de ganhar, mas de fazer a participação ser significativa; não se trata de perder (ou errar a coreografia), mas o que fazer com esse sentimento de frustração. E nesta dinâmica de entender as percepções, vamos suportando, sustentando e enfrentando as aventuras da vida, indo além: “buscamos beleza e alegria, diferentes formas de sobrevivência” (ZIMMERMANN e SAURA, 2018, p. 178).



*Ser-no-Mundo
e ser com o outro*

5. SER-NO-MUNDO E SER COM O OUTRO

No capítulo anterior, intencionamos olhar para esses corpos que vivenciaram a Ginastrada Mundial (GM) de 2019 de maneira mais singular, mesmo que em muitas temáticas, tenham se constituído em pontos comuns. Buscamos experiências acolhidas em suas narrativas que nos revelassem modos de ser-no-mundo os quais foram despertados pela participação neste festival. Notamos suas individualidades, historicidades e intencionalidades, mas também apreciamos as convergências no que diz respeito às oportunidades que o evento pôde promover.

Como já descrevemos, a GM é idealizada e organizada com princípios inerentes aos festivais (VLIET, 2019) e às características da Ginástica para Todos. Pela teoria da Praxiologia Motriz de Pierre Parlebás, Menegaldo e Bortoleto (2020a) argumentaram que a GPT é considerada uma prática sociomotriz, isto é, uma prática realizada em grupo. Ressaltam, ainda, que a ausência de códigos gestuais pode implicar múltiplas possibilidades de combinação entre seus elementos: diferentes espaços, diferentes implementos (materiais) e distintos perfis de praticantes. Tais qualidades promoveram e potencializaram o encontro corpo-outro nesta aventura gímnica aqui estudada.

O modo como vivenciamos a GPT nos grupos universitários os quais fizemos parte,²⁵ possibilitou-nos conhecer uma forma de trabalhar a ginástica de maneira coletiva, em que todos os integrantes participassem de todo o processo — treinos, construção coreográfica, elaboração de figurino, questões administrativas, entre outros. Tal proposta (GRANER *et al.*, 2017), proporcionou-nos uma incorporação de que o fazer ginástica e seus desdobramentos (como a participação em festivais), são muito significativos quando trabalhado no cerne de um grupo, desenvolve diálogos e possibilita relações com o mundo, com as coisas e sobretudo, com os outros (PATRICIO e CARBINATTO, 2021).

Como a própria fenomenologia nos atenta, somos seres relacionais: estamos sempre em relação a alguém ou a alguma coisa. Para Merleau-Ponty (2018), a experiência não é apenas corpórea, ela é, da mesma forma, intercorpórea. Isto é, no que tange à nossa subjetividade individual e nossas relações com os outros, existe um entrosamento de

²⁵ Referimos aqui, à minha experiência e à da minha orientadora Michele Viviene Carbinatto.

responsividade, expressão e alteridade que transcende o laço entre nós e os outros, uma relação corporificada que constitui nosso modo ser (DOLEZAL, 2017).

O encontro ocorre, então, por meio do movimento e da expressão, atos intencionais que nos levam a comunicação intercorpórea. Essas ações permitem a percepção do corpo-outro, ao mesmo tempo, a percepção do corpo-próprio como meu. Essa capacidade perceptiva está intrinsecamente ligada à nossa disposição de sermos vistos. Para Merleau-Ponty (2014), para termos uma visão completa de nós mesmos, é preciso que haja uma visão pelos outros. Neste trato, a comunicação ou a compreensão dos gestos podem ser alcançadas por meio da reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro.

Entre as narrativas e as situações observadas, pudemos perceber que os laços encruzilhados entre nossos colaboradores e os participantes do festival significaram de maneira expressiva suas experiências vividas. Neste capítulo, refletimos acerca de duas temáticas híbridas sobre as relações corporais vividas pelo nosso grupo: **“Do corpo que se move e se expressa: o revelar do corpo-outro”** e **“Ser-GYMNUSP: a convivência que aproxima”**.

5.1 Do corpo que se move e se expressa: o revelar do corpo-outro

O esporte, de uma maneira geral, não se caracteriza como uma atividade solitária. Assim como as mais diversas práticas corporais que, embora possam ser, também oportunizam uma variedade de encontros: com outros praticantes/atletas, com instrutores/professores, com gestores, e/ou com o público, por exemplo. Assim, é tido como um oportuno gerador de sentimentos sociais tais quais: solidariedade, amizade, cooperação e colaboração, agem como lembretes de formação humana e reforçam uma visão compartilhada de bem comum (OZOLIŇŠ e STOLZ, 2013).

Podemos presenciar feitos impressionantes sobre a “colaboração humana” no campo esportivo — inclusive entre equipes do alto rendimento, uma vez que, atletas de elite devem coordenar as ações e cognições de vários indivíduos (WILLIAMSON e COX, 2014). Moreira, Scaglia e Campos (2017) cooperam na discussão e mostram-nos que a Motricidade

Humana (SÉRGIO, 1996)²⁶ como área de estudo permite a identificação de princípios éticos acerca de valores humanos e ajuda-nos a compreender o campo esportivo não como a busca do melhor, mas no entendimento de que a competição em coexistência com a cooperação pode proporcionar aspectos motivacionais, de prazer, e de ludicidade — elementos que são fundamentais para a convivência com o outro.

Funk e colaboradores (2009) também manifestaram que a socialização parece ser um fator motivador para a aderência em jogos esportivos ou em atividades corporais em grupo. O componente da “motivação”, nestes casos, é referido à satisfação dos participantes quanto à essa necessidade ou desejo de fazer parte de um grupo.

Como refletimos no capítulo anterior, práticas esportivas comumente nos possibilitam experiências em eventos com caráter festivo e/ou competitivo. Não por menos, organizadores desses eventos estão atentos às razões marcadas pela oportunidade do encontro com o outro²⁷ (MAEZZI *et al.*, 2020; WANN *et al.*, 2008; MORGAN, 2008), procurando indícios das emoções e dos valores gerados pelo evento ou pela prática em si. Alguns desses sinais podem ser compartilhados por entre os grupos como: rituais e processos, uniformes, símbolos, etc.

Em uma revisão sistemática recente, Menegaldo e Bortoleto (2020b) avaliaram 72 produções (artigos, teses, dissertações e monografias) cuja temática fosse sobre a GPT, com o intuito de identificar como o caráter coletivo dessa prática é abordado na literatura vigente. Mesmo sem aprofundamentos teóricos e diálogos com referências de áreas afins, a maioria dessas produções apontaram a importância desse caráter coletivo, mostrando-nos que existe um entendimento de que a GPT é uma prática potencial para o desenvolvimento das relações sociais. Por tal característica, esses autores têm se dedicado no aprofundamento nos estudos no âmbito da sociologia, revelando-nos que suas múltiplas lógicas internas podem contribuir de maneira expressiva na criação de um senso de coletividade, pertencimento e reconhecimento social (MENEGALDO e BORTOLETO, 2021a, 2021b, 2020a, 2020b, 2020c; 2019; MENEGALDO, 2018).

Para além dos estudos provindos da revisão acima citada, temos notado nos últimos anos que o Brasil tem destacado um importante espaço acadêmico para as pesquisas que

²⁶ Manuel Sérgio, embasado nos pensamentos de Merleau-Ponty, desenvolve sua proposta acerca da Motricidade Humana, considerando aspectos da corporeidade, destinando grande espaço aos pensamentos fenomenológicos no campo da Educação e da Educação Física.

²⁷ Como o caso do “Prisma da Identidade de Kapferer” (MORGAN, 2008), abordado na página 130.

abordam a GPT. Em diferentes perspectivas (extensão universitária, âmbito escolar, ensino superior, métodos pedagógicos, terceira idade, lazer...), é demonstrado um imponente valor no tocante às relações sociais que são potencializadas pela prática (DOMINGUES e TSUKAMOTO, 2021; LOPES, 2020; TOLEDO, 2020; CARBINATTO e EHRENBURG, 2020; HENRIQUE, 2020; SILVA, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; WICHTHMAM, 2020; BATISTA, 2019).

A Ginastrada Mundial como um evento esportivo de GPT apresentou-se nas narrativas de nossos colaboradores como um espaço possível para o encontro com o outro, corroborando com a literatura apresentada:

Akanni, em um relato emocionante, fala das relações e, portanto, dos laços que formaram durante a estadia no festival.



“Eu não sei se é... É, enfim, clichê, mas, é... “Pessoas”, assim. Algumas palavras desse campo semântico. Então, pessoas, grupo, laços, é isso. Quando eu penso na Ginastrada, é isso. Aliás, quando eu penso nesse evento de modo geral... Claro que a Ginástica, a ginástica geral, a GPT está ali como centro de tudo, com um protagonismo. Mas, quando eu penso no evento e no que eu vivi, eu penso nas pessoas, nos laços e como tudo aquilo ali, talvez, seja uma grande, uma grande... Uma das melhores desculpas para a gente concretizar coisas que em outros espaços a gente tem naufragado, a gente tem, enfim, falhado intensamente.”

A vivência em espaços temporais e sociais, como propõem muitos festivais esportivos, esboça uma realidade que deveria ser habitual. Situações como aceitar as diferenças, ser paciente na escuta, acolher os menos aptos, parecem-nos em decadência nos espaços públicos cotidianos. Como bem nos coloca Akanni, temos “naufragado” como sociedade nesses quesitos, uma dissolução do que era para ser senso comum. Parece que estamos perdendo nossa capacidade de tornar as experiências promovidas na realidade mais humanas (ARENDDT, 2020). Todavia, no curto espaço de tempo da GM, essas vivências intercorpóreas despertaram um senso de humanidade que, talvez, estivesse escondida, ou sendo pouco frequente ao olhar do acompanhante entrevistado.

Ao voltarmos para perspectiva fenomenológica, precisamos incorporar de antemão que a percepção do outro se dá pela empatia de duas corporeidades e, por este viés, deixamos de lado o “eu penso” para dar luz e espaço para o “eu sinto” (BAUMAN, 2005). Merleau-Ponty (2018) nos propõe que, antes de perceber um outro corpo ou um pensamento do outro, percebemos uma outra sensibilidade.



Akanni: “Era uma senhora alemã, de uma outra cultura que eu nunca vi, e de repente se aproximou e pediu a bandeira. E aí, no olhar e em algumas palavras trocadas rapidamente, assim, eu senti uma conexão com ela assim como **eu senti** com muitas pessoas ao longo de todos os dias que eu passei dentro do evento, assim. Acho que essa foi uma das grandes marcas assim, como as pessoas estão abertas ali para conviver, pra conhecer, para sei lá, para se... se conhecer mesmo!”



Iris: “Eu **senti** e falei ‘que lindo que é todo mundo reunido, todo mundo tentando copiar de alguma forma visual o outro, querendo estar presente na cultura do outro, sem saber o que está se falando, mas junto!’ Juntos ali curtindo o momento...’ Acho que foi o ápice para mim!”

Entendemos que o mundo da vida não é um mundo privado: nós o compartilhamos com nossos semelhantes e, assim, ele se torna intersubjetivo desde o início. Este mundo é experimentado e interpretado por outros sem deixar de sê-lo, isto é, um mundo historicamente determinado, ao mesmo tempo natural e social, que existe desde antes do nosso nascimento e continuará existindo após nossa morte. Portanto, é um mundo que pressupõe a intersubjetividade — a relação com o outro. Nesta relação, que consideramos “face a face”,²⁸ evidenciamos um mundo que está ao nosso alcance, mas também ao alcance do outro: uma intersecção entre como ele se dá para nós e como ele se dá para o outro. Neste ínterim, o mundo percebido pelo outro transcende o meu (DREHER, 2003).

Aderimos neste ponto uma licença a um “pluralismo filosófico”, em que acreditamos que outros autores possam complementar algumas de nossas discussões. Dessa forma, trazemos Alfred Schutz (1989), filósofo austríaco que também colaborou com a filosofia fenomenológica de Husserl e que desenvolveu três estágios de transcendência sobre o mundo intersubjetivo: o primeiro, corrobora com este ideal de que o nosso mundo e o do outro estão em intercambialidade; o segundo, relaciona-se com a formação de um “nós”, em que experimentamos um ao outro, um alcance recíproco que envolve parte de cada personalidade, o que possibilita que assumamos papéis sociais na relação e presenciemos, por exemplo, fenômenos como “amizade” ou “amor”; no terceiro, a relação transcende a nossa existência, isto é, transcendemos não apenas o que é nosso, mas também o mundo do outro e adentramos em relações como “nações” e “grupos específicos”, comumente representados por símbolos e construção de pensamento de senso comum.

²⁸ Alguns pesquisadores têm se dedicado no entendimento das relações sociais para além do modo presencial, isto é, também pelo modo virtual. Como exemplo: OSLER (2020); ERASLAN e KUKUOGLU (2019); ROUTRAY (2019), no entanto, para esta tese, referimo-nos somente ao presencial.

Nossas narrativas, em consonância às minhas observações, demonstraram que o GYMNUSP pôde se transcender no mundo da vida intersubjetiva nos diferentes estágios tal qual propôs Schutz (1989). Enquanto corpos presentes no festival, experimentaram compartilhar um mesmo mundo com diversas pessoas — de desconhecidas a próximas. Uma das experiências relatadas mais recorrentes foram as trocas de pertences com os participantes de outros países.

As trocas de uniforme e de acessórios (pingentes, bandeiras, mochilas, entre outros) é um movimento muito típico da GM. Durante toda a semana, os participantes ficam “namorando” os uniformes de delegações de outros países, e, quando são autorizados,²⁹ as trocas são iniciadas. Com largos sorrisos e muita agitação, pessoas desconhecidas se aproximam com o objetivo de trocar alguma peça.



Fiana: ““*Change! Change! Change!*”. E aí, foi todo mundo, assim, que curtiu a troca! Não foi só um! Foi a troca entre os grupos assim! Não foi só eu trocando com uma pessoa, sabe? [...]Eu achei elas legais assim... Era uma forma de integrar entre os países e às vezes tirava foto depois... E aí, você vai trazendo memórias, meio que, de outras pessoas também, sabe? De outros momentos. É diferente, por exemplo... Seu uniforme, você traz memórias assim, coisas do seu processo, do seu grupo. Mas a hora que você troca, você está trocando por outras coisas, sabe?”



Cibele: “É... Porque esse foi um dos momentos, tipo, bem legais assim que... É uma coisa tão simples que é trocar uniforme e não sei o que, e que marcou muito. Porque nessa troca a gente vai conhecendo pessoas e vai conhecendo histórias. Porque acaba que ali vai trocando e dá uma conversadinha aqui e já conhece um pouquinho. E aí (pensando)... Que GPT também é compartilhar, sabe? A gente vai trocando e vai pegando coisas que... Esse uniforme é de alguma pessoa que está por aí pelo mundo e eu trouxe pra mim e o meu está espalhado por aí... Então, foi muito legal essa parte de a gente socializar, de a gente conhecer, compartilhar e viver essa experiência e trazer um pouquinho de cada país de uma coreografia que a gente assistiu, que achou o máximo...”

Engana-se quem acredita que a linguagem universal deste momento seja o inglês. Apesar do famoso “*change*”, a linguagem corporal ganha um especial destaque nesta situação. Com peças vestidas ou segurando-as em suas mãos, os participantes se aproximam e deixam as expressões agirem por si próprias: um olhar curioso, um estender de braço mostrando a oferta, um nariz torcido para a camiseta que não agradou, um abraço forte na comemoração da conquista.

²⁹ Alguns grupos ou responsáveis de grupos preferem autorizar as trocas somente no final do evento, depois de terem concluído todas as apresentações. Não há uma regra, somente a de que para o desfile na Cerimônia de Abertura, todos estejam devidamente uniformizados.



Victória: “De trocar experiência! O Senhor veio e me abordou... o Senhorzinho, né? E veio com felicidade de querer meu uniforme, que era do Brasil. Que eles gostam dos brasileiros. E aquela coisa de trocar sem saber falar inglês! Sem saber se comunicar com a palavra, mas com o gesto... E essa troca é muito legal. Não é só troca material. É troca de experiência, de amor, de carinho. Porque está todo mundo vivendo a mesma coisa! Então, isso é muito grande! Muito bacana!”

Para a intenção direcionada ao sucesso da troca, o corpo, com seu inato componente expressivo, é posto em cena. Não estamos nos referindo somente àquele corpo-ginástico visto nos palcos, mas o corpo-próprio que se transcende em busca de desvendar os espaços que o festival proporcionou e, entre eles, os sociais que harmonizaram diálogos, festas e conagração.

Essa interação momentânea com o desconhecido se passa no primeiro estágio de transcendência proposto por Schutz (1989). Uma abertura para esse mundo vivido que é a Ginastrada Mundial. Conquanto cada participante tenha sua intencionalidade e sua historicidade, a atmosfera deste espaço festivo contribuiu significativamente para algumas “emoções compartilhadas” (TRIGG, 2020).

Ainda que seja difícil apontar onde inicia ou termina uma “atmosfera”, ela pode ser percebida por meio do corpo vivido, uma vez que é a compreensão afetiva que desempenha sua estrutura. Todavia, essa apreensão do corpo raramente ocorre de forma isolada e pode ser dada em diferentes intensidades — de fraca a intensa (TRIGG, 2020). A estrutura interafetiva é uma esfera abrangente na qual nossa vida emocional está inserida desde o nascimento e intercede nossa participação em um espaço compartilhado de afeto (FUCHS, 2013). A fenomenologia sustenta, neste sentido, que as emoções, em vez de serem reconstruídas mentalmente ou de outra forma, elas são articuladas em termos corpóreos e intercorpóreos, e podem ser expressas por meio do encontro diádico entre si mesmo e o outro. A sensação de alguns estados afetivos pode ser mais compartilhada do que outras, uma vitória ou uma derrota em uma situação competitiva, por exemplo, podem gerar sentimentos coletivos de euforia ou decepção (TRIGG, 2020).

Na perspectiva teórica adotada, é importante reconhecer que a emoção experimentada nestas situações é sempre vivida e compartilhada. As pessoas que estão disponíveis para as trocas realizadas no festival apresentam um tipo de estado afetivo, elas estão, em grande parte, abertas para o encontro corpo-outro, porque só assim a intenção da troca vai acontecer. Além do objeto pelo objeto, existe um clima de confraternização (como já vimos no capítulo anterior) que potencializa uma atmosfera de amizade.

Agora, atentamo-nos a um ponto bem importante: a intencionalidade. Merleau-Ponty (2018) nos mostrou que ela é operativa, ou seja, ela é pré-reflexiva e sucede de maneira não intelectual — por meio de nossos desejos, emoções e sentimentos. Assim, a intencionalidade operativa nos ajuda no desempenho de perceber as estruturas de uma atmosfera, moldando a maneira como ela nos aparece como campo de referências e significados (TRIGG, 2020). No caso da GM, percebemos que a troca — em alguns casos —, não sucedeu de forma totalmente premeditada, ainda que houvesse desejos íntimos em determinadas peças provindas de algumas nacionalidades.

Explicamos melhor: existia um conhecimento prévio sobre essa cultura de troca e, como parte dessa experiência gímnico-festiva, os participantes estavam abertos e dispostos à aproximação. Dessa forma, muitos acabaram trocando ou presenteando alguém pela forma como ocorreu a abordagem. Em nossas entrevistas, ouvimos casos de trocas de uniformes em que não necessariamente era o mais desejável, mas a relação estabelecida pelo diálogo entre os participantes promoveu sentimentos que perpassaram a vontade de trocar.

Shakira, a entrevistada, pega mais um objeto. Desta vez a camiseta era sobre uma das trocas. Explica que essa foi especial, pois ela e o namorado começaram a conversar com um holandês que, a princípio, queria fazer uma troca, mas depois virou uma amizade. O menino contou que admirava muito o Brasil porque ele jogava futebol e que, depois de se machucar, precisou parar com este esporte e entrou na ginástica. Como nem ela, nem o namorado queriam se desfazer de suas camisetas do Brasil, Shakira decide presentear o novo amigo com os *shorts* do Brasil. A intenção era apenas presenteá-lo com alguma peça, já que ele gostava tanto do nosso país. O holandês ficou tão feliz que também quis presenteá-la e, sem pensar muito, tirou a camiseta que estava vestindo e a entregou.



“De verdade! Para mim não precisava... Porque eu acho que eu já tinha trocado quase tudo e ele ficou muito feliz e me deixou muito feliz saber que para ele era de tanto valor aquele short que tinha a bandeirinha do Brasil! Aí a gente pegou contato dele, a gente tirou foto com ele, pegou contato e... Como vai ser lá em Amsterdã a próxima [GM], ele falou para a gente: ‘nossa! Vocês têm que ir em 2023, por favor, para a gente se encontrar e tudo’. Então, assim, essa camiseta tem um valor... que é dessa história, desse menino, [...] Na verdade, o Yoki acabou conversando mais com ele, porque ele entende melhor inglês. Mas, ele falou que chegou lá [na Holanda] e contou para os pais dele que ele conheceu a gente e toda essa história. E, então, assim, eu vejo que para ele também foi muito marcante, se não ele ia esquecer. Ele não ia fazer questão de contar...nem nada”.

Percebemos nesta situação, que a relação intercorpórea que ocorreu motivada pela troca transcorreu pelo segundo estágio de transcendência (SHUTZ, 1989), aquela em que a reciprocidade envolve um pouco mais de cada biografia e, por isso, sentimentos como

carinho e amizade foram possíveis. No caso acima exemplificado, os integrantes mantiveram contato com o novo amigo mesmo quando a GM havia acabado.

Neste contexto, podemos retomar a reflexão de como a palavra “intenção” é um tanto quanto desajeitada para a fenomenologia. No significado semântico, poderíamos identificá-la na vontade ou não de trocar um objeto pessoal — algo prático sobre o querer que move nossas ações —, e que, de fato, aconteceu durante esses escambos. No entanto, essa intencionalidade de que estamos tratando aqui é pré-reflexiva. Ela é alimentada por nossas emoções, por aquilo que nos toca antes da elaboração do pensamento, um ato que corresponde aos desejos mais íntimos relacionados a nossa percepção corporal.



Caio: “E esse cara foi muito legal. Muito tranquilo. Houve muitas situações dessas. Mas essa foi especial, porque eu queria muito o moletom e porque ele cruzou e ele podia ter me ignorado, ter passado do outro lado, podia ter feito qualquer coisa... E ele parou! Então, é importante por isso. Tenho calça, tenho outras camisas, só que houve trocas bem, bem amigáveis. Mas esse foi diferente por isso”



Nota (12/07/2019): Chegou uma senhora da República Tcheca para trocar comigo. Era um dos modelos de uniforme que eu tinha gostado. Só que ela era maior que eu. Mesmo assim experimentamos e, fiquei tocada com a forma como ela me olhou e gostou do meu agasalho... Decidi trocar por ela, pela situação! Tiramos uma foto para guardar de recordação. Vesti o meu novo agasalho.

Figura 38. Por entre as trocas



Fonte: Acervo pessoal.

A abertura e a aproximação com o outro foram motivadas pelas trocas, mas, sobretudo, pela atmosfera festiva e pela intencionalidade gerada na intercorporeidade. Estados afetivos que me tocaram e que tocaram nossos colaboradores.

Isto posto e retomando aos estágios de transcendência (SCHUTZ, 1989), alguns de nossos entrevistados, por outro lado, relataram que mesmo com uma comunicação corporal efetiva em algumas situações, a falta de fluência na língua inglesa ou de uma outra língua estrangeira dificultou um entrosamento no estabelecimento desses laços mais intimistas:



Iris: “Como é importante a gente saber [outras línguas] para poder ajudar as pessoas. Ok que, às vezes, igual eu disse, na conexão, de olhares, de não precisar de palavras. Mas é importante para as trocas também. E eu acho que eu não estou muito bem no inglês ainda. Mas acredito que se eu soubesse um pouquinho mais, teria fluido mais, as trocas, sabe?”



Akanni: “Uma coisa... eu voltei de lá e falei: ‘é inconcebível, Akanni, que você não saiba mais línguas!’. Porque como é que você vai entrar em contato com outra pessoa? Falando a língua dela, ou ela falando a sua língua. Então, quanto mais línguas você souber... Pelo amor de Deus! Faltam quatro anos ainda, mas você vai conseguir se comunicar com mais eficiência para trocar!”



Beck: “É uma coisa muito forte assim, Tamiris, a língua, né? Eu não falar inglês e aí ficar um pouco nessa dependência do grupo para ir [...] É uma ansiedade lascada! E o que foi difícil pra mim? Acho que um pouco foi essa dependência do inglês, que foi bem difícil!”

Alguns integrantes não conseguiram desenvolver um diálogo mais íntimo com os estrangeiros. Além da frustração acerca da interação social, a quebra gerada pelo idioma gerou sentimentos de dependência sobre outros integrantes do grupo que, por vezes, não pareceu suficiente (como no caso de Beck).

Para Merleau-Ponty (2018), a linguagem é um objeto cultural que desempenha um papel essencial na percepção de outrem. É por meio do diálogo que constituímos um espaço em comum: “meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, ele se insere em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador” (p. 475). Essa passagem nos ajuda a entender que pela conversa e pelo intercâmbio de pensamentos que sucedem em um encontro, podemos estabelecer uma relação e reconhecer o outro.

No diálogo presente, estou liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem certamente são pensamentos seus, não sou eu quem os forma, embora eu os apreenda assim que nasçam ou que eu os antecipe, e mesmo a objeção que o interlocutor me faz me arranca pensamentos que eu não sabia possuir, de forma que, se eu lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 475)

Para aqueles que almejavam trocar — não somente o objeto —, foi notório que a linguagem se tornou um mecanismo essencial. Essa que, como o próprio filósofo nos mostrou, não se finda exclusivamente pela palavra falada, necessita ser expressiva, precisa cumprir a função de passar a informação desejada. Quando a linguagem corporal isolada não concedeu o movimento de autonomia e de reconhecimento íntegro do corpo-outro, ela também não cumpriu com as expectativas. Nestes casos, a falta de outros idiomas foi exposta como um problema.

Por outro lado, voltamos à corporeidade tal qual temos compreendido ao longo dessa pesquisa: uma potência no que diz respeito ao diálogo entre diferentes pessoas. Saura e Zimmermann (2021), no âmbito dos festivais de jogos tradicionais, observaram que durante as atividades promovidas em um festival, as crianças romperam com grupos previamente formados, identificando um “brincar junto” entre diferentes idades, diferentes classes sociais e grupos étnicos, inclusive, com os adultos. As autoras não relataram a interferência de outros idiomas como presenciados na GM, contudo, este estudo nos impulsionou a uma valorização à atmosfera festiva, a qual significou os encontros entre diferentes participantes mesmo quando o idioma se fez ausente.

Por vezes, durante a GM, encontramos com grupos de variadas nacionalidades interagindo por meio de jogos de parada de mãos (quem ficava mais tempo na posição invertida), grupos trocando coreografias de dancinhas combinadas, demonstrações de acrobacias coletivas nos espaços abertos, brincadeiras de roda, gritos de guerra, entre outras situações que, independentemente da língua falada, fomentavam um agir em conjunto.



Zoe: “Ah! Eu dancei em todos os lugares possíveis, né? (rindo) Acho que tudo! Até no banheiro escovando os dentes. Mas a gente dançou em bar, tinha festinha na rua. Assim, também dancei, dancei no próprio evento, dancei enquanto os outros que faziam coreografia, entrava no clima...”

Figura 39. O ginastar no tempo livre (redes sociais)

INSTAGRAM	
Data	06 de Julho de 2019
Publicação	Foto de uma segunda altura.
Descrição	"a gente já abre os trabalhos assim, ginasticando até nos registros"
Curtidas	
Comentários	
Critical Friend	"Brincar de ginástica pelos espaços e nos tempos livres"
Temática	



Fonte: Dados recolhidos para a tese.

Figura 40. O brincar de ginástica



Fonte: Acervo pessoal.

A atmosfera do festival permitiu emoções compartilhadas em diferentes intensidades. A exemplo disto, um momento marcante para o grupo foi o primeiro dia em que ocorreu o cancelamento da Cerimônia de Abertura.³⁰ A ida ao bar e a interação que este espaço promoveu despertaram um estado de festa e alegria.



Jordan: “No primeiro dia! E foi divertido dançar e o DJ colocando música brasileira. Mas o mais divertido foi que vários países colaram do nada e ficaram dançando do nada e a gente saiu de lá curtindo a festa assim... Então, aquilo foi bem... Acho que pra mim foi um ponto alto do evento.”



Akanni: “A gente sentou, pedimos algumas coisas, tal... Começou tocar música brasileira, o nosso grupo tomou conta do espaço, e aí foi enchendo [...] E, de repente, eu me vi ali dentro do bar em um misto de sensações, porque... Eu estava em uma terra que não minha, vendo pessoas que eu não conhecia de vários lugares também e... De repente, eu vi que o bar foi tomado pela minha cultura, que foi uma coisa que, foi completamente, assim, inesperada”.

³⁰ Como descrito na página 111.



Cecilia: “O bar do domingo, porque foi cancelada a abertura foi... Nossa! Não consigo nem qualificar, porque foi tão legal, tão bonito, que... enfim [...] Mas é o espírito, o clima do evento. No bar, quando as pessoas foram chegando, nacionalidades diferentes, dançando... Tem mais essa né? São coisas que não são previsíveis. ‘Olha! A gente vai fazer um encontro com todas as nacionalidades nesse bar aqui...’ Não! É muito espontâneo!”



Cibele: “Ah! Um momento que marcou muito foi a gente naquele bar (rindo) Então, ali foi o ápice para todo mundo... O local para todo mundo interagir, se soltar e brincar, e dançar e se divertir.”



Iris: “Outra coisa também que foi demais para mim foi aquele dia do bar. Que também foi no primeiro dia... É. Mas que lindo que foi ver todo mundo na mesma *vibe*, pessoas que não sabiam o que estavam cantando lá, mas estavam na mesma *vibe*, dançando e queriam aprender as coisas nossas (rindo)”

Como é possível notar por essas narrativas, o intercâmbio de nossa cultura com a cultura do outro foi trazido à tona. Escutar uma música brasileira em território estrangeiro chamou a atenção de nossos participantes. O lúdico tomou conta do clima gerado pelo encontro das delegações.

Nossa amiga crítica nos lembrou que este momento não foi programado, ou seja, não fazia parte do cronograma do festival, muito menos dos compromissos do GYMNUSP. Assim como descreveu Cecília, foi muito espontâneo, um momento de lazer que fomentou a trocas descompromissadas.

Figura 41. “Dia do bar” (redes sociais)

FACEBOOK e INSTAGRAM	
Data	14 de novembro de 2019
Publicação	Foto de membros do grupo saltando na praça em Dorbin
Descrição	Ah, vcs! Dos dias mais felizes da vida...! #tbt Gymnaestrada 2019
Curtidas	46 F; 62 I
Comentários	2 F; 1 I
Critical Friend	lazer, ginasta!
Temática	



Fonte: Dados recolhidos para a tese.

Uma das colaboradoras em suas redes sociais retomou em novembro (quatro meses após o festival), a foto tirada instantes depois que saímos do bar, descrevendo-a como um dos “*dias mais felizes da vida*”. A intensidade dessa alegria foi rememorada algumas vezes em conversas aleatórias nos encontros após a viagem, como um dia “ápice” ou “inesquecível” da Ginastrada Mundial. A emoção compartilhada foi sendo revelada em todos os momentos recordados por entre sorrisos, olhos lacrimejados, falas emanadas de risadas, gestos de dança, descrições do bar como se ele estivesse diante de nossos olhos e uma energia de felicidade contagiante.

Sabemos que os espaços públicos podem propiciar o encontro com o outro (ARENDR, 2020) e nos festivais, esse encontro nas atividades referidas (brincar, dançar, fazer ginástica...) podem promover a empatia, o empoderamento e apropriação de conhecimentos corporais estabelecidos nessa relação com o mundo (SAURA e ZIMMERMANN, 2021). Quando essas relações ocorrem em consonância com o afeto compartilhado, muitos sentimentos são gerados e a intensidade perceptiva é revelada, ou, como o próprio Merleau-Ponty (2018) comenta, o que mais nos tocou se torna evidente!

Percebemos, ademais, que o caráter participativo do evento é retomado nas entrevistas neste sentido de “potencializador” de encontros. Mesmo com uma certa comparação no que diz respeito às técnicas gímnicas e o “estrelismo” promovido por alguns espetáculos, nos momentos de interação e congraçamento (extra apresentação), havia um clima muito amistoso entre as relações.



Jordan: “Então, foi interessante perceber que as outras pessoas de outros países são só pessoas, não tem uma barreira (fazendo uma parede com as mãos). Elas não estão em um patamar diferente, não. É só uma pessoa, você pode ir lá. Às vezes você vê o cara que fez uma acrobacia, tipo, muito difícil, e você vai conversar com ele, e a pessoa é uma pessoa também. Então é: os astros são pessoas. Então, me aproximar... Talvez não aproximar, mas me abrir um pouco mais com pessoas alheias, talvez que eu nunca mais vá ver um dia. Então, eu acho que foi isso que mudou um pouquinho!”



Akanni: “Porque, é uma troca descompromissada, né? As pessoas não estão disputando alguma coisa ali, não estão disputando, sei lá, visibilidade, pontos para um outro torneio, que vai dar acesso. [...] Tanto que, quando eu voltei, eu voltei com um senso de urgência muito grande, de emergência de ver as coisas. Às vezes eu... Antes, eu sempre colocava o trabalho em primeiro lugar. Eu falava: ‘preciso corrigir redação, preciso montar aula e tal’. Eu voltei falando: ‘gente! Vem para casa! Vamos beber, vamos se encontrar!’ Porque foi o que eu senti lá. Essa coisa de: ‘a gente precisa falar mais, a gente precisa se encontrar mais, precisa... projetar, pensar, planejar, é... criar mais juntos’ Mas, é isso: criar mais juntos”

Jordan comenta que essa experiência de se abrir para uma interação com desconhecido foi um dos pontos marcantes de sua participação no festival e que essa atitude mudou alguns aspectos de sua vida pessoal. Como uma pessoa mais reservada, percebeu que a abertura ao novo e ao outro pôde lhe proporcionar momentos incríveis. Akanni, por sua vez, percebeu que essa troca foi fundamental para sua vida cotidiana que, sem notar, vai sendo sucumbida à rotina. Para o acompanhante, o encontro, para além do “estar junto”,

significou criar, pensar, planejar e fazer junto, e revelou a necessidade de “sermos juntos” habitualmente (MOREIRA, 2019).

Neste sentido e retomando ao estudo de Saura e Zimmermann (2021), um dos valores que sensibilizam e movem diversas comunidades tradicionais é exatamente o “fazer-junto” — também observado em festivais e comemorações. Esse ideal transpassa a incorporação de saberes e, normalmente, acontece sem a necessidade de palavras, enfatizando o primado da experiência como gestual e corporal (MERLEAU-PONTY, 2018).

Zoe, em comparação a suas experiências anteriores, especificamente ao ambiente competitivo, estranhou o fato de as pessoas demonstrarem tanta empatia e amizade no festival. Para ela, esse comportamento tem relação ao fato de não haver competição institucional, uma vez que os participantes estão ali pelo objetivo do conagração. Este estranhamento marcou sua percepção, transformando-o em “*o melhor evento de sua vida*”. A horizontalidade das relações provocou uma sensação de familiaridade, isto é, uma intimidade que normalmente ocorre entre pessoas conhecidas:



Zoe: “o que mais me marcou no evento foi essa relação que a gente tem com pessoas de outros países. É um evento que eu nunca vi assim... Eu já participei de vários eventos de dança, que vêm pessoas de fora e tudo. Mas não tem essa conexão, essa coisa gostosa de ser vivenciada, de trocar as coisas. Nossa! Eu achei isso incrível. Eu realmente gostei. Foi o melhor evento da minha vida! Tem muito isso. E ninguém está lá para competir. Por que muitos eventos que eu vou é competição. Então, o pessoal te olha feio, com esse ar de competição. Eu não sou muito disso. Mas lá todo mundo era amigo de todo mundo, parecia que a gente se conhecia a muito tempo, na real. A gente encontrava as pessoas e dançava junto ou, enfim, era muita cultura junto e isso é muito legal.”

Não vamos generalizar e afirmar que não existem diferenças entre classes sociais na GM, uma vez que, reunindo 61 delegações seria hipocrisia da nossa parte não perceber uma maior presença dos países desenvolvidos. Todavia, essa superioridade financeira está disfarçada por entre os uniformes (de melhor qualidade a baixa qualidade), por entre os materiais desenvolvidos para as coreografias, o tipo de figurino e maquiagem, quantidade de pessoas por delegação, entre outros indícios que podem marcar diferenças econômicas entre as nacionalidades. Quando tratamos desses corpos que viveram a atmosfera festiva do evento — abertos para a troca e para a integração —, observamos que essas questões não são evidenciadas quando os questionamos sobre a experiência vivida no evento.

Pelo contrário, como refletimos no capítulo anterior, o “perceber-se orgulhoso de suas raízes” causou destaque por entre as falas e as observações. Caio, por exemplo, colocou-

se reflexivo sobre as trocas, uma vez que elas poderiam significar, inclusive, um “desleixo” com o símbolo nacional:



Caio: “Assim, até que ponto você se desfazer dos itens que você deveria ter amor em investir é saudável? Isso passou na minha cabeça por algum tempo: “quero muito me desfazer de todas as coisas do Brasil”. Mas espera aí. Você não está viajando para representar o teu país? Não deveria ter orgulho em ter todas as peças? Ok se são mais simples, eu quero uma outra marca, se eu gostei de uma outra estampa. Beleza, é aceitável, mas ao mesmo tempo é estranho! Né? Eu fiz isso também. Não estou falando que todo mundo... ‘Ah, só as pessoas. Eu não troquei nada’. Eu troquei todas, eu acho, talvez uma camisa polo que eu fiquei, porque eu não consegui trocar. Vamos ser sinceros aqui!”

Neste tema, podemos voltar aos estágios de transcendência proposto por Schutz (1989) e relatar como o terceiro estágio (significações acerca de nação ou de grupo), ficou evidente em algumas narrativas do GYMNUSP. Como o autor argumentou, neste período de adensamento nas relações, transcendemos não apenas nossa própria existência (como pudemos observar no capítulo 4), mas, passamos a transcender no mundo outro, no mundo compartilhado, comumente significados por símbolos.

Para o acompanhante Caio, vestir o uniforme do Brasil, desfilar na Cerimônia de abertura e ajudar o grupo com as atividades diárias o fez se sentir parte da delegação brasileira. Nesta avaliação propiciada pela entrevista, notou que as trocas poderiam ferir esse sentimento de nação ou do orgulho de ser brasileiro que o tomou.

Ressaltamos, então, que o sentimento de nação é trazido à tona principalmente em dois momentos: no desfile da abertura e quando os estrangeiros buscavam trocar peças do nosso uniforme. No primeiro, podemos destacar o componente “atmosfera” uma vez mais, já que é um evento dentro do festival que enaltece cada uma das delegações, oferecendo espaço para que todos possam mostrar de qual país fazem parte. A obrigatoriedade do uniforme marca com evidência as cores de cada bandeira e a celebração alimenta a sensação de que as pessoas estão felizes com a nossa presença. No segundo ponto, o sentimento de “ser-brasileiro” emerge quando percebemos que nossos uniformes são constantemente procurados para as trocas. Na edição de 2019, a qualidade do conjunto brasileiro (roupas, boné e mochila) não pareceu satisfatória para muitos (CBG, 2020), no entanto, identificamos que o objetivo da troca não estava somente na beleza dos nossos agasalhos, mas sim no símbolo do Brasil.

Em algumas narrativas notamos que o contexto “futebol” foi um ponto motivador para a procura das peças brasileiras. Atletas como Pelé e Neymar eram trazidos para as

conversas como quem gostaria de dizer: “*eu sei alguma coisa sobre Brasil*”. Da mesma forma, outros louvavam o carnaval ou o samba, com gestos de dedos indicadores para cima em movimentos alternados, mostrando-nos que essa festa é conhecida e agradável aos estrangeiros.



Yoki: “E o Brasil é muito requisitado para ser trocado. ‘Não, me dá essa camiseta, porque o Brasil...’ E a gente sabe que é pela tradição do futebol. ‘Ah, mas brasileiro é muito de esporte e tal, quero trocar’. Até fiz amizade com um holandês por causa dessa camiseta!”



Cibele: “Eu senti que nosso País, assim, por todas as dificuldades, mesmo com todas as coisas ruins que no Brasil, mas ele é visto com outro olhar lá de fora. É visto com o olhar de coisas alegres, pessoas animadas. E é o Brasil. E é samba, e é diversão, e é não sei o que... E eles veem a gente um pouco com o olhar pacífico, com coisas boas e tudo mais! E é muito bom ver quando eles chegavam ‘ah, Brasil, Brasil!’ e dançavam e pulavam. Então, foi isso, aconteceu muita coisa legal!”



Zoe: “Foi, as pessoas com que eu troquei, elas pulavam de alegria por ter o uniforme do Brasil, sabe? Para a gente é tão... ‘Nossa, é um uniforme’. Eu nem achei tão bonito, sabe? Porque os outros eram muito mais bonitos. O nosso foi simples, mas a alegria deles, sabe? E a mesma coisa a nossa. É porque a gente estava muito longe deles. Para eles, é muito novidade ter uma roupa do Brasil. Tipo, é Brasil. E as pessoas também vão lembrando que no Brasil... Futebol, carnaval, que é a fama que a gente tem fora. Então, é muito legal que eles começam a falar (rindo). Ru troquei com um menininho que ele falou: “Ah, Ronaldo!”

Em diálogos observados entre integrantes do grupo após algumas dessas situações, percebemos um certo incômodo com a fama “futebol e carnaval” que acompanha nosso país, alegando que gostariam de mostrar que o Brasil tem muito mais a oferecer. Todavia, foi interessante notar que essas percepções não foram trazidas nas entrevistas como pauta da experiência vivida, deixando o protagonismo somente ao sentimento de orgulho de fazer parte dessa delegação.

Para além do estado de pertencimento a uma nação que contempla o terceiro estágio proposto por Schutz (1989), ressaltamos uma transcendência em relação ao próprio GYMNUSP. A convivência gerada pelo formato do festival revelou-nos um grupo que estreitou suas relações a partir da experiência vivida na GM, como veremos a seguir.

5.2 Ser-GYMNUSP: a convivência que aproxima

Como comentamos no início deste capítulo, as duas temáticas destacadas são híbridas. Isso significa que elas têm relações muito próximas umas das outras. Se pudéssemos qualificar friamente “causa e consequência”, correríamos o risco de apontar que elas são constituídas por um mesmo fundo discutido anteriormente: a atmosfera festiva da Ginastrada Mundial e as emoções compartilhadas entre os integrantes (TRIGG, 2020). No entanto, estamos tratando de sentimentos, de percepções corporais que não são passíveis de serem analisadas cruamente, mesmo que esse fundo ainda faça parte de um espaço que foi experienciado em todo o conjunto.

Isto posto, para dar andamento a próxima temática, atentemo-nos ao “ser-GYMNUSP” que foi firmado pela participação de um grupo ginástico no festival organizado pela FIG. Um tipo de “ser-com-outro” que se transcendeu devido à inúmeras situações durante todo o processo participativo: dos encontros às apresentações, da organização prévia ao turismo, do encantamento aos duros imprevistos, de meros colegas às amigas para a vida.

Antes de mencionar os caminhos e os acasos vividos no evento, é preciso retomar o contexto pedagógico em que o grupo foi formado. É sempre importante ressaltar que a autonomia gerada pela mediação das coordenadoras proporcionou às ginastas um reconhecimento de suas individualidades, não somente acerca de seus movimentos gímnicos, mas também do quão vivas e capazes de criar elas são (YAMAGUTI *et al.*, 2016). Sempre atentas à centralidade do aluno, as mediadoras construíram uma relação horizontal que evidenciou esse “ser-junto” que vamos dialogar.

Não se trata de formar pessoas que se conheçam melhor, apenas, mas de formar gente consciente de que jamais conhecerá tudo de si, pois isso consiste em conhecer a humanidade e o mundo. É imprescindível desencadear um processo de conhecimento de si através dos valores humanos encontrados em cada indivíduo, possibilitando condições para que cada aluno e aluna encontrem, por suas referências internas e não apenas do mundo exterior o dos outros, o que ele ou ela de fato são em relação ao mundo, aos outros e a si próprio. (KUNZ, 1994, p. 5)

A experiência do “nós” vem sendo recorrente nas discussões da literatura fenomenológica (LEÓN e ZAHAVI, 2017; 2016; SZANTO 2017; ZAHAVI e SALICE 2016). Ela não se limita a dois ou mais indivíduos ao mesmo tempo, mas é um tipo de experiência que tenta capturar a essência de algo vivido entre corpos-outros que estejam

envolvidos e compartilhando juntos. Neste ambiente, há um reconhecimento de união: atos afetivos uns com os outros na constituição de um “nós” (OSLER, 2020).

Fazer parte de uma comunidade envolve muito mais do que somente um “eu”. Envolve experimentar a si mesmo como parte de um grupo, sentir a união afetiva com os outros membros. Essa experiência pode se desenvolver por pessoas que habitualmente estão próximas (casais, família, amigos), ou por pessoas que possuem um interesse em algo específico (um objeto, um time, um lugar) que produz o sentido de unificação. Uma possível razão geradora desse sentimento, de acordo com Osler (2020), está no fato de que há uma empatia, uma parte constitutiva do nós em que apreendemos a experiência pelo corpo do outro como um campo de expressão: identificamos a nós mesmos nos atos expressivos de outrem.

Podemos exemplificar essa experiência do “nós” pelos grupos formados por alguma prática esportiva/corporal. Para além da relação de amizade que a proximidade cotidiana dos encontros pode suscitar, a prática em si se torna um objetivo em comum que reforça o sentimento de algo compartilhado, vivido em conjunto. Quando tratamos da Ginástica para Todos (GPT), retomamos às características já trazidas no início deste capítulo: uma prática potencial no que se refere ao encontro corpo-outro. Ademais, temos reconhecido que o processo que envolve a participação em festivais ginásticos pode reforçar uma aproximação entre integrantes de um grupo, de modo a cooperar com a empatia e o sentimento de pertencimento (PATRICIO e CARBINATTO, 2021; PATRICIO e CARBINATTO, 2020; PATRICIO *et al.*, 2019).

E com o GYMNUSP isso não foi diferente! Ao longo do primeiro semestre de 2019 presenciamos uma integração gerada pela expectativa da participação no evento. Desta forma, nas linhas a seguir, traremos muitas situações descritivas — oriundas das observações e das entrevistas — que nos suscitaram pensar o processo de participação na GM.

Um dos primeiros encontros do ano aconteceu na Faculdade de Educação Física da UNICAMP em um treino para a coreografia da Noite Pan-Americana com os outros grupos universitários convidados. Os materiais escolhidos para essa coreografia foram os sofás infláveis — o mesmo da coreografia “*Quem se importa?*” que o GYMNUSP levou para as Performances de Grupo na Ginastrada Mundial de 2019.

Figura 42. Coletivo universitário PAGU (redes sociais)

FACEBOOK	
Data	10 de Março de 2019
Publicação	Repostagem da página do GYMNUSP sobre o primeiro ensaio da PAGU
Descrição	Uma foto de todos os participantes com materiais e outra foto das integrantes que participaram do treino.
Curtidas	12
Comentários	2
Critical Friend Temática	Integração e reconhecimento!



Fonte: Dados recolhidos para a tese.



Nota (09/03/2019): O material utilizado será o mesmo da nossa coreografia inicial, portanto, houve um reconhecimento por nossa parte sobre alguns movimentos e certa demonstração de orgulho por isso (digo principalmente por minha parte). Foi um dia de muita interação, principalmente com outras pessoas que não são do grupo, mas que compartilharam a expectativa de ir à Ginastrada. Percebi que nosso grupo ficou muito feliz com novas possibilidades de movimentos com o material e, mesmo cansadas (um dia todo no ginásio) todas queriam dar opinião, apresentar as ideias, sem muita timidez.

Critical Friend

Nota (10/03/2019): Quando na construção de uma coreografia coletiva é preciso pensar em identificação. É preciso pensar em reconhecimento. Escolher um material de proximidade de um dos grupos permitiu isso.

O reconhecimento do material e a espontaneidade do grupo frente a situação do encontro fez-nos refletir sobre a nossa própria coreografia e apreender novas possibilidades de movimento e interação. Ademais, o ensaio despertou uma sensação de espera pela GM, a expectativa de como será e um sentimento de que todo o planejamento se tornaria algo real.

Por este encontro, foi possível perceber nossas intenções sendo criadas e a antecipação do que estava por vir foi inevitável (SOKOLOWSKI, 2014).

Os encontros seguintes aconteceram na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, a EEFEE-USP. Como já detalhado, planejamos ensaios em todos os feriados do semestre e alguns fins de semana que foram dedicados para a coreografia do GYMNUSP. Durante a semana, os treinos eram divididos entre coreografia nova (acolhendo os integrantes que não viajaram) e demandas da GM que iam surgindo.

Percebemos paulatinamente a importância da conexão em meio a esses encontros. Ao retomarmos a pedagogia do grupo, almejamos reforçar o acolhimento que essa proposta proporcionou. A exemplo do que estamos querendo dizer, a ginasta Victória escolheu a palavra “superação física” para representar sua experiência, pois, como ela não havia participado do processo de criação da coreografia do GYMNUSP,³¹ ela apresentou muita dificuldade em aprender alguns movimentos, principalmente os que passavam pelo chão.



Nota (03/04/2019): A Victória é nova no grupo e nunca fez ginástica e está com dificuldade em um momento que temos que levantar rápido do chão (no círculo). Então, focamos nesse momento e passamos algumas vezes com ela. Todas as integrantes mostraram empatia e tentaram pensar em diversas soluções caso ela não conseguisse fazer bem o movimento. No final ela conseguiu, mas já estava muito cansada para continuar.



Victória: “Que eu achava que era uma coreografia difícil e tal. Aceitei! Falei: “vamos! Vamos!”. Comecei os ensaios, então antes da Ginastrada foi muito mais intenso do que na Ginastrada, porque foi muito difícil eu aprender a coreografia, foi uma experiência muito diferente! E eu fui desenvolvendo muito aos poucos, os movimentos, a coreografia... é... até atividade física mesmo! Eu tive que me adaptar, fazer exercício, né?”

Sem dúvidas houve um esforço individual e uma motivação intrínseca extremamente importante para que a ginasta conseguisse se superar — e, portanto, não tiramos o mérito deste feito. Contudo, também presenciamos toda a colaboração do grupo para que ela alcançasse seu objetivo. Como novata, a dificuldade física a aproximou das outras integrantes. A ajuda oferecida para que a coreografia fluísse de maneira orgânica constituiu um ambiente de respeito, empatia e acolhimento.

Neste sentido, Merleau-Ponty (2018) nos apoia frente a crítica a um ideal corpóreo como um aglomerado de partes distintas. Para o filósofo, o corpo deve ser entendido pela

³¹ Ela entrou no grupo depois que a coreografia já tinha sido credenciada para a GM.

sua experiência vivida e suas relações (NÓBREGA, 2010). Sobre a reflexão acerca do “corpo-próprio”, considera-o como veículo de ser no mundo, o que nos une ao meio e permite nos empenhar em nossos projetos por inteiro — como o caso de Victória.

Algumas situações foram nos mostrando como o grupo foi reforçando seus laços, principalmente entre as integrantes novas. A saber, o figurino da coreografia do GYMNUSP foi feito pelo pai de uma das integrantes e a primeira remessa foi paga por um fundo que o grupo arrecadou com diversas ações nos anos anteriores.³² Com a entrada de três novas ginastas, foi preciso fazer novos figurinos e, para nossa surpresa, essas meninas se ofereceram a pagar, já que elas não haviam participado das ações anteriores. Uma atitude importante e sensível para com todo o grupo, pois, além do dinheiro do fundo ter acabado, estavam todas com muitos compromissos financeiros com a viagem.

Outra circunstância foi a participação do grupo no GINPA, um festival de GPT organizado pela Federação Estadual de São Paulo, poucas semanas antes da GM. Depois que recebemos o convite, as coordenadoras deixaram muito claro que seria uma decisão do grupo, já que estávamos com muitos compromissos de final de semestre. No entanto, Alana comentou que seria muito importante para ela, pois, como novata, ela teria um tempo maior de convivência com o grupo, além do fato de que ela poderia apresentar a coreografia previamente à GM. Da mesma maneira pareceu interessante para Victória que se mostrava apreensiva com os passos que estava incorporando.

Critical Friend

(01/05/2019): Isso é legal, que é aquela sensação de pertencimento e até a criação de uma comunidade, uma microcomunidade que se faz dentro de um grupo, essa coisa de estar junto. E, obviamente, quando a Alana entra, ela precisa construir a história e conhecer as histórias que vocês vão ter, mas, talvez um dos grandes momentos que vocês terão, vá ser na própria Ginastrada, então você imagina que vocês voltarão cheias de história pra contar — de alojamento, de viagem, de passeios e quem chegar depois não vai entender nada.

Entre defesa e qualificações das pós-graduandas, demandas profissionais escolares (fechamento de notas e festas juninas) e o próprio cansaço de um semestre de treinos aos fins de semana e feriados, as ginastas assumiram a empreitada e a responsabilidade da apresentação. O festival ocorreu no SESC Ipiranga (SP) e as famílias das ginastas puderam

³² É comum que os grupos ginásticos se organizem anos antes à GM com diferentes ações (rifas, bingo, sorteios, festivais) para arrecadar fundos para a participação no evento. Para saber mais: Toledo *et al.*, (2016) e Souza *et al.*, (2019).

prestigiá-las, já que era um lugar acessível para muitos. Concordamos em chegar com antecedência para a marcação do palco³³ e para almoçarmos juntas.

Todo esse processo de participação aproximou o grupo em muitos quesitos: conversas com tempo prolongado, teste de maquiagem e compartilhamento de ideias, fotos de grupo e, inclusive, situações de pequenos conflitos (atrasos e discussões, por exemplo). Ao final do dia, notamos um grupo em extrema alegria e motivação, outro sentimento de “start”: a GM estava próxima. Identificamos algumas publicações nas redes sociais das integrantes sobre o GINPA, mas duas em particular nos chamou atenção:

Figura 43. GINPA (redes sociais)

INSTAGRAM	
Data	16 de Junho de 2019
Publicação	Foto do GINPA
Descrição	“A gente tá que não se aguenta! É um misto de emoção, determinação e coleta de dados, rs meninas, obrigada pela parceria e pela troca. Viver um corpo livre, empoderado, que realiza movimentos dos mais simples aos complexos, movimentos bonitos só por serem movimentos, com toda sua potência e do jeito que este se permite ser, é tão feliz e libertador!! Não tem alto rendimento, não tem competição. O que tem é superação, respeito e admiração, compreensão de si e do outro pelo movimento, criatividade e vontade. Isso é Ginástica para Todos! A prática dessa modalidade nos transforma em pessoas melhores, em educadores físicos mais atentos e entusiastas das diferentes maneiras de fazer ginástica e de existir o corpo #GPT”
Curtidas	25 I
Critical Friend	Ressignificar o corpo e a ginástica!



Fonte: Dados recolhidos para a tese.

³³ A marcação de palco é uma passagem da coreografia no palco do evento para identificação do espaço disponível.

Figura 44. GINPA e GYMNUSP (redes sociais)

FACEBOOK e INSTAGRAM	
Data	17 de Junho de 2019
Publicação	Foto do GINPA
Descrição	Viver em um corpo que através do movimento expressa os mais diversos sentimentos humanos é viver “in protesto” constantemente. Ter conhecido a GPT, me faz acreditar ainda mais no ser ÍNTEGRO. Em um espaço que não exclui as pessoas, que cada integrante está ali para ajudar o outro a se superar e ser um só corpo junto, que conta alguma história através do movimento, independente de onde ele veio. Ginástica Para Todos é AMOR, diversão , superação. É ARTEEEE que transforma e revigora. Gratidão á todos amigos que puderam presenciar na prática final, um pouquinho do que significa a GPT. @gymnusp next station 🇧🇷 → 🇺🇸 🇩🇪 ♂
Curtidas	72 F; 55I
Critical Friend	Metodologia do GYMNUSP com relação a GPT. É possível perceber a influência do modo como o grupo é levado.



Fonte: Dados recolhidos para a tese.

Os discursos presentes nas descrições dessas publicações reforçaram o que notamos a respeito da proposta pedagógica do grupo e, igualmente, o modo como elas percebem e fomentam o “fazer-junto”. Além disso, reforçaram as características supracitadas sobre a GPT no que diz respeito às relações sociais.

No final do dia, o grupo do *WhatsApp* também foi preenchido com alegria e satisfação pela participação no GINPA e a mensagem enviada por Alana nos aliviou quanto ao objetivo desta apresentação:



Alana (mensagem no WhatsApp): “meninas, muito obrigada por me receberem no grupo de braços abertos!!! Hoje foi muito importante pra mim. Porque minha mãe sempre me levava pra esse Sesc Ipiranga pra fazer várias atividades quando criança. Uma das minhas primeiras apresentações da vida foi lá. Guardo muitas recordações e poder voltar a me apresentar lá com vocês foi muito importante! Muito Obrigada”

Consideramos que os encontros extras foram fundamentais para a constituição do GYMNUSP na participação na GM. Não somente porque a coreografia foi sendo ajustada e incorporada, mas sobretudo para o reconhecimento do outro enquanto parte de algo em comum. O GINPA foi caracterizado por muitas integrantes como uma possibilidade de treino e de uma efetiva reunião preparatória, para além do evento em si, coadunando com pesquisas recentes sobre a importância da participação em festivais esportivos na formação do atleta (REIS-FURTADO, 2020; GALATTI, 2017)

Depois dessa apresentação tivemos apenas mais um encontro semanal, pois as integrantes já estavam se preparando para viajar. Cada uma ficou responsável pela compra de sua própria passagem para a Áustria e, por este motivo, alguns “minigrupos” foram sendo formados. Os motivos de aproximação foram variados, mas fundamentalmente pelas datas previstas para as férias e interesse turístico (realizado antes ou após a GM). Deste modo, percebemos que alguns vínculos de amizade foram fortalecidos pela razão do deslocamento em si e que esses perduraram ao longo da semana, bem como na volta ao Brasil.

Apesar da liberdade e autonomia que essa opção propiciou ao grupo, sentimos que não foi tão interessante quanto à chegada no evento e o reconhecimento espaço-tempo necessário. Como cada “minigrupo” se organizou de uma forma, aliado a alguns imprevistos das viagens, o primeiro dia foi um tanto tumultuado, o que causou certa tensão. Examinando toda situação no presente momento, ressaltamos que seria necessária uma chegada prévia para que o grupo se reencontrasse e reconhecesse os espaços do festival (alojamento, galpões, mercados, linhas de ônibus, entre outros). Mas não foi o que planejamos. Dadas as circunstâncias, resolvemos os problemas em meio a pequenas discussões e muito diálogo.

É importante retomar que o formato da GM promove uma saída da rotina e a imersão em um novo ambiente, o chamado “liminoide” (como abordamos no primeiro capítulo), que proporciona uma vivência diferente do habitual, uma “fuga da realidade” que nos permite experimentar os eventos, distanciando dos problemas do dia a dia (LAMOND e MOSS, 2020; WICHMANN, 2020). Uma dessas possibilidades experienciais promovida pela participação no festival é a hospedagem em alojamentos: um ambiente que,

inevitavelmente, promove a vivência em grupo diferente do ambiente familiar. Para nossos colaboradores, essa temática foi bem marcante em suas percepções sobre a GM de 2019:



Yoki: “Nunca tinha ficado em alojamento e eu não fazia ideia de como era... Olha que boa pergunta! Quando eu olhei aquela sala de aula: “eu vou dormir aqui?” (rindo) ‘Eu vou dormir aqui? Em uma sala de aula? Nossa! Não! Como assim? Eu vou ficar em um colchão aqui e tal... e...’ Não importa isso, sabe? Não importa! O que importa é o relacionamento! Que é isso que diz o evento, né? “Show your colors” e “come together” (gargalhando)”



Sofia: “O legal era estar junto, com aquele propósito, com a galera. E foi superdivertido compartilhar quarto, aquele varal atravessando, toalhas penduradas... Nossa! Foi superlegal. E não teve transtorno. Tem que carregar colchão, tem que carregar travesseiro, cobertor, sei lá o que for. Isso é irrelevante frente ao pacote completo que é! Pelo menos, pra mim! Pra mim, fico de novo na escola. Você sabe que se falar assim: ‘ah, tem hotel.’ Não quero! Vou ficar isolada? Sozinha? Não vou curtir a bagunça que é do povo lá? De madrugada, o pessoal batendo papo, daquela pizza gigante que a gente encomendou? Então, o barato que tem é ficar todo mundo junto. Está indo pra um evento coletivo, você vai ficar separada por quê? E é isso! É irrelevante!”



Akanni também nos conta que ficar no alojamento foi um dos pontos cruciais para se sentir “parte” de tudo. A princípio, não queria ficar no alojamento, pois tinha em mente que, como não fazia parte do grupo de apresentação, não precisaria estar junto a todo momento, cogitando, inclusive, de se alojar em um hostel. No entanto, entendeu que estar nos espaços programados para a hospedagem, significou o sentido de fazer parte do todo:

“Me parece que faz parte do pacote, não tem como você não estar ali. Porque mesmo o perrengue, vamos dizer assim, os horários, a acomodação e tal, faz parte da ideia [...] A comunidade local se organiza para prestar os serviços básicos ali, do café da manhã, de refeição para estar à disposição. Então, se eu fico de fora disso eu vou, sei lá, ser um turista completamente estranho ao sentido do evento assim. Então, eu até poderia me encantar com as apresentações, mas acho que não seria a mesma coisa de estar ali participando de tudo mesmo, das coisas boas é claro, mas mesmo os perrengues também. Então, você vê o horário que seus amigos chegaram, ou sair muito cedo, você trocar umas palavras ali no banheiro, da escola mesmo [...] Se eu tivesse em outro espaço, eu realmente não viveria essas coisas, seria uma paisagem decorativa e não uma experiência”

Pareceu-nos que a hospedagem tomou cena no que diz respeito ao “estar junto”. Assumimos uma rotina de intimidade ao tomar café da manhã juntos, ao conversar nos momentos livres, ao dormir no mesmo quarto, ao compartilhar os banheiros, e ao nos encontrarmos nos horários previstos. Foram horas de convivência que dificilmente teríamos

em outras situações com todos os integrantes. Foram períodos intensos que fortaleceram o sentimento de fazer parte:



Beck: “Sempre é esse sentimento de pertencimento! Que é o que, para mim, é o que dá sentido. Porque não tem sentido eu participar de um grupo porque ‘ah, eu vou porque eu vou viajar para passear’. Não tem sentido nenhum para mim. Porque é muita responsabilidade para sair daqui. É melhor você arrumar suas malas e ficar em um hotel, ó, (beijando os dedos unidos) de boa! Você vai dormir no chão, você não sabe se você vai passar frio ou não... E aí é uma coisa é: o tempo todo cuidar. Cuidar. Você tem que cuidar do outro. E isso você não precisa ir num grupo para fazer ginástica, você não precisa vir toda quarta-feira correndo feito umas loucas para vir ensaiar, para ficar pensando... Não precisa! Faz as malas e vai para um hotel que você vai passear tranquilamente, sem se preocupar com nada de nada. Então, a palavra pertencimento é tudo. E aí, essa palavra, ela é muito recheada! Porque pertencer é cuidar, pertencer é... Você também é responsável pelo outro, mas o outro também é responsável por você... Não é? É chorar junto, é rir junto, cantar junto. Eu acho que isso define demais essa...”

A fala de Beck nos suscita retomar as reflexões acerca da intencionalidade de cada “ser-evento”, uma intenção operativa dada por aquilo que te afeta, uma resposta ao que é percebido e transformado em ação de acordo com nossos desejos e emoções (MERLEAU-PONTY, 2018). Por isso, precisamos entender que o plano de fundo dessa intenção também faz parte da narrativa: não é preciso se hospedar em um alojamento ou fazer parte de um grupo para garantir o turismo, a decisão de participar na GM vai muito além! A maioria dos integrantes do GYMNUSP tinha como objetivo o próprio evento antes do passeio a ele atrelado.

Também sobre o que já refletimos acerca da atmosfera do festival e das emoções compartilhadas (TRIGG, 2020), o terceiro estágio de Schutz (1989) foi evidenciado no transcender desses mundos outros, reconhecendo um pertencimento, uma ideia mais clara de grupo. Isso significa que quando a noção de “fazer parte” foi sentida por nossos colaboradores, ações como cuidar, admirar, ajudar e se orgulhar vieram à tona nas narrativas:



Yoki comenta que sua principal mudança foi em relação a aproximação com o grupo. Explica que os eventos no Brasil só possibilitavam uma conversa informal, rápida, sem realmente conhecer cada integrante e que, para ele, que gosta muito de conhecer pessoas, o evento possibilitou uma maior conexão:

“Ah! Porque a gente teve... A gente ficou junto o tempo todo. A gente dormiu junto. Vocês escutaram o meu ronco todo dia (rindo) quer coisa mais [íntima] que isso? (gargalhando).”



Jordan: “E, pra falar assim, no começo, claro que você não tem muita intimidade. Você conversa sobre assuntos aleatórios. Mas como a gente está em uma causa só, surgem assuntos em comum. Então, você acaba conversando inevitavelmente. Sem contar que a gente estava todo mundo no mesmo lugar, tá todo mundo dividindo comida, dividindo sabão, tá todo mundo dividindo shampoo... Tá todo mundo dividindo, pendurando a roupa no varal... Então, não demora muito pra você se entrosar. Talvez você não vire melhor amigo, mas você tem uma experiência agradável. Eu sinto que inevitavelmente você acaba se abrindo, assim, porque você vai morar sete dias com a galera e tem que dar certo (rindo). Então, se não der certo, vai ser sete dias de inferno, né?”



Cibele: “Serviu pra unir mais o grupo e... Eu me senti até mais à vontade... Eu acho que... Eu acho que um encontro por semana é pouco. E aí, às vezes não dá pra sentir muita intimidade com as pessoas que você vê uma vez na semana. Então as que vinham só no feriado e no final de semana e etc... Então, às vezes não dá pra ter tanta intimidade. E com você vivendo com aquelas pessoas durante uma semana, todo dia, passando o dia todo junto, tu já consegue ter mais liberdade e brincar, e conversar e aí [...] A gente andava sempre todo mundo junto, ia todo mundo junto e fazia coisas juntas e dançava e gritava, e mexia com todo mundo; E eu vi poucos grupos assim, unidos, na Ginastrada...[...] Então, isso foi muito legal. Eu me senti muito orgulhosa (batendo no peito): eu sou desse grupo. Entendeu? Esse grupo animado, esse grupo que causa quando está no bar (abrindo um sorriso enorme) e... Faz tudo! Então, eu acho que foi bom positivamente, tudo lindo! Tudo lindo! Tudo perfeito!”

Existiu um movimento de “fazer dar certo”. Os integrantes do grupo firmaram um pacto não falado, nem assinado, mas, consideravelmente afetivo, no intuito de que aqueles dias poderiam ser proveitosos, divertidos e leves com atitudes de cooperação e muita empatia.

Não precisou de muito: escuta atenta, proatividade e cuidado já eram suficientes. Entre personalidades românticas, críticas, reservadas e expansivas, cada um pôde se revelar para o outro quando, em suas atitudes diárias, doavam-se para o clima amistoso.

Figura 45. GYMNUSP a caminho do alojamento



Fonte: Foto escolhida por Cecília para a entrevista.



Cecília: “E aí, teve um dia que a gente voltou a tarde. Acho que foi no dia do bar mesmo. E vocês foram todos na frente. Eu fiz uma foto de vocês e eu fiquei parada assim, pensando: ‘cara, o que que é isso aqui que está acontecendo?’ Tudo bem que a gente teve um gasto para estar aqui, botar um investimento, mas é único, né? Todas essas pessoas são escolhidas a dedo e não porque é caro, mas é... Caro, não no sentido financeiro, é caro estar ali! Estar com o outro, o outro é caro para mim. Maravilhoso! E aí, vocês foram embora lá pra frente, aí vocês foram e eu não fui! Eu parei, eu fiquei olhando vocês e eu achei de uma delicadeza esse momento. Eu achei tão bonito! Porque vocês não são pessoas que a gente convive todos os dias, mas são pessoas que a gente confia esse sentimento de uma forma que é muito louco. E isso é um processo Ginastrada, né?”

Cecília observou o caminhar do grupo admirando o processo que passamos para chegar na Áustria: sempre juntos! Um olhar sensível para um simples instante. Uma admiração reflexiva sobre a confiança que foi sendo construída por entre essas pessoas. Alekena, por sua vez, atentou-se aos momentos de alimentação. Para a ginasta, essas situações em que paramos para comer constituem-se como tempo de união. Em sua entrevista, escolheu uma foto do primeiro almoço feito na GM:

Figura 46. O piquenique do GYMNUSP



Fonte: Foto escolhida por Alekena para a entrevista.



Alekena: “Aí, porque aqui estava o grupo, é... Aqui representa o grupo todo unido, todo mundo se divertindo, é... Um momento de comer que a gente gosta também (risos). Eu acho que é um momento que sempre une os grupos, essa parte de compartilhar, de estar todo mundo ali junto, alegre. E nessa hora passava um grupo e a gente brincava com outros grupos. Acho que foi um momento de interação, de relaxamento.”

Ainda sobre os processos que aproximam, Alana e Alekena trouxeram fotos dos bastidores da nossa coreografia. As duas integrantes sinalizam que o momento de concentração, de se maquiar e de preparar o material para entrar no palco faz parte de um ritual, de uma conexão do grupo como um todo.

O GYMNUSP tem o costume (assim como outros grupos) de formar uma roda em que os integrantes estão de mãos dadas e as coordenadoras passam algumas informações e mensagens positivas sobre o “apresentar-se”. Uma corrente, normalmente emotiva, de troca de olhares, sorrisos, lágrimas e inspiração para que tudo “saia bem” antes da apresentação.



Alekena: “Esses momentos, é... Acho que, antes, essa concentração antes de entrar para apresentar, acho que é fundamental, muito importante. Acho que lá eu percebi a importância desses momentos de estar todo mundo ali junto, concentrado para poder entrar. É um momento que nos ajuda, tanto para lembrar

da coreografia, quanto para fortalecer os laços, a gente lembrar tudo, mostrar o porquê da gente estar aqui, da importância desse grupo estar lá, de se apresentar, de mostrar tudo aquilo que a gente passou junto até chegar lá e ter um momento que... Passa um filme na cabeça antes da coreografia, de tudo que a gente passou para estar ali (voz começa engasgar) todo mundo de mão dada... É... (silêncio e mais lágrimas escorrem) Eu sempre choro (choro e riso ao mesmo tempo) nesses momentos de... Até nesses momentos de concentrar assim antes de começar, porque sempre... As coordenadoras que orientam, sempre têm aquelas palavras de apoio, de carinho, assim... (com a voz trêmula de choro) Fazem a gente sentir parte do grupo e isso para mim não tem preço! [...] de estar todo mundo junto, unido, se preparando. É um ritual... De chegar... A gente come, a gente fica bem, aí troca de roupa, coloca o figurino, aí coloca a maquiagem. A gente vai incorporando, é... A energia da coreografia, o que que a gente precisa representar, os sentimentos. Aí começa a passar um filme na minha cabeça também, mas é uma sensação boa de 'ah, está chegando a hora!' de uma ansiedade gostosa de apresentar.”



Alana: “A gente estava se preparando para apresentar, não sei... E as coisas bagunçadas, mas estava todo mundo junto. Acho que isso é legal, assim, porque é o nosso dia a dia, nosso dia a dia é uma bagunça, as mochilas, todo mundo cheio de mochila, é... Acho que isso é legal. A participação dos meninos também. Acho que foi super bacana pra dar o suporte pra gente. Acho que isso é legal... De conviver junto. Acho que isso também foi bacana, a ligação não só do grupo, mas com eles também. [...] Acho que isso prepara o grupo na hora do se apresentar, porque é preciso ter essa ligação! Da gente... Pra gente se apresentar de uma forma... É... Porque, se a gente não se olha, no... (fazendo com dois dedos “olho no olho”) Sabe assim? Saber o que a outra está querendo dizer? É muito difícil na coreografia, porque na coreografia a gente não pode falar! A gente só pode se olhar e sentir!”

Figura 47. Concentração



Fonte: Foto escolhida por Alekena para a entrevista.

Figura 48. Bastidores



Fonte: Foto escolhida por Alana para a entrevista.

Os capítulos desta tese foram construídos em conexão e, por isso, insistimos em retomar partes já discutidas, refletindo sobre elas em diferentes vieses. As duas fotos trazidas por nossas ginastas nos remetem à experiência estética apresentada anteriormente (capítulo 4.3), e nos fizeram pensar sobre o que é uma “boa apresentação”. Para nós, não seria o bastante se a coreografia fosse somente realizada o mais próximo do planejado, porém, contemplar-nos-ia se a sintonia entre as ginastas e os acompanhantes permanecesse fluida e orgânica. E, para que isso fosse possível, foi preciso uma concentração de cada ser como um todo.

Tal conjuntura só vem à luz porque, como seres que constroem seu mundo próprio, constituem — da mesma forma, um espetáculo costurado com suas descobertas. Como um crochê de várias linhas que integram uma colcha. Entrelaçam seus movimentos e seus mundos, suas energias e seus potenciais. Significam e tocam. A coreografia do grupo se torna a obra que será vista. Como obra, os autores atribuíveis de reconhecimento e a percepção do “espaço-tempo”. A cada giro, uma sensação. A cada salto, uma altura. O mundo gira de cabeça pra baixo e o frio na barriga se intensifica com o sorriso da criança. De toque em toque, uma acrobacia. Uma força posta. Um momento. Um gesto. (PATRICIO e CARBINATTO, 2021, p. 13)

A coreografia expressou, portanto, todo esse processo vivido ao longo do primeiro semestre de 2019. Tínhamos uma intenção enquanto grupo de revelar o cuidado de nossas relações, dos nossos olhares, do nosso “ser-junto”. Alguns erros no momento da apresentação, por exemplo, refletiram o que o grupo estava passando: medo, preocupação, cansaço, relaxamento, entusiasmo. Isto significa que o período em palco perpassa significativamente os momentos prévios comentados por nossas colaboradoras.

Neste ponto, não podemos deixar de mencionar a percepção de Alana com relação à participação ativa dos nossos acompanhantes. Mesmo que não tenham vivido todo o processo que o grupo ginástico percorreu ao longo do semestre, a incorporação de que eles faziam parte desse coletivo foi rápida e surpreendentemente positiva. Em todas as apresentações, eles assumiram a responsabilidade de encher os sofás infláveis, carregavam nossas mochilas, filmavam a coreografia, buscavam água, comida e informação quando preciso, um suporte de extrema importância para o conforto e tranquilidade de todo o grupo.

Além das responsabilidades assumidas, presenciamos vínculos afetivos entre as ginastas e os acompanhantes, não somente entre os que já eram casais formados ou membros da mesma família, mas entre os que se conheceram durante o festival. Sentimentos de

amizade foram exaltados entre as ocasiões de lazer, de cuidado, de intimidade e, também, nos problemas.



Victória: “Eles ficaram o tempo todo com a gente! Ajudaram muito a gente carregar as coisas e me paparicaram bastante também.”

Yoki: “A gente encarou... Eu acho que a gente encarna o papel, como eu te falei, a gente coloca o amuleto (pegando o crachá), e aí as coisas se transformam!”.



Pergunto se esse amuleto o fazia sentir parte do grupo ou do evento e rapidamente responde:

“Do GYMNUSP! Por que a gente sempre ajuda. Vocês estavam sempre correndo... Colchão aqui... Vou pra lá, vou pra cá... Pega a mochila aqui, uma mochila aqui e uma mochila aqui (rindo), um sofá aqui... E aí, é assim, a gente desempenhou esse papel lá”.



Caio: Antes de ir, a Cibele tinha comentado alguma coisa de que iam acompanhantes, os namorados de uma galera... E se pudesse ajudar e tal, não sei o que... E eu sou um cara relativamente individualista, no sentido de, eu já morei só, já viajei sozinho várias vezes. Então, você sabe que você tem que acordar, arrumar suas coisas, fazer sua rotina (fazendo com as mãos como se fossem etapas), tomar banho, ficar pronto antes... Tudo você sabe, cada um faz a sua porque 8h horas tem que estar no lugar para fazer a apresentação. Não tem que ir lá e: ‘fulano, acorda, vai encher seu sofá (imitando como se estivesse chamando alguém) Não. Qual é teu sofá? O preto? Tem que estar cheio no horário lá!’ Beleza, aí ela falou: ‘não, mas a galera ajuda’. Aí eu falei: ‘tá bom, não quero ser empregado de ninguém não, mas eu ajudo. Faz parte’ E foi muito bom! (rindo) Foi!”

A espontaneidade oriunda das situações lá vividas pelos acompanhantes deixou o grupo surpreso. Em um primeiro andamento deste estudo, acreditávamos que eles não fariam parte do conjunto entrevistado, nosso foco estava na experiência das ginastas na GM. Todavia, em trocas com a amiga crítica, percebemos que, apesar de não haver uma ação gímnica em cena no momento da coreografia, as ações nos bastidores foram fundamentais e decisivas para que o grupo pudesse apresentar tranquilamente. Um fazer parte que vai além do “ser-ginasta”. Um “ser-grupo” que fundamenta nossas críticas ao “corpo maquinário”, já que somos um emaranhado de relações do início ao fim (MERLEAU-PONTY, 2018).

As percepções reveladas por nossos acompanhantes nos trouxeram outras perspectivas de viver um festival, que ousamos acreditar ser um propósito, inclusive dos organizadores. Poucos são os eventos esportivos em que amigos e familiares dos atletas

podem desfilarem, vestir o uniforme da delegação, dormir no mesmo alojamento, comer da mesma comida e conviver na rotina de forma tão intensa e presente. Para além de ser um suporte pessoal de quem se apresenta (ou compete), os acompanhantes puderam ter uma compreensão sensível das experiências vividas em um evento. E não apenas sobre as demandas provindas desse ambiente, mas, sobretudo, sobre o encantamento pela prática, pelas trocas e pelo “pertencer”.

Nossos olhares e reflexões, por vezes românticos, podem confundir os leitores quanto a “linearidade amistosa” das relações provindas da participação no evento. No entanto, também precisamos informar que, em meio às doces emoções, os conflitos fizeram parte desse emaranhado de intencionalidades. Claro que, no todo, foram poucas as discussões entre os integrantes do grupo — fato que não identificamos nas observações, mas foram reveladas entre as entrevistas.³⁴

De discórdias políticas a diferenças entre personalidades, alguns atritos sucederam em momentos mais intimistas: em conversas coloquiais e atitudes individuais. Falta de cuidado e carinho também foram notados: muita ação de um lado, pouco retorno de outro. Distintas intenções sobre aproveitar o festival também foram registradas: cuidar do grupo ou aproveitar para conhecer outros espaços de forma independente.

Situações bem pessoais foram desvendadas nas narrativas, não com o intuito de ofensa ou mágoa, mas como uma percepção de que a convivência permitiu conhecer o outro em profundidade. Biografias de vida foram postas e expostas. Entre elas, o compartilhamento de rancos, de risadas, de choros, de proatividade, de preguiça, de bagunça, de organização, de dor, de preocupação...



Cecilia: “E é isso. Tem problemas, muitos problemas. Acidentes. A gente discorda um do outro, mas a gente consegue. [...] São pessoas que têm essa característica, o grupo tem essa característica. Cada um tem um potencial muito relevante, assim. Todo mundo é muito inteligente, muito estudioso, muito dedicado. É um grupo bastante interessante neste sentido. Mas colocar tudo isso sem chocar, sem ego, sobretudo sem ego, é um negócio que é difícil. E a gente conseguiu com sucesso.”

³⁴ Desta forma, optamos por não as descrever com riqueza de detalhes, respeitando o anonimato dos entrevistados, preservando suas intimidades e divergências, conforme combinado na validação entre os membros.



Beck: “A gente vai cheio. Vai com uma caixinha cheia, né? E ela vai abrindo, vai tirando as coisas (fazendo mímica como se estivesse tirando coisas de uma caixa). Uma semana é bastante tempo para conviver. Para as pessoas ficarem todo tempo juntas. [...] Ah, foi tão intenso! (rindo) Olha, é intenso sair pros ensaios, para as apresentações. Mas era intenso também, Tamiris, perceber que tinha um menino que estava dormindo do lado que não tinha trazido nenhum cobertor e eu pensava: ‘como que eu vou cuidar dele?’ Sabe? ‘Como é que eu ia dividir as minhas coisas com ele? Como eu ia resolver isso?’ Era resolver coisas assim. E aí, olhar para outra menina que em dado momento: ‘Putz! Acabou o dinheirinho! Não está nem indo comer com a gente. Como é que a gente faz?’ Vamos fazer intercâmbio com o colega e vamos fazer uma janela de frutas. E a gente fez! [...] ‘Intenso com tudo isso! Intenso no acordar e no cuidar. Muito cuidado com as pessoas! Muito cuidado! Porque não dava para não ter cuidado!’”



Fiana: “De umas tretas leves, é porque teve tretas em outros. É que no nosso não teve tretas muito grandes. Teve uma lavação de roupa suja uma hora, mas não foi nada muito [...] Tinha uma galera do nosso grupo lá em cima em uma mesa redonda começando a conversar e de repente... Mas não foi, assim, uma briga, foi mais um ‘por umas coisas às claras’. Mas não foi exatamente uma briga. Não foi nada que comprometeu a amizade de ninguém, ou a integração do grupo...”



Aline: “Na noite anterior a gente acabou discutindo por uma questão de política, entendeu? Porque eu acho ótimo discutir. Porque senão... Porque você cresce! E aí, a gente foi dormir meio que assim, sabe? Aquele debate (com voz séria) ...”

Percebemos por entre as descrições que a convivência oportunizou o confronto de opiniões e que isso não foi de fato um grande problema. A maioria dessas narrativas foi acompanhada de um discurso de resolução e de entendimento, sem ressentimentos. Como já tratamos, atitudes que contemplam a atmosfera festiva e a pedagogia a qual o grupo foi conduzido.

O “ser-GYMNUSP” precisou de tempo e interação para se transcender no terceiro estágio intersubjetivo (SCHUTZ, 1989). A experiência do “nós” foi processual e potencializada por diversos fatores: ensaios, apresentações prévias, viagens, convivência, dificuldades e atritos. Assim como propôs Osler (2020), foi necessária muita empatia para essa constituição, e, com ela, apreendemos a experiência pelo corpo do outro, identificando a nós mesmos nos atos de outrem.

De todo modo, o maior desafio do grupo não foi a intensidade da vivência propiciada pelo processo, pelo evento ou pelo alojamento. O GYMNUSP precisou se

transcender em suas relações amistosas e não tão íntimas para se reerguer de um problema ainda mais marcante: o acidente de uma ginasta.

*A Dor de Um
É a dor de todos*



6. A DOR DE UM É A DOR DE TODOS

No capítulo 3, pude descrever minhas percepções acerca das edições da Ginastrada Mundial (GM) em que tive o privilégio de participar, e, como fruto dessas experiências, um compilado de situações que me permitiram o encantamento e uma reflexão teórica sobre o evento. Nos capítulos seguintes (4 e 5), direcionamos nossa atenção ao mundo vivido dos integrantes do GYMNUSP e percebemos que um festival esportivo pode nos proporcionar variadas experiências que tocam as nossas vidas em diferentes perspectivas: de sair da rotina a se reconhecer em outros espaços; das possibilidades expressivas ao olhar do público; e do encontro com o outro ao encontro consigo mesmo.

Para este capítulo, trataremos de uma situação delicada que afetou de modo considerável a percepção do grupo sobre a experiência no festival: o acidente de uma ginasta.

Tal imprevisto gerou uma significativa comoção. As possíveis consequências que esse acidente poderia ter gerado nos abalaram fortemente como amigos e responsáveis, mas, acima de tudo, como seres humanos. Colocamo-nos imediatamente em uma situação de urgência e, na tentativa de um controle emocional que por vezes nos escapou entre lágrimas, discussões e preces, reerguemos um “ser-grupo” e seguimos unidos frente ao ocorrido.

Para este capítulo, não apresentaremos temáticas. Se não pensamos o corpo como um equipamento anatômico reduzido a um automatismo periférico (SILVA e PORPINO, 2014), por que pensar a lesão esportiva por esse viés?

Ademais, optamos por omitir os pseudônimos para que os colaboradores não sejam reconhecidos por quem experienciou tal situação, preservando suas identidades em todo o texto, tal qual propomos no TCLE.

Seguiremos com nosso aporte fenomenológico, para ressaltar a corporeidade como fundamento primeiro de nossas reflexões, agora, sobre o corpo lesionado e assim, sua relação com o mundo e com os outros. Além disto, retomaremos o aspecto da atmosfera, retratando-a no íntimo deste coletivo após o acidente.

Logo, é importante lembrar (e reforçar) que, para Merleau-Ponty (2018), toda experiência vivida é corporal e esse corpo de que estamos sempre falando transcende suas relações mecânicas, ele é a própria natureza e sua própria cultura, ele nos oferece a oportunidade de vivermos e criarmos. Este conceito é fundamental para compreender que o

corpo é possuidor de sentimentos, é o que nos faz sermos humanos e, por isso, a necessidade do reforço em muitos momentos de nosso texto.

Quando optamos por uma educação que contempla essa premissa, percebemos que nos movemos intencionalmente na direção da autossuperação e entendemos que o corpo é existencial, indivisível e que “se movimenta para garantir a vida tanto individual quanto coletiva” (MOREIRA, 2008, p. 87). Isto posto, para refletirmos sobre uma experiência dolorosa, precisamos superar a perspectiva unicamente fisiológica. Precisamos incorporar que ela é costurada sobremaneira ao mundo-vivido e aos outros. Trazer o corpo como fundamento para dialogarmos sobre o acidente é nos desvencilhar de discursos que materializam determinadas práticas sociais e intervenções educativas (NÓBREGA, 2010).

No que diz respeito à Educação Física e ao Esporte, devemos compreender o relacionamento entre treinamento, dor e lesão, não apenas no alto rendimento, mas pelas transgressões do corpo no alcance de metas do fazer esportivo em qualquer nível (CAVALCANTI e PORPINO, 2015; VAZ e GONÇALVES, 2012). O corpo que se dedica a uma prática esforça-se para transgredir nessa intenção. Logo, é preciso colocá-lo em movimento para o desenvolvimento das habilidades necessárias na efetivação de sua escolha esportiva (SÉRGIO, 1996). Neste processo, colocamo-lo em situações nunca vividas e passamos a (ou tentamos) torná-las habituais (MERLEAU-PONTY, 2018).

O esporte permite uma expressão estética do corpo alterando os sentidos de espaço e tempo. Ao correr, ao caminhar ao ar livre, ultrapassando-se distâncias, o ser humano parece buscar ampliar seus próprios horizontes existenciais. Esse aspecto do esporte nos permite compreender a noção filosófica de inerência entre o ser humano, seu corpo, seus afetos, as relações com o meio ambiente, a cultura e a história. Trata-se de uma ontologia do corpo, ou seja, uma maneira de ser corpo e de exprimir-se como tal, reunindo dimensões individuais e coletivas (NÓBREGA e DIAS, 2014, p. 64)

Existe, portanto, um risco que é intrínseco ao esporte. Em alguns ambientes, ele pode estar atrelado ao esforço físico, em outros, ao esgotamento psicológico. Há, ainda, os que dependem de ações da natureza ou da estrutura institucionalizada (LIU e BRUCE, 2019). Todavia, é importante apontar que, mesmo que possamos indicar tais fatores de modo isolado, pela perspectiva fenomenológica, estamos tratando de um corpo íntegro e não divisível. Isto é, os riscos podem ser múltiplos e, também, extrínsecos à modalidade, afetando como um todo o modo de “ser-atleta”.

Ainda que a ética permita regulamentações à assunção do risco, observamos uma cultura que normaliza os praticantes aceitarem o “movimentar-se” com dor, um senso comum — nem sempre refletido —, que os encorajam a se arriscarem em vias de se comprometerem inteiramente à uma prática (LIU e BRUCE, 2019).

No caso dos esportes estéticos (BEST, 1998) como as modalidades gímnicas, a obra artística é o próprio corpo em movimento, “a ginasta em seu exercício é objeto estético, fundada pela concepção de sua coreografia entremeada a sua expressão” (CAVALCANTI e PORPINO, 2015, p. 409). Os eventos artístico-esportivos se tornam, então, espaços onde essas obras serão expostas, onde o corpo se entrega ao público no ato de comunicar sua composição que atravessa seu processo de constituição: treino, criação, técnica, dedicação, contentamento...

o movimento nos faz pensar de modo diferente, nos transporta no espaço e no tempo [...], provocam os sentidos, alteram os rumos, expressam a existência individual e coletiva em sua dimensão corpórea (NÓBREGA e DIAS, 2014, p. 61-62)

Como um festival de Ginástica para Todos (GPT), a Ginastrada Mundial (GM) tem em seu cerne as apresentações ginásticas de diferentes estilos e variadas técnicas corporais (PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016). Pelo lado da democratização, essa característica potencializa a pluralidade gestual e respeita o fato de que os corpos são distintos e, dessa forma, podem (e devem) se movimentar de acordo com seus limites e possibilidades. No entanto, a ausência de um código gestual regulador pode gerar um certo “descontrole” no que se refere à segurança.

Explicamos melhor: durante a GM, ouvimos nos bastidores relatos de gestores e participantes de que havia um número consideravelmente elevado de acidentes nesta edição (2019). Não fizemos uma pesquisa de campo e nem estatística para explicar ou provar o motivo dessas fatalidades (uma vez que não era o nosso objetivo), mas, ao observar as coreografias apresentadas, percebemos uma “espetacularização” de muitas performances, o que — a nosso ver —, pode ter influenciado alguns grupos a apostarem em acrobacias mais “perigosas” ou “arriscadas”. O conceito de beleza e encantamento no ambiente gímnico ainda é veiculado às acrobacias. Os atletas são vistos como “heróis que desafiam as leis da gravidade” e os riscos de queda transformam a atmosfera do público em expectativa e entusiasmo, ou seja, um “prato cheio” para a audiência.

Sem um limite ou uma regra direcionada à segurança, grupos realizaram coreografias com movimentos, por vezes, não adequados ao nível técnico ou preparação física dos ginastas. E, aqui, poderíamos entrar em uma outra importante discussão: seria responsabilidade da Federação Internacional de Ginástica regulamentar uma prática que é essencialmente desprovida de um código gestual em prol da segurança? Ou essa seria responsabilidade do treinador? Arriscamos opinar que, pela perspectiva da corporeidade, se os profissionais responsáveis por esses ginastas entendessem o corpo tal qual a fenomenologia propõe, haveria talvez um maior respeito aos riscos provindos da prática (NÓBREGA, 2005), sem precisar alterar a lógica da GPT, o que amenizaria a quantidade de acidentes no evento, por exemplo.

Contudo, também não podemos atribuir toda a responsabilidade para os líderes de grupo, nem exclusividade ao fator “habilidades corporais”. Ao voltarmos para nossas reflexões baseadas nas observações e nas entrevistas, percebemos outras situações que influenciaram diretamente a experiência vivida no evento: as intensas e diversas atividades que o festival promove — um conglomerado de ações que resultaram corpos extremamente cansados.

A palavra “cansaço”, por exemplo, surgiu em muitos momentos em nossa pesquisa. Como pudemos perceber no decorrer do texto, o primeiro semestre de 2019 — fase preparatória para a GM —, foi repleto de compromissos e o GYMNUSP precisou de muita dedicação (em todos os âmbitos) para que essa participação fosse possível. Além disso, a rotina programada durante a semana do festival acarretou pouco tempo para o descanso.



Alekena: “É uma semana, são sete dias intensos, que a gente vive um turbilhão de sentimentos todos os dias. A gente acorda cedo, aí tem que tomar café, aí sai todo mundo junto. Aquela organização de grupo, que é para colocar tudo em ordem, no horário, para poder sair. Aí, chega no lugar, está lá um monte de coisa acontecendo ao mesmo tempo, várias coreografias, você quer estar em todos os lugares, aproveitar tudo, cada minuto, não quer perder nada. Isso o evento, como é muito grande, a gente às vezes fica... A primeira impressão, a gente fica um pouco perdida, tipo: ‘aí, pra onde que eu vou? O que eu vou assistir? O que eu quero ver?’ Aí, até cair a ficha, tipo: “Calma, vamos analisar a programação”



Akanni: “Foi o turbilhão de coisas acontecendo. Então, ali no espaço, acho que no principal espaço do evento, tinha apresentação o tempo todo. Então, às vezes você levantava a cabeça assim e falava: ‘mas tem muita coisa acontecendo’. E aí, é uma espécie de crítica, talvez... É o fato de que a gente não dá conta de tanta coisa que acontece assim. Então, a gente fica muito cansado, porque é o dia inteiro de atividade, de deslocamento, de caminhada, de ver coisas e tal. Então, chega

uma hora que a gente não dá conta porque a programação é simultânea e a gente não dá conta pelo cansaço. Mas a vontade seria de ver mais, de olhar mais apresentações, de ver como que cada país está entendendo, está se apresentando. E como a gente tem ali um roteiro pronto também, a gente acaba focando muito nas nossas apresentações também”.

A somática do risco esportivo e das demandas da participação em um festival como a GM, suscitaram-nos reflexões sobre o acidente que aqui vamos relatar. Cabe alertar, de antemão, que não estamos procurando justificativas ou culpados pelo ocorrido. Nosso objetivo é descrever e refletir acerca de tal experiência, para contribuir e dialogar com nossa área de atuação.

Destarte, entendemos que quando tratamos de risco, também tratamos de uma “probabilidade”, algo que “pode ser que aconteça”. Quando aceitamos participar de alguma prática corporal, estamos aceitando os riscos que são intrínsecos a ela: dores, mudanças corpóreas e, até mesmo, possíveis acidentes (LIU e BRUCE, 2019).

Ginasta que sofreu acidente: “Então, eu consigo falar do ponto de vista da pessoa que se machucou, que sofreu lá a lesão e não pôde... Isso acontece em todos os esportes, no futebol acontece, na véspera, final de Copa do Mundo... Você tem um jogador que passa mal e que não vai. Isso aconteceu, né? A gente perdeu uma Copa assim!”

Acompanhante entrevistado: “E a lesão, pra mim, é relativamente normal quando a gente está fazendo alguma coisa que está exigindo do corpo. Já torci o pé várias vezes, já quebrou um bocado de dedos, e faz parte do negócio. Então, não foi tão assustador pra mim, porque eu já tinha visto. Já vi gente ter fratura exposta na canela por causa do basquete. Então, eu acho que tem que se manter a calma, se acalmar e, beleza, bola pra frente.”

Esse corpo encarnado intenciona o “movimentar-se” e, mesmo que encontre na atividade física um tipo de “escapismo” de sua rotina (LAMOND e MOSS, 2020), ele não se desvincula dela por inteiro, ele continua sendo esse corpo-próprio emaranhado de relações, histórias e intenções (MERLEAU-PONTY, 2018). Neste sentido, os dois primeiros dias do festival foram emocionalmente e fisicamente pesados para nossa ginasta e para seu marido. Tristes notícias familiares enviadas do Brasil anunciaram duas fatalidades³⁵ que, não por menos, os abalaram profundamente.

Marido: “Então, foi uma descarga de dois eventos muito fortes, assim. E aí, quando a gente foi para a abertura e ela foi cancelada e depois a gente foi pro bar, parece que as coisas começaram a se misturar. Então, o tempo todo eu estava

³⁵ Para respeitar a privacidade de nossos colaboradores, não entraremos em detalhes sobre as notícias.

ouvindo as músicas e vendo a alegria das pessoas, estava sentindo uma tristeza muito grande por dentro. E aí, eu não sabia... Tinha hora que... Fisiologicamente eu não sabia nem como reagir, porque eu não sabia se eu estava sorrindo, pelas pessoas que estavam próximas. Pela dança, pela música, ou chorando por essas memórias que eram muito recentes. Por essas duas perdas muito recentes. Então, foi um dia muito, muito, muito intenso. Nossa! Nem sei se pelas palavras eu consigo concretizar tudo que eu vivi aquele dia lá.”

Como o GYMNUSP havia feito seu último treino no final de junho, já estávamos há três semanas sem nos encontrarmos. Para (re)estabelecermos uma conexão e relembarmos a coreografia, programamos dois ensaios no alojamento antes de nossa estreia. Reconhecidos como momentos relevantes nas manifestações de cunho artístico, os ensaios permitem que trechos sejam revistos, lembrados e sincronizados. As sequências são refinadas, podendo, inclusive, ser modificadas (DANTAS, 2005). É no ensaio que revivemos o corpo no espaço e tempo para que estes possam habitá-lo. A organicidade dos corpos e das relações entre os integrantes do grupo é fundamental na realização do processo coreográfico (LACINCE E NÓBREGA, 2010). A ação de apresentar exige

uma fusão de energias, de sentidos que se estabelecem e que se projetam, abrindo-se ao universo expressivo que, ao desvelar-se no momento de dançar, amplia sempre um porvir, um futuro de novos sentidos e significações. (MARQUES *et al.*, 2013, p. 249).

Portanto, nosso intuito era justamente nos concentrarmos para a apresentação. Todavia, acordamos extasiados decorrente da festa de boas-vindas: corpos que ainda se acostumavam com a nova rotina, despertavam após um dia intenso de informações, alegrias, euforias e, para a ginasta acidentada e seu marido, o grande pesar das tristes notícias que haviam recebido.

Após uma rápida conversa e de organizar alguns afazeres, iniciamos nosso segundo ensaio e com ele, o acidente sucedeu:



Nota (08/07/2019): Começamos nos alongando e enchendo os sofás. Passamos por cada lugar pensando no espaço que seria o da apresentação. Conseguimos um som. A primeira passagem estava um pouco bagunçada, tentaram parar, mas decidimos continuar. Eu estava no meio de uma pose quando escuto um grito. Olho para trás e uma ginasta estava caída ao chão de barriga para baixo. Paramos a música e corremos para ver o que havia acontecido. Alguém (não lembro quem) a virou de barriga para cima. Ela estava com os olhos arregalados, estáticos e vermelhos. Pensei o pior até olhar para seu abdômen e ter certeza de que ela estava respirando.

Acompanhante entrevistado: “É, eu posso estar falando os termos errados... Ela foi fazer uma reversão, acho que ela caiu no meio do caminho, e aí ela bateu o pescoço, bateu a cabeça, de um jeito absurdamente perigoso. Assim, ficou desacordada alguns segundos. Voltou. Voltou sem movimentos. E aí, quando ela voltou sem movimentos, enfim, acho que pânico tomou conta de todo mundo ali. Teve algumas cenas mais fortes, quando ela pediu para que a gente tocasse no pé dela. E aí as amigas estavam tocando e ela queria saber se ela estava sentindo ou não. E ela não estava sentindo.”

Ginasta entrevistada: “Começamos o treino, aquecemos e no comecinho, ela passou na minha frente e tinha arrebatado uma correntinha dela, alguma coisa relacionada à religião. E aí, eu escutei um comentário que ela fez para ela mesma: ‘Nossa! Até meu patuá quebrou!’. E ela já tinha vindo de dois fatos, né? [...] E quando a gente começou o primeiro geral, a gente começou tudo errado. Eu virei assim pra (***) e falei: ‘não gente, vamos começar de novo!’. A (***) também meio que parou pra começar de novo, só que todo mundo continuou. A gente entrou no ritmo, entendeu? E não deu outra, acabou acontecendo o acidente!”

No ensaio anterior, iniciamos com uma atividade a qual o objetivo era a conexão entre as integrantes, desejávamos nos reconectar com o movimento do corpo-outro e retomar um fazer-junto antes da estreia. Neste dia, que foi antecedente ao acidente, a ginasta e sua dupla não conseguiram realizar o movimento que causou a queda, não estavam se sentindo seguras e, dessa forma, optaram por não o fazer e o deixaram para depois.

Não podemos — e nem queremos — afirmar que a ginasta se acidentou porque estava emocionalmente abalada ou porque estava cansada. Todavia, acreditamos que a somatória de muitas das situações vividas nos primeiros momentos da GM pode ter levado todo o grupo a um estado mais “relaxado” sobre suas funções durante o segundo ensaio. Nas narrativas acima, percebemos que havia um descompasso, uma falta de fluidez ou organicidade na passagem da coreografia. E neste ponto, podemos retomar nosso olhar para a “atmosfera”.

Entendemos que a atmosfera é sentida pelo corpo vivido, uma compreensão afetiva que abrange um espaço compartilhado. A fenomenologia sustenta que as emoções, no lugar de serem reconstruídas mentalmente, são articuladas em termos corpóreos e intercorpóreos (TRIGG, 2020). Williamson e Cox (2014) propõem que a reciprocidade e o “compartilhamento” são partes essenciais de uma experiência vivida em equipe. Para os autores, é como se o grupo pudesse “ser no mesmo lugar”, partilhando estados afetivos, intenções, objetivos, conhecimento e habilidades. Desta forma, o humor e as emoções compartilhadas exercem um papel fundamental na qualidade do desempenho coletivo.

Conforme já abordamos, seria necessário incorporar um fazer ginástico íntegro, onde o “movimentar-se” deveria ser com naturalidade, como o “*flow*” presente nas brincadeiras, um momento em que todos pudessem estar engajados em um único projeto (ZIMMERMANN E MORGAN, 2011).

Permitam-me, então, realizar uma breve pausa para uma “autoavaliação” após este ocorrido. Hoje, no decorrer desta tese, acredito que poderia estar mais atenta a essas questões durante o ensaio e, dessa forma, ter sugerido uma mudança de movimento ou oferecido ajuda antes de começar a coreografia. Como educadora, poderia ter notado o cansaço e as emoções oriundas de tudo o que estávamos compartilhando. Contudo, essas reflexões somente foram suscitadas após o acidente, um compilado de percepções que proporcionaram repensar minha atuação enquanto líder de grupo.

Acompanhante entrevistado: “Quando eu lembro de coisas ruins desse ano, foi isso, sabe? Foi difícil né? Você principalmente, né? A sua responsabilidade com as pessoas é um trabalho pesado, viu? Eu não sei se eu teria essa coragem. Mas como tudo... Está aí a vida, está sempre em movimento, está aí para aprender. Se vocês não tivessem tido essa experiência, vocês não saberiam como...Da próxima vez, você vai estar melhor, mais bem preparada. Com certeza! A gente acha que não, mas sempre está.”

Quando nos vimos na situação de preocupação ao vê-la caída no chão da quadra, o grupo começa um processo que Trigg (2020) nomeia de “consciência mútua”, uma necessidade estrutural de se reconhecer como parte deste plural, um senso de união, uma experiência afetiva que pertence aos casos de emoção compartilhada. Rapidamente cada integrante assumiu uma função: chamar ajuda, acudi-la, buscar água, organizar os materiais, rezar, abraçar, acalmar... Uma condição estrutural gerada pela consciência de que “minha emoção também é nossa emoção, mais do que isso, é uma experiência afetivamente carregada de uma preocupação conjunta com um determinado fenômeno, com o qual cada participante se preocupa em graus diversos”³⁶ (TRIGG, 2020, p. 2).

Ao considerarmos a intercorporeidade neste contexto, reforçamos que estamos imersos no mundo das relações sociais, afetivas e históricas. Deste modo, abrimo-nos para a percepção do nosso corpo e do outro, ampliando uma compreensão ética na inerência do ser e do mundo nessas experiências vividas e compartilhadas (NÓBREGA e DIAS, 2014).

³⁶Texto original: *my emotion is also our emotion; more than this, it is an affectively laden experience of a joint concern toward a given phenomenon, which each participant cares about to varying degrees.*

Observamos, então, uma incorporação mútua de estados afetivos entre os integrantes e esse movimento perdurou ao longo da semana.

Quando a ginasta retomou a consciência e percebeu que não sentia seu corpo, um estado de pânico tomou o grupo. Entre olhares arregalados e sugestões sobre o que estava acontecendo, nossos colaboradores foram dando significado ao ocorrido. Sentimentos de negação, injustiça e fuga foram revelados por entre as narrativas:

Seu semblante mudou completamente. O brilho nos olhos perdeu lugar para um olhar arregalado. A voz ficou um pouco mais trêmula. E declaradamente expos o pavor sobre o ocorrido. a **ginasta entrevistada** retoma o momento do acidente, lembrando que foi em um ensaio e que “de repente ela caiu”:

“Como mãe, me deu assim, tipo um arrependimento do fundo do coração de... De não estar... De falar: ‘nossa! Isso aqui não é pra mim!’ Poderia ser com a minha filha, minha filha estava na Ginastrada, ela era uma das atletas. Na hora mesmo eu falei: ‘que vontade de ir embora! Não quero mais saber, isso aqui não é pra mim, não é pra minha filha’”.

E em seguida, com algumas pausas, vai relatando que foram momentos de muita tensão até receberem a notícia de que ela estava bem. Também relembra que seu primeiro pensamento foi baseado no susto:

“O grupo teve força, ela foi socorrida, ela começou a ter um pouquinho de melhora. Aí acho que passou o susto e eu comecei a pensar: ‘não, isso aí foi o corpo dela que reagiu!’ E realmente foi mesmo! Mas, no primeiro momento assim... Eu... Como proteção mesmo eu queria tirar minha filha dali e eu também. ‘Não quero mais isso pra mim!’”

Acompanhante entrevistado: “Teve a situação que eu fiquei bem chateado na hora que a gente estava lá vendo o ensaio e a (***) se machucou; E realmente isso machucou demais ali. Quando eu olhei, porque, eu quando vi a pessoa (dá uma pausa) ... Eu fico até meio balançado, tá? E aí, a gente ali brincando e tal, ensaiando, né? E aí, eu vejo a (***) ali, toda sem se mexer, que ela machucou. Ela teve uma queda, que eu não vi a queda! Eu não conseguia imaginar, sabe? Como aconteceu? Você sabe o que é a adrenalina? Mas não! Realmente ela machucou! É... como o Akanni falou: ‘É como você pular de um barco com a perna esticada’ E aí, você quebra a perna, porque você não tem a noção da água, onde que está batendo. E aí, eu vi que a moça se machucou e ela não conseguiu mexer o braço, a perna. E isso machucou, porque eu falei: ‘como que as pessoas saem do país delas, para fazer um evento...’ E você começa a pensar em injustiça. Sabe? Em injustiça. Eu pensei em injustiça. Foi bastante injusto isso. Muito injusto, porque eu vejo o pessoal lá, ela não conseguia mexer... E aí? E a viagem dela? Acabou? A vida dela acabou? Como que vai ser a vida do (***) e agora a dela? Porque eu olhava pro (***) e ele estava em choque! E eu não sabia o que falar pra ele! E ele não conseguia chegar perto dela. E aí eu ficava olhando pra ela e olhava, olhava as pessoas, a mulherada chorando. E aí... (engasgando-se) Eu... Eu falei: ‘o que eu posso fazer?’ Eu não posso fazer nada, mas eu tenho como manter a bola pra cima, sabe? Eu tenho como manter as pessoas pra cima, é o que eu posso fazer! É o que eu sei fazer (rindo). É meio que um negócio de empatia, né? Empatia! E aí... Isso marcou bastante!”

Formada em Educação Física, a ginasta conseguiu identificar a gravidade do acidente. O medo aflorou e o corpo reagiu. A resposta corporal foi precisa: não se mova! Sem conseguir mexer seus membros, foi levada ao hospital às pressas. Neste contexto, como responsável, acompanhei seu marido e seguimos ao hospital enquanto o grupo ficou no alojamento para resolver a situação da apresentação.

Como combinamos previamente, caso eu não estivesse presente por algum motivo, outras duas ginastas poderiam assumir a liderança orientando os afazeres do grupo.

Ginasta que assumiu a liderança leva suas mãos aos olhos e emite um riso de nervoso, balança sua cabeça com sinal negativo e explica que só de lembrar a delicada situação pela qual passamos, ela chora. Conta que ela assumiu a condução do grupo e que estava em choque com o acidente. Relata que teve que ser dura e isso a marcou profundamente. Em um respiro profundo se restabelece para continuar a contar que ninguém estava preparado. Com um papel em suas mãos enxuga as lágrimas que escorregaram em seu rosto:

“Mas alguém tinha que tomar a iniciativa e falar: ‘não! Espera aí! Não tem ninguém aqui? Não! Tem sim! E eu quero isso, isso e isso, e vamos embora, chegamos até aqui! Para onde que a gente vai correr agora?’ Teve que ser isso!”

Um pouco antes de sair para o hospital, pedi para que algumas pessoas ligassem para três integrantes que haviam saído para passear (nenhum deles faziam parte da

coreografia), solicitando que voltassem ao alojamento e tentassem ajudar com o lugar da ginasta que havia se lesionado. Todavia, o grupo decidiu que o melhor a fazer naquele momento era deixar o espaço dela vazio, adaptando alguns movimentos de quem já havia incorporado a coreografia.

Os três integrantes que estavam ausentes comentaram sobre o acidente em suas respectivas entrevistas, relatando que foi uma situação incômoda, mas que em nenhum momento hesitaram, ou pensaram em não voltar.

Integrante que havia saído: “E aí, a última coisa que eu quis trazer foi o mapinha de Liechtenstein. O mapinha foi... Eu trouxe, porque eu acho que foi uma das únicas recordações físicas que eu tenho (abrindo o mapa). O resto são fotos do celular... Foi porque na viagem, na viagemzinha, foi ali que eu percebi que: ‘pô, eu não estou aqui só curtindo, eu tenho o grupo’. Eu cheguei com o intuito de ajudar, mas fiquei deslumbrado com as várias coisas que eu podia fazer. Eu fui ver as apresentações e tudo mais... E aí me convidaram pra ir e eu aceitei. E aí aconteceu o lance da (**). E aí, eu saí e percebi que todo mundo foi apresentar e eu não estava no dia que vocês estavam apresentando. E aí, eu falei: ‘pô, um vacilo né?’ Eu podia estar lá, dando suporte e tudo mais. Mas falei: ‘beleza, estou aqui já, não vai valer a pena voltar’. Mas quando aconteceu o acidente, eu falei: ‘pô, eu devia ter ficado!’ (rindo). Aí a gente se organizou lá, e no fim não precisou voltar. Aí eu tentei aproveitar o máximo, mas ficou circulando na minha cabeça: ‘pô, eu deixei o grupo na mão e tudo mais’. Então, (pegando o mapa) o mapinha que eu trouxe pra... Uma coisa que me marcou.

Em uma metáfora para melhor descrevermos essa delicada situação, podemos dizer que os dois primeiros dias da GM foram como um começo de um relacionamento amoroso: todos estavam apaixonados. Os integrantes do grupo atingiram uma relação intimista pouco ou nunca vivida. O clima de festa proporcionou o bom humor e a emoção compartilhada gerou empatia e encantamento por entre os membros. Essa atmosfera provinda do festival ginástico contribuiu para um sentimento de união por meio da incorporação de valores e do reforço de suas identidades (TRIGG, 2020) antes mesmo do acidente.

É importante apontar que uma atmosfera é finita, uma vez que ela é limitada por uma organização espacial e temporal e, neste sentido, fornece um terreno comum compartilhado atingindo seu papel por um processo de “sintonização” das emoções. Este ideal dialoga com o pensamento merleau-pontyano, de que a intencionalidade é pré-reflexiva, tomada por nossos desejos quando percebemos as coisas. Mas, ela também é ativa quando estamos “sintonizados”, oferecendo-nos um conjunto de preocupações avaliativas que servem de base para uma união integrativa. Sobre isso, Trigg (2020, p.4) propõe as seguintes fases:

First, we are gripped thanks to the fact atmosphere establishes the context from which specific shared emotions, together with their corresponding expressions, emerge.

Second, we are gripped insofar as each of us is captive by the affective momentum of an atmosphere, which emanates in and through both human and non-human bodies.

Third, we are gripped because an atmosphere establishes a shared affective ground, which is measurable and bounded by its affective rather than geometric properties.

Finally, we are gripped insofar as the evaluative properties of a given phenomenon themselves depend on the existence of an atmosphere for their expressive register.³⁷

Conquanto o grupo estivesse vivendo um momento de êxtase em seus novos relacionamentos (com os outros e com o evento), sintonizados pela experiência vivida na GM, o acidente gerou uma preocupação mútua e despertou um entendimento de que não foi apenas uma ginasta que se lesionou, mas foi o GYMNUSP como um todo.

Esta condição exemplifica que estar em sintonia com uma atmosfera é também estar atento ao cuidado do que ela expressa. Mais do que uma “sincronicidade” entre os participantes, percebê-la permite uma ampla sobreposição de preocupações compartilhadas. Para atingir o senso de união, é necessário entender que a emoção não é apenas minha, e sim, nossa (TRIGG, 2020).

Ginasta que sofreu acidente: Todas as falas sobre sua relação com o grupo eram carregadas de emoção, não somente em sua voz, mas também em suas expressões. No meio desse diálogo recheado de sentimentos, (***) pega um caderninho bem pequeno e começa a ler em voz alta:

“Ai, gente. 08/07. Durante o ensaio caio de pescoço no chão. Apago. Perdi os movimentos. Senti medo. Fui muito bem tratada. O medo passou. O grupo se comoveu. Ah! Que grupo! Sei o que aconteceu. Foi perigoso! Mas mais perigoso é o amor que eles me dão. Não quero largar! Talvez uma das coisas... Ah, vou chorar... Talvez uma das coisas que mais tenho medo (voz trêmula de choro) é de perder essas pessoas. Elas não são minhas (chorando). Mas elas fazem parte da minha história... (suspiro longo e profundo). E eu escrevi no hospital isso aqui. (continuação da leitura) E outra coisa que mais tenho medo, de perder o meu corpo. Porque eu sou corpo desse grupo. Corpo esse que é meu sentido de vida,

³⁷ Tradução nossa: 1. Em primeiro lugar, somos conquistados graças à atmosfera que de fato estabelece o contexto do qual emergem emoções específicas compartilhadas, junto com suas expressões correspondentes. 2. Em segundo lugar, somos agarrados na medida em que cada um de nós é cativo pelo momento efetivo de uma atmosfera, que emana em e através de corpos humanos e não humanos. 3. Terceiro, somos agarrados porque uma atmosfera estabelece uma base afetiva compartilhada, que é mensurável e limitada por suas propriedades afetivas, e não geométricas. 4. Por fim, somos apanhados na medida em que as próprias propriedades avaliativas de um determinado fenômeno dependem da existência de uma atmosfera para seu registro expressivo.

de trabalho e foi o que me fez saber do meu grupo. Acordei com dores, mas estou bem! Hoje saio. Hoje vejo os meus. GYMNUSP, coraçõzinho. (entre risos e choros)”

A ginasta explicou sua preocupação com relação ao grupo por não se apresentar. Sabia que não havia culpados. Foi um acidente, afinal. Mas sua preocupação era grande, já que o grupo tinha sido um dos seus reais motivos para viajar!

No solucionar da questão coreográfica, o grupo compreendeu que uma ginasta não é passível de substituição como uma peça de um motor. Não seria o suficiente trocar a ginasta por um dos integrantes que estavam nos acompanhando. Sem ela, a coreografia já não seria a mesma. O GYMNUSP estava lesionado. Havia uma falta e esta, por sua vez, é muito quando se trata da constituição do “nós”.

A reconstrução do movimento, de cada posicionamento e o ser coletivo se formam em cada ensaio por sua contínua relação entre os integrantes, os materiais e o espaço. Logo, uma substituição não é uma mera reposição. Afinal,

a entrada de um novo integrante reestrutura a obra, não sendo uma simples questão de substituição de papéis. Cada vez que alguém passa a executar uma parte da coreografia que era realizada por outra pessoa, deve-se fazer um trabalho de recriação e não de reprodução dos movimentos existentes (DANTAS, 2005, p. 52).

Em momentos sincrônicos se tem a intenção da gestualidade uníssona, mas pela fenomenologia, unitário. A obra em si — a coreografia — continuava existindo, mas reconhecemos suas diferenças: o espaço, por ora ocupado, estava vago; o olhar, por ora orientador, vazio; o lançar do aparelho, por ora realizado por uma ginasta, fora revisto.

O vocabulário da composição reflete aquele que o faz. Portanto, ao grupo não haveria tempo de uma ressignificação coreográfica com uma nova integrante, tampouco sem a ginasta. Do ponto de vista fenomenológico, reconhecemos as interferências que o corpo lesionado teve na experiência vivida em todas as integrantes e que marcou a primeira apresentação.

Entre as trocas de hospitais, recebemos a notícia que a ginasta estava recuperando seus movimentos. Na explicação dos médicos, o “nocaute” oriundo da pancada de seu pescoço no chão, paralisou seu corpo como uma ação de defesa. Uma proteção fisiológica para que ela não se mexesse até que a lesão fosse identificada e cuidada. Enquanto a ginasta se recuperava, o grupo seguiu com o planejado rumo à estreia. Um misto de sentimentos se aproximou. Um dos nossos principais objetivos na participação neste evento foi se aproximando e com ele a sensação de que algo estava faltando.

Dupla da Ginasta que se acidentou: “Eu acho que, principalmente, naquele primeiro dia que aconteceu aquele negócio com a (***) e eu muito nervosa, eu já estava chorando. A maquiagem já não estava nem funcionando direito. Eu passei tudo borrado e eu fiquei muito puta comigo mesmo por causa disso. E a primeira coisa que eu fiz quando eu saí da dança foi lavar o meu rosto [...] Para mim foi muito ruim. Eu não via a hora de terminar [a coreografia]. Eu queria fazer, né? Todo mundo, né? Estava com esse compromisso de... ‘ensaiamos tanto e vamos deixar o negócio morrer na praia’. Mas, mas foi muito difícil, assim. Eu que estava com a (***) no momento em que ela caiu lá... Eu...Eu fiquei muito assustada e... E isso me abalou muito! E... E eu assim, eu percebo que... Acho que, não sei, depois de adulta, eu vou ficando mais emotiva do que quando eu era criança que não ligava muito para as coisas não! Então, eu fico mais nervosa, eu fico mais ansiosa. Então, qualquer coisa eu choro, eu... eu perco muito, sabe?”

(***) relata que se desestabilizou emocionalmente e que escorregou durante a apresentação. Nada de grave e perceptível para o público. Comenta também que normalmente, durante as apresentações, ela sempre fica com aquela sensação de ter passado rápido demais, mas que, naquela situação, depois do acidente, a apresentação parecia não ter fim. Quando acabou a música e todas se direcionaram para fora do palco, ela começou a chorar e percebeu o quanto estava mal com o ocorrido.

Ginasta entrevistada: “Uma das nossas amigas, ela se acidentou e mexeu com o grupo inteiro... É... Foi bem ruim (um riso de nervoso), porque relembra, né? Tipo, com todo esse desespero. E aí, como era a nossa primeira vez apresentando, a gente queria que tudo estivesse dando certo. E aí, aconteceu esse imprevisto. Então, mudou todo mundo. Aquilo de mudar o espírito... Muda, querendo ou não! E às vezes acho que fingir é pior ainda, porque não está tudo bem (outro riso de nervoso)”.

Ginasta entrevistada: “(silêncio). Era pra ter sido diferente (rindo um pouco nervosa). Era pra ter sido um momento único, de alegria, de... Era o mais esperado, eu estava nervosa, ansiosa, uma mistura de sentimentos. Mas aconteceu um acidente com a nossa amiga e tudo mais. E aí ficou todo mundo muito estressado, um pouco nervoso. E aí... Não foi tão maravilhosa quanto era pra ter sido, porque nós apresentamos preocupadas com a (***), nervosas, estressadas com um clima tenso. Foi tudo na correria, mas, mesmo assim, foi marcante. Porque a gente se uniu para estar ali. A gente se uniu, porque uma integrante não estava. E a gente se uniu e a gente foi dando ideias: ‘faz isso aqui, aqui’. E a gente conseguiu apresentar mesmo sem ela, mesmo preocupadas. Então, de qualquer forma, foi marcante, sendo boa ou ruim, foi marcante.”

Essas narrativas expressam o íntimo da intensidade marcada naquele momento. Esses corpos que haviam incorporado a coreografia como um “ser-grupo” tinham uma parte constituinte faltante, assim como o exemplo proposto por Merleau-Ponty (2018) de um sujeito o qual obteve um membro amputado. Este, quando se depara com algo que costumava manipular, percebe seu corpo atual diferente do habitual, e precisa (re)significar o

manipulável para ele, como manipulável em si. As ginastas do GYMNUSP também precisaram ressignificar o fazer coreográfico, aceitando que haveria um membro faltante e que, mesmo assim, poderiam levá-lo adiante.

Após a apresentação, eu segui para o hospital para visitá-la e, neste percurso, o grupo decidiu gravar um vídeo para a ginasta, para dizer o quanto estavam felizes pela sua recuperação e demonstrar carinho e afeto. Um primeiro ato de cuidado que se estendeu no decorrer do evento.

Para além do acalanto do próprio grupo, precisamos ressaltar a sensibilidade que atingiu os voluntários e o diretor da escola para com a situação. Todos se mobilizaram prontamente em todos os quesitos: chamar a ambulância, dar atenção, oferecer ajuda, entre outros cuidados. Contudo, precisamos destacar o papel fundamental de uma estudante brasileira de 16 anos que estava, por acaso, na escola quando o acidente aconteceu.

Residente da cidade e aluna da escola, Alexia estava passando para ver suas notas quando a ginasta caiu. Os paramédicos da ambulância não sabiam se comunicar em inglês e a estudante começou a nos ajudar fazendo a tradução do português para o alemão e vice-versa. Mesmo tão nova e sem a conhecer, ela se ofereceu para ir acompanhar na ambulância e apoiar na tradução quando necessário. Um cuidado essencial!

A estudante permaneceu todo o dia no hospital e sua família também ofereceu apoio, não somente com as demandas médicas, mas, especialmente, ao marido da ginasta. Entre lanches e uma sensata companhia, acompanharam a rotina dos exames e, ao final do dia, o levou de volta à escola.

No dia seguinte, a família de Alexia buscou nossa ginasta no hospital e trouxe-a de volta ao alojamento. Estávamos ansiosos por sua chegada, parte do grupo ficou para acolhê-la, prestar ajuda e demonstrar o quanto estávamos aliviados por ela estar de volta e andando.

Ginasta que se acidentou: “E depois no dia 09/07, de manhã, eu coloquei: ‘acordei com dores. Mas vou ver os meus.’ E aí, eu coloquei: ‘saio hoje às 10h do hospital’. Cara! Quando eu escrevi isso, caiu a ficha de que... Não que todo mundo tenha que passar por isso, lógico que não, mas que as pessoas tinham que entender que quando elas estão em um movimento, elas são o movimento. E ali era o grupo. O grupo estava internado comigo! O grupo estava doendo comigo.”

Claramente em suas falas, a ginasta percebeu que havia muitas emoções sendo compartilhadas e que o acidente, apesar de todas as dolorosas e preocupantes consequências, fortaleceu a experiência do “nós” que estávamos vivendo (OSLER, 2020), como refletimos no capítulo anterior.

Uma ginasta, em sua entrevista, trouxe a foto da recepção que fizemos para ela no alojamento e comenta que ficou impressionada com toda ajuda que recebemos, principalmente da Alexia e de sua família.

Figura 49. Recepção para a ginasta lesionada



Fonte: Foto escolhida por uma ginasta para a entrevista.

Ginasta entrevistada: “Aí a gente tem a ajuda, né? Dessa foto, a Alexia, que super ajudou, uma pessoa que estava fora, que não era do grupo, mas que super ajudou. E, assim, o tanto que a GPT proporciona, a GPT, os eventos... De outras pessoas que estão ali, para poder ajudar na hora que precisar e que não tem esse laço, mas que estão lá para poder ajudar. Eu achei isso muito legal, E ela é uma brasileira, que estava lá. E isso também, né? Ser brasileira, num outro país, a gente sempre dá um jeitinho de se ajudar. As pessoas se preocupam com as outras. O tempo todo na Ginastrada é uma pessoa preocupada com a outra.”

Marido: “Seria marcante se fosse aqui no Brasil. Mas a gente estava fora do Brasil. Então, sem as estruturas às quais nós recorreríamos em situações normais. Sem a nossa língua, que, na verdade foi mediado por amigos de primeira hora. Então, cito você, cito o (***) que tomaram conta ali, em um primeiro momento. E depois a gente conheceu uma brasileira que morava lá, a Alexia, que ajudou na tradução e ajudou... Vocês todos ajudaram a gente nestes percursos sóbrios até ela recobrar todos os movimentos. [...] Então, essas pequenas coisas... Que a gente precisou de ajuda em todos os sentidos. E em todos os sentidos mesmo. Assim, então, aí eu acho que eu mais vi a solidariedade com relação à gente, desde... Uma situação também, mais particular... Da (***) lavando a roupa da (***) até... Sei lá. Toda a ajuda que vocês prestaram, às vezes mensagens, sabe? Às vezes, falar: ‘Não, vai ficar tudo bem!’ É uma coisa boba, mas quando alguém

vira e fala em uma situação como essa, faz muita diferença. Faz muita diferença! É... Então, esse pertencimento foi aí! Foi isso mesmo!”

Tais ajudas que seu marido comenta foram demonstrações de um cuidado que o grupo já estava se propondo (alguns de maneira mais intensa que outros), e que cultivaram até o final do evento. Como exemplo, alguns integrantes prepararam uma “cama” especial feita com materiais de ginástica da escola, para que nossa ginasta não precisasse dormir no colchão no chão, já que, mesmo fora de perigo, a lesão ainda estava lá e ela precisaria fazer muito repouso para o tratamento.

Com o pescoço imobilizado, ela precisou de ajuda para algumas atividades básicas de higiene: tomar banho, secar o cabelo, lavar roupa... Em uma proatividade admirável, cada um ofereceu aquilo que podia e todas as demandas foram atendidas. Além dos cuidados básicos, observamos trocas de mimos (como presentes e cartinhas) para confortá-la.

Figura 50. Cama feita para a ginasta lesionada



Fonte: Acervo pessoal.

Ginasta que se acidentou: “Mas, pra mim, esse processo do cuidado do grupo, da maturidade, do enfrentamento, das relações assim ó: ‘aconteceu uma coisa muito ruim, mas a gente está num evento em que a gente veio para apresentar e a gente consegue terminar isso aqui’. E foi o que o grupo fez, com muita

maturidade. Talvez em outra configuração de grupo, num grupo com crianças, ou com adolescentes, isso não fosse aconte... Talvez, acabou, não vai ter coreografia, a gente não vai apresentar, vai ficar um buraco lá no nosso lugar. [...] Enfim! Do ponto de vista do acolhimento do grupo, das relações que se deram ali, por conta dessa necessidade, posso dizer que foi impecável.”

Mesmo com toda solidariedade dessa situação, não podemos deixar de refletir sobre um ponto crucial que envolveu toda essa experiência: a tristeza experimentada por esse corpo que não pode se apresentar.

Como membro do GYMNUSP, também senti a falta de estar no palco do evento o qual havia se preparado há mais de um ano. O’Connell e Manschreck (2012) indicam que a dor e a lesão se configuram, para um praticante, representantes de uma perda de identidade: a do “ser-atleta”. Isso acontece, pois existe uma dedicação corporal que perpassa o momento exclusivo do treino, há um planejamento diário para que o ele/ela alcance seus objetivos no fazer esportivo. Quando, por tais fatalidades, alcança-se a incapacidade de se manter ativo na atividade ou de perder seu lugar na equipe, a estabilidade emocional é totalmente abalada. Estamos tratando, então, de uma dor que não é só física, é uma dor oriunda da frustração (MOURA *et al*, 2013).

Embora o grupo tenha optado por não a substituir na coreografia e, como veremos adiante, adaptar sua entrada no palco em um outro momento, a ginasta sentiu toda a frustração de não fazer parte do todo:

Ginasta que se acidentou: “Então vamos lá... Com o acidente, eu senti que... Não que eu perdi, não perdi. Mas eu senti que eu fiquei um pouco fora do contexto da apresentação. E eu fiquei muito chateada, porque, na hora que aconteceu o acidente, eu fiquei muito, muito preocupada. Eu comecei a entender que eu podia, que podia ter acontecido qualquer coisa. [...] E aí, eu acabei não tendo a dimensão do que estava sendo dançar naquele momento, aquele frio na barriga que a gente sentiu em todos os momentos do Fórum, nas apresentações [...] Eu senti uma imensa tristeza. Mas que depois eu fui entendendo, que aquilo pode acontecer em qualquer lugar, que é um acidente e que o que eu teria que levar em consideração é que, como o grupo acolheu esse problema! [...] Porque entender o que eu sou dentro da ginástica, dentro da escola que eu trabalho, é entender as pessoas com quem eu vivo, e esse grupo meu... Por mais que, assim, a gente não tenha todos os elementos possíveis para trabalhar ginástica, a gente tem tanta capacidade de ser junto, de, sabe? De ser esse corpo assim, sabe? O corpo do meu grupo. Era o corpo do meu grupo que estava machucado, que estava doendo! Vou chorar (risos)... Não era o corpo da (***) só! Era o corpo do meu grupo. Eu estava tirando isso do meu grupo. O tempo todo eu pensava nisso. Me machucou muito não estar lá.”

É importante ressaltar aqui que as narrativas de nossa ginasta foram totalmente espontâneas. Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta sobre sua experiência na GM de 2019, a ginasta iniciou sua fala levantando aquilo que foi mais intenso nesta participação, isto é, o acidente. Dessa forma, como material pedido para dialogarmos, ela trouxe seu diário de viagem e algumas fotos, descrevendo a partir de seu mundo vivido como foi sobreviver por todo esse processo de lesão.

Passada a dor mais intensa do tombo e com auxílio de remédios, a ginasta pôde circular pela Ginastrada a passos lentos e com muita cautela. Dessa forma, o grupo se mobilizou para que ela pudesse “sentir o gostinho” de entrar em cena, de olhar para o público, de colocar o figurino que seu pai havia costurado e participar de todo o processo de bastidores como uma ginasta.

Assumindo a GPT como uma prática possível para todos, o GYMNUSP a convidou para entrar em um momento final da coreografia, em que ela só precisaria caminhar e fazer a última pose no seu lugar de origem. Com o aceite, assim o fizemos nas duas últimas apresentações do grupo, bem como na coreografia da Noite Pan Americana. Tentamos remanejar esse corpo-coletivo-lesionado, ressignificando a triste experiência em um breve momento de superação.



Nota (11/07/2019): “Pela manhã, ao nos reunirmos para a concentração de nossa segunda apresentação, pensamos em uma maneira da (***) participar da coreografia, e a convidamos para entrar no “paredão” final e fazer sua pose. Dessa forma ela poderia colocar o macacão, maquiar-se e curtir aquele momento de preparação com o grupo. “Não é GPT? Não é para todos? Vamos adaptar para que ela entre!” E assim o fizemos! Ela adorou! [...]

Nota (11/07/2019): “Assim como em nossa coreografia, conversamos com a mediadora [da coreografia da PAGU] para que (***) pudesse entrar no final, quando formamos o barco [figura acrobática], a ideia era que ela pudesse levantar uma bandeira do Brasil guiando os ginastas para fora da cena. A mediadora, em toda sua sensibilidade, confirma nossa proposta e (***) entra em cena”

Critical Friend

(11/07/2019): “Retira-se a atleta e pronto? Não. Talvez aqui, princípios da Ginástica para Todos (GPT) tenham claramente sido colocados em prática, tornado atitude. A ginasta se vestiu, se preparou e entrou nos segundos finais porque ela também importa. Porque ela também compõe. Porque se mais lenta, mais dura ou transparecendo mais dor, cada ginasta importa!”.

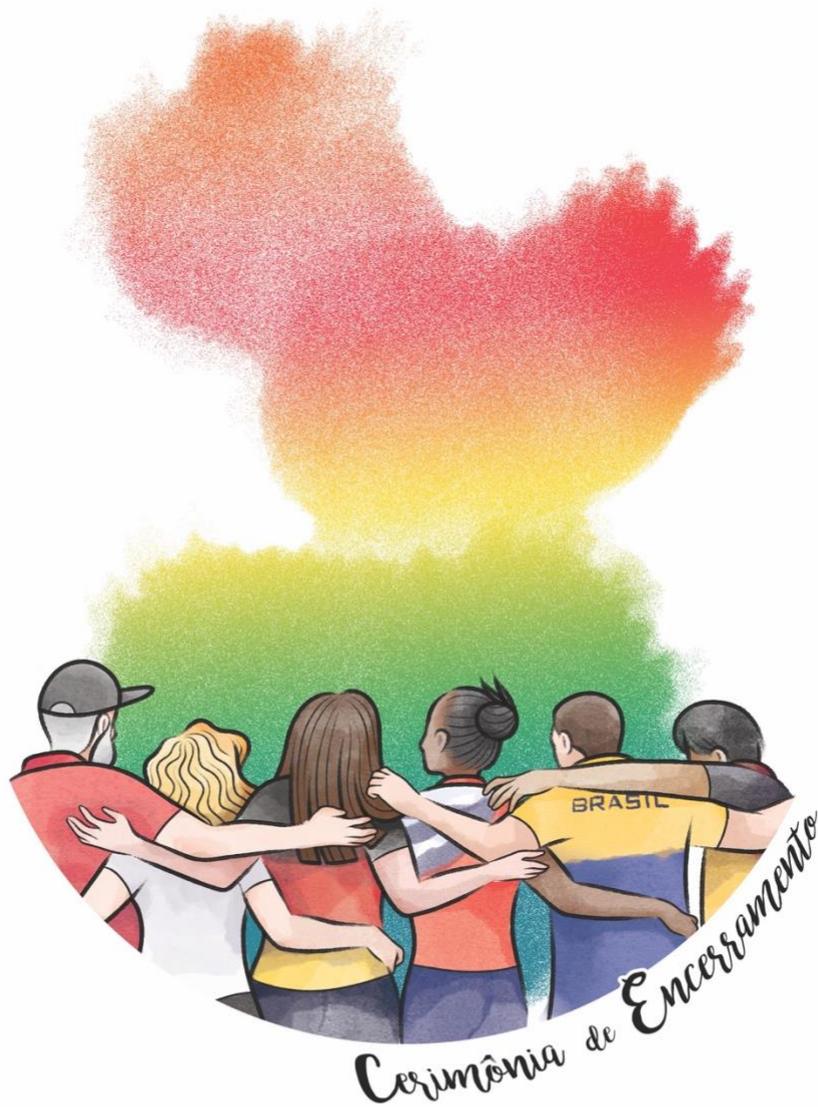
Percebemos que, quando na corporeidade tratamos do corpo como indivisível e relacional (MERLEAU-PONTY, 2018), estamos falando dos detalhes que compõem o fundo de nossas experiências: de onde viemos, com quem estamos, minhas intencionalidades, as

intencionalidades do outro, as emoções compartilhadas na atmosfera situacional, o espaço, o tempo, a história...

Ainda que esta vivência sobre o acidente tenha parecido uma “estória” de um grupo qualquer, no filosofar dessas questões fomos descrevendo situações que são comuns a outros grupos motivados por práticas corporais e ou esportivas. Foram ocorrências recordadas por um coletivo que se entregou à participação em um evento e que estava aberto às experiências possíveis, mesmo com todos os riscos intrínsecos a ela.

Pensar um grupo acerca da experiência do “nós”, é compreender que ele é formado por sensibilidades, corpos orientados por um mesmo propósito, uma mesma motivação (OSLER, 2020). Portanto, quando uma pessoa se lesiona, é todo um coletivo que passa por aquilo. Não basta apenas uma simples substituição, há de se perceber o como todos os integrantes foram afetados. Não basta afastar o membro-lesionado e seguir em frente, há de fazê-lo se sentir parte da equipe.

Esse corpo que sofre a dor da frustração, necessita de apoio e afeto em sua recuperação. Precisa continuar acreditando em seu potencial e ressignificar suas funções dentro do grupo. Transmitir esses valores para o âmbito competitivo, por exemplo, onde as lesões se fazem, da mesma maneira (ou mais), presentes, é acolher o atleta em sua identidade — em sua corporeidade —, além de resgatar e restaurar valores humanos do grupo como um todo.



7. CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO

A beleza instaurada na cerimônia de encerramento está no contentamento do que foi vivido. Em um clima nostálgico, comemoramos as experiências reveladas nos atos, nas conquistas, nas descobertas, como também nos afetos e nos laços propiciados pelo evento. Essa festa permitiu que nós nos despeçamos em um ritual de passagem: não como uma conclusão ou um fim, mas como algo que vai fazer parte de nossa história. Momento que nos encoraja no planejar de novas etapas e realizações de outros sonhos, com a tranquilidade de carregar na bagagem um compilado de experiências, transbordando significações e emoções compartilhadas.

Em nosso evento chamado “tese de doutorado”, reunimos informações de diversas fontes que nos permitiram reflexões sobre o mundo vivido em um festival esportivo. Como ponto de partida, admiramos um desfile temático e reconhecemos a literatura vigente sobre eventos e seus desdobramentos até chegarmos no âmbito dos festivais. Escolhemos uma base teórica que nos permitiu observar as experiências, contemplá-las e refleti-las, sem a necessidade de transformá-las em algo puramente utilitário. Tentamos escapar de uma sentença marcada pelo positivismo científico e acreditamos que a imponência do filosofar nos faz transgredir, conhecer e (re)significar nossas vidas como seres no mundo.

Apoiadas pela fenomenologia de Merleau-Ponty, seguimos na missão de desvelar o fenômeno da experiência vivida. Dessa forma, entre observações e narrativas, descrevemo-lo a partir de um grupo ginástico formado por 16 adultos que puderam participar da Ginastrada Mundial de 2019, na Áustria. Em um estudo longitudinal, permitimos que minhas narrativas e a dos nossos colaboradores tomassem este texto e exemplificassem as reflexões sobre o que um evento esportivo dessa natureza pode nos proporcionar, tentando escapar de verdades diretivas e nos inspirando nas possibilidades sociais e educativas.

Foi preciso desconfiar das “boas expectativas” advindas de uma viagem internacional por um grupo e entender que esse “plano de fundo” poderia fazer parte de nossas perspectivas futuras. Entretanto, mais do que olhar para o “óbvio”, permitimo-nos observar a atitude natural pela atitude fenomenológica e reconhecer situações que nos escapam do habitual.

Não foi preciso descobrir o novo ou inventar a roda. Pudemos, por outro lado, admirar a potência da corporeidade nos momentos que tangem o fazer esportivo, contemplar esse corpo relacional e que se entrega ao espaço, às coisas e aos outros, compreender que a intenção pré-reflexiva se revela pela percepção sensível decorrente da atmosfera do evento e, sobretudo, valorizar os festivais como espaços que proporcionam o encontro, o diálogo e o conhecimento.

Nesta seção, como metáfora da cerimônia de encerramento, resgataremos as percepções decorrentes da pesquisa com o objetivo de “costurar e arrematar”. Traçaremos, então, algumas considerações sobre o fenômeno da experiência vivida em um festival esportivo em diálogo com nossa área de atuação, guardando em nossas “malas memorísticas” cada troca, cada lembrança e cada aprendizado.

Quando no capítulo 3, pude descrever meu mundo vivido (assim como no prefácio), começo a compreender minhas experiências como sensíveis e tocantes no meu caminhar acadêmico. Ainda que soasse “romântico demais” para uma pesquisa científica, entendi que foram minhas emoções que guiaram a forma como escolhi a Ginástica para Todos (GPT) como prática corporal que inspirasse. E não somente meu “ser-performático” ou meu “ser-profissional”, mas meu corpo-próprio: nos emaranhados de todas as relações, um corpo único e indivisível.

No capítulo seguinte (4), observamos as individualidades de cada integrante, reconhecendo que suas experiências em um festival esportivo internacional perpassam a prática em si. Quando nos propomos a participar em um evento, abrimo-nos para uma gama de possibilidades experienciais intrínsecas ao todo: planejar, treinar, economizar, viajar, conviver, reconhecer... Ações concomitantes que significam o engajamento corporal.

Entre os documentos escolhidos pelos colaboradores para nossas entrevistas, a credencial ganhou destaque como um símbolo que representou o pertencimento. O nome e a função impressa nestes crachás materializaram o sentido de fazer parte do evento, do grupo e do Brasil. Por este objeto, os entrevistados se perceberam como participantes da Ginastrada Mundial e deram vivacidade a suas narrativas.

O festival proposto pela Federação Internacional de Ginástica possibilitou que a GPT fosse identificada como uma prática possível para todos. Isto é, o GYMNUSP pôde reconhecer a pluralidade de gestos, de habilidades, de movimentos, de expressões, de espaços, de corpos, de materiais e de músicas. Uma real noção da multiplicidade gímnica que ela pode carregar e que, por vezes, é pouco percebida nos festivais nacionais.

Para os integrantes que trabalham em ambientes educacionais, a participação no festival os concedeu um panorama de possibilidades práticas. No âmbito da Educação Física, em específico, ouvimos relatos de mudanças, de amplitudes e aspirações como profissionais. As experiências causaram um (re)pensar de suas atividades cotidianas, oferecendo ideias não somente do campo prático (materiais, movimentos, figurinos e estilos), como também naquelas que tangem a formação humana (valores sociais, relacionamentos, cuidado...).

Ademais, o festival proporcionou uma gama de experiência estética — tanto do ver quanto do ser visto. Os integrantes do GYMNUSP se encantaram com as performances e os shows promovidos pelas federações. Envolveram-se por entre as luzes, aparelhos, figurinos, e, principalmente, pelos movimentos gímnicos. Conseguiram perceber o outro pela expressividade com que cada grupo conduzia a coreografia, de maneira crítica e atenta.

Por outro lado, vivenciaram o “ser visto” em trocas de olhares, sorrisos, energia e entusiasmo no contato sensível com o público. Puderam viver um processo de incorporação da coreografia “*Quem se importa?*”, dedicando-se ao longo de um semestre nos encontros programados, nas colaborações e nas repetições. Compreenderam que era preciso uma organicidade, uma fluidez, que só viria pelo engajamento do ser-grupo neste mesmo projeto.

Percebemos que a corporeidade é um campo relacional entre nós e o mundo, e que, deste modo, o fazer performático também poderia ser afetado por aquilo que estava fora dos palcos, inclusive, a participação dos acompanhantes que atuaram brilhantemente nos bastidores.

Relatamos que a possibilidade de apresentar três vezes foi uma grata oportunidade, já que cada apresentação se configura à sua maneira. Neste sentido, ter a chance de “fazer novamente” se mostrou como um fator motivador por entre as ginastas que se perceberam diferentes em cada situação.

Ainda sobre a experiência estética a cargo do “ser-performance”, a participação na Noite Pan-Americana foi exaltada em nossas entrevistas. Neste caso, a intensidade dos treinos e a proposta pedagógica sugerida significaram a percepção de quem se entregou para que aquela coreografia fosse possível. O respeito ao público se fez notável e, mesmo cansados, e, em alguns casos, lesionados, estavam dispostos a fazer o seu melhor em favor da qualidade estética que pretendiam demonstrar. Além do esforço dedicado, a relação corpo-outro foi fundamental nesta experiência. Por entre as poses acrobáticas, danças, brincadeiras e afagos, o coletivo universitário estabeleceu laços que perdurou o pós-evento.

No capítulo 5, dialogamos sobre as potencialidades da GPT e seus eventos no que tange às relações. Corroborando com a literatura (especialmente nacional), as experiências descritas pelos colaboradores nos mostraram que a participação no festival promoveu o encontro e a transcendência corpo-outro.

As trocas dos uniformes foram temáticas de destaque em suas percepções descritas, explicando que, para além do objeto em si, a cultura do “*change*” na GM promoveu trocas de carinho e amizade entre participantes do mundo todo. Contudo, também invocou uma necessidade do diálogo que, em algumas situações, foi dificultado pelas diferenças entre os idiomas, e em outras, facilitado pelas expressões corporais.

As vivências oportunizadas pelo lazer, isto é, nos momentos em que não havia um compromisso com o grupo ou com o próprio evento, configuraram-se como momentos propícios ao encontro. Nas brincadeiras ginásticas, nas festas e nos bares, o conagraçamento era o objetivo central. Foi possível estabelecer relações bastante horizontais, em que o valor atribuído estava no outro e não no status político ou financeiro (ainda que fosse presente).

Identificamos que a convivência harmonizada pelo contexto pedagógico do GYMNUSP e o intenso cronograma festivo promoveu o terceiro estágio de transcendência proposto por Schutz (1989), em que os integrantes do grupo se perceberam enquanto parte de um coletivo. A vida no alojamento durante os sete dias apareceu como um dos pontos chave dessa experiência em participar na GM, retratando uma rotina de intimidade a qual os colaboradores se propuseram.

Tendo como base o ideal das emoções compartilhadas e a atmosfera promovida pelo evento, notamos a experiência do “nós” que contempla um “ser-GYMNUSP” e que se envolveu e partilhou momentos de alegria, de atritos e de superação, como o acidente de uma de nossas ginastas. Não por menos, o capítulo 6 foi dedicada à reflexão sobre esse acidente que afetou nosso coletivo de maneira significativa.

Notamos, de antemão, que o risco é intrínseco ao fazer esportivo e, como corporeidades engajadas em uma prática, estamos sujeitos a dores e lesões provindas do movimento corpóreo. Em nossas observações, percebemos que a Ginastrada foi palco de alguns acidentes e que, sob o nosso olhar, um dos motivos pode ter sido gerado a partir somatória deste risco com a intensidade das atividades programadas.

Em nosso caso específico, observamos uma reação em cadeia: corpos cansados e emocionalmente afetados que culminaram em um relaxamento na atenção necessária. Com o acidente, ressaltamos um “ser-GYMNUSP” ainda mais engajado no propósito da

experiência do “nós”. No compartilhar das emoções oriundas da preocupação com uma integrante, vivenciamos a ajuda mútua, a solidariedade, o cuidado e o carinho que contribuíram para a união deste coletivo.

Por fim, apesar da superação deste infortúnio acidente e a resolução dos problemas, abrangemos a frustração que é vivida pelo corpo lesionado. A dor e a tristeza que a ginasta sentiu permitiu-nos refletir sobre as lesões no âmbito esportivo, em que acolher o atleta é resgatar e restaurar seus valores e os do grupo como um todo.

Apesar da descrição dessas experiências suscitar diversas interpretações pela fenomenologia merleau-pontyana, fizemos o esforço de preservá-las tal qual foram relatadas e observadas. No questionário enviado um ano após o evento (capítulo 3) aos nossos colaboradores, na questão “O que é a Ginastrada Mundial para você?”, confirmamos que suas percepções acerca do festival ainda se mantinham muito pareadas com as entrevistas:



Akanni: “Para mim, a Ginastrada é um evento de afirmação das potencialidades dos nossos melhores traços definidores de humanidade através da ginástica para todos como elemento nuclear.”



Shakira: “Primeiramente, devo dizer que a Ginastrada foi um gatilho para que eu colocasse em prática meu sonho de poder viajar para fora do país, algo que talvez eu não teria feito até hoje. O evento Ginastrada para mim é um momento de união, de encontros, de acolhimento, de realizações, de trocas, de aprendizados, de inspirações. E onde sinto que todas as pessoas que ali estão, naquele momento, são iguais, independente de idade, de raça, de nacionalidade, de cultura, todos estão vivendo cada dia intensamente dando o seu melhor e torcendo pelo melhor do outro.”



Alekena: “Difícil expressar em palavras, mas vamos lá. A Ginastrada Mundial para mim é a experiência mais incrível que eu já vivi. É mais que um evento, é uma experiência de vida. É um momento de aprendizado, de encarar desafios, de enfrentar alguns medos, de se sentir um mix de sentimentos bons. É um momento de encontro entre pessoas, grupos e países que se unem por um propósito em comum, viver a ginástica. É respirar ginástica e cultura por sete dias. Ginastrada Mundial é aquele momento da vida que você não quer que acabe e que cada lembrança te faz sentir saudade. Ginastrada é aprendizado pessoal e profissional. Ginastrada para mim é uma relação que foi construída, no início era só um evento que ficava no plano das ideias do que seria e como seria, mas depois de participar se tornou uma experiência real”



Alana: “Um evento para trocar experiências e ideias sobre como fazer e praticar a GPT pelo mundo. Um evento sobre possibilidades na ginástica e sobre o respeito das diferentes culturas. Uma semana de troca de energias, de ideias e de ânimo para o fazer gímnico. Mas mais do que isso, penso que a Ginastrada tem

relação direta com a ideia de comunidade. Porque é preciso um grupo de pessoas tanto para se fazer a GPT como para construir a Ginastrada. O principal desafio está justamente em orquestrar as diferentes habilidades para a composição coreográfica, assim como para acolher todas as equipes durante o evento. Presenciar toda a cidade envolvida na organização do evento foi muito bonito de ver”.



Zoe: “Para mim é simplesmente o melhor evento que participei na vida e que me programo (muito) em participar dos próximos. É um evento tão diferente e com tanta diversidade que na minha área, dança, não existe e acredito que jamais existirá. A Ginástica para Todos acolhe muito bem a todos. E acredito que seja isso que mais me cativou no evento como um todo. Ver e assistir as apresentações com todo tipo de gente, de culturas, de escolhas coreográficas e de figurinos, sem contar com as interações que podemos ter a qualquer momento. Foi uma experiência única e a melhor que tive”.



Yoki: “Para mim significou muito mais que um evento esportivo, e sim evento em que o foco é a inclusão. Pela minha ótica, o foco das apresentações nunca foi a perfeição, mas sim o simples ato de querer representar a cultura, participar e se sentir realizado.”



Iris: “Um encontro de pessoas vindas do mundo todo que se transforma em uma única egrégora, com sentimentos de trocas, amor pela ginástica.”



Sofia: “Um festival gímnico de grande envergadura, que privilegia a participação. Propaga a ginástica pelo mundo, a partir de seus participantes. Possui apresentações espetaculares...e proporciona experiências de cunho coletivo e cultural.”



Cibele: “Alegria, diversão, amor, coletividade, união, descoberta, troca. É um conjunto de sensações boas”.



Aline: “É a união entre os povos, na mesma direção e sentido”.



Cecilia: “Um fenômeno de convivência positiva, empatia, superação e empoderamento”.



Victória: “O melhor evento esportivo do Mundo”.



Fiana: “Um festival gigante, com muita coisa linda é uma boa dose de aventura”.



Jordan: “Uma celebração da ginastica para todos. Onde corpos de todos os tipos se juntam para fazer ginástica no formato de apresentações”.



Caio: “Foi uma grande novidade pra mim. Não tinha noção da dimensão do evento. Hoje esse evento representa uma grata experiência que pretendo repetir”.



Beck: “Realização de um sonho!”

Com a base teórica escolhida, conseguimos dialogar sobre esse mundo vivido, que nos permitiu identificar temáticas reflexivas para nossa área: identidade, relações, experiência estética, experiência profissional e lesão esportiva.

Entre as temáticas “liminoide” (LAMOND e MOSS, 2020), “atmosfera” (TRIGG, 2020) e a “experiência do nós” (OSLER, 2020), conhecemos referências que valorizam o corpo enquanto lugar de aprendizado e significações, e que endossam os conceitos de corporeidade já conhecidos no campo da Educação Física e do Esporte (MOREIRA, CHAVES e SIMÕES, 2017; NÓBREGA, 2010; SURDI e KUNZ, 2009; 2010).

Trazê-las como suporte para refletirmos as situações vividas na GM foi algo que apoiou nossa perspectiva merleau-pontyana de que somos corpo por inteiro, isto é, distanciamos-nos dos conceitos maquinários cartesianos e entregamo-nos ao entendimento de que “somos no mundo” e precisamos estar tanto atentos aos nossos limites, como também abertos para novas possibilidades.

Como aprendizado adquirido sobre este filosofar, reconhecemos que o diálogo fenomenológico se faz pelas indagações e não por certezas. Ações como questionar e observar liga-nos a um mundo criativo e expressivo. Neste sentido, seguimos perguntando

o porquê das festividades e eventos esportivos — ainda que presentes em nossa cultura —, não serem tão valorizados quando tratamos da formação profissional e acadêmica?

Neste panorama, compreendemos que não teríamos outra forma de experimentar a “identidade em multiplicidade” das coisas se não nos movermos em torno delas, se não as tocarmos, se não as observamos em suas possibilidades (SOKOLOWSKI, 2014). O papel da filosofia é assegurar a realidade dessas identidades e não teríamos outra forma de conhecimento, a não ser percebendo-as.

Além disso, não podemos esquecer que o conhecimento é concebido na inclusão da “intersubjetividade”, já que o mesmo objeto pode ser dado em sua multiplicidade para nós e para os outros e, assim, podemos compartilhar diferentes pontos de vista sobre a mesma coisa (SOKOLOWSKI, 2014).

Sobre as nossas questões norteadoras, contemplamos descrições íntegras a propósito das experiências vividas neste evento esportivo, identificando nas narrativas o que mais tocou nossos colaboradores. No que diz respeito à GM, o festival proposto pela FIG foi revelado em diferentes perspectivas, considerando sua identidade em multiplicidade: ainda que caro,³⁸ é possível para todos os corpos, considerando a pluralidade oriunda da GPT como prática inclusiva; é composto por diferentes performances oferecendo uma extensa programação; é considerado uma “festa das nações”, proporcionando a incorporação de identidades nacionais; e, entre outras descrições, é uma possibilidade potencial do encontro corpo-outro.

Para além das características do evento, as experiências desse mundo-vivido pelo GYMNUSP despertaram aspirações no que diz respeito às nossas vidas rotineiras. Sobre as estimas sociais, por exemplo, percebemos uma valorização do “fazer-junto” e do “ser-junto” que se fazem urgentes nas ações habituais de uma vida em sociedade (MOREIRA, 2019).

Por fim, esse festival ginástico contemplou as qualidades propostas por Vliet (2019): uma reunião de um grupo relativamente grande de pessoas, onde os visitantes têm experiências únicas em que se aproveitam as transformações e o brincar para se sentir diferente da realidade cotidiana. Tratando-se da área gímnica, corroboramos com a literatura que vem demonstrando que os festivais são oportunos espaços motivacionais, de interação social e de aprendizado (SILVA, MENEGALDO e BORTOLETO, 2021; CONTESSOTO, *et al.*, 2021; PATRICIO e CARBINATTO, 2021; CARBINATTO e EHRENBURG, 2020;

³⁸ Considerando a participação da delegação brasileira, que, além das taxas serem cobradas em Euro, os participantes precisaram arcar com o custo da passagem aérea.

OLIVEIRA, *et al.*, 2020; PATRICIO, *et al.*, 2019; PATRICIO, BORTOLETO e CARBINATTO, 2016; PATRICIO e BORTOLETO, 2015).

Ainda que possamos identificar limitações em nosso estudo, como, por exemplo, a escolha de participantes de um mesmo grupo ou a opção por um único coletivo provindo de um ambiente educacional, destacamos a importância do papel dos estudos que valorizam a descrição das experiências como elas se constituem na sensibilidade de cada ser (MERLEAU-PONTY, 2018). Neste sentido, mesmo que uma variedade pudesse trazer a amplitude que consideraria outros contextos sociais, a intimidade dessas relações proporcionou um aprofundamento e maior fidedignidade às descrições aqui publicadas.

Chegando nas últimas linhas deste processo acadêmico, sinto-me à vontade para finalizar este texto retomando um de nossos anseios críticos com essa tese: não propor conceitos, teorias ou até mesmo, um festival. Por vezes, vimo-nos dialogando sobre os objetivos de uma pesquisa científica: será mesmo que ela só se faz útil quando porta soluções para algum problema social? Qual a relevância de estudar as experiências vividas em um festival como a Ginastrada Mundial?

Com a tranquilidade e o entusiasmo de um processo que me proporcionou um novo olhar para as experiências vividas, eu respondo tais questões dizendo que, a partir do momento em que compreendemos que o corpo é o lugar de ser no mundo pelas relações que estabelecemos, nenhuma verdade pode ser absoluta. Por estarmos em transcendência a todo momento, conhecendo, compartilhando e vivendo, estamos abertos a novas indagações e com elas, novas ações. E é deste modo que a ciência e o ser-humano têm evoluído: observando o habitual, questionando, aprendendo e (re)criando. Um ciclo que não se finda.

Iniciamos este texto lembrando que os eventos fazem parte de nossa vida. Como algo corriqueiro, pouco paramos para contemplá-los e questioná-los. Assim, no findar desta tese — baseada pelos preceitos filosóficos —, percebo que estamos no meio deste ciclo e o nosso papel como pesquisadoras é, antes de qualquer proposição, observar.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DO MARKETING. **Redes sociais mais usadas no Brasil**. Disponível em: <https://www.academiadomarketing.com.br/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> . Acesso em: 20/04/2019.
- ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; GHIDETTI, Filipe Ferreira. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, 2013.
- ALMEIDA, Tabata Larissa. **Composição coreográfica coletiva e tematização como estratégias pedagógicas para o ensino/aprendizado da acrobacia coletiva**. 2016. 154p Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP.
- ANDREWS, Hazel; LEOPOLD, Teresa. **Events and The Social Sciences**. 1st Ed., London, Routledge, 2013.
- ANNEAR, Michael J.; SHIMIZU, Yasuo.; KIDOKORO, Tetsuhiro. Sports mega-event legacies and adult physical activity: A systematic literature review and research agenda. **European journal of sport science**, v. 19, n. 5, p. 671-685, 2019
- ARCODIA, Charles; WHITFORD, Michelle. Festival attendance and the development of social capital. **Journal of Convention and Event Tourism**, 8(2), 1-18. (2006)
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13^a Ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- ARMBRECHT John; ANDERSSON, Tommy D. The event experience, hedonic and eudaimonic satisfaction and subjective well-being among sport event participants **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, 2019.
- AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física escolar**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

- BAHIA, Ana Beatriz. **Jogando arte na Web: educação em museus virtuais**. 400f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.
- BALLANTYNE, Julie., BALLANTYNE, Roy; PACKER, Jan. Designing and managing music festival experiences enhance attendees psychological and social benefits. **Musicae Scientiae**, 18(1), 65–83, 2013.
- BARREIROS, André; COTÉ, Jean; FONSECA, Antonio. Sobre o Desenvolvimento do Talento no Desporto: Um Contributo dos Modelos Teóricos do Desenvolvimento Desportivo. **Revista de Psicologia del Deporte**. 22(2): 489-494, 2013.
- BATISTA, Mellina Souza. **Extensão universitária: análise dos grupos de ginastica para todos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação física e Esporte, 2019.
- BAUMAN, C. D.; Carvalho, J. G. Técnica e expressividade: Análise fenomenológica do corpo na dança. **Motricidade**, v. 1, n. 1, 2005, pp. 62-70.
- BENTO-SOARES, Daniela; SCHIAVON, Laurita Marconi. Gymnastics for all: different cultures, different perspectives. **Science of Gymnastics Journal**, v. 12, n. 1, p. 5-18, 2020.
- BENTO, Jorge Olímpio. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006.
- BENTO, Jorge Olímpio. Formação de Mestres e Doutores: Exigências e Competências. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v. 8, n. 1, pp. 169-183, abr. 2008.
- BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto discurso e substancial**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2013.
- BEST, David. The Aesthetic in Sport. In: MORGAN, WILLIAN J. AND MEIER, KLAUS V. **Philosophic Inquiry in Sport**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc., 1988.
- BETTI, Mauro; KUNZ, Elenor; GONÇALVES DE ARAÚJO, Lísia C.; GOMES-DASILVA, Eliane. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, pp. 39-53, 2007.

- BIAETT, Vern. Organic festivity: A missing element of community festivals. In JEPSON, A. e CLARKE, A. (Eds.), **Exploring community festivals and events**. 2015 (pp. 35–48). Routledge.
- BIAETT, Vern. Using participant observation with socially constructed grounded theory method to explore on-site guest and visitor behavior. In: NUNKOO, R (Ed.), **Handbook of research methods for tourism and hospitality management** (pp. 157–165). Edgar Elgar Publishing Limited, 2018.
- BIAETT, Vern; RICHARDS, Greg. Event experiences: measurement and meaning. **Journal of Policy research in tourism, leisure and events**, v. 12, p. 277-292, 2020.
- BIRT, Linda; SCOTT, Suzanne; CAVERS, Debbie; CAMPBELL, Christine; WALTER, Fiona. Member Cheking: A Tool to Enhance Trustworthiness or Merely a Nod to Validation? **Qualitative Health Research**, 26(13), 1802-1811, 2018.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. **Esporte infanto-juvenil: Treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011
- BORGES, Carlos Nazareno; PORTILHO, Gilberto Otávio Neto de Souza; Produção de significados para o esporte: uma contribuição. **Conexões** (Campinas, SP), v. 19, 2021.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho, PAOLIELLO, Elizabeth, TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana. Ginástica geral – ginástica para todos. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 10, 2012.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- BOWDIN, Glenn.; ALLEN, Johnny.; HARRIS, Rob; MCDONNELL, Ian. **Events management**. London: Routledge. (2005).
- BRACHT, Valter. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí (RS): Unijuí; 1999.
- BRACHT, Valter. Educação física no 1o grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. Sup. 2, 1996, p.23-28.
- BUDÓ, Maria Lourdes Denardin. NICOLINI, Daiana; RESTA, Darielli; BUTTERNBENDER, Emanneli; PIPPI, Michele Camponogara; RESSEL, Lúcia

Beatriz. A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 1, mar. 2007

BUSSONE, Gennaro; GRAZZI, Licia; PANERAI, Alberto. Pain, emotion, headache. **Headache**, v. 52, n. 2, p. 98-101, out. 2012.

CARBINATTO, Michele Viviene. **A Atuação do Docente de Ginástica nos Cursos de Licenciatura em Educação Física**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo, 2012.

CARBINATTO, Michele Viviene; REIS FURTADO, Lorena Nabanete. Choreographic process in gymnastics. **Science of Gymnastics Journal**, v. 11, n. 3, p. 343-353, 2019.

CARBINATTO, Michele Viviene; THOMAS, Suzana B; STADNIK, Adriana M. W. XVI World Gymnaestrada Brazilian Scientific Moment. **Movimenta**, v. 12, n. 3, pp. 632-687, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/9691>

CARBINATTO, Michele Viviene.; EHRENBERG, Mônica Caldas. **Festival ginástico e isolamento social: retratos de um evento on-line**. Curitiba: Bagai, 2020.

CARBINATTO, Michele Viviene; PATRICIO, Tamiris Lima; HENRIQUE, Nayana Ribeiro; ALMEIRA, Camila d. M. Duarte; BATISTA, Mellina Souza; SILVA, Enoly C. Frazao; CORREA, Lionela da Silva; SILVA, Dyana Ferreira; EHRENBERG, Monica Caldas. Perfil dos Protagonistas de um festival on-line e suas obras. In: CARBINATTO, Michele Viviene.; EHRENBERG, Mônica Caldas. **Festival ginástico e isolamento social: retratos de um evento on-line**. Curitiba: Bagai, 2020.

CAVALCANTI, Loreta Melo Bezerra; e PORPINO, Karenine Oliveira. O sofrimento e a dor como constituintes da beleza esportiva: Reflexões para a educação. **Holos**, v. 401, 5, 2015.

CHANG, Wanching. A taste of tourism: Visitors motivations to attend a food festival. **Event Management**, v. 15, n.2, pp. 151–161, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINASTICA **Reunião Relatório Final Ginastrada Mundial**, 23/07/2020 Horário: 9h às 12h. Reunião realizada pela Plataforma Zoom. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINASTICA. **Calendário Internacional 2021**. Disponível em: https://www.cbginastica.com.br/adm/resources/download_arquivo/dc4894980d1f9aec90ee73e022c2dd6_613f49ca6c43a.pdf Acesso em: 30 de set. 2021.

CONTESSOTO, Gabriela Simoneti de Moraes; MENEGALDO, Fernanda Raffi.; PATRICIO, Tamiris Lima.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos e corpos experientes: um diálogo entre a ginástica e outras práticas corporais. **Caderno de Educação Física e Esporte**. v. 19, n. 2, 2021.

CRESWELL, John W. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998.

CUDNY, Waldemar. The phenomenon of festivals—their origins, evolution and classifications. **Anthropos**, n. 109(2), pp. 640–656, 2014.

DANTAS, Monica Fagundes. De que são feitos os dançarinos de “aquilo...”: criação coreográfica e formação de intérpretes em dança contemporânea. **Movimento**, v. 11, n. 2, p. 31-57, maio/agosto de 2005.

DAÓLIO, Jocimar. A Ordem e a (des)Ordem na Educação Física Brasileira. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte** (Campinas), v. 25, n. 1, pp. 115-127, set. 2003.

DAOLIO, Jocimar.; RIGONI, Ana Carolina Capellini.; ROBLE, Odilon José. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, pp. 179-193, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, v. 2, n. 1, p. 5-25, 2001

DECROP, Alain. Qualitative research practice. A guide for social science students and researchers. **Recherche et Applications en Marketing**, v. 19, n. 2, p. 126-127, 2004.

DEUS, Joan. Can we see pain? **Reumatología Clínica**, v. 5, p. 228-232, 2009.

DOLEZAL, Luna. The phenomenology of self-presentation: describing the structures of intercorporeality with Erving Goffman. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 237-254, 16(2), 2017.

- DOMINGUES, Lais Santos; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginastica para Todos e Lazer: onde seus caminhos se cruzam? **Corpoconsciencia** (Cuiabá), v. 25, n. 1, pp. 171-186, jan./abr., 2021
- DREHER, Jochen. The symbol and the Theory of the Life-Word: The transcendences of the Life-World and Their Overcoming by Sing and Symbols. **Human Studies**, v. 26, pp. 141-163, 2003.
- EICHBERG Henning. The conflicting models of ways to express one's identity. In: Ilmanen K, editor. **Games and fields**. Jyväskylä yliopisto: Liikunnan; 2004.
- ERASLAN Levente; KUKUOGLU, Ahmet. Social Relations in Virtual World and Social Media Aggression. **World Journal on Educational Technology: Current Issues**, v. 11, n. 2, pp. 1-11, 2019.
- FALABRETTI, Ericson. A pintura como paradigma da percepção. **Dois pontos** (Curitiba), v. 9, n. 1, pp. 201-226, abr. 2012.
- FLORES-PEREIRA, Maria Tereza; DAVEL, Eduardo; ALMEIDA, Dóris Dornelles. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica. **Cad. EBAPE.**, v. 1, n. 2, abr./jun.2017.
- FUCHS, Thomas. The phenomenology of affectivity. In: M Fulford, K.V. (Ed.), *The Oxford Handbook of Philosophy and Psychiatry*. Oxford University Press, Oxford, 2013.
- FUNK, Daniel C.; FILO, Kevin; BEATON, Anthony A.; PRITCHARD, Market. Measuring the Motives of Sport Event Attendance: Bridging the Academic-Practitioner Divide to Understanding Behavior. **Sport Marketing Quarterly**, v. 18, n. 3, p. 126–138, 2009
- GAJDOŠ Anton, PROVAZNIKOVA Marie, BANJAK Stephen J. Sokol slets: the essence of gymnastics in Czechoslovakia, Czech and Slovak republic (celebrating 150 years of gymnastics). **Science of Gymnastics Journal**, v. 4, pp. 73-82, 2012.
- GALATTI, Larissa. **AFEs, Desenvolvimento Humano e Esporte de Alto Rendimento**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. 2017.
- GETZ, Donald. **Event studies. Theory, research and policy for planned events**. Londres e Nova York: Routledge, 2012.
- GETZ, Donald. The nature and scope of festival studies. **International Journal of Event Management Research**, v. 5, n. 1, 2010.

- GHIDETTI, Filipe Ferreira; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. Merleau-Ponty, linguagem e fenomenologia na educação física. **Unisul, Tubarão**, v. 8, n. 14, p.318-333, jul./dez. 2014.
- GIBSON, Christopher; STEWART, Anna. Reinventing rural places. The extent and impact of festivals in rural and regional Australia. **Research Report. Australian Research Council**, University of Wollongong, 2009.
- GIL, José. **Movimento total: o corpo e a dança**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **Revista Mineira de Enfermagem.**, v. 4(1/2), pp. 28-33, jan./dez. 2000
- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
- HAWKINS, Clayton. J.; RYAN, Lee-Anne. J Festival spaces as third places. **Journal of Place Management and Development**, v. 6(3), 192–202, 2013.
- HENRIQUE, Nayana. **Aula centrada no aluno e aula centrada no professor: experiência na ginástica para todos**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte. São Paulo, 2020.
- HUSSERL, Edmund. **Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica**. Turim: Einaudi, 2002.
- INSCH, Andrea; HOKSBERGEN, Emma. Facebook as a platform for co-creating music festival experiences: The case of New Zealand’s Rhythm and Vines New Year’s Eve festival. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 7, n. 2, pp. 84–99, 2016.
- JUDGE, Lawrence W; KANTZIDOU, Eleni D; BELLAR, David; PETERSEN, Jeffrey; GILREATH, Erin; *SUBER, Karin*. The Promotion of the Youth Olympic Games: A Greek Perspective. **Journal of Research**, v .6, n. 1, 2011.
- KAIMAKAMIS Vasileios, DALLAS G, STEFANIDIS Panagiotis, PAPADOPOULOS George. The spread of gymnastics in Europe and America by pedagogue--gymnasts

during the first half of the 19th century. **Science of Gymnastics Journal**, v. 3, pp. 49-55, 2011.

KAPFERER, Jean-Noel. **Strategic brand management: New Approaches to Creating and Evaluating Brand Equity**. London: Kogan Pag, 1998.

KOELSCH, Lori E. reconceptualizing the Member Check Interview. **The International Journal of Qualitative Methods**, v. 12, n. 1, pp. 168-179, 2013

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LACINCE, Nelly; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento. **Movimento** (Porto Alegre), v.16, n. 03, p. 241-258, jul./set. 2010.

LAMOND, Ian R; MOSS, Jonathan. **Liminality and critical events studies: Borders, boundaries, and contestation**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

LANGLADE, Alberto.; LANGLADE, Nelly R de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1986.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed.; 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LENSKYJ, Helen Jefferson. Sport mega-events and leisure studies. **Leisure Studies**, v. 34, n. 4, 2014.

LEÓN, Felipe; ZAHAVI, Dan. Phenomenology of experiential sharing: The contribution of Schutz and Walther. In: A. SALICE & H. B. SCHMID (Eds.) **The phenomenological approach to social reality: History, concepts, problems**. Londres: Springer International Publishing, 2016.

LEÓN, Felipe., SZANTO, Thomas., & ZAHAVI, Dan. Emotional sharing and the extended mind. **Synthese**, pp. 1–21, 2017.

LIE, Rico. **Spaces of intercultural communication: An interdisciplinary introduction to communication, culture and globalizing/localizing identities**. Nova York: Hampton Press, 2003.

LINCOLN, Yvonna. S; GUBA, Egon. G. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park, C A: Sage Publications, 1985.

- LIU, Lucen; BRUCE, Toni. Extending understandings of risk in organized sport. **International Review for the Sociology of Sport**, 2019.
- LOPES, Priscila; CARBINATTO, Michele Viviene. A Essência da Ginástica para Todos nas entrelinhas da Federação Internacional de Ginástica. **Anais do IX Fórum Internacional de Ginástica para todos**. Campinas, 2018.
- LOPES, Priscila; SANTOS, Loizy Maria Gomes. “Ginasticando na Melhor Idade”: Experiências da Ginasta para Todos em um projeto de extensão universitária. **Licerce**. (Belo Horizonte) v. 24. n. 1, mar/2021.
- LOPES, Priscila. “A gente abre a mente de uma forma extraordinária”: potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da Ginástica Para Todos. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.
- LYUBOMIRSKY, Sonja; SHELDON, Kennon. M; SCHKADE, David. Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, pp. 111–131, 2005.
- MACÊDO. Shirley Martins de. Análise Fenomenológica de Depoimentos Escritos: Apresentando e Discutindo uma Possibilidade. **Revista de Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 1, pp. 35-44, jan./abr. 1999.
- MACKAY, Kelly; BARBE, Danielle; WINKLE Christine M. Van; HALPENNY, Elizabeth. Social media activity in a festival context: temporal and content analysis. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 29, n. 2, pp. 669-689, 2017.
- MARQUES, Danieli Alves Pereira; SURDI, Aguinaldo César; GRUNENVALDT, José Tarcísio; KUNZ, Elenor. Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. **Movimento** (Porto Alegre), v. 19, n. 01, pp. 243-263, jan./mar. 2013.
- MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 24, n.1, pp. 139-147, abr. 1990.
- MASCARENHAS, Fernando. O orçamento do esporte: Aspectos da atuação estatal de FHC à Dilma. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n.4, p. 963-980, out/dez, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000400963>

- MASON, Jennifer. **Qualitative Researching**. 2 ed. Londres: SAGE Publication Ltd, 2002.
- MATTAR, Michel Fauze; MATTAR, Fauze Najib. **Gestão de Negócios Esportivos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MAZZEI, Leandro; COSTA, Laura carraro, FERREIRA, Sofia Camanho; GAIO, Luiz Eduardo. Tradução e validação da escala “Orientation Toward a Sporting Event” (OSE) e sua utilização para a paralisação e segurança de eventos esportivos em meio a pandemia COVID-19. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, (Campinas), v. 18, pp.1-20, 2020.
- MECHBACH, Jane, WANEBERG, Pia Lundquist. The World Gymnaestrada – a Non-Competitive Event: The Concept ‘Gymnastics for All’ from the Perspective of Ling Gymnastics. **Scandinavian Sports Studies Forum**, v. 2, pp. 99-118, 2011.
- MENDONÇA, J. Ricardo C. de; BARBOSA, Maria de Loudes de Azevedo; DURÃO, André Falcão. Fotografias Como um Recurso de Pesquisa em Marketing: o Uso de Métodos Visuais no Estudo de Organizações de Serviços. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 3, pp. 57-81, jul./set. 2007.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi. **Ginástica para Todos: Por uma noção de coletividade. Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi Menegaldo, BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos: primeiros reflexões sobre uma prática coletiva. **Revista da Alesde**, v. 2, p. 300-312, 2019.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos: o que a Praxiologia Motriz tem a dizer sobre isso? **Conexões**, v. 18, ed. esp., 2020a.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica. **Motrivivência**, v. 32, n. 61, p. 1-17, jan./mar., 2020b.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi Menegaldo, BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. The role of time and experience to the Gymnastics for All: building a sense of collectivity. **Science of Gymnastics Journal**, v. 12, n. 1, pp. 19-26, 2020c.

- MENEGALDO, Fernanda Raffi Menegaldo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Extensão universitária e reconhecimento social: a experiência do Grupo Ginástico Unicamp. **Revista Internacional de Extensão da Unicamp**, v. 2, p. 1, 2021a.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi Menegaldo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos na Extensão Universitária: um olhar sociométrico sobre as relações entre os participantes. In: SOARES, Artemis de Araújo (Org.). **Sociedade, cultura, educação e artigos na Amazônia**. 1ª ed. São Paulo / Manaus: Alexa Cultura & UFAM, 2021b.
- MENEGALDO, Fernanda Raffi Menegaldo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma nova razão de mundo: A Ginástica para Todos como contraponto. *no prelo*. Resumo aprovado a ser publicado no **Congresso Nacional de Ginástica para Todos (CONGPT)**, 2021c.
- MERKEL, Udo ‘The Grand Mass Gymnastics and Artistic Performance Arirang’ (2002–2012): North Korea's Socialist–Realist Response to Global Sports Spectacles, **The International Journal of the History of Sport**, 30:11, 1247-1258, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o Espírito**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de: José Arthur Gianotti e Amando Mora d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Tradução de Thiago Martins e Silvio Rosa Filho. 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª edição. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo., 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOREIRA, Wagner Wey, **Educação Física Escolar: Uma abordagem Fenomenológica**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade e formação profissional: a importância da teoria da motricidade humana para a educação física. In: GOLIN, C. H.; PACHECO NETO,

- M.; MOREIRA, Wagner Wey. (Orgs.). **Educação Física e motricidade**: discutindo saberes e intervenções. Dourados: Seriemá Indústria Gráfica e Editora, 2008. p. 79-95.
- MOREIRA, Wagner Wey. Merleau-Ponty na sala de aula e na beira do campo: contribuições para a área da Educação Física/Espportes. *In*: NÓBREGA, Terezinha Petrucia; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira (Orgs.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Ars, 2019.
- MOREIRA, Wagner Wey; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências necessárias. **Cronos** (Natal), v. 9, n. 2, p. 349-360, jul./dez. 2008
- MOREIRA, Wagner Wey.; SCAGLIA, Alcides J.; SIMÕES, Marcus V. de Campos. Corporeidade e motricidade na pedagogia do esporte: conhecimento e atitude indispensáveis para o ensino fundamental. **Motricidades**: Rev. SPQMH, v. 1, n. 1, p. 42-51, set.-dez. 2017.
- MOREIRA, Wagner Wey.; SIMÕES, Regina. Educação física, esportes e corporeidade: associação indispensável. *In*: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **Educação física e esportes no século XXI**. Campinas: Papirus, 2016, p. 133-149
- MORENO, Natália Lopes; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Influências da prática da ginástica para todos para a saúde na velhice: percepções dos praticantes. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 468-487, out./ dez. 2018.
- MORGAN, Michael. What makes a good festival? Understanding the event experience. **Event Management**, v. 12, pp. 81-93, 2008.
- MOSS, Jonathan; WHALLEY, Peter A; ELSMORE, Ian. Phenomenological psychology & descriptive experience sampling: a new approach to exploring music festival experience. **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, 2019.
- MOURA, Petrucio Vencesclau de; SILVA, Emília Amélia Pinto Costa; SILVA, Priscila Pinto Costa da; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. O Significado da dor física na prática do esporte de rendimento. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** (Florianópolis), v. 35, n. 4, p. 1005-1019, out./dez. 2013
- MUCCHIELLI, Alex. **Les Méthodes Qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal: Editora UFRN, 2005
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades... Inspirações Merleau-Pontianas**. Natal: IFRN, 2016.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. A Palavra é um certo lugar do me mundo linguístico: notas sobre corpo, linguagem e expressão em Merleau-Ponty. **Conexões** (Campinas), v. 19, 2021.
- NÓBREGA Terezinha Petrucia da; DIAS, Joao Carlos Neves S. N. Mais Alto, Mais Forte, Mais Veloz: expressões da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey; BENTO, Jorge Olimpio. **Citius, Altius, Fortius: Brasil, esportes e jogos olímpicos**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira (Orgs.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Ars, 2019
- O'CONNELL, Samantha.; MANSCHRECK, Theo. C. Playing through the pain: psychiatry risks among athletes. **Current Psychiatry** (Philadelphia), v.11, n. 7, pp. 16-20, jul. 2012.
- OLIVEIRA, Jéssica Shizuca Y; SILVA, Felipe de Souza; MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos: notas sobre a composição coreográfica por praticantes idosas. **Motricidades**, v. 4, n. 3, 2020.
- OSLER, Lucy. Feeling togetherness online: a phenomenological sketch of online communal. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 19, pp. 569–588, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11097-019-09627-4>. Acesso em 11 out. 2021.
- OZOLIŃŠ, Jānis John T.; STOLZ, Steven A. The Place of Physical Education and Sport in Education, **Educational Philosophy and Theory**, v. 45, n. 9, 887-891, 2013.
- PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SCHIANVON, Laurita Marconi; FUGLLSANG, Cristiane Montozo Fiorin; GRANER, Larissa. O perfil da

delegação brasileira na World Gymnaestrada de Lausanne/Suíça-2011. **Conexões**, Campinas, v. 10, n. especial, p. 209-222, dez. 2012.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa Pinto. **Grupo Ginástico Unicamp 25 anos**. 1. ed. Campinas: UNICAMP, 2014.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; SOARES, Daniela Bento; ALMEIDA, Tabata L; MOURA, Cintia; DESIDERIO, Adrea; CARBINATTO, Michele Viviene; LOPES, Carolina Gontijo; TUCUNDUVA, Bruno Barth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Participation of the Pan-american Gymnastics Union in the 2011 World Gymnaestrada. **Science of Gymnastic Journal** (Ljubljana), v. 8, p. 71-83, 2016.

PATRICIO, Tamiris Lima. **Festivais ginásticos: tradição, cultura educação e conagraçamento**. Trabalho de conclusão de curso — Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2012.

PATRICIO, Tamiris Lima. **Panorama da Ginástica para Todos no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2016.

PATRICIO, Tamiris Lima; BATISTA, Mellina Souza.; HENRIQUE, Nayana Ribeiro; REIS-FURTADO, Lorena Nabanete; CARBINATTO, Michele Viviene. Do preparo à apresentação coreográfica em festivais de ginástica: análise dos caminhos traçados por um grupo de Ginástica para Todos. **Movimenta**, v. 12, p. 632-647, 2019.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde** (Campinas), v. 13, pp. 98-114, 2015.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (São Paulo), v. 30, n. 1, pp. 199-216, jan./mar. 2016.;

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho, TOLEDO, Eliana. Institucionalização da ginástica para todos no Brasil: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018). **Pensar a prática**. v.3. p. 1-28, 2020.

PATRICIO, Tamiris Lima.; CARBINATTO, Michele Viviene. Merleau-Ponty e Ginástica para Todos: repensando paradigmas na Educação Física/Esporte. **Conexões**

(Campinas), v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8661275>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PATRICIO, Tamiris Lima; MOTA, Kaio César Celli; CARBINATTO, Michele Viviene. A Produção do conhecimento em Festivais Esportivos. **Anais XII Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana**. 2021

PAULSSON, Alexander; ALM, Jens. Passing on the torch: Urban governance, mega-event politics and failed Olympic bids in Oslo and Stockholm. **City, Culture and Society**, v. 20, 2020.

PÉREZ GALLARDO, Jorge; SOUZA, Elizabeth Paoliello. La experiencia Del Grupo Gimnástico UNICAMP en Dinamarca. In: **Congresso Latinoamericano, ICHPER-SD**. Foz do Iguaçu: 1995.

PFISTER, Gertrud. Cultural confrontations: German Turnen, swedish gymnastics and english sport - European diversity in physical activities from a historical perspective. **Culture Sport and Society**, v. 6, pp. 61-91, 2010

PINE, B. Joseph; GILMORE, James. H. **The experience economy**. Boston: Harvard Business School Publishing, 2011.

PITTS, Brenda G.; FIELDING, Lawrence W.; MILLER, Lori K. Industry Segmentation Theory and the Sport Industry: Developing a Sport Industry Segment Model. **Sport Marketing Quarterly**, v. 3, n. 1, p. 15-24, 1994.

PUKE, Natalia; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Possibilidades de interface entre lazer e fenomenologia. **Movimento** (Porto Alegre), v. 20, n. 01, pp. 307-327, jan./mar. 2014.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Different clubs, similar purposes? Gymnastics and sports in the German colony of São Paulo/Brazil at the turn of the nineteenth century. **International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 9, p. 963-975, 2013.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, v. 37, n. 2, 2015.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A Entrevista Fenomenológica. **Anais IV SIPEQ**, 2010.

- REIS-FURTADO, Lorena Nabaneti. **Formação Esportiva em longo prazo: análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base.** Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo. Escola de Educação física e Esporte. São Paulo, 2020.
- REIS, Alice Casa Nova. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** (Rio de Janeiro), v. 63, n. 1, p. 1-110, 2011.
- RICHARDS, Greg. Measuring the dimensions of event experiences: applying the Event Experience Scale to cultural events. **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, 2019.
- RICHARDS, Greg., PALMER, Robert. **Eventful cities: Cultural management and urban revitalisation.** Oxford: Butterworth-Heinemann, 2010.
- ROBAUL, Petr. Politics of gymnastics: mass gymnastic displays under communism in central and eastern Europe. **Body Soc.**, v. 9, pp. 1-25, 2003.
- ROUTRAY, Sushree. Concept of Identify in Real and Virtual World. **Literary Herald**, v. 4, Issue 5, 2019.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: Uma abordagem filosófica da corporeidade.** Ijuí: Livraria UNIJUÍ, 1987.
- SANTOS, José Carlos Eustáquio; SANTOS, Nadja G. Marques. dos. **História da ginástica geral no Brasil.** Jundiaí: Fontoura, 1999.
- SANTOS, José Carlos Eustáquio. **Ginástica Geral: elaboração de coreografias, organização de festivais.** 2ª ed. Jundiaí: Fontoura, 2009
- SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. O Jogo e a festa, alguns apontamentos éticos. In: BENTO, Jorge Olímpio; MOREIRA, Wagner Wey; LOUREIRO, Adriana César Carneiro; BENTO, Helena Cristina Baguinho; BOTELHO, Rafael Guimaraes; MARINHO, Teresa Cristina da S. T. **Oportunidades e Responsabilidades do Desporto e da Educação Física**, v. 1. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2018.
- SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Traditional Sports and Games: Intercultural Dialog, Sustainability, and Empowerment. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2021.

- SCHUTZ, Alfred. **Collected Papers**: Vol. I. The Problem of Social Reality. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962
- SCHUTZ, Alfred. Appendix: The Notebooks. In A. SCHUTZ AND T. LUCKMANN, **The Structures of the Life-World**: v. 2. Evanston: Northwestern University Press. 1989.
- SCHWIRTZ, Karl-Heinz. **History of General Gymnastics**. FIG Edition, 2006
- SÉRGIO, Manuel. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1996
- SHARPLES, Liz., CROWTHER, Philip., MAY, Daryl. (eds.). **Strategic event creation**. Oxford: Goodfellow Publishers, 2014.
- SIANI, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; CASAS, Alexandre Luzzi Las Casas. Fenomenologia, Método Fenomenológico e Pesquisa Empírica: O instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 14, n. 1, jan. /abr., 2016.
- SILVA, Felipe Souza. **Contribuições da ginástica para todos para o desenvolvimento das relações sociais em idosos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Física. Campinas, 2020.
- SILVA, Franklin Leopoldo. **Fenomenologia e Existencialismo**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw&t=2182s>. Acesso em: 10/02/2019.
- SILVA, Franklin Leopoldo. **Merleau-Ponty: Filosofia e Percepção**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZs-4fLUJ9c>. Acesso em: 10/02/2019
- SILVA, Helen Maria Rodrigues; MENEGALDO, Fernanda Raffi; ALMEIDA, Tabata Larissa Almeida; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O processo de esportivização das práticas ginásticas: particularidades da Ginástica para todos. **Revista Acción Motriz**, v. 26, p. 52-63, 2021
- SILVA, Liege Filgueiras; PORPINO, Karenine. O Esporte como experiência estética e educativa: uma abordagem fenomenológica. **Holos** (Natal), ano 30, v. 5, p. 64-80, 2014. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2557>> Acesso em: 11 out. 2021

- SILVESTRE, Gabriel. Impactos e Legados: O contexto Social dos Jogos Olímpicos. In: FILHO, Alberto Reppold. **Sports Mega-events and Olympic Cities**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- SIMÕES, Regina; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para todos: inclusive para o idoso! In: MIRANDA, R. C. F.; EHRENBERG, M. C.; BRATIFISCHE, S. A. (org.). **Temas emergentes em Ginástica para Todos**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.
- SIRGY, M. Joseph.; SAMLI, A. Coskun. **New dimensions in marketing/quality-of-life research**. London: Quorum Books, 1995.
- SKOULTSOS, S. G., TSARTAS, P. A. Young attendees' motivation: the case of 'Rockwave Festival' in Athens. Paper presented at the **Global Events Congress IV: Festivals & Events Research: State of the Art**, Leeds, 2010.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Imagem da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- SOBREIRA, Vickele; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. A ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física. **Olhares e Trilhas**, v. 22, n. 2, 2020.
- SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello M. de. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 1997.
- SOUZA, Horrana Patyeli; GOMES, Lohany Cristina do nascimento, MARTINS, Wilmont de Moura; OLIVEIRA, Michele Ferreira. Os desafios Financeiros de um Grupo Ginástico para Participação em um Evento Internacional. **Movimenta**, v. 12, pp. 648-657, 2019.
- SPRADLEY, James P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1980.
- STENHOUSE, Lawrence. **An introduction to curriculum research and development**. Londres: Heinemann, 1975.

- SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo. **Movimento** (Porto Alegre), v. 15, n. 2, pp. 187-210, abr./jun. 2009.
- SURDI, Aguinaldo Cesar; KUNZ, Elenor. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento** (Porto Alegre), v. 16, n. 4, pp. 2063-290, out./dez. 2010.
- SZAKOLCZAI, Arpad. The theatricalisation of the social: Problematising the public sphere. **Cultural Sociology**, v. 9, n. 2, pp. 220–239, 2015.
- SZANTO, Thomas. The phenomenology of shared emotions: Reassessing Gerda Walther. In: **Woman Phenomenologists on Social Ontology**. Dordrecht: Springer, 2017.
- TANI, Go; BASTOS, Flavio Henrique; BASSO, Luciano; SOUZA, Cleverton José Farias; CORREA, Umberto Cesar. Esporte: o fascinante palco de habilidades motoras. In: BENTO, Jorge Olímpio; MOREIRA, Wagner Wey; LOUREIRO, Adriana César Carneiro; BENTO, Helena Cristina Baguinho; BOTELHO, Rafael Guimaraes; MARINHO, Teresa Cristina da S.T. **Oportunidades e Responsabilidades do Desporto e da Educação Física, v.1** . Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2018.
- TANI, Go. Pós-graduação em Educação Física: crescimento e correção da rota. In: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016.
- THOMASSEN, Bjern. The uses and meanings of liminality. **International Political Anthropology**, v. 2, n. 1, pp. 5–27, 2009.
- THOMSON, Alana; CUSKELLY, Graham; TOOHEY, Kristine; KENNELLY, Millicent; BURTON, Paul; FREDELIN, Liz. Sport event legacy: A systematic quantitative review of literature. **Sport Management Review**, v. 22, n. 3, pp. 295–32, 2019.
- TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica para Todos. In: NUNOMURA, M. (ed.) **Fundamentos das Ginásticas** - 2.ed. Jundiaí: Fontoura, pp.21-48, 2016.
- TOLEDO, Eliana. Estudos e Experiências sobre a Ginástica para todos e Paulo Freire. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 3, pp. 47-62, 2020.
- TOLEDO, Eliana; GARCIA, Claudia. **A trajetória do GINPa - Ginastrada paulista (FPG)**. Live realizada via Instagram, no dia 3 de novembro de 2020, a convite do Comitê Técnico de Ginástica para Todos da Federação Paulista de Ginástica.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3UkexaJrc8c>. Acesso em: 30 de set. 2021.

TOLEDO, Eliana; PATRICIO, Tamiris Lima; DESIDERIO, Andreia; SCHIAVON, Laurita M.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Financiamento na Ginástica para Todos: Análise da participação dos grupos brasileiros na World Gymnaestrada 2011. In: OLIVEIRA Michele Ferreira de; TOLEDO, Eliana de (Org.). **Ginástica para Todos, capacitações de formação e intervenção**. 1ª ed. Anápolis: Editora da Universidade Estadual de Goiás, 2016.

TRIGG, Dylan. The role of atmosphere in shared emotion. **Emotion, Space and Society**, v. 35, 2020.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Metodologia Científica do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro, Shape, 2003

TURNER, Victor. Liminal to liminoid, in play, flow, and ritual: An essay in comparative symbology. **Rice Institute Pamphlet-Rice University Studies**, v. 60, n. 3, pp. 53–92, 1974.

VAN HOUSE, Nancy, A; DAVIS Marc; TAKHTEYEV, Yuri; AMES, Morgan; FINN, Megan. **The Social Uses of Personal Photography: Methods for Projecting Future Imaging Applications**. Berkeley: University of California Working Papers, 2004.

VAN VLIET, H. What is a festival? **Amsterdam University of Applied Sciences**. 2019.

VAN ZYL, Cina, BOTHA, Christel. Motivational factors of local residents to attend the Aardklop National Arts Festival. **Event Management**, v. 8, n. 4, pp. 213–222, 2003.

VAZ, Alexandre Fernandez; GONÇALVES, Michelle Carreirão. Educação do corpo, dor e sacrifício: um estudo com os competidores de atletismo. **Revista Ibero americana de Educación**, v. 58, n. 1, 2012

VOASE, Richard. Rediscovering the imagination: investigating active and passive visitor experience in the 21st century. **International Journal of Tourism Research**, v. 4, n. 5, pp. 391–399, 2002.

WANN, Daniel; GRIEVE, Frederick G.; ZAPALAC, Ryan K.; PEASE, Dale GL. Motivational Profiles of Sport Fans of Different Sports. **Sport Marketing Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 6–19, 2008.

WORLD GYMNAESTRADA 2019. Site. Disponível em:
<https://www.wg2019.at/wg2019/en> Acesso em: 30 de set. 2021.

WICHTMAM, Angela. From Everyday Life into the Liminoid and Back Again. In: LAMOND, Ian R; MOSS, Jonathan. **Liminality and critical events studies: Borders, boundaries, and contestation**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020

WIESE-BJORNSTAL, Diane. M. Psychology and socioculture affect injury risk, response, and recovery in high-intensity athletes: a consensus statement. **Scandinavian journal of medicine and science in sports** (Copenhagen), v. 20, suppl. 2, p.103-111, 2010.

WILLIAMSON, Kellie; COX, Rochelle. Distributed Cognition in Sports Teams: Explaining successful and expert performance. **Educational Philosophy and Theory**, v. 46, n. 6, pp. 640-654, 2014.

WUNDERLICH, Fabian; MEMMERT, Daniel. Forecasting the outcomes of sports events: A review. **European Journal of Sport Science**, v. 21, n. 1, pp. 1-33, 2020.

YAMAGUTI, Edward Yuji; BAHU, Lígia Zagorac; EHRENBERG, Monica Caldas; CARBINATTO, Michele Viviene. GYMNUSP: sabores e dissabores da construção de um grupo. **Anais do VII Fórum Internacional de Ginástica para Todos**, 2016.

YAZICI, Tuba; KOÇAK, Settar; ALTUNSÖZ, Irmak Humriç. Examining the effect of experiential marketing on behavioral intentions in a festival with a specific sport event. **European Sport Management Quarterly**, v. 17, 2016

ZAHAVI, Dan; SALICE, Alessandro. Phenomenology of the we: Stein, Walther, Gurwitsch. In: **Routledge handbook of philosophy of the social mind**. New York: Routledge, 2016.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; MOTGAN, John. The possibilities and consequences of understanding Play as Dialogue. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 5, n. 1, pp. 46-62, 2011.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

Ser no mundo e ser com o outro: experiências vividas em um festival de ginástica

2. Pesquisador Responsável

Profª. Dr. Michele Viviene Carbinatto

3. Cargo/Função

Docente na Escola de Educação Física e Esporte - USP

4. Avaliação do risco da pesquisa:

RISCO MÍNIMO RISCO BAIXO RISCO MÉDIO RISCO MAIOR
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

2 anos

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

O convite para participar desse estudo provém da sua participação no grupo de ginástica da USP- GYMNUSP, que participou da Wolrd Gymnaestrada- 2019 na Áustria.

Nosso objetivo é alcançar uma maior compreensão sobre a experiência de participação em eventos esportivos, de acordo com a visão dos envolvidos.

Faremos uma entrevista com duração prevista de uma hora, a qual levantaremos questões a respeito dessa participação no evento.

A pesquisa oferece risco mínimo, pois se limita à participação por intermédio de entrevistas.

Os resultados da pesquisa incluem benefícios a contribuir na produção científica, auxiliando estudiosos da ginástica, bem como para a Educação Física como um todo;

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

O(a) senhor(a) poderá obter informações adicionais e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seus nomes não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois serão identificados com um Pseudônimo. Outrossim, o(a) senhor(a) terá assistência do HU ou HCFMUSP, por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Dr. Michele Viviane Carbinatto: End.: Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária - CEP: 05508-030 - São Paulo – SP
Tel: (11) 2648-0568

Drnd. Tamiris Lima Patricio. End.: Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária - CEP: 05508-030 - São Paulo – SP
Tel: (19) 991240760

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP. End.: Av. Prof. Mello Moraes, 65- Cidade Universitária – CEP: 05508-030 – São Paulo- SP
Tel (11) 3091-3097

VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Nada a declarar.

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

ANEXO 2

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EVENTOS ESPORTIVOS: O QUE REVELAM AS EXPERIÊNCIAS?
Pesquisador Responsável: Michele Viviane Carbinatto
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 33299620.9.0000.5391
Submetido em: 31/08/2020
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1407682